

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FAFICH
DOUTORADO EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA E POLÍTICA

MIGRANTES E EMPREENDEDORISMO NA MICRORREGIÃO DE
GOVERNADOR VALADARES – SONHOS E FRUSTRAÇÕES NO
RETORNO

SUELI SIQUEIRA

BELO HORIZONTE – MINAS GERAIS

AGOSTO 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SUELI SIQUEIRA

**MIGRANTES E EMPREENDEDORISMO NA MICRORREGIÃO DE
GOVERNADOR VALADARES – SONHOS E FRUSTRAÇÕES NO
RETORNO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Doutorado em Ciências Humanas – Sociologia e Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador:

Prof. Dr. Otávio Soares Dulci

BELO HORIZONTE

AGOSTO 2006



Universidade Federal de Minas Gerais
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS HUMANAS: SOCIOLOGIA E POLÍTICA
Av. Antônio Carlos, 6627 – Caixa Postal 253 - Cidade Universitária - Pampulha
31270-901 - Belo Horizonte – MG / e-mail: doutsop@fafich.ufmg.br
[hp: www.fafich.ufmg.br/doutsop](http://www.fafich.ufmg.br/doutsop)
FONE/FAX: (31) 3499-5029

**ATA DA DEFESA DE TESE DE SUELI SIQUEIRA
(Matrícula Nº. 2002201670)**

Aos 25 (vinte e cinco) dias do mês de agosto do ano de 2006 (dois mil e seis), às 14:00 (quatorze) horas, na sala de Congregação F-1052, 1º (primeiro) andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, reuniu-se a Comissão Examinadora da tese intitulada "**MIGRANTES E EMPREENDEDORISMO NA MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES: sonhos e frustrações no retorno**", Área de Concentração: Sociologia – Linha de Pesquisa: Sociologia do Trabalho e Política Industrial, elaborada pela aluna **Sueli Siqueira**. A Comissão Examinadora foi composta pelos Professores Doutores **Otávio Soares Dulci (Orientador) – DSOA/UFMG, Jorge Alexandre Barbosa Neves – DSOA/UFMG, Margarida Luíza M. Vieira – DCP/UFMG, Gláucia de Oliveira Assis – UDESC e Carlos Eduardo Siqueira – University of Massachusetts Lowell**. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Otávio Soares Dulci, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulares do Trabalho Final, passou a palavra a Doutoranda Sueli Siqueira para apresentação de sua Tese. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da doutoranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Tese por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou-se a presente Ata que será assinada por todos os membros da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 25 de agosto de 2006.

A Banca assinalou a alta qualidade do trabalho e recomenda a sua publicação.

Otávio Soares Dulci

Prof. Otávio Soares Dulci

Jorge Alexandre Barbosa Neves

Prof. Jorge Alexandre Barbosa Neves

Margarida Luíza M. Vieira

Prof. Margarida Luíza M. Vieira

Carlos Eduardo Siqueira

Prof. Carlos Eduardo Siqueira

Gláucia de O. Assis

Profa. Gláucia de Oliveira Assis

Aos meus pais, Jeconias (in memórian) e Nilda que me amaram incondicionalmente e através de seus exemplos de vida e retidão de caráter me ensinaram a alegria de viver e ter compromisso com a sociedade em que vivo.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Vale do Rio Doce e a Fundação Percival Farquhar onde dei meus primeiros passos na graduação de Sociologia, que me acolheu como profissional, possibilitou e incentivou minha caminhada na especialização, mestrado e no doutorado, através da Comissão Institucional de Capacitação Docente e o Programa de Licença para Afastamento de Docentes, propiciando a minha licença parcial das atividades acadêmica para dedicação aos estudos e a pesquisa.

Ao Programa de Doutorado em Ciências Humanas – Sociologia e Política da Universidade Federal de Minas Gerais, que mediante a competência e seriedade dos professores tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos nas teorias das Ciências Humanas.

Ao meu orientador, Otávio Luis Dulci pela sua generosidade que desde a elaboração do projeto me auxiliou a encontrar os caminhos metodológicos e me ensinou a articular as diferentes metodologias para realização da pesquisa de campo. Seu incentivo e seus comentários precisos foram indispensáveis para o aprimoramento e a conclusão desta tese.

A Cláudia e Márcio, coordenadores do Curso de Ciências Sociais, que não mediram esforços para tornar possíveis minhas viagens aos EUA e a realização da pesquisa de campo na Microrregião de Governador Valadares.

A Daniela, que na secretaria do Neder e do Curso de Ciências Sociais, foi um anjo bom ajudando-me nas questões burocráticas e sempre com palavras que me encorajavam nos momentos difíceis da caminhada.

A Gláucia, amizade iniciada na academia como aluna de graduação, que sempre colocava questões intrigantes sobre as teorias sociológicas e posteriormente companheira de trabalho na academia e hoje expertise em migração internacional a quem faço um agradecimento especial e emocionado. Suas críticas, reflexões, indicação de literaturas e incentivo contínuo tornaram a trajetória mais agradável e contribuíram de modo direto para realização desta tese.

A minha amiga e vizinha Vilma, que com paciência e carinho ouvia atentamente as minhas reflexões sobre o fenômeno da migração na região.

Aos meus amigos Elizabete, Waldeir, Almira, Eulália que me receberam em suas casas e me mostraram o cotidiano da vida de imigrantes nos EUA.

Aos emigrantes nos EUA e na Microrregião de Governador Valadares, que pacientemente responderam às perguntas e relataram suas experiências.

A Áurea Calais, pela sua preciosa ajuda na pesquisa de campo nas cidades da microrregião de Governador Valadares.

Aos bolsistas de iniciação científica, Fernanda Murta, Dayana Facundes e Kelson Bueno pela ajuda na tabulação dos dados.

A toda a minha família, que por todo este período ouviu minhas histórias de pesquisadora, com paciência, carinho e amizade. Especial e carinhoso agradecimento ao meu irmão Suélio, a minha cunhada Glória e aos meus sobrinhos Lucas e Pedro, pela hospitalidade em Belo Horizonte, incentivo e o carinho com que sempre me receberam. Ao meu irmão Elias, que me recebeu com muito afeto e deu-me apoio na realização da pesquisa de campo nos EUA. Aos meus sobrinhos Daniella, Willian, Kallebe, Juninho, Júlia, Fernanda, Christopher e Kalina, pela torcida. A minha cunhada Cláudia que durante a minha trajetória somou-se à nossa família. A minha mãe que sempre me abençoou e buscou a proteção de Deus para as minhas viagens.

Aos meus amigos e irmãos de fé da Igreja Metodista Central, que em suas orações sempre pediram a proteção de Deus para esta jornada.

E acima de tudo a Deus, pela vida, saúde e capacidade para chegar ao final de mais esta jornada.

Verde que não volta mais

No engenho do deserto
a escavadeira
come,come,come...

A mulata e outros carnavais
Que escoam dos canaviais

E o jovem do engreno
opera calado
maquinolando, maquinolando...

O metal do maquinário
que faz de um homem operário

É o sonho de água doce
que o metal engole
moendo, moendo...

Tudo ali segue o verde
o verde que não volta mais.

Pedro Coelho Siqueira

RESUMO

O fluxo migratório da Microrregião de Governador Valadares para os Estados Unidos teve início nos anos de 1960. A partir dos anos de 1980 se configurou como um movimento migratório significativo, pois deu novos contornos, tanto para o local de origem quanto para o de destino. O objeto central desta tese é compreender o fenômeno da migração internacional, no que se refere ao movimento de ida e retorno e seus efeitos na abertura de novos empreendimentos na Microrregião de Governador Valadares. Destacam-se quatro vertentes teóricas que buscam explicar o fenômeno da migração internacional: a teoria neoclássica, a teoria histórico-estrutural, a teoria das redes sociais e a análise baseada na transnacionalização. Consideramos que, nenhum desses esquemas teóricos, isoladamente dá conta de explicar esse intrincado fenômeno em seus aspectos micro e macro, contudo, a teoria das redes e da transnacionalidade permitem uma análise mais ampla. Para compreensão da questão central que norteia esta, realizou-se uma pesquisa de campo com três grupos distintos: grupo I: Emigrantes que retornaram dos EUA para a Microrregião de Governador Valadares no período de 1970 a 2004, e tornaram-se empresários de micro, pequenas e médias empresas, continuado no mercado até os dias de hoje. Grupo II: Emigrantes que retornaram no período de 1970 a 2003 e tornaram-se empreendedores, porém fecharam suas portas e retornaram para a condição de emigrante nos EUA e Grupo III: Emigrantes nos EUA que projetam retornar e tornar-se empreendedores na Microrregião de Governador Valadares. A pesquisa de campo nos EUA foi realizada na região da Nova Inglaterra, no período de junho a setembro e dezembro de 2004. Foram aplicados 141 questionários e realizadas 25 entrevistas em profundidade. Na Microrregião de Governador Valadares foram aplicados 173 questionários e realizadas 23 entrevistas em profundidade. Os dados nos permitem concluir que a idéia de emigrar é resultado de fatores históricos que construíram no imaginário popular a idéia de que é possível por meio da migração para os EUA, realizar seus projetos em menos tempo. As redes sociais e os mecanismos facilitadores tornaram a migração uma alternativa de fácil acesso para a população local. Dentre os imigrantes da Microrregião que estão nos EUA, a maioria pretende retornar e investir. Definem no que investir sem ter conhecimento do mercado e experiência no ramo. Da mesma forma a maioria dos entrevistados que regressaram para o Brasil investiram e retornaram para os EUA, porque seus investimentos não obtiveram sucesso, investiram sem conhecimento do mercado e não tinham experiência no ramo nem na forma de administrar uma empresa. Os que retornaram, fizeram seus investimentos e permanecem até hoje nas cidades de origem, apresentam como diferencial dos que reemigraram, o fato de terem investido em negócios em que tinham experiência ou se associaram a pessoas com experiência no ramo. Outro aspecto que diferencia estes dois grupos é o tempo de permanência nos EUA. Os que permaneceram menos tempo obtiveram mais sucesso nos investimentos ao regressarem. Isto se deve ao fato de que a ausência por um longo período distancia, o imigrante da realidade local, tanto no aspecto econômico como das relações sociais. Os dados permitem concluir que os empreendimentos dos emigrantes retornados dão dinamismo na economia da região, pois mesmo sendo, em sua maioria empresas de baixo investimento e com pequeno número de empregos, criam postos de trabalho e por serem documentadas pagam seus impostos. Contudo, muitos são os que investem e perdem tudo, voltando à condição de imigrantes. É importante que estes investimentos sejam rentáveis, produtivos e orientados para as demandas da região, por isso são necessários projetos e políticas públicas que auxiliem o emigrante no seu retorno e investimento, sejam acionadas para evitar que torne a emigrar.

Palavras-chave: migração internacional, retorno, investimento.

SUMMARY

The migratory flow from the Microregion of Governador Valadares to the United States began in the 1960s, and from the 1980s it became a significant migratory movement, causing changes to their place of origin, as well as their destiny. The main goal of this thesis is to understand the international migration phenomenon, referring to the going, returning, and its effects on the opening of new enterprises in the Microregion of Governador Valadares. Four theoretical sources are highlighted in order to explain the international migration phenomenon: the neoclassical theory, the historic structural theory, the social nets theory and the analysis based on transnationalization. We consider that isolated, none of these theoretical schemes could explain this complex phenomenon in its micro and macro aspects, however together they can offer a better understanding of the phenomenon. To understand the main question directing this thesis, we conducted a field research with three different groups – Group I: Emigrants which returned from the US to the Microregion of Governador Valadares in the period from 1970 to 2004, opened micro, small and medium businesses, remaining in the market until the present day. Group II: Emigrants that returned in the period from 1970 to 2003 and became entrepreneurs, but closed their businesses and returned to the immigrant condition in the United States, and Group III: Emigrants in the US that plan to return and become entrepreneurs in the Microregion of Governador Valadares. The field research in the US was conducted in the New England region in the period from June to September and December of 2004. One hundred and forty one questionnaires were applied and 25 in-depth interviews were carried out. In the Microregion of Governador Valadares, 173 questionnaires were applied and 23 in-depth interviews were carried out. The collected data allows us to conclude that the idea to emigrate is a result of historic factors that built in the popular imagination that it is possible, through migration to the US, to execute their projects in less time. The social nets and the facilitating mechanisms made immigration an alternative of easy access to the local population. Among the immigrants of the Microregion who are in the US, the majority intends to return and invest. They define what to invest in without any market knowledge or business experience. In the same way, most of the interviewed people who returned to Brazil invested and returned to the US because their investments were not successful; they invested without market knowledge and did not have any experience in business and management. The ones who returned to Brazil, invested and up to the present day remain in their home town stand out from the ones who reemigrated for the fact of having invested in businesses they already had experience in, or became associated with people with experience. Another aspect contrasting these two groups is the period of stay in the US. The ones who stayed for less time were more successful in their investments when they returned. That is due to the fact that the absence for a long period causes the immigrant to become distant from the local reality in the economic aspect as well as the social relations. The found data allow us to conclude that the enterprises of returned emigrants bring dynamism to the region's economy; despite the majority has low investments and a small number of employees, they create new job opportunities and, for being legally documented, pay their taxes. However, many of them invest and lose everything, returning to the immigrant condition. It is important for these investments to be economically viable, productive and oriented to the region demands. For this reason, it is necessary to elaborate projects and public policies to help the emigrants in their return and investment in order to prevent they emigrate again.

Word-key: international migration, return, investment.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	18
CAPÍTULO III – A MIGRAÇÃO COMO PROBLEMA SOCIOLÓGICO	27
3.1 A migração na sociologia contemporânea	27
3.2 A aventura de emigrar: uma explicação além da econômica	45
CAPÍTULO IV – MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: BRASIL E MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES	53
4.1 O Brasil no contexto das migrações internacionais	53
4.2 Microrregião de Governador Valadares no contexto das Migrações internacionais	59
CAPÍTULO V – EMIGRANTES DA MICRORREGIÃO DE GOV. VALADARES NOS EUA: QUEM SÃO? COMO VIVEM E TRABALHAM?	65
5.1 Perfil do emigrante	68
5.2 As condições de emigração	69
5.3 O trabalho nos EUA	71
5.4 Poupança e investimento na Microrregião de Governador Valadares	73
5.5 O cotidiano do emigrante na Nova Inglaterra – O lazer e a religiosidade	76
5.6 Projeto de retorno para o Brasil	82
CAPÍTULO VI – RETORNO FRUSTRADO: O INSUCESSO DOS INVESTIMENTOS	96
6.1 O perfil do emigrante que retornou com a intenção de Ficar no Brasil	96

6.2 O investimento realizado no Brasil	98
6.3 Um sonho frustrado e o retorno à condição de emigrante	103
CAPÍTULO VII – O EMIGRANTE QUE RETORNOU E TORNOU-SE EMPREENDEDOR NA MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES	106
7.1 O perfil do emigrante empreendedor	106
7.2 A experiência de emigrar	110
7.2.1 A condição e o motivo da emigração	110
7.2.2 O trabalho nos EUA	113
7.2.3 Renda, poupança e investimento	118
7.2.4 O cotidiano nos EUA	125
7.3 O retorno e o investimento	128
7.3.1 Os projetos e dificuldades	131
7.3.2 O cômico – A montagem do empreendimento	134
7.3.3 Características do empreendimento	137
7.3.4 A avaliação do empreendimento	145
7.3.5 Uma vida em dois lugares	147
CAPÍTULO VII – O SONHO FRUSTRADO E O SONHO REALIZADO AS DUAS FACES DA MIGRAÇÃO PARA OS EUA	151
CAPÍTULO IX - CONCLUSÃO	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	172
APÊNDICES	178
ANEXOS	196

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

A migração internacional é um fenômeno que desde a década de 60 faz parte da história da Microrregião de Governador Valadares. Muitos estudos já foram realizados traçando o perfil do emigrante, abordando os motivos que levam as pessoas a saírem de sua terra natal para tentar a vida em outro país, descrevendo as conexões e desconexões formadas na origem e destino, os impactos e transformações nos países de destino e vários outros aspectos desse intrincado fenômeno. Todos estes trabalhos fornecem dados e explicações relevantes para clarear esse movimento das populações que, nos últimos anos, assumiu proporções e características distintas. O presente estudo pretende explorar um aspecto novo e específico que até então não foi estudado, ou seja, tem como objeto central estudar o fenômeno no que se refere ao movimento de ida e retorno e seus efeitos na abertura de novos empreendimentos na microrregião de Governador Valadares.

Diversos autores (ASSIS, 1995; MASSEY, 1987; SALES, 1999 e outros) têm demonstrado que o sonho de retorno é constitutivo do projeto de migração, seja ela nacional ou internacional dos diferentes fluxos migratórios contemporâneos. No presente estudo, procuramos desvendar um aspecto relevante desse projeto, tendo em vista que para grande parte dos migrantes ele está centrado em fazer uma poupança, retornar para a região de origem e estabelecer-se como proprietário de micro, pequeno ou médios empreendimentos. Neste sentido, o projeto migratório é familiar, afetivo e econômico, numa dimensão que vai além de aquisição de bens como casa e carro; é também um projeto de tornar-se proprietário de seu próprio negócio. No percurso desse projeto muitos retornaram, investiram e alguns conseguiram se estabelecer como empresários. Outros têm como resultado de seus investimentos as frustrações do sonho não realizado.

Para melhor compreender o contexto do desenvolvimento do fenômeno da migração internacional na microrregião de Governador Valadares, faz-se necessário um breve histórico da região.

A dinâmica demográfica da Região do Rio Doce tem sido marcada por um esvaziamento populacional, a partir da década de sessenta. Os dados apresentados pelo Censo de 1960 indicam 1.701.816 habitantes, enquanto que o Censo de 1991 apresenta um total de 1.546.568 habitantes na região, ou seja, uma redução de 9% em relação ao ano de

1960. A participação relativa da região era de 15,88% da população de Minas em 1950, cresceu para 17,34% em 1960, quando começa a decrescer; em 1970 cai para 14,9%; em 1980, para 11% e em 1991 para 9,83% (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1992).

Quando comparada às outras regiões de Minas Gerais, a organização produtiva da Região do Rio Doce apresenta uma tendência estrutural à estagnação e ao esvaziamento econômico. Segundo os dados da Assembléia Legislativa de Minas Gerais (1993, p.17) “o PIB per capita, a renda média e os índices demográficos sociais situam-na como a segunda mais pobre do Estado. A contribuição para o PIB mineiro também decresceu de 7,2% para 5,7% entre 1960 e 1980. Foi a única região a manter fraco ou nulo o dinamismo econômico na década de 70, período em que a economia mineira apresentou índices de crescimento superiores a 10% ao ano.”

A pecuária é um dos principais itens da pauta produtiva regional; 15% do rebanho bovino estadual. Prevalece a pecuária de corte extensiva, sobretudo no Baixo Mucuri e no Médio Rio Doce. Entre 1980 e 1985 houve retração das áreas dedicadas tanto a lavouras permanentes quanto a temporárias. É traço característico da região a pequena produção agrícola e manejo tradicional do solo, sendo a topografia desfavorável à mecanização; suas terras não possuem boa aptidão agrícola, sendo enquadradas em aptidão regular para pastagem plantada. Devido a essas limitações ao desenvolvimento agrícola, as perspectivas agro-industriais da região não são muito promissoras (GOVERNADOR VALADARES. Prefeitura Municipal, 1988).

A extração mineral está representada, na região, por poucas indústrias extrativas formalizadas e uma intensa atividade clandestina de garimpo. No Censo Industrial de 1985, a região é classificada em último lugar, no que se refere ao valor da produção mineral, contribuindo com apenas 0,01% na produção mineral do Estado.

Os dados descritos demonstram que nas duas últimas décadas a Região do Rio Doce vem acusando fortes tendências regressivas, com base em seus indicadores econômicos e, de forma mais aguda, dos indicadores sóciodemográficos. A região, a partir dos anos 70, tornou-se reservatório da mão-de-obra e mercado consumidor periférico dos centros de desenvolvimento do capitalismo nacional.

A Região do Rio Doce é caracterizada historicamente pela existência de ciclos econômicos extrativistas e exploratórios. O esgotamento dessas atividades baseia-se na fragilidade, em termos de manutenção do crescimento auto-sustentado. A precária

substituição de uma atividade predatória por outra, levou os ciclos ao esgotamento, gerando estagnação e crise. Com isso, a problemática Região do Rio Doce encontra na microrregião de Governador Valadares¹ sua réplica: bolsões de pobreza e tensões sociais evidentes.

Na década de 1960, torna-se evidente o esgotamento do extrativismo mineral e vegetal, ocasionando o fechamento de várias serrarias e indústrias de madeira, configurando uma crise econômica. A pecuária de corte e leite como atividade mais importante não é suficiente para absorver a mão-de-obra disponível no mercado, liberada pelas atividades produtivas ligadas ao extrativismo vegetal. Os anos de 1970 são marcados pela estagnação econômica que ganhou mais intensidade nos anos de 1980.

A migração surge como alternativa de busca e incorporação do homem ao mercado de trabalho urbano-industrial. Segundo Brito (1995), na década de 60, cerca de 62% da população mineira deixou o campo e 82% das emigrações líquidas dos mineiros foram para outros estados.

Nos anos de 1980, o fluxo migratório para o exterior, fenômeno que se inicia nos anos 60, tem um acentuado aumento, conforme se pode observar na tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição absoluta e percentual dos emigrantes valadarenses, de acordo com o período em que se deu a primeira experiência migratória, para outros países.

Período	Abs	%
1960 antes de 1970	462	1,7
1970 antes de 1975	1007	3,7
1975 antes de 1980	816	3,0
1980 antes de 1985	4082	15,0
1985 antes de 1990	11864	43,6
1990 antes de 1994	5360	19,7
Período ignorado	1714	6,3
Não forneceu informações	1905	7,0
TOTAL	27210	100,0

Fonte: Soares, 1995.

Na década de 1980 o fluxo migratório ganha maiores proporções, “O número de emigrantes valadarenses que se encaminham para outros países [...] é da ordem de 33.468 pessoas; o que representa, tendo como base o Censo de 1991, 15,9% da

¹ A Microrregião de Governador Valadares é composta pelos municípios de: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocência, Galiléia, Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Matias Lobato, Nacip Haiddan, Nova Módica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Bachio, São José do Safira, São José do Divino, Sobrália, Tumiritinga, Virgolândia, Governador Valadares.

população encontrada na sede do município e 14,5% da população do município.” (SOARES, 1995, p.15).

O país de destino desses emigrantes, predominantemente, são os Estados Unidos e de forma menos expressiva, outros países como Canadá e mais recentemente Portugal. É possível considerar que o quadro de estagnação e pouca perspectiva de atender às necessidades de consumo socialmente definidas, o sucesso dos primeiros emigrantes que ao retornarem relatavam as maravilhas da terra do “*tio Sam*”, criaram no imaginário popular a idéia de que as dificuldades econômicas poderiam ser rapidamente sanadas através da aventura da emigração. Além disso, as redes de relações estabelecidas desde a década de 1960, pelos primeiros emigrantes, tornavam mais acessíveis os mecanismos e arranjos necessários para concretizar a migração.

Outro dado interessante apresentado por Assis (1995) revela que os emigrantes mantêm estreita relação com a cidade natal. Por meio de cartas, fitas de vídeo e principalmente telefone e mais recentemente o uso da internet, participam do cotidiano das famílias e até mesmo da cidade. Uma outra dimensão empírica mais evidente dessa estreita relação é o fluxo contínuo de moeda estrangeira que é enviado para a cidade. Grande parte desse fluxo se dá através de vias não oficiais. São criadas redes de relações que permitem o envio de dólar por amigos ou por agências, clandestinamente e também por vias legais.

Para grande parte dos migrantes, o projeto de migrar passa pela dimensão econômica, de consumo de bens duráveis e não duráveis, para si e para seus familiares. Isso gera consumo no mercado local.

Com base na contagem seletiva, por objetos imobiliários, das guias de ITBI (Imposto de Transmissão de Bens Imóveis), é possível afirmar que os emigrantes foram responsáveis por 46,7% de todas as transações imobiliárias ocorridas entre os anos de 1984 e 1993 inclusive. Fato que dimensiona a importância desses investimentos para a economia valadarense, permitindo inferir que o dinamismo do mercado de compra e venda de imóveis urbanos, em Governador Valadares, está intimamente ligado à imigração expressiva de parcela da força de trabalho local, ou melhor, aos investimentos, em moeda estrangeira, realizados pelos emigrantes.” (SOARES, 1995, p.25).

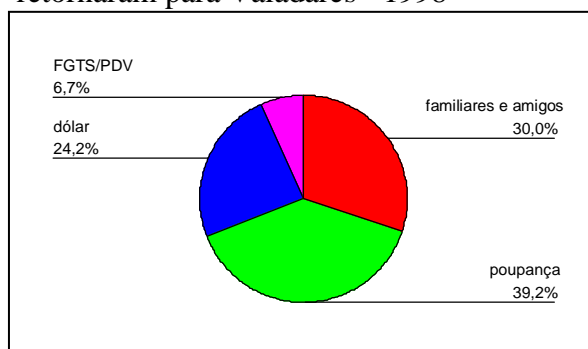
O projeto de migrar passa, em grande parte, também, pela perspectiva de retornar e se estabelecer na região, montando um “negócio” que permita auferir renda suficiente para viver. Desse desejo surgem inúmeros micros, pequenos e médios

empreendimentos que, de algum modo, configura o quadro econômico e o mercado de trabalho local.

Apesar da falta de dados quantitativos sobre o efeito do fluxo de moeda estrangeira em relação à criação de empreendimentos e investimentos na região, pode-se considerar que existe um indicativo de sua importância na configuração desse setor. Pesquisa realizada com empreendedores do setor informal em Governador Valadares, conforme se pode observar no gráfico abaixo, indica que 24,2 % tiveram como capital inicial o dólar, poupado ou enviado dos Estados Unidos da América (SIQUEIRA, 1998).

Esses dados são um forte indicativo de que o fenômeno da migração internacional tem algum significado na configuração do desenvolvimento da cidade e da região. Indicam que uma das consequências da migração seria a constituição de um grupo de emigrantes que se tornam empreendedores.

Gráfico A - Origem do capital inicial do investimento produtivo dos emigrantes que retornaram para Valadares - 1998



Fonte: SIQUEIRA, 1998, p. 65

Dados da pesquisa realizada com emigrantes empreendedores, no setor comercial da cidade de Governador Valadares, indicam que 39% apresentam dificuldades para continuidade do empreendimento. Destes, 72% não fizeram nenhum tipo de sondagem ou pesquisa de mercado para definir em que área iria investir. A intenção de grande parte desses empreendedores, cujo empreendimento não apresenta um bom resultado, é de retornar aos Estados Unidos da América para novamente fazer uma poupança e então voltar à cidade e montar um novo negócio (SIQUEIRA, 2003). Esses dados indicam existir um ciclo de ida e volta que fomenta de alguma forma, o comércio e o mercado de trabalho da Microrregião de Governador Valadares.

No capítulo V apresentam-se os resultados da pesquisa realizada, para esta tese, nos EUA, com emigrantes da Microrregião de Governador Valadares. Descreve-se o perfil, as condições de vida, trabalho, a realização da poupança e os projetos de retorno. As razões do insucesso daqueles que retornaram, investiram na área do comércio, indústria ou serviços e acabaram voltando à condição de imigrantes é discutida no capítulo VI.

O emigrante que retornou e tornou-se empresário é o tema do capítulo VII. A partir da pesquisa empírica, realizada com empresários na Microrregião de Governador Valadares, discute-se a experiência de emigrar, o retorno, o investimento e as características da empresa desses personagens do setor empresarial que iniciaram seus empreendimentos a partir do investimento realizado com a poupança feita nos EUA, como imigrantes. No capítulo VIII faz-se uma comparação entre os dois grupos, ou seja, os que retornaram e obtiveram sucesso como empreendedores na Microrregião de Governador Valadares e os que fracassaram no projeto de retorno.

Este estudo é concluído, procurando responder – a partir dos dados empíricos – à questão levantada, ou seja, qual a influência da migração internacional na configuração de novos empreendimentos e do mercado de trabalho da microrregião de Governador Valadares.

Compreender as variáveis e os fatores socioeconômicos e culturais da emigração e estudar esse fenômeno no que se refere ao movimento de ida e retorno e seus efeitos na abertura de novos empreendimentos na microrregião de Governador Valadares, por si só justifica a realização deste estudo, pois permite desvendar um aspecto atual e relevante da vida social e econômica da região, fornecendo assim, informações que serão úteis para políticas públicas que permitam um melhor equacionamento da questão.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo de Sales (1999) demonstra ser o processo de migração gerador de transformações significativas no local de destino, pode-se considerar que na mesma medida gera transformações no local de origem. Observando o cotidiano da Microrregião de Governador Valadares, é possível considerar que o fluxo migratório para os EUA tem influenciado a economia desta região, no que diz respeito à abertura de empreendimentos e na configuração do mercado de trabalho, especialmente na abertura de novos postos de trabalho.

Quais os fatores socioeconômicos e culturais que determinam o desejo de migrar, de retornar e estabelecer-se na região como empreendedor? Quais os efeitos desse processo na criação de novos empreendimentos (pequenas, médias e micro empresas) e na configuração do mercado de trabalho da Microrregião de Governador Valadares? São essas as questões que norteiam esta tese.

É inegável, observando os indicadores socioeconômicos ², a decadência econômica da Microrregião de Governador Valadares. Porém, observando a “olho nu” algumas cidades que compõem esta microrregião, percebe-se certo dinamismo econômico, caracterizado principalmente na construção civil e no surgimento de micro, pequenos e médios empreendimentos. Diante disso, levantou-se a possibilidade de que o fenômeno da migração internacional exerce algum efeito sobre a economia desta microrregião.

Entendendo que o estudo de um determinado fenômeno social passa pela análise de várias dimensões dessa realidade, propôs-se para esta pesquisa um processo de coleta de dados multimetodológico. A utilização de dados quantitativos e qualitativos permitirá coletar não apenas informações, mas também detectar sentimentos, sensações e valores que compõem o intrincado universo social que caracteriza a vida do emigrante que constrói o projeto de tornar-se empreendedor. O processo multimetodológico permitiu desvendar dados que favoreceram uma análise mais ampla e completa da teia de relações sociais que permeiam o cotidiano, o trabalho, os projetos e expectativas dessas pessoas.

Caracterizar o papel da migração internacional na configuração de novos empreendimentos e no mercado de trabalho da Microrregião de Governador Valadares é o objetivo geral que norteou este estudo. Foram delineados os seguintes objetivos específicos:

² Apresentados na introdução.

- ◆ Traçar o perfil sócioeconômico do contingente da população da microrregião de Governador Valadares, que participou do fluxo migratório no período de 1960 a 2004, retornou e montou micro, pequenos e médios empreendimentos;
- ◆ Descrever a trajetória de ida – permanência – retorno do migrante e a construção da idéia de tornar-se empreendedor na Microrregião de Governador Valadares;
- ◆ Caracterizar os empreendimentos montados na microrregião de Governador Valadares, nos aspectos relativos à natureza da empresa, área de atuação, rentabilidade, forma de contratação da mão-de-obra;
- ◆ Descrever a visão do empreendedor que não obteve sucesso em seu empreendimento e retornou à condição de emigrante, em relação à razão do insucesso e projetos de retorno à região.

Para verificação dos objetivos e resposta à questão central desse estudo, a realizou-se uma pesquisa de campo multisituada, ou seja, em dois lugares, Estados Unidos e Brasil, com três grupos distintos.

1 – Pesquisa de campo realizada na Microrregião de Governador Valadares.

Nesse espaço geográfica situamos o grupo que denominamos de:

Grupo I – O sonho realizado: *Emigrantes da Microrregião de Governador Valadares que retornaram no período de 1970 a 2004, e tornaram-se empresários de micro, pequenas e médias empresas e continuam no mercado até os dias de hoje.*

Por ser a migração dos habitantes desta microrregião, em sua grande maioria, indocumentada, e pelo fato de não existir nenhum registro nos órgãos públicos ou nas associações de classe que forneçam dados que permitam definir numericamente e localizar esse grupo, utilizou-se a técnica “bola de neve”. Essa técnica consiste em identificar alguns elementos com as características para compor a amostra, no caso, emigrantes que retornaram no período de 1970 a 2004 e tornaram-se empreendedores na Microrregião de Governador Valadares. Esses primeiros indicaram outros, que por sua vez, também fizeram outras indicações, até chegar a um número em que as informações e indicações começaram a se repetir. Segundo Becker (1993) a indicação feita pelos próprios indivíduos que compõem o universo pesquisado é um elemento importante para assegurar uma seleção mais impessoal³ e aumentar a relação de confiança do entrevistado para com o pesquisador.

³ Em relação ao pesquisador.

A técnica para coleta de dados foi a entrevista formal (Apêndice A). A pesquisa de campo iniciou-se em janeiro de 2004 e terminou em setembro de 2005. Foram realizadas 173 entrevistas nas 25 cidades que compõem a Microrregião, como pode ser observado na tabela 2 e na figura 2 que apresenta o mapa desta região.

Tabela 2 – Cidades da Microrregião de Governador Valadares, População e número de entrevistas realizadas.

Cidades	nº de habitantes	nº de entrevistas realizadas	% em relação à amostra
Alpercata	6.966	5	2,9
Campanário	3419	3	1,7
Capitão Andrade	4.306	4	2,3
Coroaci	10.802	4	2,3
Divino Das Laranjeiras	4.965	5	2,9
Engenheiro Caldas	9.347	7	16,2
Fernandes Tourinho	2.563	3	1,7
Frei Inocêncio	8.176	3	1,7
Galiléia	7.241	3	1,7
Governador Valadares	247.231	76	43,9
Itambacuri	22.668	6	3,5
Itanhomi	11.572	6	3,5
Jampruca	4.716	3	1,7
Marilac	4.424	3	1,7
Mathias Lobato	3.642	3	1,7
Nacip Raydan	3.122	3	1,7
Nova Módica	4.100	3	1,7
Pescador	4.037	8	4,6
São Geraldo Da Peidade	5.015	4	2,3
São Geraldo Do Bachio	2.868	3	1,7
São José Do Safira	3.894	3	1,7
São José Do Divino	3.863	3	1,7
Sobralia	6.284	5	2,9
Tumiritinga	5.831	3	1,7
Virgolândia	6.112	4	2,3
Total	394.296	173	100

Fonte: IBGE/ Pesquisa de campo na Microrregião de GV 2005.

Figura 2: Mapa da Microrregião de Governador Valadares.



Fonte: www.citybrazil.com.br/mg/regiões/govvaladares

acessado em 20 de março de 2006.

Foram realizadas também 21 entrevistas em profundidade, de onde foram extraídos os relatos (apêndice C é apresentado a relação das entrevistas em profundidade realizadas na Microrregião e nos EUA).

Destacamos que Algumas entrevistas foram realizadas inicialmente na Microrregião. Ao fazer a pesquisa de campo nos EUA, encontramos com estes brasileiros que reemigraram e lá fizemos outra entrevista. O inverso também aconteceu, depois da pesquisa de campo nos EUA. Ao fazermos a pesquisa na Microrregião, encontramos emigrantes retornados que tínhamos entrevistado nos EUA e realizamos outra entrevista no Brasil. Todos os nomes utilizados nos relatos são fictícios para garantir a privacidade dos informantes.

Como já salientamos Governador Valadares foi a cidades brasileiras onde o fluxo migratório para os EUA se iniciou. Como é uma cidade pólo as redes e os mecanismos legais e ilegais que dão sustentação a este fluxo se irradiam para toda a região, razão da escolha da Microrregião como local de realização da pesquisa de campo.

Esta etapa da pesquisa foi muito estimulante, encontramos emigrantes de diferentes períodos, alguns com suas empresas já consolidadas no mercado que durante as entrevistas formais e as entrevistas em profundidade relatavam suas experiências e muitas

vezes ao final diziam “*hoje eu nem acredito que vivi tudo isso lá.*”. Foram muitos os momentos que depois da entrevista, quando ofereciam um cafezinho, junto vinha um álbum, ou vários, de fotos do “*tempo em que estava lá*”. Relatavam em detalhes cada foto, cada momento especial que foi retratado e muitas vezes, com lágrimas diziam da vida dura, dos amigos perdidos e da recompensa de ter retornado e “vencido”. Encontrei também alguns que eu já havia entrevistados nos EUA e retornaram recentemente. “*Não ti disse que ia voltar? Voltei*”. Estes relatavam o turbilhão que viviam ao retornar, a cidade havia mudado, os amigos e as “coisas” já não estavam no mesmo lugar que deixaram. Foi uma andança por 25 cidades, em estradas de chão e muitas em péssimo estado de conservação, mas que possibilitou a compreensão dos aspectos subjetivos que perpassam o projeto de migrar dos moradores dessa região.

Em algumas cidades eu já chegava com um ou mais contatos feitos por telefone. Emigrantes proprietários de algum negócio que haviam sido indicados por outros de outras cidades. Estes indicavam outros e assim foram sendo localizados os entrevistados. Em algumas cidades conversava com as lideranças locais (prefeito, vereadores, diretoras de escolas) que também faziam a indicação de pessoas para serem entrevistadas. Alguns entrevistados faziam questão de me levar para conhecer a casa que construíram, o sítio ou a fazenda que comprou. Fotografei algumas casas e lojas nessas andanças que podem ser observados no apêndice D.

2 – Pesquisa de campo realizada nos EUA, na região da Nova Inglaterra

Nesse espaço geográfico, situamos o grupo que denominamos de II e III.

Grupo II – o sonho frustrado: *Emigrantes que retornaram à Microrregião no período de 1970 a 2003 e tornaram-se empreendedores de micro, pequenas e médias empresas, porém fecharam suas portas e retornaram à condição de imigrante nos EUA.*

Grupo III – Projetam retornar à Microrregião: *Emigrantes nos EUA que projetam retornar e tornar-se empreendedores de micro, pequenas e médias empresas na região.*

Os informantes desses dois grupos são oriundos da Microrregião de Governador Valadares, residentes nos EUA, na região da Nova Inglaterra (figura 3) e grande parte deles é indocumentado⁴, portanto, invisíveis para os órgãos públicos. Diante disso, o modo mais prático de encontrá-los foi ficar por um período de um a dois dias nos

⁴ A utilização do termo indocumentado é mais adequada, pois do ponto de vista político são imigrantes que apenas não têm os documentos de permanência e trabalho, não são criminosos. São pessoas que querem transitar entre as fronteiras do mundo globalizado, mas não têm os documentos necessários.

estabelecimentos de comércio e serviços, tais como: lanchonetes, salão de beleza, lavanderias, restaurantes, padarias e supermercados frequentados por brasileiros. Estes estabelecimentos eram de propriedade de brasileiros da Microrregião ou de cidades próximas.

Figura 3: Mapa da Região da Nova Inglaterra



Fonte: www.citybrazil.com acessado em 20 de março de 2006.

As entrevistas formais foram aplicadas nas cidades de Boston, Framingham, Somerville, Bridgeport, Newark, Danbury, Fairfield a emigrantes cuja cidade de origem no Brasil está situada na Microrregião de Governador Valadares. Estas cidades foram selecionadas seguindo a trajetória dos emigrantes da Microrregião de Governador Valadares. Por meio das entrevistas realizadas na pesquisa exploratória para elaboração do projeto de doutorado, ficou evidenciado que essas cidades foram o destino de grande parte dos emigrantes desta região. Utilizando-se das redes sociais, os emigrantes saem de um ponto específico para um destino também específico. Aqui fica evidente a importância das redes sociais na configuração do destino dos fluxos.

Antes de iniciar esta fase da pesquisa de campo, fiz contato com pessoas que conhecia em Governador Valadares e que emigraram para estas cidades. Essas pessoas me indicaram os estabelecimentos mais frequentados pelos originários desta microrregião. Chegando aos estabelecimentos identificava-me e pedia o consentimento do proprietário

para permanecer ali por dois ou três dias a fim de realizar as entrevistas. Em nenhum estabelecimento houve recusa.

Vale a pena destacar a riqueza desta fase de coleta de dados. Ficar durante o dia nesses estabelecimentos deu-me a possibilidade, além de fazer as entrevistas formais, de ouvir as histórias, os lamentos e a percepção dos imigrantes sobre a vida na “América”. Em alguns momentos reuniam-se três ou quatro para me contarem suas histórias, falarem da saudade e da dificuldade de viver como imigrante indocumentado. Sempre pediam para contar as novidades da “terrinha”⁵. Desses contatos marcava horário para, na residência do imigrante, fazer entrevista em profundidade. Momento importante para conhecer a intimidade e o cotidiano do imigrante. Eram momentos marcados pela emoção, quando mostravam as fotos da família, dos amigos, da casa que estavam construindo ou do negócio que estavam montando no Brasil.

Destaco que em nenhuma cidade tive dificuldades de realizar a entrevista, pois nenhum imigrante abordado negou-se a ser entrevistado, ao contrário, alguns chegaram a ir aos locais, informados por outros, que eu estava fazendo as entrevistas. Por várias vezes, quando abordava o imigrante, ele já sabia que eu era uma pesquisadora da “terrinha”, da UNIVALE, e prontamente me concediam a entrevista⁶; não foi raro encontrar velhos conhecidos.

Destaco, também, que para melhor conhecer a vida e o trabalho do emigrante nos EUA, acompanhei por dois dias a atividade de uma *housecleaner*⁷ e passei um dia no serviço de construção civil. Era a construção de uma casa e 90% dos trabalhadores eram brasileiros. Estes momentos de observações foram fundamentais para compreender a fala do trabalhador brasileiro sobre a dureza e a carga horária do trabalho que executa.

A pesquisa foi realizada no período de 29 de junho a 02 de setembro e 05 a 12 de dezembro de 2004. Foram aplicados 141 entrevistas formais (formulário apêndice B). Além da entrevista formal, foram realizadas 23 entrevistas em profundidade, de onde foram extraídos os relatos apresentados. Na tabela 3 pode-se observar a distribuição dos entrevistados em relação à cidade de origem. Observa-se que não foi entrevistado nenhum habitante das cidades de Marilac e Nacip Raydan.

⁵ Modo como se referem a sua cidade de origem.

⁶ Crédito isto também ao fato de no primeiro dia da entrevista ter encontrado uma repórter do jornal (originária da Microrregião) “Brazilian Times” que noticiou sobre a pesquisa. Esse jornal circula diariamente em todas as cidades que visitei. Reportagem em anexo A.

⁷ Faxineira.

Tabela 3 – Relação das cidades da Microrregião de Governador Valadares e o n^o de entrevistas realizadas.

CIDADES	TOTAL DE ENTREVISTAS	%
Alpercata	4	2,8
Campanário	3	2,1
Capitão Andrade	3	2,1
Coroaci	3	2,1
Divino Das Laranjeiras	3	2,1
Engenheiro Caldas	6	4,3
Fernandes Tourinho	1	0,7
Frei Inocêncio	3	2,1
Galiléia	3	2,1
Governador Valadares	74	52,5
Itambacuri	4	2,8
Itanhomi	5	2,8
Jampruca	1	0,7
Marilac	-	-
Mathias Lobato	4	2,8
Nacip Raydan	-	-
Nova Módica	1	0,7
Pescador	1	0,7
São Geraldo Da Peidade	4	2,8
São José Do Safira	3	2,1
São José Do Divino	2	1,4
Sobralia	7	5,0
Tumiritinga	4	2,8
Virgolândia	2	1,4
TOTAL	141	100

Fonte: Pesquisa de campo nos EUA – 2004.

Dentre estes 141 entrevistados, 24,8% num total de 35 emigrantes constituem o *grupo II* da amostra, ou seja, são imigrantes que retornaram no período de 1970 a 2003 e tornaram-se empreendedores de micro, pequenas e médias empresas, porém fecharam suas portas e retornaram para a condição de imigrante nos EUA.

Ao todo foram realizadas 314 entrevistas formais e 44 entrevistas em profundidade nos EUA e no Brasil. Além disso, para captar os aspectos subjetivos tanto da dinâmica de investimento em micro, pequenas e médios empreendimentos como do ideário do imigrante, construiu-se a história de vida de um entrevistado de cada grupo. Realizamos também entrevistas com lideranças locais ligadas ao setor financeiro e proprietários de agências de turismo.

Esse procedimento se justifica por entender-se que a compreensão das questões que envolvem esse estudo faz parte de um instigante e intrincado jogo de relações sociais que permeiam as questões ligadas ao processo de construir um projeto de vida que passa pela idéia de emigrar, retornar e tornar-se empreendedor. Acrescenta-se a isso o fato de que, em alguns casos, esse projeto é frustrado, tendo como saída retornar à condição de

emigrante e construir novo projeto que pode passar ou não pela idéia de retornar ao país de origem.

Por tudo isso, percebe-se que para captar todas as dimensões desse fenômeno social é necessário buscar aspectos subjetivos dos dados que permitam uma maior amplitude do olhar sociológico que permitirá explicações mais amplas para o fenômeno social em análise.

CAPÍTULO III – A MIGRAÇÃO COMO PROBLEMA SOCIOLÓGICO

3.1 A migração na sociologia contemporânea

A migração não é um fenômeno recente, os deslocamentos populacionais fazem parte da história da humanidade pela busca de melhores condições de vida e de trabalho. A própria história do capitalismo tem se caracterizado pela mobilidade espacial da população. A acumulação de capital acelera o processo de urbanização que é consequência tanto do crescimento vegetativo como das migrações internas. Nessa perspectiva, praticamente todos os países têm em sua história o fenômeno da mobilidade espacial da população.

Não apenas as migrações internas, mas também as internacionais se constituem numa peça chave para a compreensão da formação das sociedades, das identidades culturais e do desenvolvimento do capitalismo. A história recente é marcada pelas correntes de migração internacional. “[...] a identidade [...] de muitos países, a sua constituição como nação, foi um produto do movimento internacional de diferentes povos.” (BRITO, 1995, p. 53).

Os clássicos compreendiam este fenômeno como parte do processo de urbanização e metropolização. Para Marx, Durkheim e Weber o fenômeno da migração é consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo. Para os sociólogos do século XX, compreender esse fenômeno torna-se uma questão essencial, tendo em vista o crescente movimento das populações. A migração internacional passou a ocupar um lugar de destaque na agenda de discussão sociológica, tendo em vista o crescimento desse fluxo e os problemas dele decorrentes, tanto no continente Americano como no Europeu.

No final do século XIX, mais precisamente entre os anos de 1880 e 1910, os Estados Unidos receberam uma grande leva de migrantes poloneses. Esse fato despertou o interesse de Thomas e Znaniecki que realizaram um estudo centrado suas análises no aspecto da quebra dos laços de solidariedade produzidos pelo processo de migração e seus efeitos na organização familiar⁸.

⁸ Obra intitulava “The Polish peasant in Europe and America” editada em 1918.

A Escola de Chicago, a partir deste estudo, analisou os processos de adaptação, aculturação e assimilação dos migrantes na sociedade americana. Defendia a idéia de uma assimilação estrutural e cultural que tornaria esses grupos inclusivos, mantendo, contudo, seus valores e modo de vida. A principal crítica ao modelo de adaptação da Escola de Chicago deve-se ao fato de que “[...] não reconhecia as diferenças resultantes dos processos de colonialismo e imperialismo, que configuravam os vários fluxos migratórios.” (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 5). Isso ficou evidenciado à medida que, com a chegada de vários outros grupos de migrantes, o processo de americanização (*Melting pot*) não se concretizou⁹.

Uma diferença marcante das migrações, a partir dos anos de 1950, é a inversão de sua direção. Anteriormente os fluxos migratórios eram, predominantemente, da Europa para a América, já a partir dos anos de 1950 a direção se inverte, muda a direção das metrópoles para as colônias e passa a ser dos países da América Latina para os EUA e das ex-colônias para a Europa. Com isso, muda sua composição étnica, de classe e gênero.

Esta nova configuração dos fluxos nos ajuda a compreender por que os imigrantes se tornaram grupos étnicos e a assimilação pensada pela Escola de Chicago não se realizou. Isso demonstra exatamente o sinal da persistência dos laços étnicos e dos laços de pertencimento ao local de origem desse fluxo migratório.

Para os teóricos que buscam compreender este fenômeno, a não assimilação torna os imigrantes um grupo étnico. O caráter de assimilação dos imigrantes fica então num segundo plano e a inserção destes no mercado de trabalho passa ser o ponto nevrálgico a ser compreendido.

Após a segunda guerra mundial esse movimento da população só fez aumentar e, conseqüentemente, ganhar espaço nas discussões teóricas. Vários estudos empíricos da natureza, causas e conseqüências das migrações internacionais foram realizados. Desde meados dos anos de 1950, o fluxo de migração para os Estados Unidos, tem aumentado significativamente. “*The bulk of our migrant labor force is clandestine and its exact size is consequently unknown. Estimates run from two to twelve million.*”¹⁰ (PIORE, 1979, p.1). Várias são as perspectivas teóricas que buscam a compreensão do

⁹ Os teóricos da Escola de Chicago tinham uma visão otimista quanto à assimilação e à mobilidade social dos imigrantes nos EUA. Esta expectativa não se concretizou. Por persistirem os laços étnicos ocorreu, ao invés da assimilação e mobilidade social, a formação de enclaves étnicos na sociedade americana.

¹⁰ “A massa da migração da força de trabalho é clandestina e o seu tamanho exato é desconhecido. A estimativa é de 2 a 12 milhões.”

fenômeno. Basicamente existem dois eixos teóricos, marcados por uma análise econômica, que explicam esse fenômeno.

Para a teoria neoclássica ou convencional a compreensão do fenômeno passa pela análise da correlação das forças de mercado; nessa perspectiva, o migrante é percebido como um indivíduo economicamente racional, que procura melhores oportunidades de trabalho e de condições de vida. O trabalho é considerado uma mercadoria comercializada livremente no mercado e a renda uma variável determinante na definição do fluxo migratório (SALES, 1999).

Segundo essa teoria, as condições econômicas dos países de origem e recepção constituem a base da decisão de migrar, ou seja, os fatores de atração para os países de destino e repulsão nos países de origem são determinantes. Historicamente pode-se observar que as migrações de áreas subdesenvolvidas deram-se a partir de programas dos países receptores. Bons exemplos são os programas *Guest Workers* realizados nos anos de 1950 e 1960, na Europa e o *Bracero Program* da pós-Segunda Guerra nos Estados Unidos (SALES, 1999). Sendo assim, pode-se considerar que “[...] o agente centralizador do fenômeno da migração internacional é o desequilíbrio entre a oferta e a procura de trabalho nos países que enviam e que recebem imigrantes.” (MARGOLIS, 1994:12). Piore (1979) também considera que uma das características que definem o fluxo migratório é a atração dos países mais desenvolvidos.

The first characteristic of the migration process is that it seems to respond to the attraction of the industrial countries [...]. In the United State the process is considerably less institutionalized, and because it is clandestine, its exact nature is somewhat obscure, but here also the strategic factor in initiating the migration and controlling its evolution appear to be the search of American employers for new sources of labor. (PIORE, 1979, p.3) ¹¹.

Para a perspectiva neoclássica, o imigrante é um indivíduo que define racionalmente sua entrada para o mercado de migração global, avaliando os aspectos positivos e negativos de deixar seu país de origem e aventurar-se em um novo mundo. O peso dessa decisão recai sobre a maximização das vantagens, ou seja, do retorno positivo de concretizar seu projeto de melhores condições de trabalho e renda. Isso significa avaliar a probabilidade de encontrar emprego e os custos materiais, sociais e psicológicos da aventura.

¹¹ A primeira característica do processo de migração é que ela parece responder à atração dos países industriais [...]. Nos Estado Unido o processo é consideravelmente menos institucionalizado, e porque é clandestina sua natureza exata é de algum modo obscuro, mas aqui também o fator estratégico para o início da migração e o controle de sua evolução parece ser a procura dos empregadores americanos de uma nova fonte de trabalho [...].

É um cálculo de custo/benefício, sendo assim, a migração é entendida, por muitos estudiosos, como simples somatória de indivíduos que se movimentam em função da renda.

Críticas são feitas a essa perspectiva teórica, pois, além de enfatizar explicações individualizantes, que não se prestam a uma análise sociológica mais ampla, quando colocada diante dos fatos históricos e dos dados empíricos, percebe-se sua fragilidade. Observa-se que o fluxo de trabalhadores migrantes de países relativamente desenvolvidos é maior que de países subdesenvolvidos. A população mais pobre geralmente não forma as primeiras levas de migrantes. Além disso, dados empíricos de pesquisas recentes¹² têm confirmado que os primeiros migrantes são pequenos proprietários, trabalhadores com alguma especialização.

Outra crítica contundente à teoria neoclássica é desenvolvida por Portes (1995). Para este autor falta a essa teoria a percepção de que a ação econômica é racional, porém, socialmente orientada. Utilizando-se do esquema teórico weberiano, no que diz respeito à ação social, ele demonstra que os indivíduos ao utilizarem uma ação do tipo racional, procurando maximizar seus ganhos, agem tanto em função dos princípios econômicos como também das expectativas da coletividade em que vivem. Nesse sentido, a decisão de migrar não leva em consideração apenas os princípios econômicos. Portes (1995,p.13) considera que

“Economic sociology has been less concerned with psychological constraints on individual rationality than with those created by the social environment. Research in this field has focused on the ways in which social influences modify the assumed maximizing behavior of individuals and lead to predictions differing from those of conventional economic models.”¹³

Estudar e analisar o fenômeno da migração internacional a partir dessa perspectiva da ação social, ou seja, perceber a decisão de migrar e todo o processo presente na sociedade de origem e a inserção na sociedade de destino como resultantes da influência das relações sociais e não apenas como uma decisão individual, é um caminho promissor.

O ato de migrar não é somente uma decisão individual, os migrantes não devem ser considerados como indivíduos, mas participantes de um grupo social que

¹² ASSIS (2004), SOARES (2002), SIQUEIRA (2003), MARTES (1999).

¹³ A Sociologia econômica tem se preocupado menos com constrangimento psicológicos sobre a racionalidade individual do que com aqueles criados pelo ambiente social. Pesquisa neste campo tem focado os modos nos quais comportamento individual se modifica com influência do fator social e conduzem a predições que diferem daqueles modelos econômicos convencionais.

direciona a construção do projeto de migrar. Aqueles que migram fazem parte de uma etnia, participam de redes sociais e utilizam todo um conjunto de conhecimento social para realização de seu projeto. “[...] os imigrantes não devem ser vistos como indivíduos, mas como integrantes de estruturas sociais que afetam os múltiplos caminhos de sua mobilidade sócio-econômica.” (SASAKI e ASSIS, 2000, p.7).

Estudiosos da migração internacional, denominados novos economistas, têm demonstrado a insustentabilidade da teoria neoclássica, reforçando as críticas de Portes. Para esses pesquisadores, o projeto de migrar é uma construção coletiva, elaborada por grupos familiares, vizinhos ou amigos. Para elevar ao máximo sua renda e para reduzir os riscos da migração, os indivíduos atuam coletivamente. Nesses grupos há uma ação coletiva para maximizarem as vantagens materiais e “[...] minimizarem e afrouxarem os constrangimentos associados a uma variedade de falhas de mercados.”¹⁴ (SASAKI e ASSIS, 2000, p.7). Nesse sentido há um incentivo para investir os recursos escassos em projetos que possibilitem novas fontes de renda, mesmo que não haja garantias de um aumento da renda total.

Para Massey (1993), essa abordagem, considera que, para os estudos desse fenômeno, a unidade de análise pertinente são as famílias e domicílios. A condição necessária que impulsiona o projeto de migrar não é necessariamente a renda. A diferença salarial entre as nações de origem e destino não é a única condição necessária para a ocorrência dos fluxos migratórios. As melhores condições de emprego no país de origem não excluem o projeto de migração internacional, ou seja, de certa forma as possibilidades de investir nas atividades locais não superam as dificuldades de imigrar. Sendo assim, os fluxos de movimentos populacionais internacionais não cessam simplesmente porque o diferencial de renda é eliminado entre as nações de origem e destinos, perspectiva defendida pela teoria neoclássica. O atrativo para migrar continua se outros fatores que definem os mercados dentro do país de origem estão ausentes ou em desequilíbrio. Por último, Massey (1993) realça que independente dos efeitos sobre a renda, as políticas econômicas sempre influenciaram a migração internacional.

Tanto a escola neoclássica quanto os novos economistas, apesar das diferentes interpretações em relação às definições das causas da migração (origem e natureza), apresentam a migração como resultado da racionalidade dos atores sociais, sejam eles o indivíduo ou o grupo familiar que buscam maximizar a renda ou minimizar os riscos.

¹⁴ Mercado de trabalho, mercado de capitais, mercado de seguro.

A teoria histórico-estrutural é outra perspectiva teórica que lança luzes sobre esse fenômeno. Diferentemente da teoria neoclássica e dos novos economistas, busca explicar as migrações internacionais a partir de análises estruturais, apontando “[...] para uma transação macroeconômica e para fluxo de investimentos entre países.” (MARGOLIS, 1994). Nessa perspectiva, as explicações das causas das migrações internacionais recaem mais nos países de destino, ou seja, nas condições econômicas e estruturais oferecidas para o imigrante, do que nos países de origem do fluxo migratório. Sendo assim, a demanda permanente por trabalhadores migrantes é definida pela estrutura econômica das nações desenvolvidas.

Sales (1999) apresenta duas vertentes explicativas dessa teoria. A primeira desenvolvida pela sociologia e economia norte-americana, representada por Piore (1979) e Alejandro Portes (1981) e a segunda, representada por Sassen (1988). A primeira centra as análises na segmentação do mercado de trabalho. No país de destino dos migrantes internacionais, os trabalhadores locais se negam a desempenhar funções pouco qualificadas, mal remuneradas e de baixo prestígio social. A variação entre a oferta e a demanda por trabalhadores nativos não é o único componente das variações salariais. Há também um outro componente, o prestígio e status esperado pelos indivíduos e reconhecido pela sociedade. Aumentar salários para atrair os trabalhadores nativos eleva os custos da produção, além de criar estrangulamento no processo produtivo, sendo mais acessível e barato, num período de pouca oferta de trabalho, a importação do trabalho do imigrante que aceita as condições – baixo salário e pouco prestígio social.

The process through which immigrants are attracted to industrial economies as being one that is at root governed by the process of economic expansion. As economic expansion proceeds from some relatively low level [...], it absorbs the native labor force. It then begins to experience labor shortages. Those labor shortages naturally concentrate in the low-paying, low-status jobs because native gravitate toward better-paying, more prestigious positions. The labor-short jobs must then compete for workers. They might do so by offering higher wages, better working conditions, and the like. Or they might substitute capital for labor. But under these circumstances, the amount of employment would clearly have to be reduced; either the labor-short jobs would themselves be eliminated or the labor shortages would be transferred to other jobs, which would be eliminated. The alternative is to recruit foreign workers.¹⁵ (PIORE, 1979, p. 27).

¹⁵. O processo pelo quais os imigrantes são atraídos para economias industriais está na base do processo de expansão econômica. Como expansão econômica precede alguns níveis relativamente baixos [...] absorve a força de trabalho nativa. Então, a economia começa a sofrer escassez da força de trabalho. Esta escassez se concentra naturalmente, nas atividades de baixo salário e baixo status porque o trabalhador nativo busca trabalhos de melhores salários e mais prestígio. Essa escassez de trabalho precisa ser suprida. Eles poderiam oferecer melhores salários e condições de trabalho. Ou talvez substituir capital por trabalho. Mas nestas circunstâncias, a quantidade de trabalho teria que ser reduzida claramente; ou os trabalhos de pouco prestígio

Esse mercado de trabalho torna-se então um espaço para os imigrantes, pois, para estes, apesar da remuneração ser baixa, representa um significativo diferencial em sua renda. Essa teoria, segundo Sales (1999), faz um diálogo direto com os neoclássicos, à medida que considera as características peculiares do mercado de trabalho, distinto do mercado de bens.

Na compreensão dos teóricos da segmentação há, portanto, uma complementação, no mercado de trabalho, entre o trabalhador imigrante e o nativo, pois estes dois grupos atenderiam a diferentes demandas de um mercado segmentado – primário e secundário. O mercado de trabalho primário exige alta qualificação, paga melhores salários e oferece possibilidades de ascensão nas empresas capitalistas. Esse mercado é disputado entre os nativos, tendo os imigrantes pouca ou nenhuma chance de nele conquistar empregos, não tirando, portanto, emprego dos nativos. O mercado secundário se caracteriza por oferecer ocupações mal remuneradas, sem possibilidades de ascensão e quase nenhuma garantia trabalhista. É para este mercado que se destina a mão-de-obra do imigrante. Como o nativo recusa-se a entrar para esse mercado, não há então, competição, por empregos, entre os nativos e os imigrantes. “[...] *The migrant appear to be coming to take a distinct set of jobs, jobs that native labor force refuses to accept.*”¹⁶ (PIORE, 1979. p.3).

Diante disso pode-se considerar que, nessa perspectiva, os fluxos migratórios são fomentados não apenas pelos fatores de expulsão nos países de origem, mas são, também, conseqüências de como os países desenvolvidos resolvem seus problemas de escassez de mão de obra, criando programas de recrutamento de trabalhadores estrangeiros, dando início, assim, aos fluxos migratórios. Exemplo disso foram as iniciativas como *Guest Workers* e *Bracero Program* nos EUA. Esses programas de trabalho no pós-guerra visavam atender à necessidade de mão-de-obra nos países de destino e eram considerados programas de trabalho temporários, que ao longo dos anos de 1970 se encerram, mas foram pontos de partida para o início das redes que fomentaram os fluxos de migrantes indocumentados nos anos posteriores.

seriam eliminados ou escassez de trabalho seria transferida a outros trabalhos que seriam eliminados. A alternativa é recrutar o trabalhador estrangeiro.

¹⁶ “[...] os migrantes parecem realizar tipos de trabalhos diferentes que a força de trabalho nativa recusa aceitar”.

É importante destacar, mais uma vez, que a decisão de migrar não está centrada unicamente na decisão individual ou social resultante da racionalidade custo/benefício, nem é definida exclusivamente por fatores macroeconômicos.

A segunda vertente da teoria histórico-estrutural, discutida principalmente por Sassen (1988), refere-se à mobilidade do capital como o principal criador das novas condições para a mobilidade dos trabalhadores.

O final dos anos da década de 1980 foi marcado por grandes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas, culturais e ideológicas. Análises de sociólogos e economistas têm apontado que as mudanças estruturais desse período estão diretamente relacionadas à forma de regulação da produção. O novo paradigma tecnológico desencadeou a emergência de um padrão de desenvolvimento denominado globalização¹⁷. Essa nova etapa do desenvolvimento capitalista provocou mudanças no modo de produção e de configuração espacial.

Com o desencadeamento desse processo internacional da economia a migração internacional intensificou-se ainda mais e ganhou novos contornos. A mobilidade do capital decorrente desse novo paradigma, criou novas condições de mobilidade da força de trabalho. Neste sentido, algumas análises têm estabelecido uma relação desse fenômeno com a internacionalização dos mercados de capital e de trabalho.

Economic practices and technology have contributed to the formation of a transnational space for the circulation of capital. Policies, many originating in the United States, delimit, regulate and make this space viable. What economic theory as well as governments define as movement between countries is also movement within one single entity encompassing those countries.¹⁸ (SASSEN, 1988, p. 1).

O livre comércio de mercadorias entre os países no século XIX foi, segundo Thomas (1973), o grande impulsionador das migrações de capitais e trabalhadores do Velho Mundo para o Novo Mundo, mas no século XX esses movimentos populacionais são

¹⁷ É global porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos. (CASTELLS, 1999, p. 87)

¹⁸ Práticas econômicas e tecnologia têm contribuído para a formação de um espaço transnacional para a circulação de capital. Políticas, muitas vezes que originadas nos Estados Unidos, delimitam, regulam e tornam viável este espaço. O que a teoria econômica, bem como os governos definem como movimento entre países, é também movimento entre uma única entidade envolvendo outros países.

consequências da internacionalização da produção. Sassen (1988) considera que a reestruturação da economia no final do século XX, promoveu uma internacionalização da produção que resultou na configuração de um espaço transnacional, onde existe um mercado de trabalho, capitais e mercadorias. Isso propiciou uma maior mobilidade do trabalho. Nesse sentido, o investimento estrangeiro é um componente importante para compreender os fluxos migratórios. (SALES, 1999)

This is a highly mediated process, one wherein direct foreign investment is not a cause but a structure that creates certain conditions for emigration to emerge as an option. Furthermore, it is important to differentiate those workers actually employed in foreign plants, offices and plantations and those representing the supply of potential emigrants. They are often not the same individuals.¹⁹ (SASSEN, 1988, p. 20)

Sassen (1988) considera que a segmentação do mercado de trabalho é uma das variáveis explicativas do fenômeno, contudo ela insere este mercado dentro de um sistema mundial. Dá uma dimensão mais ampla à análise ao considerar as implicações da reestruturação econômica na configuração desses fluxos no mundo contemporâneo.

Essas reflexões nos permitem considerar que, embora seja inegável que a pobreza, o desemprego e o aumento da população são variáveis que compõem os fluxos migratórios, é também necessário identificar os processos que transformam essas condições, criando um contexto que propicia a migração. Tais processos estão diretamente relacionados com a reorganização da economia mundial a partir dos anos de 1970 e 1980. Essas transformações resultaram na formação de um espaço transnacional, cuja circulação de trabalhadores é apenas um dos fluxos dentre outros, como o de capital, mercadorias, serviços e informações. Nesse sentido, a internacionalização da produção, a reorganização da economia mundial, o investimento estrangeiro são variáveis importantes para entender os fluxos das migrações internacionais.

Diferentemente de Sassen, Borjas critica a abordagem do mercado dual, afirmando que pensar o mercado de trabalho dividido em dois setores não consegue abarcar as nuances e a diversidade desse mercado. Para ele essa é uma visão inadequada e simplista. Em suas palavras *“First, the segmentation of the economy into two sectors, though appealing to people who prefer a ‘black-and-white’ approach to the labor market, is an*

¹⁹ Este é um processo altamente mediado, num sentido em que o investimento estrangeiro não é uma causa, mas a estrutura que cria certas condições para emergir a emigração como uma opção. No entanto, é importante diferenciar aqueles trabalhadores empregados em fabricas estrangeira, escritórios e plantações e aqueles que representam emigrantes potenciais. Eles não são freqüentemente os mesmos indivíduos.

extremely simplistic view of the way labor markets operate and has been difficult to establish as empirically relevant.”²⁰ (BORJAS, 1990, p. 83). Em contraposição a essa abordagem, adota a perspectiva teórica denominada capital humano. Considera que *“Change in the quantity of immigrants human capital are partly responsible for the decline in the relative immigrant wage.”*²¹ (BORJAS, 1994, p. 1676)

Nessa teoria a qualificação do imigrante é fator definidor de sua alocação no mercado de trabalho. Sua posição de indocumentado é considerada irrelevante. Mesmo percebendo que o imigrante ilegal terá poucas chances de chegar ao mesmo patamar de oportunidades e renda do nativo, não aceita a teoria da segmentação do mercado. Para ele, o mercado de trabalho de imigrantes funciona como qualquer outro mercado, os países podem buscar nesses mercados os trabalhadores que necessitam conforme sua demanda. O fator que definirá o destino dos migrantes são as condições econômicas ofertadas por cada país para essa mão-de-obra. Para atrair migrantes qualificados o país precisa ser competitivo.

Os EUA, historicamente, têm sido um país receptor de migrantes. Dos países mais desenvolvidos recebem imigrantes mais qualificados e dos países mais pobres os menos qualificados. Isso ocorre principalmente devido ao fato de que nos países mais desenvolvidos o custo da migração é mais favorável para os trabalhadores mais qualificados, enquanto que nos países menos desenvolvidos é mais favorável para os menos qualificados²².

O fato de receberem mais imigrantes sem qualificação tem um custo elevado. Os imigrantes indocumentados têm acesso a um conjunto de serviços de seguridade social oferecidos pelo governo americano (*welfare state*), e isso pesa no orçamento dos estados que recebem muitos imigrantes como a Flórida e a Califórnia. Nessa perspectiva, diametralmente oposta ao esquema teórico do mercado dual, o imigrante de baixa qualificação compromete as oportunidades de emprego e remuneração dos nativos. Eles

²⁰ “Primeiro, a segmentação da economia em dois setores ainda que interessante para aqueles que preferem uma aproximação de branco no preto do mercado de trabalho, é uma visão extremamente simplista do modo como o mercado de trabalho opera e tem sido difícil estabelecer como relevante empiricamente.”

²¹ “Mudança na quantidade de capital humano dos imigrantes é responsável, em parte, pelo declínio no salário relativo do imigrante.”

²² Borjas (1990) faz uma comparação entre imigrantes em potencial da Suécia e México. Enquanto para um trabalhador sueco pouco qualificado, a avaliação entre o custo de imigrar e permanecer trabalhando em seu país, é mais favorável permanecer, para o trabalhador qualificado, devido à cobrança de impostos altamente progressivos que taxa os altos salários com percentuais elevados, o ganho em migrar é positivo. No México o raciocínio é inverso. O trabalhador qualificado tem melhores condições de renda e ascensão em seu país do que migrando, já para o desqualificado as vantagens em relação à renda são maiores migrando, mesmo que não tenha chance de ascensão social no país de destino.

tiram empregos dos nativos e rebaixam os salários nos locais onde se concentram. “O fluxo de migrantes não qualificados, implica em longo prazo a redução da renda nacional e as perdas correspondentes nas receitas de impostos podem ser substanciais.” (SCUDELER, 1999, p.199). Dentro dessa concepção as políticas imigratórias, para promover um sistema mais produtivo, devem promover a entrada e permanência de imigrantes qualificados.

Borjas (1996, p. 77) afirma: I have estimated that native workers lose about \$133 billion a year as a result of this immigration (or 1.9 percent of the gross domestic product in a \$7 trillion economy), mainly because immigrants drive down wages. However, employers—from the owners of large agricultural enterprises to people who hire household help—gain on the order of \$140 billion (or 2.0 percent of GDP). The net gain, which I call the immigration surplus, is only about \$7 billion. Thus the increase in the per capita income of native is small—less than \$30 a year. But the small size of this increase masks a substantial redistribution of wealth.²³

Diante do exposto, pode-se considerar que condições econômicas dos países de origem são fatores importantes na análise do fenômeno da migração internacional recente, contudo, não se pode deixar de analisar o processo de reestruturação econômica²⁴ dos países de origem e destino, especialmente no caso dos EUA. Esse processo gerou centros altamente industrializados com empreendimentos de alta tecnologia que demandam trabalhadores qualificados com melhores salários. Por outro lado, gerou também postos de trabalho de baixo salário, de alta rotatividade e com contratos inseguros e mal remunerados. Esses postos geralmente surgem em empreendimentos que não respeitam a legislação vigente em relação a contratação do trabalhador.²⁵

A mão de obra nativa, com uma organização de classe fortalecida, recusa esses trabalhos, abrindo espaço para os migrantes. Portanto, diferentemente do que considera Portes, os migrantes não concorrem com os trabalhadores nativos. Além disso, é

²³ Eu estimo que os trabalhadores nativos perdem cerca de US\$133 bilhões por ano como resultado dessa imigração (ou 1.9% do Produto Interno Bruto em uma economia de US\$7 trilhões), principalmente porque os imigrantes diminuem os salários. No entanto, os empregadores – donos de grandes empreendimentos agrícolas para pessoas que contratam ajuda doméstica – ganham em torno de US\$140 bilhões (ou 2% do PIB). O ganho líquido da imigração que eu chamo de superávit de imigrantes, é de apenas US\$7 bilhões. Assim o aumento da renda per capita dos nativos é menos que US\$30 por ano. Mas o pequeno tamanho desse aumento mascara uma redistribuição substancial da riqueza.

²⁴ Também denominada na bibliografia de *teoria dos sistemas mundiais*. Essa teoria demonstra a necessidade de tratar a migração internacional que ocorre nos últimos anos como um sistema que articula os locais de origem e destino e sua incorporação ao sistema global.

²⁵ Empregam trabalhadores indocumentados com baixo salário. Esses imigrantes, independente da forma de entrada (com visto de turista, passaporte montado ou entrada pela fronteira do México) não têm a permissão para exercer qualquer atividade profissional nos EUA.

importante considerar que esses migrantes são trabalhadores que reduzem os custos do trabalho, tornando a economia americana mais competitiva, visto que pagam os impostos ao consumir os bens na sociedade americana. E muitos, na tentativa de conseguir os documentos necessários para sua legalização (*Green Card* ou cidadania) pagam regularmente todos os impostos.

A reestruturação e a concentração de investimentos estrangeiros é, também, uma das variáveis que impulsionam a migração internacional na medida em que promove a ruptura da estrutura tradicional de trabalho, a incorporação da força de trabalho feminino que causa efeitos na oferta de trabalho dos homens, consolida as relações objetivas e ideológicas entre países avançados e os países em desenvolvimento. Tudo isso possibilita a formação de um exército de migrantes e torna o projeto de emigrar como uma opção acessível a essa força de trabalho.

An indirect emigration inducement among males results from the disruption of traditional work structures: with the massive departure of young women there is a reduction in the possibilities of making a living in many of these rural areas. Eventually this disruption of traditional work structures adds to the pool of unemployed. Finally, the widespread practice of firing the new, mostly female, workers after a few years also adds to a pool of potential emigrants. These women, left unemployed and westernized, may have few options but emigration.²⁶ (SASSEN, 1989, p.19).

Recentemente, para compreensão do fenômeno da migração, muitos autores²⁷ têm recorrido ao estudo das *redes sociais*²⁸. Esses autores consideram a necessidade de estudar a migração, não como uma decisão individual baseada em critérios econômicos. A decisão de migrar passa por um conjunto de conexões estabelecidas por relações sociais.

Boyd (1989), Massey (1990) e Tilly (1990) têm desenvolvido estudos demonstrando que o fenômeno recente da migração internacional tem em grande parte, sua explicação no estabelecimento de redes sociais. As redes são formadas pelos primeiros

²⁶ Um induzimento indireto na emigração do sexo masculino resulta no rompimento da tradicional estrutura do trabalho: com a partida de mulheres jovens há a redução nas possibilidades de ganhar a vida em muitas dessas áreas rurais. Eventualmente, esse rompimento da estrutura de trabalho tradicional leva ao desemprego. Finalmente, a prática difundida de atrair novos trabalhadores, principalmente mulheres, depois de alguns anos, também somam emigrantes em potencial. Essas mulheres desempregadas e ocidentalizadas talvez não tenham outra opções a não ser emigrar.

²⁷ BOYD (1989), MASSEY (1990), TILLY (1990), SOARES (2002), ASSIS (2004), FUSCO (2005).

²⁸ Consiste num conjunto de conexões estabelecidas por relações sociais desenvolvidas tanto no país de origem como no de destino. Estas redes possibilitam ao emigrante contactar os mecanismos e agenciadores que facilitam o processo, receber financiamento dos parentes, familiares e agenciadores, facilitam a chegada nos EUA e a colocação no mercado de trabalho, além de fornecer as primeiras informações de como se comportar e agir na nova cultura. A rede também possibilita o apoio emocional durante a estadia, desenvolvendo laços e espaços de sociabilidade.

migrantes que se fixam em determinadas regiões, mantêm estreitas relações com o país de origem e percebem, constroem ou descobrem mecanismos facilitadores do processo de migração. São conterrâneos, parentes e amigos que fazem uma ponte entre os locais de origem e destino. Essa ponte é concretamente constituída por informações fornecidas pela indicação de empregos no local de destino, pelo financiamento do processo de migração e até mesmo pela hospedagem do recém chegado.

Massey (1989, p. 169) considera que para o estudo do fenômeno dos fluxos migratórios internacionais é imprescindível levar em consideração as redes sociais, pois

“International migration is an inherently social process that is organized through networks forged from everyday interpersonal connections that characterize all human groups. These connections include the common bonds of kinship, friendship, paisanaje, which have been adapted to the new reality of mass migration”.²⁹

As redes fornecem informações, indicam meios que auxiliam o processo de migração e atenuam as dificuldades no país de destino. A migração internacional pressupõe ir ao encontro de uma sociedade, geralmente com língua, costumes e valores diferentes. Significa um empreendimento de muitos riscos. Esses riscos são amenizados por intermédio das redes sociais.

Além de facilitadoras na concretização do projeto de migrar as redes dão novas configurações ao meio onde se estabelecem. Junto com os projetos pessoais ou coletivos o imigrante leva também sua identidade étnica, suas relações de parentescos, suas identidades de gênero, em fim um *background* cultural que vai junto com o migrante. Seus valores e costumes dão nova configuração à sociedade de destino. “In each case members of networks whose identities and internal structures were temselves changing continuously negotiated new relations with other networks including those in the country of origin.”³⁰ (TILLY, 1990, p. 86). Para este autor não ocorre um transplante dos laços sociais, ao invés disso, há uma recriação, uma adaptação desses laços no país de destino.

²⁹ Migração internacional é um processo social organizado por meio de conexões forjadas cotidianamente por relações interpessoais que caracterizam todos os grupos humanos. Estas conexões incluem os laços comuns de parentesco, amizade que foram adaptadas à nova realidade de migração de massa.

³⁰ Cada membro da rede, cujas identidades e estruturas internas foram por eles mesmos continuamente mudando, negociadas com novas relações com outras redes, incluindo aquelas no país de origem.

Assis (2004) e Boyd (1989) destacam que nessa perspectiva das redes sociais como instrumentos de ligação entre a sociedade de origem e destino no fluxo de longa distância, o papel das mulheres é fundamental, pois elas são os “nós” que conectam as pessoas nas próprias redes que articulam a migração e também reúnem grupos familiares. Além disso, consideram que as redes apresentam um diferencial de gênero.

Boyd (1989) descreve que desde os anos de 1970 os pesquisadores do fenômeno da migração internacional já realçavam a importância dos parentes e amigos no fornecimento de informações que davam sustentação aos fluxos migratórios. Neste sentido, considera que as redes sociais são instrumentos fundamentais para compreensão da forma como os fluxos migratórios são estabelecidos e mantidos, tendo em vista que ligam os dois lugares, de origem e destino.

Networks connect migrants and nonmigrants across time and space. Once begun, migration flows often become self-sustaining, reflecting the establishment of networks of information, assistance and obligations which developed between migrants in the host society and friends and relatives in the sending area. These networks link population in origin and receiving countries and ensure that movements are not necessarily limited in time, unidirectional or permanent.³¹
(BOYD, 1989, p.641).

É interessante destacar que esta vertente explicativa se constitui em teorias de médio alcance, combinam o macro e o micro na análise das migrações internacionais, pois não desconsidera os fatores estruturais que geram a migração.

Embora a migração possa ser explicada pelos fatores macro ela é também, socialmente orientada, justamente pelo capital social que as pessoas acessam para migrar. É exatamente essa combinação que possibilita articular os aspectos micro e o macro. Por esta possibilidade a teoria das redes são instrumentos de análise sociológica excepcionais. Ao migrar as pessoas não vão para qualquer lugar, elas vão para lugares definidos socialmente pelas redes sociais.

Por tudo isso, consideramos que as redes são instrumentos teóricos que permitem a compreensão da migração de brasileiros para os EUA. Isso possibilita pensar as conexões entre o local de origem e destino, entre os migrantes e não migrantes, entre os

³¹ As redes conectam migrantes e não migrantes no tempo e no espaço. Uma vez iniciados, os fluxos migratórios, frequentemente, tornam-se auto-sustentados, refletindo o estabelecimento de redes de informações, assistência e obrigações que se desenvolvem entre migrantes na sociedade receptora, e amigos e parentes, nas ares de origem. Essas redes ligam as populações dos países de origem e de destino e asseguram que os movimentos não sejam limitados no tempo e sem direção.

migrantes e específicos pontos de destino. Os habitantes da Microrregião de Governador Valadares migram para algumas regiões onde as redes estão estabelecidas ou se estabelecendo. Por esta razão podemos encontrá-los em algumas cidades específicas da Nova Inglaterra nos EUA.

Não há dúvidas quanto à importância das redes sociais no estudo do fenômeno da migração internacional nos dias atuais, contudo, Soares (2002) chama a atenção para o uso do conceito de redes sociais. Faz uma distinção entre rede social, pessoal e migratória. A primeira consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. A segunda é um tipo de rede social fundada em relações de amizade, parentesco, vizinhança, etc. A terceira, as redes migratórias “cujas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, é, também, um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras, como no caso da migração internacional de valadarenses; consiste, portanto, em redes de redes sociais.” (SOARES, 2002, p. 24).

Sem entrar nas querelas das discussões teóricas sobre este conceito, utilizamos o conceito de redes sociais no sentido das redes que abarcam, justamente o conjunto de pessoas (familiares, amigos, vizinhos), organizações e instituições sociais que estão interligadas no intuito de propiciar a migração internacional, pois consideramos que é um preciosismo que pouca contribuição trás às análises teóricas fazer distinções entre a noção de redes sociais apresentadas por Boyd (1989), Sales (1999) e Assis (2004) e Fusco (2005) e de redes de redes sociais defendida por Soares (2002).

As redes sociais são elementos definidores que marcam não só o projeto de migrar, como já salientamos, mas também o retorno, pois a definição do negócio que vai adquirir quando retornar, o imóvel que deverá comprar são informações que circulam nessas redes, tanto na origem como no destino do fluxo migratório. As conversas no fim do dia de trabalho que ocorrem nos restaurantes e padarias onde os conterrâneos se encontram são fundamentais para a tomada de decisão e até mesmo para a realização dos negócios ³².

Neste sentido as redes sociais não são metáforas ou conceitos difusos, são variáveis concretas que possibilitam e dão sentido a análise do fenômeno da migração

³² Na pesquisa de campo que realizei nos EUA em 2004 presenciei vários desses encontros em restaurantes frequentados por brasileiros e de propriedade de brasileiros da Microrregião de Governador Valadares. Nesses estabelecimentos, além de quadro de informações sobre emprego, havia também *folders* de venda de imóveis e negócios na região. Encontrei também corretores de imóveis, que se utilizavam das redes para vender lotes e apartamentos na planta na Microrregião de Governador Valadares.

internacional e especificamente da migração de brasileiros para os EUA. O projeto de migrar, o destino, a chegada nos EUA, a permanência e o retorno são mediados por essas redes.

Por muito tempo o migrante foi considerado como o elemento que rompe com os valores de sua cultura e adquire ou assimila novos valores do país hospedeiro. Nessa perspectiva as ligações com seu grupo de origem se tornam dados sem relevância, o que do ponto de vista sociológico é extremamente complicado. Novos teóricos da sociologia, principalmente a partir da década de 50, percebem uma nova configuração nas migrações internacionais e sugerem uma inversão desse conceito, propondo uma análise baseada na transnacionalização.

Essa análise parte do princípio de que não há uma ruptura definitiva com o país de origem. Os novos migrantes mantêm vínculos e relações sociais com o seu país, estabelecem uma teia de relações sociais entre o local de origem e destino. Participam da vida familiar, da comunidade e outras instituições no seu país, mas também constroem possibilidades de participação no país hospedeiro. Neste sentido tornam-se *tansmigrantes*, vivem entre dois mundos com hábitos, valores e costumes diferentes, envolvendo assim uma infinidade de relações e conexões entre as duas sociedades, entre o local e o global. Essas conexões tornam-se possíveis apenas em um mundo globalizado.

Sendo assim, para a compreensão do novo processo de migração, inaugurado nos anos de 1960, é necessário lançar um olhar sociológico para esses dois mundos. Compreendendo que a transnacionalização provoca um sentimento ambíguo à saudade e ao desejo de retornar à terra natal assim como a apreciação pelo novo mundo de possibilidades e valores culturais e econômicos que se colocam no país hospedeiro, vivendo entre o desejo de retornar e o de ficar, a emigração não se efetiva plenamente. O migrante não é permanente porque tem sempre um projeto de retornar, faz investimentos na terra natal, mantém contatos estreitos com os familiares e amigos. Também não é temporário, porque na ambigüidade entre o desejo de retornar e o de ficar, vai criando relações com o novo mundo e assimilando valores e costumes. Torna-se, portanto, um transnacional.

Pode-se ainda argumentar que esta ambigüidade, estar aqui e estar lá, é característica dos emigrantes da primeira geração, que com o passar dos anos os emigrantes assimilados numa outra cultura não ficariam assim tão divididos, mas o que o enfoque transnacional propõe é justamente que: dadas todas as possibilidades de comunicação e transporte contemporâneos torna-se efetivamente mais fácil manter-se em contato. Essa seria a identidade multifacetada do emigrante dos novos tempos. (ASSIS, 1992, p.17).

Destacamos que nesta perspectiva teórica, além desses laços no plano individual e doméstico, esse movimento também envolve um nível de organização comunitária e política entre os dois lugares. Neste sentido podemos considerar que apesar do fluxo de migração de Governador Valadares para a região da Nova Inglaterra nos EUA produzir conexões transnacionais, contudo a participação política e comunitária é ainda pouco expressiva.³³

Para concluir esta revisão teórica, podemos considerar que na perspectiva de análise sociológica o fenômeno da migração internacional é um problema relevante, pois dado a sua intensidade, novas características e o processo de globalização, a migração internacional provoca impactos nos processos sociais. Nenhuma das perspectivas teóricas, isoladamente, é suficiente para a análise de tão complexo fenômeno.

A teoria neoclássica que centra a análise na correlação de forças presentes no mercado, ou seja, a condição econômica do país de origem e destino, percebe o migrante internacional como um sujeito racional que define sua decisão de migrar a partir da maximização de ganhos, não é instrumental analítico capaz de avaliar outras importantes variáveis como, por exemplo, o peso dos fatores sociais e culturais na construção do projeto.

Os novos economistas, diferentemente dos neoclássicos, não partem da idéia do funcionamento perfeito do mercado, pois centram a unidade de análise nos domicílios e não nos indivíduos. Além disso, percebem a migração como resultante da tomada de decisões não individuais, mas por unidades maiores. Este esquema teórico também é incompleto e não consegue captar todas as nuances dos fluxos migratórios. Aspectos como as novas configurações dos mercados de capital e do trabalho não são pensadas.

O esquema teórico histórico-estrutural, tanto na vertente do mercado de trabalho dual como no da mobilidade do capital, falham na compreensão do fenômeno. Isto porque a primeira vertente, ao estabelecer a existência de um mercado de trabalho secundário, com baixa exigência de qualificação, empregos precários e mal remunerados, para o qual os migrantes internacionais se dirigem e um mercado primário com altos salários e muita exigência quanto à qualificação, comete o erro do reducionismo do

³³ Destacamos aqui algumas iniciativas como a assinatura do acordo “*Sister City*” entre Governador Valadares e Framingham em 2004, com a visita do prefeito de Governador Valadares à cidade de Framingham e de uma comitiva desta cidade à Governador Valadares (ver foto anexo 2). Contudo, nenhuma ação concreta foi desencadeada a partir da assinatura deste acordo. Iniciativas para a formação de uma associação de parentes de migrantes em Governador Valadares conectadas com associações de migrantes em Framingham, Danbury e outras cidades da Nova Inglaterra, têm acontecido por iniciativa de políticos da microrregião de Governador Valadares, mas ainda são insipientes.

fenômeno às questões econômicas. A segunda vertente também dá ênfase aos aspectos macro, pois considera que a mobilidade do capital leva junto os trabalhadores, criando disruptura no país de destino. Esta perspectiva teórica também deixa de lado variáveis sociológicas importantes como os valores sociais que fundamentam os projetos individuais.

Consideramos que a teoria das redes sociais que dá ênfase a aspectos sociológicos importantes, como as relações sociais que formam as redes sociais e a noção da transnacionalidade, que se apresenta como um instrumento teórico, eminentemente sociológico para compreensão dos fluxos migratórios, são os instrumentos teóricos mais adequados para a compreensão e explicação do fenômeno da migração internacional.

As pesquisas que investigam o caso valadareense (ASSIS, 1995; SOARES, 2002; SALES, 1999) ilustram muito bem a concepção das redes sociais e da transnacionalidade³⁴. Vários emigrantes partiram e partem até hoje com o sonho de “*fazer a América*”, ou seja, trabalhar em alguma cidade dos Estados Unidos, fazer uma poupança e retornar. Para a concretização do projeto utiliza-se dos mecanismos disponibilizados pelas redes para emigrar legal ou ilegalmente, conseguem trabalho e dão início à poupança que permitirá o retorno em melhores condições. Durante o processo, mantêm laços estreitos com o país de origem, participando intensamente da vida familiar e comunitária; porém, assimilam os valores do país hospedeiro, mudam seus gostos e preferências e reavaliam seus projetos. O projeto de retornar vai sendo adiado, porém não é abandonado.

Alguns retornam com novas concepções, valores e costumes. Montam pequenos e médios negócios. Com isso dão nova configuração aos processos sociais das cidades de origem, dentre os que retornam muitos, depois de certo tempo, por diferentes razões, tornam-se emigrantes novamente, e *o estar aqui e estar lá* passa a ser sua perspectiva. Alguns mantêm casa e pequenos negócios na cidade e passam temporadas “aqui” e “lá”.

“[...] deixei meu emprego [...]. Fui pela fronteira [...] Aqui não tinha como dar uma vida melhor prá minha família. Ralei muito, mas [...] construí

³⁴ Aqui cabe um esclarecimento. O conceito de transnacionalidade é utilizado para estudar os grupos de migrantes de larga tradição para os EUA e para a Europa que têm laços econômicos, sociais, políticos, culturais e religiosos consolidados entre os dois lugares. Ao falar de transnacionalidade para a migração brasileira, do ponto de vista das relações familiares e econômicas, a migração brasileira e especificamente, da Microrregião de Governador Valadares cabe dentro do conceito de transnacionalidade, pois, constrói uma conexão particular com determinadas cidades dos EUA. Contudo, se as conexões econômicas são efetivas, as do ponto de vista comunitários não são tão concretas. Este fato não é específico desta Microrregião, outras cidades como Maringá, Criciúma e Goiânia têm ligações com outras cidades dos EUA.

*minha casa, levei 3 anos, mandava dinheiro para meu pai e ele ia olhando, administrando tudo. Ele mandava fotos, vídeos....Para eu escolher a cerâmica ele mandava os catálogos com os desenhos. Eu participei de toda a construção. Depois que terminou tudo, eu estava louco para voltar, aí minha mulher disse: e os móveis, como vamos comprar? Então trabalhei mais uns 2 anos e tanto. Mobiliei a casa, comprei um carro e ainda tinha um dinheirinho [dez mil reais] para investir em um negócio. Meu pai tava olhando uma padaria no bairro. Voltei [...] não deu nada certo, em menos de um ano tava na pior. Resolvi voltar, desta vez com minha mulher e depois os filhos [...]. Agora venho ao Brasil no final do ano para passar o natal com a família, fico um mês, depois vem minha mulher. [...] Nós ficamos em nossa casa, não quero vender, um dia quem sabe dá prá voltar [...]"*³⁵ (César, 45 anos)

Este depoimento mostra todo o complexo e instigante e, porque não, angustiante fenômeno da migração internacional de que a Microrregião de Governador Valadares é palco, desde os anos de 1960. Tratá-lo isoladamente à luz de uma teoria não é muito profícuo, pois como já anunciamos, nenhuma teoria dá conta de lançar luz sobre as nuances desse fenômeno. A perspectiva macro dá conta de explicar aspectos importantes, relacionados ao movimento do capital, enquanto que uma visão individualista, subjetiva e racional da decisão de migrar nos mostra uma outra face da moeda. Por esta razão, optamos por fazer uso de ambos os aspectos da análise sociológica.

Simmel (1858-1918), percebendo a riqueza do fenômeno social, toma como objeto de análise, aspectos diversos e comportamentos inusitados do cotidiano, demonstrando que a realidade social é rica e não se presta a um olhar míope. No item seguinte iremos contemplar a migração internacional na ótica desse sociólogo.

3.2 A aventura de migrar: uma explicação além da econômica

No texto *O estrangeiro*, Simmel discute a noção de proximidade e afastamento, de distância social, de vizinhança e isolamento. Demonstra que, nas relações sociais, o que importa não é somente o espaço geográfico, mas, também, as forças

³⁵ Entrevista realizada em 9/11/2000

psicológicas, os fatores espirituais, que aproximam, unem, distanciam ou separam as pessoas e os grupos. Essas são questões muito presentes nas relações do migrante internacional, que se desloca de um ponto geográfico para outro e que estabelece novas relações sociais com a sociedade de destino, mantendo as relações sociais com a sociedade de origem. O texto *o estrangeiro* apresenta um aporte analítico que permite uma reflexão sobre a situação do migrante nos EUA.

No texto *A aventura*, Simmel afirma que nossa atividade e experiência têm duplo sentido; ela é, ao mesmo tempo, centrada na experiência imediata e também na totalidade da vida. A aventura extrapola o contexto da vida. Corre fora de qualquer continuidade. A análise que Simmel faz nesse texto, fornece bases para entender as razões e motivos que levam as pessoas a entrarem na aventura de migrar para os EUA.

Para Simmel, o estrangeiro é alguém que chega a um determinado local e fica, mas não superou a liberdade de ir e vir. Fixa-se em um grupo espacial particular, ou um grupo cujos limites são semelhantes aos limites espaciais. Sua posição no grupo é marcada pelo não pertencimento original e por introduzir elementos novos ao grupo. Ele é um elemento do grupo, mas, também está fora e confronta o grupo.

Nessa relação de proximidade e distância produz-se uma tensão, e quando à consciência de só ser comum o geral, faz com que se acentue especialmente o não-comum. Esse aspecto não comum, na verdade, não tem nada de individual; é meramente a condição de origem. Por essa razão, os estrangeiros não são concebidos como indivíduos, mas, como estranhos de um tipo particular (SIMMEL, 1983b).

A situação do imigrante da Microrregião de Governador Valadares nos EUA, mesmo depois de se estabelecer economicamente, é de sempre se considerar um estranho, alguém de fora, que está permanentemente mantendo a intenção de voltar para casa. Os que conseguem legalizar-se, adquirindo o *green card* e posteriormente tornando-se cidadãos americanos, obtendo o direito de trabalhar, sair e retornar ao país, também têm presente esse sentimento. Muitos deles passam, periodicamente, férias no Brasil. Quando estão nos EUA, uma grande parcela desses migrantes sente que o espaço geográfico onde vivem e trabalham não lhes pertence, vivem em guetos, têm pouco relacionamento com os nativos, são poucos os que se integram totalmente à sociedade local.

“[...] aqui é muito bom para trabalhar e ganhar dinheiro, mas, o meu lugar é no Brasil [...] quando tiver atingido minha meta, volto para minha terra.”

(Alessandra, 32 anos)

“... aqui é lugar de ganhar dinheiro; lugar de viver é no Brasil.” (Eliseu, 52 anos)

“[...] venho sempre [ao Brasil] para recarregar minhas energias. Aqui tenho meus amigos, os parentes, a vida é muito melhor [...] aqui a gente vive.”

(Eliane, 48 anos)

Os brasileiros, nos EUA, sofrem discriminação, pois são vistos pelos nativos como “*espanos*”³⁶, uma classe de pessoas de segunda categoria. Contudo, são excelentes trabalhadores, principalmente pelo fato de executarem, com esmero, atividades de pouco prestígio (trabalham em atividades do mercado secundário), por uma remuneração bem abaixo do valor definido pelo mercado.

“Eles são educados, tratam a gente bem, mas, dá prá perceber que desconfiam da gente [...]” (Eliseu, 52 anos)

“[...] pagam bem, mas, são frios, tratam com indiferença; não dá prá fazer amizade.” (Marcos, 37 anos).

O emigrante é como o estrangeiro de Simmel: unifica a idéia de proximidade e distância, pois, fixa-se em um grupo espacial geograficamente definido, contudo, sua posição é marcada pelo não pertencimento. Por outro lado, também marca sua posição nesse grupo, levando elementos novos que dão nova configuração às cidades onde vivem. Um exemplo disso é a festa realizada em Nova York “*Brazilian day in New York*”, que acontece no dia 31 de agosto. Essa festa, realizada desde 1984, foi uma iniciativa de um grupo de valadarenses que queriam, à moda americana, comemorarem também o dia da independência brasileira. A festa ganhou notoriedade e hoje é considerada a terceira maior festa estrangeira em Nova York. (MARGOLIS, 1994). Um outro exemplo de como o espaço físico das cidades é reconfigurado pela presença dos imigrantes é o *downtown* de Framingham, Região Metropolitana de Boston, Massachusetts. Esta região era até a metade da década de 1980 uma área degradada e abandonada. Com a instalação de vários estabelecimentos comerciais étnicos de brasileiros a região passou a vivenciar um novo

³⁶ Os brasileiros buscam se distinguir dos “*espanos*”. Não aceitam ser identificados como tal, fazem questão de colocar-se como brasileiros, latinos, mas não “*espanos*”.

dinamismo econômico. Muitas lojas têm o mesmo nome das lojas de Governador Valadares, como pode ser observado na foto abaixo. Mabelle Boutique é uma loja famosa em Governador Valadares.

Foto 1 – Loja em Framingham



Fotografia de Sueli Siqueira, agosto de 2004

Simmel afirma que nossa atividade e experiência são centradas na experiência imediata e na totalidade da vida. Esses dois sentidos configuram cada conteúdo de vida. Experiências cuja significação poderiam ser semelhantes quando se referem a si mesmas são extremamente divergentes. “Se duas experiências, cujos conteúdos perceptíveis são semelhantes, uma é percebida como ‘aventura’, e a outra não, isto constitui aquela diversidade da relação com a totalidade da nossa vida, pela qual cabe a esta tal significado, que à outra não se coloca.” (SIMMEL, 1998, p. 171)

A aventura extrapola o contexto da vida. Corre por fora de qualquer continuidade da vida. É um corpo estranho na nossa existência. Recebe a coloração de um sonho. Afasta-se do ponto central do eu e do decurso da totalidade da vida (é como se outro vivesse a aventura), mas está ligada ao centro da vida ou da existência.

Diferente dos conteúdos da vida, a aventura tem começo e fim; tem sentido próprio, é independente dos outros conteúdos. “[...] seu começo e seu fim são determinados como ilha na vida, de acordo com suas próprias forças formadoras.” (SIMMEL, 1998, p. 173). Sua delimitação é orgânica. O aventureiro é o exemplo do homem a-histórico, do ser do presente; não é definido por nenhum passado e não há, para ele, futuro.

Ele introduz um sentimento central da vida, que é conduzido por meio da excentricidade da aventura e produz uma necessidade nova e significativa de sua

vida, justamente na amplitude da distância entre seu conteúdo causal dado pelo exterior e o centro da existência – unificador e doador de sentido. Entre o acaso e a necessidade, entre os fragmentos da realidade exterior e o significado unitário da vida desenvolvida a partir de dentro, está em jogo, em nós, um processo eterno, e as grandes formas, nas quais configuramos os conteúdos da vida, são as sínteses, os antagonismos e os compromissos destes aspectos fundamentais. A aventura é um deles. (SIMMEL, 1998, p. 175)

A aventura é o cruzamento do momento de segurança da vida com o de insegurança. O aventureiro trata o que é incalculável, como o que é calculável. Trata o insolúvel como se fosse solúvel. Aposta tudo no destino impreciso. O fatalismo para o aventureiro não se apresenta como tal, pois para ele, o improvável é provável. Ele confia em sua força; antes de tudo, confia em sua sorte. A crença na sua força e na sua sorte gera a segurança e a certeza. Quando essas certeza e segurança são desmentidas pelos fatos, mantém uma postura inabalável. Sua certeza e convicção estão enraizadas nos pressupostos de sua vida.

Como para o jogador, o que importa não é ganhar o jogo, mas estar jogando, para o aventureiro, o que importa é a violência do sentimento rasgado pela oscilação entre a felicidade e o desespero, a intensidade e o suspense com que a aventura lhe permite sentir a vida.

Nossa vida é perpassada, a cada passo, pelas tensões que constituem a aventura. Apenas quando essas tensões ficam de tal modo violentas, que elas passam a dominar a matéria na qual se perfaz, surge a aventura, pois ela não se baseia nos conteúdos que com ela são ganhos ou perdidos, desfrutados ou sofridos (SIMMEL, 1998).

A aventura é decerto apenas uma parte da existência, paralela a tantas outras, pertencente porém àquelas formas que – além de sua mera participação nas vidas e além de toda causalidade de seus conteúdos específicos – possuem a força misteriosa de deixar a totalidade da vida ser sentida em um instante. Instante no qual a vida se perfaz e que constitui um suporte que estaria apenas para sua realização. (SIMMEL, 1998, p. 187)

No texto *A aventura*, Simmel indica uma outra possibilidade, além da econômica, para explicar o desejo de emigrar para os EUA que é muito comum entre os valadarenses. Para Simmel a aventura extrapola o contexto da vida; está além da continuidade da linha da vida. É um corpo estranho à nossa existência. O projeto de emigrar é, para o emigrante, um tempo em que a vida pára. Quando constrói esse projeto, ele tem em

mente que, no decurso de certo prazo, em que a linha da vida estará em suspense, ele estará engajado na aventura da migração internacional; passado esse tempo, voltará ao contexto natural de sua vida.

“[...] vou ficar lá dois anos e meio, [...] depois, volto e termino a faculdade [...]” (Fernando, 21 anos)

“[...] já tem quase dois anos que estou aqui. Minha família ficou lá, esperando eu voltar. Volto ainda esse ano; aí, vou montar uma padaria e tocar a vida.” (Evaldo, 35 anos).

Para o aventureiro, o que importa é o presente, o aqui e agora. Trata o incalculável como se fosse calculável e, mesmo diante de provas de que a aventura é um risco com poucas chances de sucesso, ele mantém uma postura de convicção inabalável no sucesso de seu projeto. É assim com o emigrante que depois de tentar várias vezes, e sendo-lhe negado o visto de turista para entrar legalmente nos EUA, empreende um caminho sinuoso para entrar no país de forma ilegal – pelo México ou com passaporte falso. Mesmo diante de relatos e de informações veiculadas pela mídia, mostrando os riscos e perigos dessa empreitada, afirma e crê, com toda sua convicção, de que com ele tudo dará certo. Às vezes, tentam entrar pelo México, são presos e passam por situações constrangedoras; e, mesmo assim, tentam novamente. Como o aventureiro de Simmel, conta com a sorte e o acaso.

“Fui nove vezes no consulado no Rio de Janeiro e sempre o cônsul negava o visto. Fazia tudo direitinho [...] e não adiantava; negavam o visto. Então resolvi pagar um passaporte montado [...] custou nove mil dólares e não deu certo [...] fui presa e deportada. Foi horrível; fui algemada e tratada como bandida. [...] agora vou tentar pelo México; está tudo pronto [...] vou ainda essa semana [...] dessa vez vai dar certo [...]” (Elvira, 27 anos)

“A primeira vez fui com visto de turista [...] vim passear [no Brasil] e não consegui voltar; o visto de turista foi negado. Então, tentei pelo México. Foi um horror; me perdi do coiote e quase morri no deserto [...] minha sorte é que fui preso pela polícia americana [...] depois, tentei novamente e consegui. [...] hoje, fico pensando como tive coragem para fazer tudo aquilo.” (Graça, 42 anos)

No período de estada nos EUA, o emigrante trabalha no mercado secundário, em condições precárias. Chega a trabalhar 14 a 16 horas por dia. Submete-se a tipos de trabalho que não admitiria num contexto natural da vida. Muitas mulheres que tinham empregadas para os serviços domésticos em suas casas no Brasil, tornam-se serviçais nos EUA. Muitos homens trabalham em empregos de pouco prestígio, como construção civil, engraxate, lavador de prato, etc. Aceitam essa situação por considerá-la temporária; um período à parte do contexto de sua vida normal. Consideram o tempo de estada nos EUA como temporário. Grande parte deles não vê como definitiva sua permanência, mesmo que o retorno ao Brasil esteja sendo adiado há vários anos.

“Na minha casa, tinha duas empregadas. Aqui faço faxina, trabalho muito [...] Fico só mais um ano e volto [...]. O Brasil que é lugar de viver. A América é só prá ganhar dinheiro.” (Gisele, 39 anos)

“[...] trabalho feito um condenado. Não tenho tempo para me divertir. Todo dia saio de casa para o trabalho e volto para casa [...] já teve dia de trabalhar 18 horas seguidas. Trabalho em 2 e até 3 empregos [...]. Volto prá casa no final deste ano, e aí, vou viver melhor [...] lugar de viver é na terra da gente.” (Eliseu, 52 anos)

“[...] é verdade, aqui a gente aceita coisas que normalmente não aceitamos. Fazemos trabalho que nunca faríamos em outras condições; passamos por situações que jamais pensamos que ia passar [...] aceitamos isso porque estamos longe de casa e é por pouco tempo.” (Graça, 42 anos)

O emigrante, em alguns aspectos de sua vida se parece com o estrangeiro de Simmel: vive a tensão da proximidade e da distância, do pertencimento e do não pertencimento. Permanece como um estranho, alguém de fora, que está permanentemente mantendo a intenção de voltar para casa.

Aproxima-se, também, do aventureiro: vive o tempo de migração como se este não fizesse parte da totalidade da vida; é um tempo que corre fora de qualquer continuidade da vida. Submete-se a riscos contando com a sorte e vive, como emigrante, uma situação extremamente desfavorável; como se ela fosse temporária, mesmo que já perdue por mais tempo que o previsto e a possibilidade de retorno fique cada dia mais distante.

Sua aventura como migrante se situa fora do decurso contínuo da existência, mas está, contudo ligada a ela. A construção do projeto de emigrar passa sempre pela possibilidade de colocar a vida em suspensão, por um determinado tempo, e depois retornar a ela. Vive a aventura da emigração como algo à parte. Submete-se a situações de precariedade em busca da realização econômica, sem pensar no passado ou no futuro; vive o presente em toda a sua intensidade. Joga-se com toda a sua impetuosidade no projeto de ganhar dinheiro nos EUA, colocando em risco suas economias³⁷, sua saúde, sua vida e, até mesmo, a estabilidade da família.

A compreensão dos fatores que motivam as pessoas da Microrregião de Governador Valadares a migrarem para os EUA, torna-se mais clara quando pensada nesses termos. Não são apenas os fatores econômicos, a atração que o mercado de trabalho secundário dos EUA exerce sobre os trabalhadores, apresentando possibilidades de ganhos significativos, ou a formação de redes de relações estabelecidas entre os primeiros migrantes que criaram meios facilitadores para a migração; o motivo está também nos aspectos subjetivos, como o espírito de aventura desses migrantes.

“Graças a Deus tenho minha casa e tenho duas aposentadorias, não vim só por causa do dinheiro. Sabia que a vida aqui é dura e ser pego pela imigração é sempre um risco, mas, a vida em Valadares estava sem graça depois que fiquei viúvo e meus filhos casaram, então vim para conhecer e ganhar mais um dinheirinho, assim dá pra ajudar mais os filhos.” (Alex, 62 anos).

Este relato é de um professor aposentado que tinha um padrão de vida de classe média no Brasil, antes de migrar. Sua decisão de emigrar passou muito mais pela experiência da aventura do que pelos ganhos financeiros. Portanto, não é apenas o ganho ou a poupança feita em dólar, mas também a adrenalina, “[...] a oscilação entre a felicidade e o desespero, a intensidade e a suspensão com que a aventura nos permite sentir a vida.” (SIMMEL, 1998, p.184).

No próximo capítulo faremos uma pequena retrospectiva do Brasil em relação à migração internacional, situando a Microrregião de Governador Valadares nesse contexto.

³⁷ Muitos hipotecam todos os seus bens ou fazem empréstimos para financiar sua entrada ilegal nos EUA (via México ou passaporte falsificado), cujo custo fica em torno de sete a nove mil dólares.

CAPÍTULO IV – MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: BRASIL E MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES

4.1 O Brasil no contexto das migrações internacionais

Desde o descobrimento, o Brasil é um importante cenário onde se desenrola o fenômeno das migrações internacionais. Foi por meio delas que se formou a população e a cultura brasileira. A migração internacional foi também uma variável fundamental na história da economia nacional. Primeiramente, para tomar posse da terra, chegaram os portugueses; depois com o início da produção agrícola em grande escala, no período de 1550 a 1850 aproximadamente, três milhões de africanos entraram no Brasil. Essa migração forçada caracterizou uma fase do desenvolvimento econômico baseado na monocultura da cana-de-açúcar, seguida pela mineração do ouro.

Com o declínio do sistema econômico baseado na força de trabalho escrava e a implementação da cultura do café, na segunda metade do século XIX, teve início, em grande escala, a imigração européia, principalmente a italiana. Os estados onde se situavam as grandes lavouras passaram a financiar a imigração da força de trabalho. No período de 1880 a 1903 ingressaram aproximadamente 1.850.985 imigrantes europeus. No início do século XX, com a crise cafeeira e a proibição da emigração³⁸ por parte do Estado Italiano, devido às péssimas condições de trabalho, ocorreu uma drástica diminuição da entrada dos imigrantes italianos no Brasil (CAMARGO, 1981).

De 1904 a 1930, outra grande leva de imigrantes chegou; foram 2.142.781, principalmente poloneses, russos e romenos. Em 1927 o Governo do Estado de São Paulo acabou com o subsídio para imigração estrangeira. Esse fato teve como consequência uma súbita redução da entrada de novos imigrantes. De modo menos expressivo que os anos anteriores, de 1932 a 1935 registra-se a chegada de imigrantes japoneses. O fluxo torna a ascender, após a Segunda Guerra Mundial. “Nessa etapa predominavam as imigrações espanholas, gregas, etc. Considerando-se o período 1872-1972 (...) mais de 5 milhões de estrangeiros entraram no país. (PATARRA e BAENINGER, 1995. p. 80).

³⁸ O Decreto Prenetti proibia a emigração gratuita para o Brasil. São Paulo e os Estados do Sul financiavam o processo de imigração dos trabalhadores europeus, principalmente italianos. A imigração européia para o Brasil teve como um de seus objetivos não remunerar o escravo recém liberto como trabalhador livre. Além disso, existia uma política de branqueamento da população.

Até os anos de 1950 o Brasil era reconhecido como um país receptor de migrantes internacionais. “Em 1920, ela [imigração] respondia por 5,11% da população residente no país, enquanto que em 1980 essa participação reduziu-se expressivamente para 0,77%.” (PATARRA e BAENINGER, 1995. p. 80). Nos anos de 1960 percebe-se uma mudança desse caráter de receptor de imigrantes para fornecedor de mão-de-obra aos países mais industrializados. Para compreensão desse novo fenômeno na história do Brasil, é necessário analisar o panorama mundial, que é um dos componentes que configura esse novo movimento populacional.

A mobilidade, atualmente, é diversificada e ocorre a partir dos países periféricos em direção aos países centrais. Esse novo panorama da mobilidade está ligado à nova dinâmica do capitalismo, marcado, principalmente, pela globalização da produção. Esta é uma perspectiva da teoria histórico-estrutural que se assenta numa visão macro para explicar os novos fluxos migratórios. Sassen (1988) considera que o crescimento do atual fluxo de migrantes internacionais é consequência da reestruturação econômica que internacionalizou a produção e possibilitou o surgimento de um espaço transnacional que facilitou a mobilidade do trabalho. Como observamos no capítulo III, este esquema não é suficiente para explicar os fluxos migratórios, mas se constitui em um componente importante.

Nas últimas décadas do século XX teve início o processo de reestruturação produtiva. Esse novo paradigma é centrado na flexibilidade do processo de produção, do mercado, dos produtos e do consumo, que promove o aumento da competitividade configurando as cidades globais, gerando uma desconcentração industrial em nível mundial e profundas modificações nas relações de trabalho, que também se tornam flexíveis. De um lado o mercado demanda trabalhadores de alto nível de qualificação e por outro lado apresenta-se certa expansão de um mercado para trabalhadores não qualificados (CARNEY et al, 1993).

Na perspectiva da teoria da segmentação do mercado de trabalho, o segmento do mercado não qualificado é preenchido, nas cidades do Primeiro Mundo, pelo imigrante internacional. Este é um dos aspectos que tem configurado as novas correntes migratórias. No final do século XX, o espaço – tempo, dentro de uma perspectiva de diminuição das distâncias e do tempo, pela possibilidade de comunicação instantânea e transporte rápido, é uma outra variável importante para compreender as novas tendências das correntes

migratórias, pois as cidades globais são mais competitivas no mercado, o que assegura para o emigrante melhores possibilidades de trabalho e renda.

O encolhimento do espaço que faz diversas comunidades do globo competirem entre si implica estratégias competitivas localizadas e um sentido ampliado de consciência daquilo que torna um lugar especial e lhe dá vantagens competitivas. Essa espécie de reação confia muito mais na identificação do lugar, na construção e indicação de suas qualidades ímpares num mundo cada vez mais homogêneo, mas fragmentado. (HARVEY, 1993, p. 247).

Nessa perspectiva o fenômeno da migração internacional deve ser observado dentro da “complexidade da economia global atual que corresponde a certas desconjunturas fundamentais entre economia, cultura e política.” (PATARRA e BAENINGER, 1995, p.82).

Voltando o olhar analítico para o Brasil, como vimos no início deste capítulo, nosso país, no início do século XX recebeu uma leva de imigrantes europeus e asiáticos que compôs a força de trabalho. No período pós-guerra, a dinâmica de desenvolvimento se deu com a utilização da força de trabalho interna. Diferentemente de outros países da América Latina³⁹ que foram afetados com o fluxo migratório para os países desenvolvidos, não ocorreu nem evasão da mão-de-obra nem importação de trabalhadores para atender o mercado em expansão. O desenvolvimento sustentado pela internacionalização da produção com investimento de capital estrangeiro que ocorreu no período do governo de Juscelino Kubitschek, deu sustentação à criação de um parque industrial diversificado, que utilizou a mão-de-obra do mercado de trabalho interno, diferente do que ocorreu na Argentina que necessitou importar trabalhadores no período pós-guerra. Contudo, o movimento de migração interna foi decisivo para a formação de um mercado de trabalho que atendesse a demanda das regiões que se industrializavam, principalmente o sudeste. As migrações inter-regionais, neste período, foram expressivas e conseguiram evitar a falta de mão-de-obra nos centros industrializados do país.

Utilizando-se do referencial teórico histórico-estrutural, mas observando também os aspectos subjetivos e sociais, Singer (1978), em um texto clássico, analisa a migração interna do Brasil neste período, descrevendo sua importância para a formação do

³⁹ O México nesse período experimentou um fluxo migratório em direção aos EUA que perdura até os dias atuais.

mercado de trabalho e explica com criatividade e interlocução com as diversas linhas teóricas a movimentação populacional do Brasil.⁴⁰

Nos anos de 1980 começa uma diferente movimentação da população – a migração internacional. Os primeiros estudiosos desse fenômeno⁴¹ descrevem como principal causa a crise econômica vivida pelo país nesse período. Segundo Sales (1995) esse período, denominado de “década perdida”, além da inflação, desemprego e recessão da economia, representou, também, um momento de luta e mobilização da sociedade para a reconquista da democracia e pelo exercício da plena cidadania. Neste sentido, o fator político foi um componente importante na configuração do início do fluxo migratório internacional, principalmente.

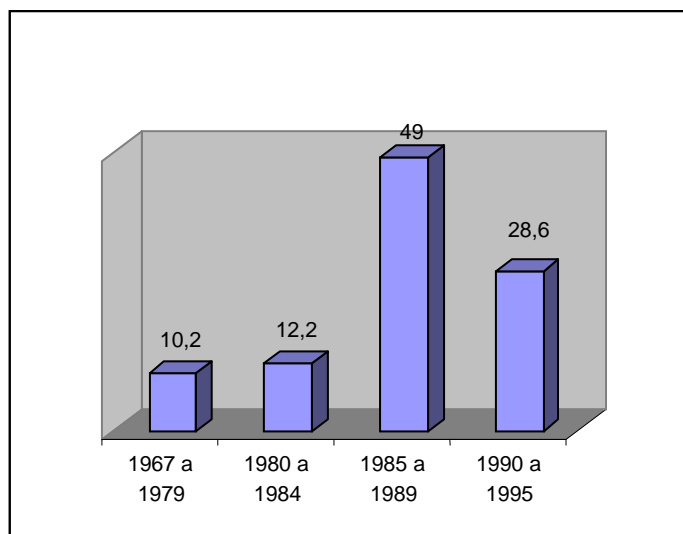
A região metropolitana de Boston é o destino de grande parte dos brasileiros que emigram para os EUA. No gráfico B se pode observar que o maior percentual (49%) de entrada de brasileiros nessa região coincide com o período de crise na economia brasileira. Margolis (1994) considera que os emigrantes brasileiros desse período são exilados econômicos que fugiram da crise que assolou o país, tornando impossível para a classe média manter seu padrão de vida. Por uma série de fatores, estruturais, conjunturais e subjetivos a emigração é vista, por parcela da população brasileira, como uma alternativa para enfrentar este período de crise.

Neste ponto é importante ressaltar que, apesar da crise esses migrantes partem de algum ponto específico como Governador Valadares, Criciúma, Maringá, para outros pontos específicos nos EUA. Não é de todas as cidades brasileiras que vivem a mesma crise econômica nacional que partem os brasileiros, mas de algumas cidades específicas. Isso demonstra que o direcionamento desse fluxo é motivado pelas redes sociais. Fusco (2005) realça que as diferentes cidades de origem dos migrantes brasileiros apresentam uma direção bem definido para os países de destino. Os Valadarenses se dirigem, com maior frequência Framingham, Danbury e Newark; Criciúma para Boston e Somerville e os goianos para São Francisco. Eles seguem a direção das redes sociais.

⁴⁰ “Se se admite que a migração interna é um processo social, deve-se supor que ele tenha causas estruturais que impelem determinados grupos a se pôr em movimento. Essas causas são quase sempre de fundo econômico [...]” (SINGER, 1978, p. 51) “[...] os principais fatores de atração da cidade são constituídos pelos laços sociais, decorrentes de uma situação de classe comum, entre migrantes antigos e novos.” (Idem, p.59)

⁴¹ SALES (1991), MARGOLIS (1994).

Gráfico B – Período de chegada dos imigrantes
Brasileiros na área metropolitana de Boston - 1995.



Fonte: Dados apresentados por SALES (1999, p. 18).

Segundo APPADURAI (1992), para pensar a imigração dentro da perspectiva das desconjunturas é necessário observar cinco dimensões. A primeira diz respeito aos grupos étnicos, os imigrantes, exilados e trabalhadores temporários. A segunda é a capacidade para produzir e disseminar informações; a terceira é a capacidade de inserção na economia global; a quarta dimensão refere-se à velocidade de movimentação de altas quantias de dinheiro e a última refere-se ao conceito de liberdade, bem estar social e democracia. Dentro destas questões é possível pensar a migração internacional de brasileiros na segunda metade dos anos de 1980, como resultantes de questões estruturais aliadas a fatores políticos que desencadearam esperanças e frustrações dos primeiros anos de redemocratização do país (SALES, 1995, p. 129). Realçamos que esta perspectiva analítica se encontra dentro de uma visão macro do fenômeno da migração internacional, pois o concebe como estratégias de mobilidade sujeita a constrangimentos estruturais.

Do ponto de vista econômico, dado o seu volume, a migração internacional tem sido um instrumento de transferência de divisas. Segundo o presidente da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, o montante da remessa enviada, em 2002, para os países em desenvolvimento é da ordem de US\$88 bilhões de dólares⁴². Os migrantes internacionais que fazem a remessa de dólar para seus países de origem estão inseridos em redes já

⁴² Folha de São Paulo 30/11/2003

estabelecidas e ocupam espaços transnacionais criados por laços econômicos e políticos, concentrados em cidades de destino.

A migração internacional de brasileiros, dentro desse novo contexto, é pouco significativa em termos de volume, se comparada a outros países, mas é consequência do mesmo processo de transformações econômicas e sociais, resultantes do novo paradigma da economia mundial.

O número de brasileiros que emigraram nos últimos anos é uma incógnita, isto porque grande parte dos migrantes internacionais, atualmente, são indocumentados. O destino da maioria dos brasileiros é os Estados Unidos, em razão, principalmente, das possibilidades de trabalho e das redes de relações que disseminam informações sobre o mercado de trabalho e criam mecanismos facilitadores para o processo de emigração. Segundo Martes (2005), a partir do início do século XXI, em torno de seis milhões de pessoas chegaram aos Estados Unidos. Deste grupo, 59% é originário da América Latina. Segundo o Ministério das Relações Exteriores 2,3 milhões de brasileiros emigraram, sendo que um milhão foram para os Estados Unidos.

As remessas para o Brasil têm crescido nos últimos quatro anos. Em 2004 o Brasil recebeu US\$5,6 bilhões de dólares de emigrantes brasileiros residentes nos EUA, Japão e Europa. Este montante representa 1% do PIB brasileiro. Deste total, somente US\$2,3 milhões foram contabilizados pelo Banco Central. A maioria das remessas chega por vias informais (MARTES, 2005).

A região de Governador Valadares contribui com o maior número de migrantes brasileiros que tomam a direção dos Estados Unidos. Esses emigrantes estão em contato direto com a cidade de origem e mantêm uma remessa regular de dólares que influencia a economia local (principalmente comércio e construção civil)⁴³ e dá nova configuração ao estilo de vida local.

⁴³ Pesquisa realizada por Soares (1995) demonstra a importância das remessas para o setor da construção civil.

4.2 Microrregião de Governador Valadares no contexto das migrações internacionais

Em 1997, num *survey* realizado por pesquisadores da UNICAMP ⁴⁴, estimou-se que 18% dos domicílios de Governador Valadares possuíam pelo menos um membro da família na condição de migrante internacional. Isso corresponde a 6,7% da população de 210 mil habitantes na sede do município ⁴⁵. Grande parte desses emigrantes tomou a direção da região de Boston.

Também em pesquisa realiza em Massachusetts, Martes (1999) dá conta de que 17% dos emigrantes entrevistados são de Governador Valadares, colocando assim, a cidade em primeiro lugar entre as 10 cidades brasileiras que mais contribuem como o fluxo migratório para aquela região.

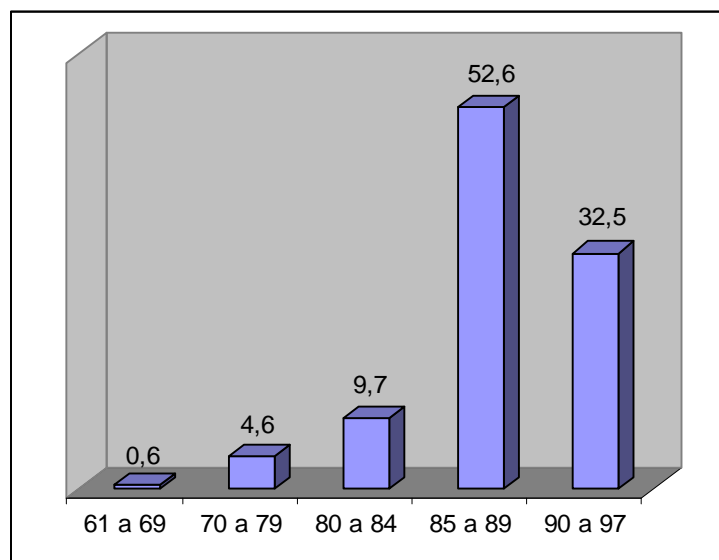
Soares (2002), em sua pesquisa também demonstra a importância dos fluxos migratórios internacionais para a dinâmica demográfica da região. Segundo esse pesquisador, no período de 1986 a 1991, a migração internacional respondeu por 62% das perdas líquidas da população da Região de Governador Valadares, isto é, 12 mil pessoas emigraram.

Semelhando o que ocorre no Brasil, na Região de Governador Valadares o fluxo migratório atingiu percentuais maiores exatamente, no período que se agravou a crise econômica, na segunda metade dos anos de 1980. No gráfico a seguir podemos observar a concentração da migração no período de 1985 a 1989 (52,6%).

⁴⁴ Os dados desta pesquisa são apresentados nos artigos referenciados na bibliografia: Scudeler (1999) e Sales (1999).

⁴⁵ IBGE, 1996 – Dados preliminares da contagem populacional.

Gráfico C – Distribuição dos migrantes valadarenses segundo período das primeiras migrações internacionais – 1997 (%)



Fonte: Dados apresentados por Sales (1999, p. 21).

Por que emigrar? Por que ir aos EUA? Para responder a essas questões, é necessário compreender, historicamente, as ligações da cidade com este país. Para Assis (1995), o fenômeno da emigração valadarenses pode ser compreendido, desvendando as conexões existentes entre esses dois espaços. Segundo essa pesquisadora, a emigração iniciou-se na década de 1960, de modo pouco expressivo, como pode ser observado no gráfico acima (0,6%), e acentuou-se a partir do ano de 1985. Destaca-se que 52,6% emigraram para os EUA exatamente no período de 1985 a 1989, anos de crise e desalento conforme assinalado acima. Este fluxo atingiu tal proporção que hoje, todas as famílias da cidade têm um parente ou amigo que é, já foi ou deseja ser um emigrante nos EUA. Esse movimento expandiu-se, também, para toda a microrregião de Governador Valadares. Atualmente, várias outras regiões (Criciúma, Goiânia, Belo Horizonte, Rio de Janeiro) contribuem para a formação do fluxo migratório de brasileiros para os EUA.

Assis (1995) descreve três momentos dessa conexão de Governador Valadares com os EUA. O primeiro momento foi na década de 40, durante a Segunda Guerra Mundial, com o ciclo econômico da extração da mica. Nesse período, a cidade recebeu muitos americanos que coordenavam os trabalhos, tanto de extração como de beneficiamento da mica. Essas atividades geravam muitos empregos, o que conferiu um dinamismo à vida econômica local. Além disso, nesse período, financiado pelo governo americano, foi construído na Cidade o SESP – Serviço Especial de Saúde Pública, com a

finalidade de tratamento da malária, que atormentava os moradores da região. Esse período de desenvolvimento foi associado à presença dos americanos.

O contato com o dólar recebido como pagamento ou gorjeta aos favores ou trabalhos prestados, cujo valor era muito acima da moeda brasileira, passava a idéia de opulência e fartura do local de onde vinham os americanos. Findo o ciclo econômico da mica, fica no imaginário popular a visão dos EUA como o *Eldorado*.

Grande parte da população da cidade já tinha vivido uma experiência de migração interna, pois eram pessoas vindas de diferentes partes do país, em busca de melhores condições de vida. Essa experiência, aliada à aproximação marcante na década de 40 com os EUA, possibilitou o surgimento de uma cultura de migração internacional.

Valadares constituiu um pólo que atraiu imigrantes de várias regiões do país em busca de melhores condições de vida. Nos anos 40 e 50 a migração fazia parte da experiência dos habitantes da cidade. Essas vivências combinadas com as representações que faziam da América são elementos que sugerem que em Governador Valadares se criou uma cultura de migrar para o exterior. (Assis, 1999, p.129).

Essa visão de que a migração internacional era um projeto possível e relativamente fácil de concretizar, permite compreender a saída dos primeiros valadarenses para os EUA, na década de 60. Eram jovens, aventureiros, de famílias de classe média que, hoje, no relato de suas experiências, demonstram como a cultura da emigração impregnou toda uma geração.

*“Fui pela primeira vez em 1962. Foi num intercâmbio, eu estudava inglês na escola de um americano que veio para Valadares na década de 40 e acabou ficando. Quando voltei, comecei a pensar em ir novamente, achei que era uma boa ganhar um dinheirinho (...) lá era mais fácil, poderia ganhar dinheiro, montar meu negócio aqui e ficar independente. Minha família sempre foi bem economicamente, mas, a vontade de ir não me largava. Acabei juntando com um amigo e indo. Fiquei 3 anos lá, voltei, montei meu negócio e hoje não me arrependo. (...) Vou pelo menos umas 3 vezes por ano, a negócio.”*⁴⁶ (Pedro, 65 anos, 2000).

Outras entrevistas realizadas com emigrantes dessa época demonstram que o desejo de “fazer a América”⁴⁷, ou seja, ganhar dinheiro para retornar com sua

⁴⁶ Entrevista do estudo, exploratória, realizada em 11/12/2000

⁴⁷ Terminologia usada pelos imigrantes, que significa trabalhar muito, economizar o máximo, para depois voltar.

independência econômica, não era definido por condições financeiras, tendo em vista que pertenciam a famílias de classe média. Quando inquiridas do porquê e de onde surgiu a idéia, nenhum soube precisar com clareza; o desejo de conhecer o novo e de acreditar nas possibilidades oferecidas na terra do “Tio Sam” foi a justificativa da maioria. Diferentemente do que Piore (1979)⁴⁸ coloca, os primeiros emigrantes da região eram escolarizados.

Esses primeiros emigrantes, em suas cartas ou ao retornarem, relatavam suas experiências, e a maioria demonstrava o sucesso da aventura por meio dos investimentos que faziam na cidade. Isso instigava e acalentava os desejos dos que aqui ficavam, de experimentar da mesma aventura. Parentes e amigos eram convidados a emigrar. Com certo tempo, um grupo significativo de brasileiros estava nos EUA “fazendo a América”. Foram esses primeiros migrantes que estabeleceram uma rede de relações, permitindo a emigração em grande escala, na década de 80. “[...] pessoas emigram para onde elas encontram conexões e uma certeza de familiaridade. Fatores econômicos são importantes na decisão de migrar, mas informações acerca das oportunidades são igualmente cruciais na decisão para migrar.” (MARGOLIS, 1999, p.157).

Nos anos 80, a emigração bem sucedida dos que partiram no final da década de 60, a representação dos EUA como um lugar de progresso e desenvolvimento, onde era possível ganhar muito dinheiro, a configuração de uma rede de informações sobre todos os aspectos da emigração, associados à crise econômica brasileira e à estagnação econômica da cidade, gerou um *boom* no fluxo de valadarenses para os EUA.

Ao definir o projeto, o futuro emigrante tem à sua disposição uma série de serviços e informações que facilitam a sua concretização. Através das redes, o morador da região, com certa facilidade, percorre todas as etapas do processo. Se a entrada nos EUA é por vias legais, através de visto de turista, existem as agências de turismo, que organizam caravanas para ir ao consulado, em São Paulo, informam os documentos que devem levar, como deve se trajar e o que dizer. O projeto geralmente é financiado pelos parentes ou amigos, que também emprestam dólares para a entrada no país. Se por vias legais não se consegue o visto, existem duas outras possibilidades: o passaporte falso ou a passagem pela fronteira do México. Para esses mecanismos, também existe toda uma rede de informações

⁴⁸ Piore (1979) afirma que quase sempre os primeiros migrantes são desqualificados, não falam o idioma do país de destino e freqüentemente são pouco escolarizados ou iletrados em sua própria língua.

acessíveis àqueles que desejam migrar. Às vezes, o desejo de migrar é tão forte que, antes de conseguir entrar nos EUA, o sujeito tenta todas essas formas de entrada.

“Eu tentei o visto cinco vezes. Não conseguia. Arrumava todos os documentos, minha tia passou a loja dela para o meu nome, meu pai passou a poupança dele para a minha conta, tinha carteira de trabalho assinada já há quase um ano e quando eu cheguei lá, o cônsul não me pediu nada, só disse ‘tente outra vez’. Eu tinha tudo certinho (...). Agora eu vou pagar três mil [dólares] para uma montagem [passaporte falso]. Se eu não conseguir o jeito é ir pelo México (...) é muito perigoso e mais caro, mas, vai ser o jeito [...]”. (Eloíza, 28 anos).

Nos últimos anos a dificuldade para conseguir o visto de turista para os nativos da região de Governador Valadares tem aumentado a utilização da via ilegal. Serviços de falsificação de documentos e meios de entrar nos EUA, através da fronteira do México, têm sido disponibilizados. Existem agências clandestinas especializadas nessas alternativas e conseguir entrar em contato com elas não é difícil.

Com a exigência do visto para o México⁴⁹, as dificuldades de entrar neste país e o aumento da fiscalização nas fronteiras americanas, têm-se criado outras alternativas. Uma delas é a viagem para Portugal e de lá para os EUA.

“Está cada vez mais difícil [...] com a exigência do visto a venda de passagem para o México caiu cerca de 80%.” (Josi, 39 anos proprietária de agência de turismo na Microrregião de Governador Valadares).

“Levo gente para a América desde 1995. Meu meio é seguro, pra você ter uma idéia levei minha mulher e meus filhos duas vezes [...] meu canal não tem deserto nem rio, é um esquema seguro[...]. Agora está muito difícil porque a gente já é barrado no México, mesmo tendo o visto, que já é uma dificuldade. Estou abrindo este canal de ir por Portugal, mas ainda é inseguro, caro e muito arriscado. Só levei um grupo [...] tenho que melhorar o esquema. (Caetano, 39 anos, cônsul⁵⁰ na Microrregião).

Nas entrevistas realizadas com os brasileiros desta microrregião, constatamos que 32% entraram nos Estados Unidos através da fronteira do México e 12% com passaporte falso. O aumento da fiscalização, depois do atentado de 11 de setembro de 2001 é sentido pelos brasileiros indocumentados. Em entrevista relatam o medo de dirigir e ser

⁴⁹ A partir de outubro de 2005 o México passou a exigir visto dos cidadãos brasileiros.

⁵⁰ Cônsul é a forma como são denominados os agenciadores. São aqueles que fazem as transações para a entrada nos EUA através da fronteira do México.

pego pela polícia que checa os dados com a Imigração⁵¹. O número de prisões tem aumentado segundo dados da Polícia Federal. Em entrevista concedida em agosto de 2006 o delegado Ricardo Amaro informou que existem vinte e cinco mil brasileiros presos nos EUA. Eles foram detidos no período de novembro de 2004 a maio de 2005. Este número é cinco vezes maior do que os registrados entre os meses de novembro de 2002 e 2003, período em que foram detidos quatro mil e quinhentas pessoas. Sabe-se que grande parte destes deportados são oriundos da Região de Governador Valadares, contudo a Polícia Federal não tem o registro dos dados desagregados da região.

Apesar de todas as dificuldades, o fluxo dos habitantes da região para os Estados Unidos não cessa, mas sofre algumas mudanças a partir das limitações impostas pela política de migração do governo americano. O Delegado Rui Antônio da Silva⁵² informa que após o anúncio da exigência de visto para o México houve uma corrida para tirar o passaporte e antecipar a viagem antes que a lei entrasse em vigor. Antes da divulgação dessa notícia o número de solicitação da emissão de passaportes que era em média de 50 a 60 por dia, passou para 180 nos meses que antecederam a entrada da lei. Hoje está em torno de 90 por dia, o que indica que a migração internacional para diversos países, mas especialmente para os EUA não cessa.

Ao elaborar o projeto de migrar, primeiramente, tentam o visto de turista, geralmente utilizando as agências que fazem o agendamento para a entrevista no consulado americano, dão as informações do que vestir e de como se comportar e fazem o traslado de ida e volta até o consulado em São Paulo. O custo dessa etapa está em torno de seiscentos reais; muitos, na certeza de que dificilmente conseguirão o visto pulam esta etapa, outros tentam três ou quatro vezes. A outra forma é pela aquisição de passaporte montado⁵³ e a entrada pela fronteira do México. Independente da forma de entrada, a segunda etapa é fazer contato com alguém nos Estados Unidos para recebê-lo, hospedar por algum tempo e indicar trabalho. Geralmente vão para casa de parentes ou amigos. Tudo isso é possível graças às redes de relações existentes na cidade de Governador Valadares que mantêm uma conexão com os EUA.

⁵¹ Isso passou a ocorrer no Estado de Massachusetts e Connecticut

⁵² Entrevista realizada em 04 de maio de 2006.

⁵³ Esse mecanismo ficou mais difícil depois que a foto no passaporte e as impressões digitais passaram a ser digitalizadas.

CAPÍTULO V – EMIGRANTES DA MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES NOS EUA: QUEM SÃO? COMO VIVEM E TRABALHAM?

Este capítulo discute os projetos, as condições de vida e de trabalho dos emigrantes que residem na região da Nova Inglaterra e sua intenção de retornar e investir na Microrregião de Governador Valadares. Analisa, também, os que retornaram e que, por algum motivo, não obtiveram sucesso em seus investimentos e tornaram a emigrar para os EUA. Portanto, os dados discutidos neste capítulo referem-se aos migrantes do grupo II – o sonho frustrado e grupo III os que projetam retornar.

A pesquisa foi realizada no período de 29 de julho a 02 de setembro e 05 a 12 de dezembro de 2004. Foram aplicados 141 questionários a residentes das cidades de Boston, Framingham, Somerville, Bridgeport, Newark, Danbury e Fairfield, cuja cidade de origem no Brasil está situada na Microrregião de Governador Valadares. Os sujeitos da pesquisa foram encontrados nos estabelecimentos de comércio e serviços étnicos, tais como: lanchonetes, salão de beleza, lavanderias, restaurantes, padarias e supermercados freqüentados por brasileiros. Além da entrevista formal, foram realizadas 23 entrevistas em profundidade, de onde foram extraídos os relatos apresentados.

5.1 Perfil do migrante

Nos gráficos abaixo, observa-se que os migrantes que fazem parte da amostra são homens (48,9%) e mulheres (51,1%), em sua maioria casados (61%), na faixa etária de 20 a 40 anos (58%).

Gráfico 1

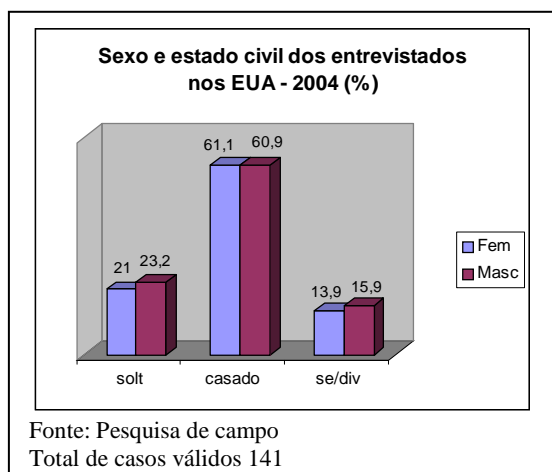
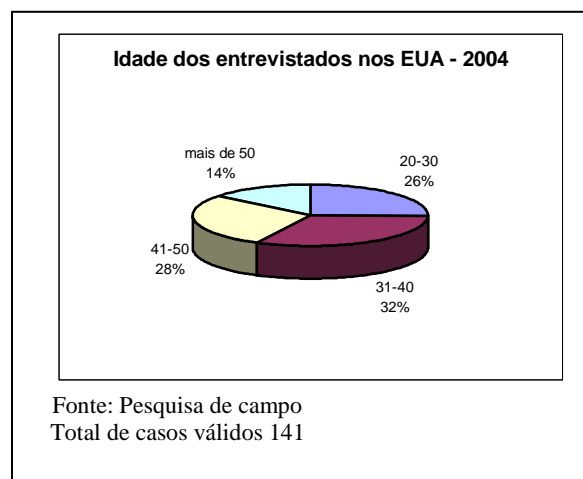


Gráfico 2



É interessante destacar que o percentual de mulheres na amostra é ligeiramente maior que dos homens (1,1%). Pesquisas anteriores como a realizada por Sales (1997), Assis (1994), Scudeler (1999), Fusco (2005) destacam uma predominância do sexo masculino entre os emigrantes. Estes mesmos autores já assinalavam, em seus estudos, uma tendência do crescimento, ao longo do tempo, do número de mulheres migrantes. Indicam que a possibilidade deste aumento está relacionada com o amadurecimento das redes e com o fato de as mulheres se servirem melhor das redes de parentesco. Outro dado que destacamos é o número de mulheres e homens casados que emigram serem quase equivalentes. Pesquisas do início da década de 1990 indicavam um percentual maior de homens casados migrando para os EUA. Esta tendência também está mudando, pois o percentual de homens e mulheres casados está muito próximo (0,2% em favor do sexo feminino).

Gráfico 3

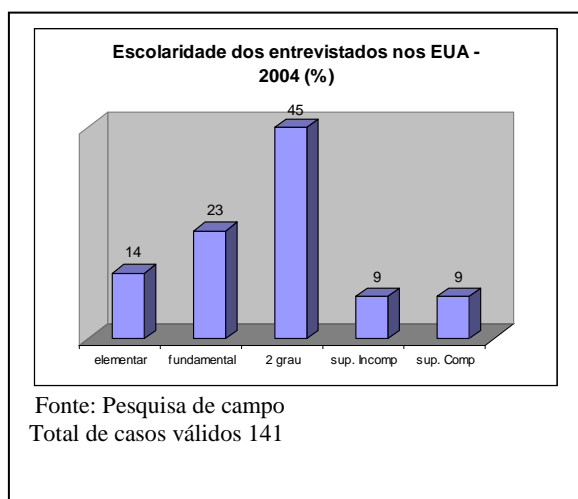


Gráfico 4

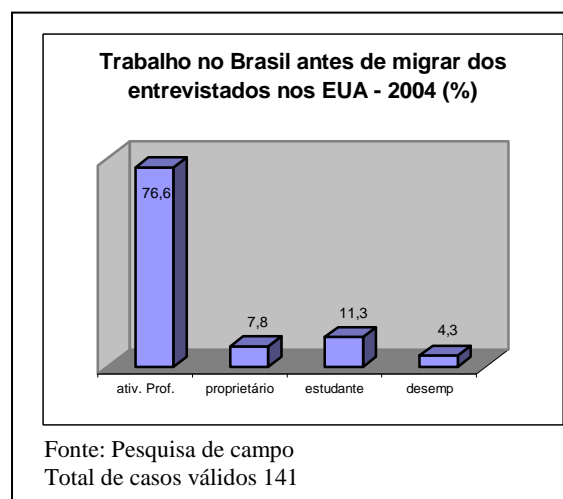
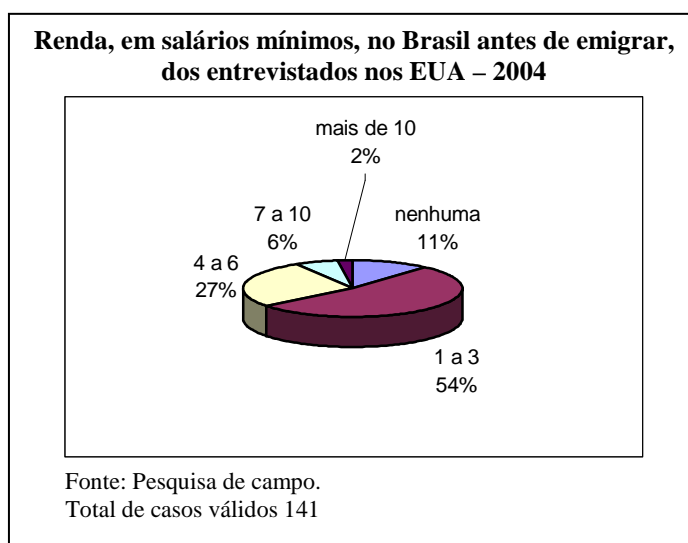


Gráfico 5



Os dados sobre a educação da microrregião (Censo 2000) demonstram que 50,37% dos responsáveis por domicílios possuem o ensino fundamental; 18,83% o segundo grau e 8,89% o terceiro grau. De acordo com os dados da pesquisa de campo realizada nos EUA (gráfico 3) verificamos que o grau de instrução dos entrevistados é superior ao da população da microrregião, pois apenas 23% possui o ensino fundamental, 45% o segundo grau e 9% o terceiro grau completo. Isto confirma os dados de outras pesquisas (SALES, 1999; MARTES, 1999; SCUDELER, 1999) que demonstram que os emigrantes brasileiros possuem nível educacional médio. Contudo, Scudeler (1999) apresenta em suas pesquisas que comparando o nível educacional dos migrantes valadarenses nos EUA com outros fluxos mais tradicionais como do Reino Unido, Coréia, Filipinas e Canadá os migrantes valadarenses estão pior situados, mas se comparados aos mexicanos, apresentam mais anos de escolaridade.

É interessante observar no gráfico 4 que apenas 4,3% dos entrevistados estavam desempregados quando emigraram, 76,6% exerciam alguma atividade profissional e 7,8% tinham seu próprio negócio. A renda da maior parte deles (53%) era de até três salários mínimos, quando residiam no Brasil. Aliando estes dados aos vários relatos, como no exemplo abaixo:

“Trabalhava no Brasil no comércio, era vendedora na Casa Franklin [...] estudava a noite e o que ganhava era para meus gastos, mas não via futuro, quando minha prima me chamou e emprestou o dinheiro para eu vim,

aproveitei [...] se tivesse ficado não teria o que tenho hoje [...].” (Edna, 48 anos).

Podemos considerar que estes emigrantes da amostra não foram movidos por necessidades econômicas prementes, mas pela pouca perspectiva econômica da região e pelas possibilidades que o mercado de trabalho no país receptor lhes oferecia, além da facilidade de acessar aos mecanismos que possibilitam a migração construída pelas redes sociais. Estes mecanismos auxiliam a organização da viagem em relação à documentação e a recepção e a colocação no mercado de trabalho nos EUA. Neste sentido, consideramos que a migração para os EUA se dá por um conjunto de fatores, desde fatores de expulsão no país de origem, como de atração no país de destino, tendo em vista que estes fatores são resultados de um movimento global do capital, além das redes sociais que são formadas, configurando assim o fluxo migratório desta região para os EUA.

5.2 Condição de emigração

O principal motivo que move os habitantes da Microrregião de Governador Valadares a emigrar para os EUA é a questão econômica, a busca de ganhar dinheiro, este foi o motivo declarado por 58% deles. Ganhar dinheiro para adquirir bens no Brasil e melhorar de vida. Observa-se que 28% afirmam que emigraram para encontrar com filhos (as), esposos (as) e pais. É interessante ressaltar que 84% desses, emigraram a partir de 1990. Este dado demonstra que muitas famílias estão se reencontrando nos EUA e repensando seu projeto de retorno. Alguns, adiando ou definindo os EUA como país de moradia. O relato abaixo confirma essa afirmativa. A mãe emigrou em 1988 e trouxe os 3 filhos a partir de 1998, quando tornou-se cidadã americana.

“[...] assim que terminei meu segundo grau, eu vim encontrar com minha mãe e meus dois irmãos que estavam aqui. [...] Minha mãe tem um schedule de casa e precisava de uma pessoa de confiança para ajuda; então resolvi vim [...]”. (Aninha, 21 anos)

A forma de ingresso nos EUA, que é o principal país de destino de grande parte é com visto de turista (52%). Contudo, 32% entraram pela fronteira do México. O custo da viagem para a maioria (48%) é de oitocentos a dois mil dólares. Esses são os que entram com visto de turista, cujo gasto inclui as idas à embaixada americana para conseguir

o visto, a passagem e a hospedagem nos EUA. Mesmo não indo ficar em hotel, geralmente são recebidos por familiares ou amigos, fazem a reserva do hotel para garantir a entrada no país quando passarem pela imigração. Os que entram pela fronteira do México gastam em torno de cinco a nove mil dólares (25%).

A viagem é financiada por parentes ou amigos nos EUA (39%) e no Brasil (23%). Destaca-se que 38% informam que utilizaram recursos próprios. Geralmente, lançam mão de uma poupança, da venda de bens como carro, moto, lote, casa, ou pegam empréstimos em bancos ou financeiras.

Gráfico 6

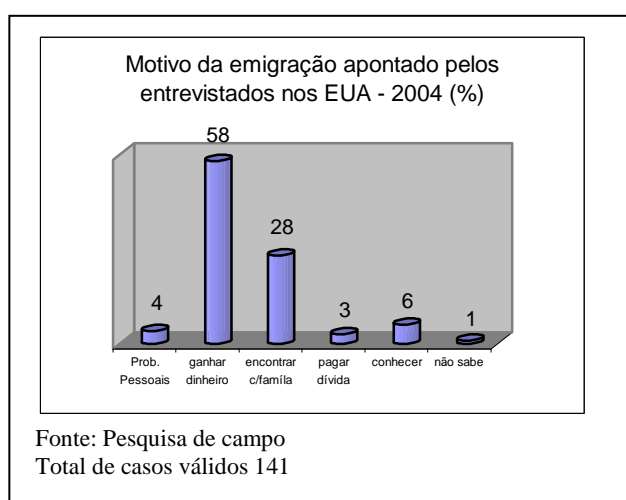


Gráfico 7

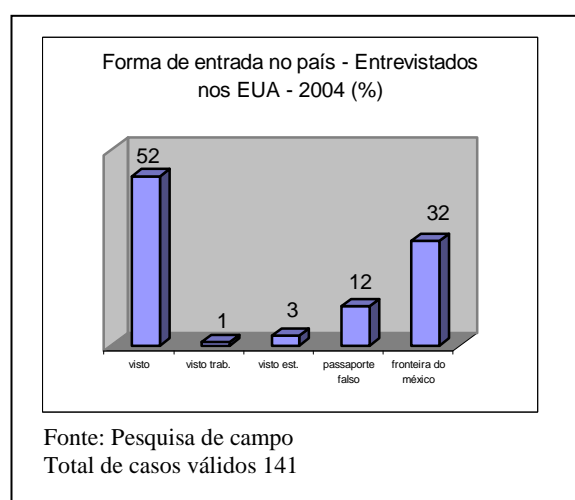


Gráfico 8

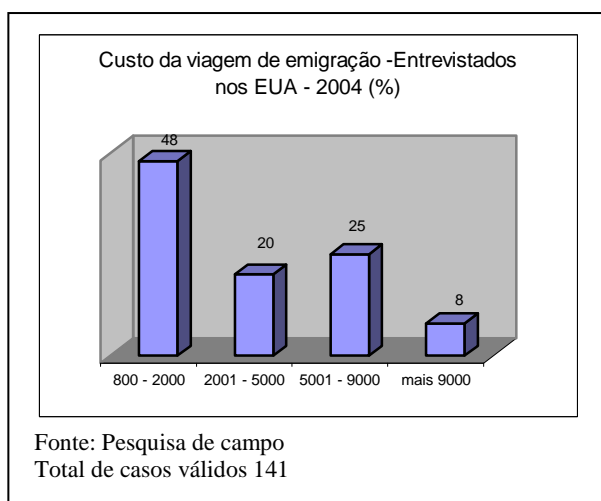
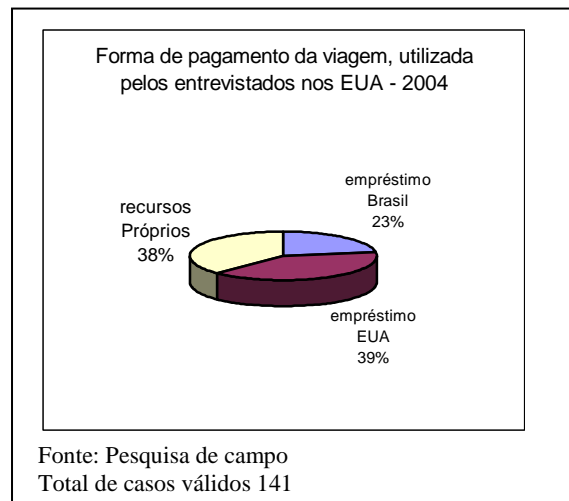


Gráfico 9



Estes dados permitem considerar que esses emigrantes, em sua maioria, estão empregados e possuem certa condição financeira, tendo em vista que o projeto de emigrar é

dispendioso. Buscam, não o atendimento de necessidades básicas imediatas, mas uma melhoria da condição de vida ou a manutenção do padrão de vida. O acesso a bens de consumo que dificilmente poderiam adquirir para si e para sua família é considerado, pelos imigrantes da amostra, com uma recompensa pelas dificuldades enfrentadas num país estrangeiro.

“Aqui tenho meu carro, posso manter o carro lá para minha família, posso dar de presente para meus filhos os joguinhos que eles querem [...] minha mulher mudou todos os móveis, fez do jeito que ela quis [...]. Com o que ganho aqui [...] posso dar este conforto para meus filhos. Eles estudam no Ibituruna [escola particular na cidade de Governador Valadares], posso comprar tudo o que eles precisam [...] neste natal vou mandar para eles um jipe motorizado, vai ser um sucesso lá na rua.” (Jorge, 42 anos)

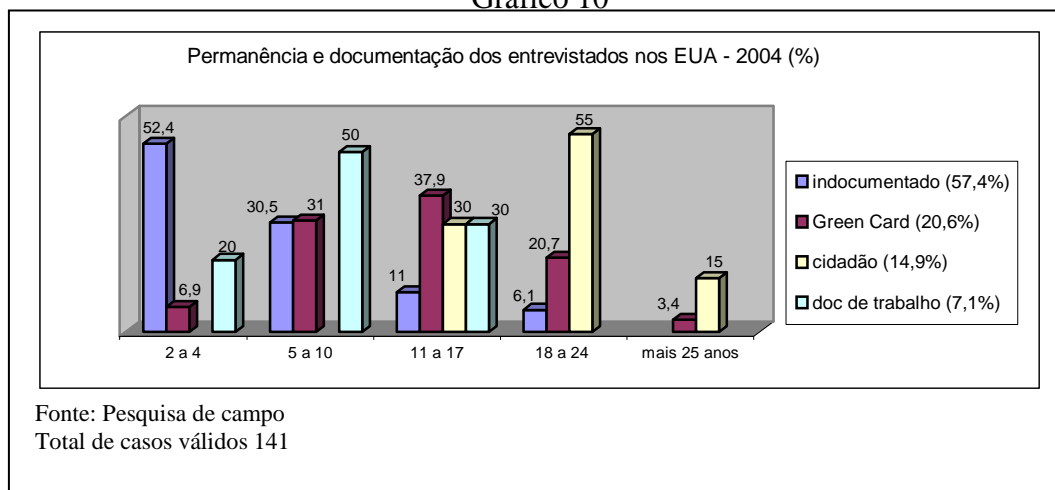
Jorge, quando emigrou tinha casa própria e recebia três salários mínimos por mês, contudo, percebeu a impossibilidade de dar para a família melhores condições de vida e viu na emigração a chance de dar uma boa instrução formal para os filhos além de possibilitar o acesso a bens de consumo. Hoje tem o *Green Card* e passa pelo menos 3 meses do ano no Brasil. Não pretende levar a família para morar nos EUA porque considera que *“lugar de criar família é no Brasil, aqui é lugar de ganhar dinheiro”*.

Santos (2001, p.49) afirma que *“[...] a globalização acirrou o consumo e tornou-se um veículo de narcisismo que por meio de seus estímulos estéticos, morais, sociais, aparecem como o grande fundamentalismo do nosso tempo, porque alcança e envolve todos em uma escala global”*. Canclini (2003) afirma que a globalização facilitou a passagem de capitais, mercadorias e das mensagens da mídia de um país para outro, muito mais do que de pessoas. Segundo ele *“A globalização é imaginada mais facilmente para os mercados que para os seres humanos”*. O consumo de bens antes considerados supérfluos passa a ser essencial, justificando todo o sacrifício de um empreendimento como migrar, afastar-se da família e de seu local de origem para ter acesso aos bens encantados do mundo globalizado.

5.3 O trabalho nos EUA

Grande parte dos emigrantes da amostra da pesquisa realizada nos EUA é indocumentado (57,4%), contudo 20,6% têm *green card* e 14,9% já são cidadãos americanos. No Gráfico 10, pode-se observar que a maioria dos indocumentados (52,4%) está nos EUA entre 2 e 4 anos. É oportuno observar no gráfico abaixo que à medida que o tempo de permanência aumenta, aumenta também a legalidade quanto a documentação.

Gráfico 10



As atividades profissionais que exercem estão situadas no mercado secundário. São atividades de pouco prestígio social e de baixo salário na sociedade americana. Trabalham na construção civil (27%), como *housecleaner* (16,3%), *baby sitter* (12,1%), *delivery* (9,5%). Como demonstram o gráfico 11 e 12, a maioria trabalha de 6 a 10 horas por dia (58,9) e tem dois empregos (33%). É interessante notar que 22,7% são proprietários de algum negócio como: empresas de pintura, de reforma e construção, de jardinagem e comércio étnico⁵⁴. Algumas mulheres que trabalham na faxina têm um *schedule* (49,2%), ou seja, um conjunto de casas onde fazem limpeza. Estas empregam duas ou três ajudantes (50,8%). Geralmente as ajudantes são recém chegadas, não possuem carro e não conseguem se comunicar em inglês.

“Tenho um schedule de 20 casas e tenho 3 ajudantes. Pego todas elas em casa. Fazemos o trabalho juntas.[...]. Gasto em média três horas em

⁵⁴ Assim como outros grupos de migrantes, os brasileiros constroem mercados étnicos onde circulam bens simbólicos que reforçam a identidade nacional. Esses bens são de diferente natureza, vão desde o leite moça à rapadura vendida no mercado municipal de Governador Valadares. Os negócios étnicos são, portanto, empreendimentos cujo proprietário e trabalhadores são da mesma etnia e comercializam bens e serviços de largo consumo para essa etnia (REITZ, 1980). No caso dos brasileiros na Nova Inglaterra são mercearias, padarias, restaurantes, lojas de roupas, salões de beleza, agencias de carros e venda de passagens aéreas, etc.

cada casa. Dá para ganhar uns três a três mil e quinhentos por semana, depois de tirar o das ajudantes fico com uns dois mil.” (Alzira, 62 anos)

“[...] as ajudantes ganham entre 50 a 80 dólares por dia, depende se é uma bem esperta ganha mais. Assim que aprendem o serviço e começam a falar um pouquinho de inglês já vão fazer seu próprio schedule e deixam a gente na mão [...]”. (Eliane, 48 anos).

Gráfico 11

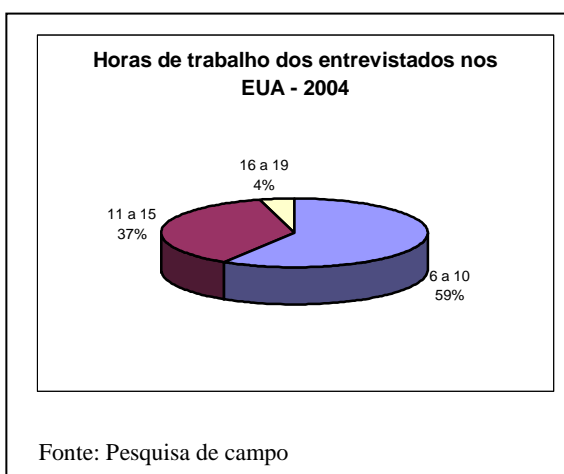
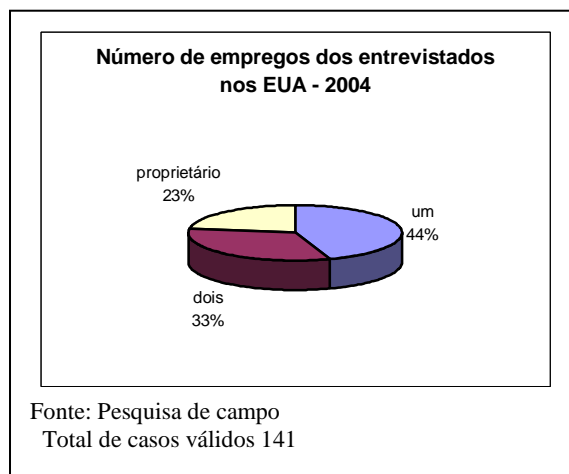
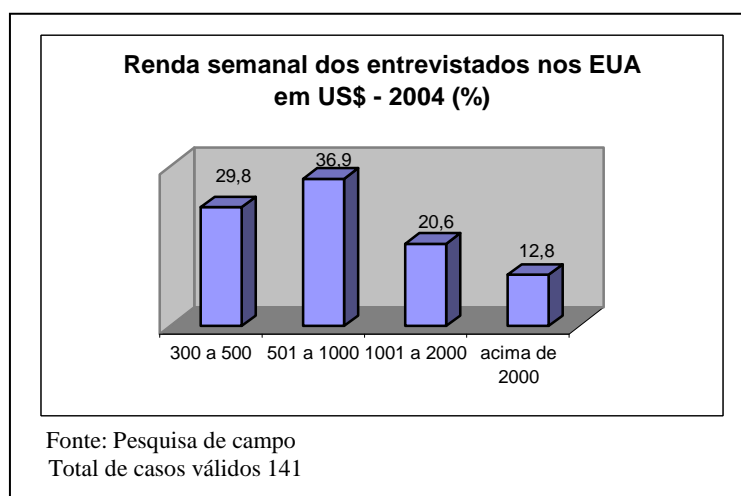


Gráfico 12



A renda semanal mínima dos emigrantes é de trezentos dólares, contudo, a maioria dos entrevistados/as (36,9%) recebe entre quinhentos e um a mil dólares por semana. Os proprietários de empreendimentos ganham mais de dois mil dólares por semana (12,8%)

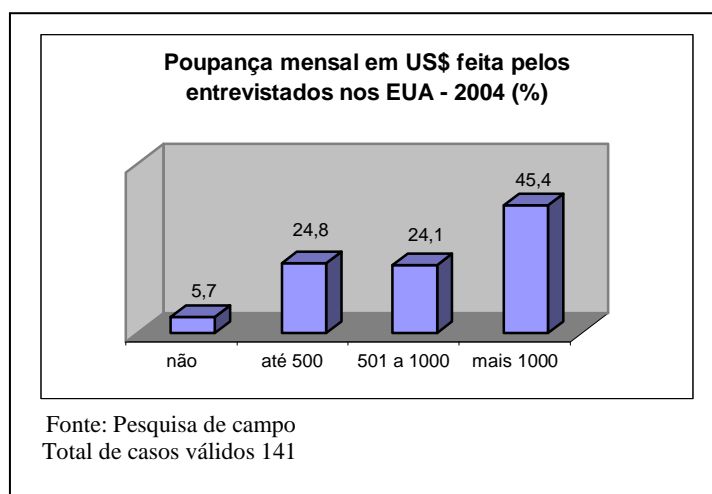
Gráfico 13



5.4 Poupança e investimento na Microrregião de Governador Valadares

Tendo em vista que o motivo principal da emigração é ganhar dinheiro para melhorar de vida, fazer poupança é uma meta do emigrante. O valor ganho por mês varia de acordo com o período do ano, o que determina também o valor poupado mensalmente. Por exemplo, os serviços de construção civil, jardinagem e pintura nos meses de inverno, são reduzidos. Para as pessoas que fazem faxina em domicílios, os meses de menos trabalho são os das férias escolares, quando as famílias viajam e não demandam o trabalho de limpeza doméstica. No gráfico 14, os entrevistados informam quanto é possível poupar em média por mês. Percebe-se que apenas 5,7% dos entrevistados declararam não fazer poupança. A maior parte deles são os emigrantes recentes, que ainda não recebem o suficiente para poupar ou estão pagando o financiamento da viagem para os EUA. Dentre os 93,4% dos que afirmam fazer poupança, a maioria (45,4%) poupa acima de mil dólares por mês, em média.

Gráfico 14



“[...] ainda não deu pra guardar dinheiro; estou pagando o dinheiro que meu irmão me emprestou pra vim. Termino este ano, aí começo a guardar [...]”. (Jerônimo, 32 anos agosto de 2004 – 2 anos nos EUA).

“O que ganho é o suficiente para minhas despesas, só depois de agosto, quando trabalho aumenta, é que eu vou começar a guardar [...]” (Meire, 23 anos, agosto de 2004 – 2 anos nos EUA).

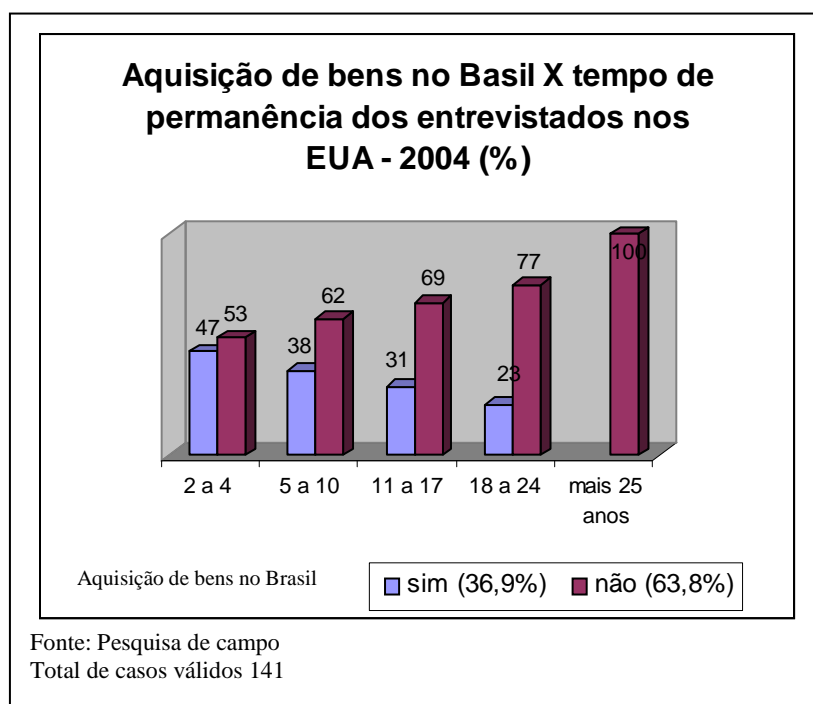
“[...] penso que vim pra cá e não guardar dinheiro é burrice. Todo mês eu guardo pelo menos 500 dólares, [...] minha meta é conseguir guardar mil dólares por mês,

mas, ainda não conseguiu um bom schedule [...]” (Jorgiana, 38 anos, dezembro 2004 – 5 anos nos EUA).

O gráfico 15 mostra que 63,8% dos entrevistados não adquiriram bens no Brasil. Observa-se que dentre estes, a maioria (53%) está nos EUA há cerca de 2 a 4 anos. Outros 36,9% adquiriram bens no Brasil, dentre os quais é interessante destacar que no mesmo período de 2 a 4 anos, 47% fizeram investimentos no Brasil. A principal razão desta diferença está na forma de entrada aos EUA. Aqueles que entram pela fronteira do México ou com passaporte falso, e que chegam aos EUA com uma dívida de 8 a 12 mil dólares, geralmente levam em torno de um ano e meio para pagá-la.

Este gráfico demonstra também, que quanto maior o tempo de permanência, conseqüentemente, melhores ganhos, menor é o percentual dos que adquirem bens no Brasil. À medida que o tempo passa o imigrante vai se adaptando ao estilo de vida e ao trabalho. Com melhores ganhos, o aprendizado da língua inglesa (mesmo que minimamente para exercer seu trabalho e movimentar-se na sociedade americana), e a documentação necessária para viver nos EUA sem constrangimentos, podendo vir ao Brasil para matar a saudades da família e amigos, ele começa a se sentir mais confortável na sociedade americana e passa a adiar seu projeto de retorno. Isso fica mais evidente quando consegue reunir parte da família e adquire casa nos EUA.

Gráfico 15



Nas entrevistas em profundidade, pôde-se observar entre os documentados (*Green Card* ou cidadania) que a opção é por adquirir bens, principalmente casa, nos EUA.

“No início comprei casa, lotes, até uma chácara no Brasil, mas, acabei vendendo tudo e investindo aqui. Montei esse restaurante. [...] mando sempre dinheiro pra ajudar minha irmã [...] pago a faculdade do meu afilhado [...]. Vou de 2 em 2 anos ao Brasil, para ver os amigos e parentes e recarregar as baterias.” (Nilcéia, 62 anos, 35 anos nos EUA – entrevista em agosto 2004)

Nilcéia tem quatro irmãs e dois irmãos nos EUA, além dos dois filhos e dois netos e vários sobrinhos e primos. Tem o domínio da língua inglesa e diz se sentir confortável como imigrante. Um dia pretende voltar a viver no Brasil – *“[...] mas só quando não agüentar mais trabalhar [...] aí vou vender minha casa e comprar uma chácara em Chonim e viver da minha aposentadoria daqui [EUA]. No Brasil dá pra viver bem, mas aqui não dá.”*

O gráfico 16 demonstra que a casa é o investimento preferencial dos imigrantes (38,3%) propriedade rural (24%) e lote (10,9%). Destacamos que 30% dos que declaram que investiram em casa, já possuíam a casa própria. Compram uma segunda e até terceira casa ou apartamento como investimento para alugar.

Gráfico 16

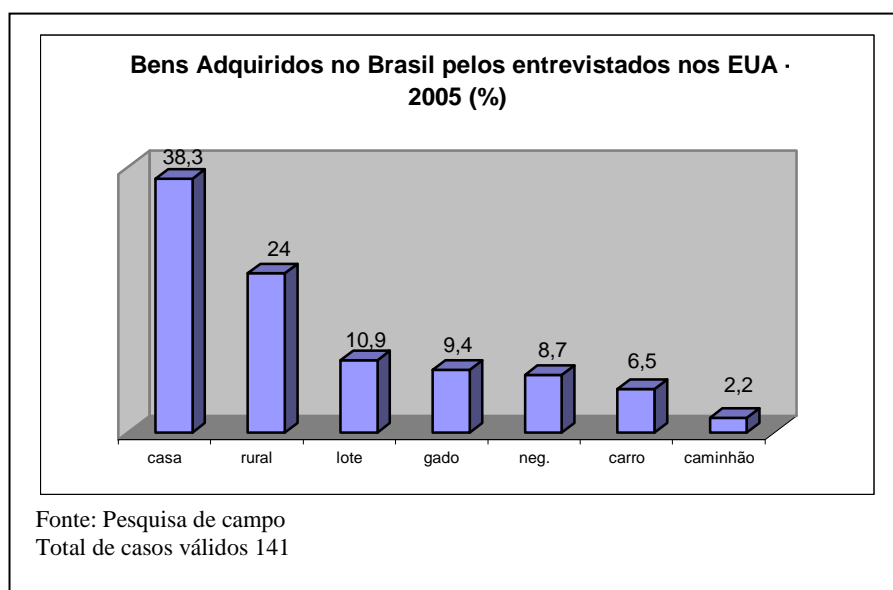
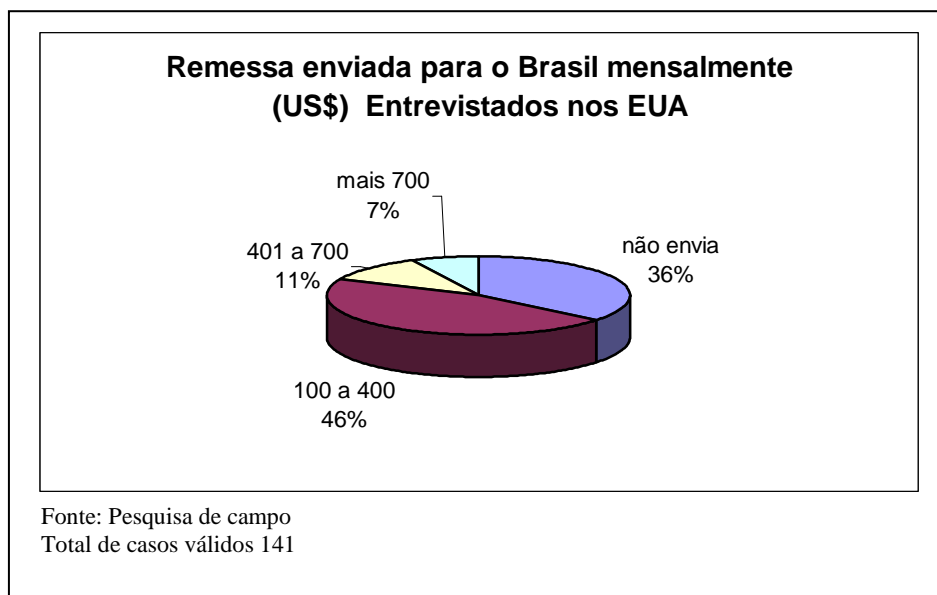


Gráfico 17



A presença e a ligação dos imigrantes com a cidade de origem podem ser observadas pelo envio de remessa mensal para o Brasil (gráfico 17). Dos entrevistados, 36% não enviam mensalmente dinheiro para as despesas de seus familiares. Entre os 64% que enviam, a maioria (46%) remete valores entre 100 a 400 dólares mensais, e outros 11,3%, mais de 400 a 700 dólares.

Estas remessas são importantes para a economia local, pois através delas o comércio é dinamizado e investimentos produtivos são realizados, como veremos no capítulo V.

5.5 O cotidiano do emigrante na Nova Inglaterra – O lazer e a religiosidade

A vida do emigrante brasileiro nos EUA é centrada no trabalho. Como já demonstramos, trabalha em média 10 horas por dia e sete dias por semana. Quando perguntados sobre o que fazem nas horas de folga para se divertir foi muito comum ouvir “*Estou aqui para trabalhar, nas horas de folga eu durmo ou vejo tv brasileira*”. Quase todos têm assinatura dos canais brasileiros e as horas de descanso são preenchidas assistindo a esses canais.

Eliseu mora próximo à praia. Perguntei por que ele não freqüentava a praia próxima de sua casa, nos dias de folga. Ele me respondeu “*pra ir à praia tenho que deixar de trabalhar, perco no mínimo 50 dólares e, além disso, vou gastar 10 dólares de estacionamento. Quando aparece, prefiro pegar os bicos [pequenos serviços de carpintaria], nos dias que estou ‘off’* ⁵⁵ *fico em casa assistindo a Globo ou no MSN conversando com amigos, assim não gasto nada.*” (Eliseu, 52 anos, sete anos nos EUA).

Neste relato fica claro como a vida é monetarizada pelos emigrantes. As horas de lazer são computadas como as horas que deixou de ganhar dinheiro. É impressionante como o emigrante assimila o “espírito americano” em relação aos ganhos monetários.

Lembra-te de que tempo é dinheiro. Aquele que pode ganhar dez xilins por dia por seu trabalho e vai passear, ou fica vadiando metade do dia, embora não dependa mais do que seis pence durante seu divertimento ou vadiação, não deve computar apenas essa despesa; gastou, na realidade, ou melhor, jogou fora, cinco xilins a mais. (Discurso de pose do presidente dos EUA Benjamin Franklin citado por WEBER, 1996, p. 29).

Weber utiliza o discurso de Benjamin Franklin para demonstrar como o espírito do capitalismo está impregnado na cultura americana. Considera que nestas palavras está presente mais do que uma simples técnica de vida, mas, sim, uma ética particular cuja infração é o esquecimento do dever que é o trabalho como vocação, não mais para glorificar a Deus como na ética protestante, mas para ganhar dinheiro.

O depoimento de Eliseu segue a mesma lógica, com uma diferença, para Eliseu esta ética tem um tempo e um espaço definido. “[...] *estou aqui para ganhar dinheiro, não para me divertir.*” Ou ainda quando diz “*aqui é lugar de ganhar dinheiro, lugar de viver é no Brasil.*”

Esta perspectiva acompanha todo o cotidiano do imigrante. Seu tempo é contado pelo valor da hora de trabalho, sendo assim, ao fazer um favor como ir buscar alguém no aeroporto, recebê-lo em sua casa por alguns dias, conseguir o primeiro emprego para ele tem um custo contabilizado monetariamente e depois cobrado, pois para fazer estes favores ele deixou de trabalhar e, portanto deixou de ganhar dólares.

⁵⁵ É a forma como se referem aos dias de folga. Eliseu trabalha em uma firma de construção civil, é carpinteiro e depois do trabalho e nos dias de folga realiza pequenos serviços de carpintaria.

Essa é uma dificuldade que o brasileiro quando chega pela primeira vez não consegue entender e denomina esta atitude como falta de solidariedade ao dizer “*aqui brasileiro fura o olho de outro brasileiro.*” À medida que esse recém chegado vai compreendendo essa lógica monetarizada da vida ele também vai repetindo a mesma história.

Tudo isto não significa que o imigrante brasileiro não é solidário, ao contrário, o crescimento do fluxo de residentes da Microrregião de Governador Valadares para a Região da Nova Inglaterra só é possível pela solidariedade que permeia os laços das redes sociais. Contudo, a vida num país estrangeiro não é regida pelos mesmos códigos do país de origem e os laços de solidariedade são marcados também pelas transações monetárias.

“[...] ela ficou na minha casa mais de um mês, até aprender o serviço, conseguir dirigir e arrumar um trabalho de ajudante de faxina [...] enquanto isto ela me dava um ‘help’ eu dava para ela vinte ou trinta dólares por dia, mas ela aprendeu o serviço e depois foi cuidar da vida dela [...] uns cinco meses depois é que ela pagou as despesas do tempo que ficou na minha casa. [...] não acho errado cobrar quando passo um serviço, eu levei tempo para conseguir, acho errado quando cobram muito.” (Alzira, 62 anos)

Só mesmo pelos laços afetivos e solidários assim como pelas redes sociais é possível um morador da cidade de Pescador, com 4.037 habitantes, que nunca viajou mais do que 500 km além de sua cidade, nunca viajou de avião, chegar ao aeroporto de Nova Iorque e duas ou três semanas depois estar trabalhando. A solidariedade existe, porém ela tem um custo. Esse imigrante pagará por tais favores. Enquanto que no seu país de origem o pagamento poderá ser outros favores ou simplesmente a gratidão, nos EUA, a hospedagem, a alimentação e a corrida do aeroporto até a cidade onde permanecerá e a indicação do trabalho será cobrado num ponto futuro.

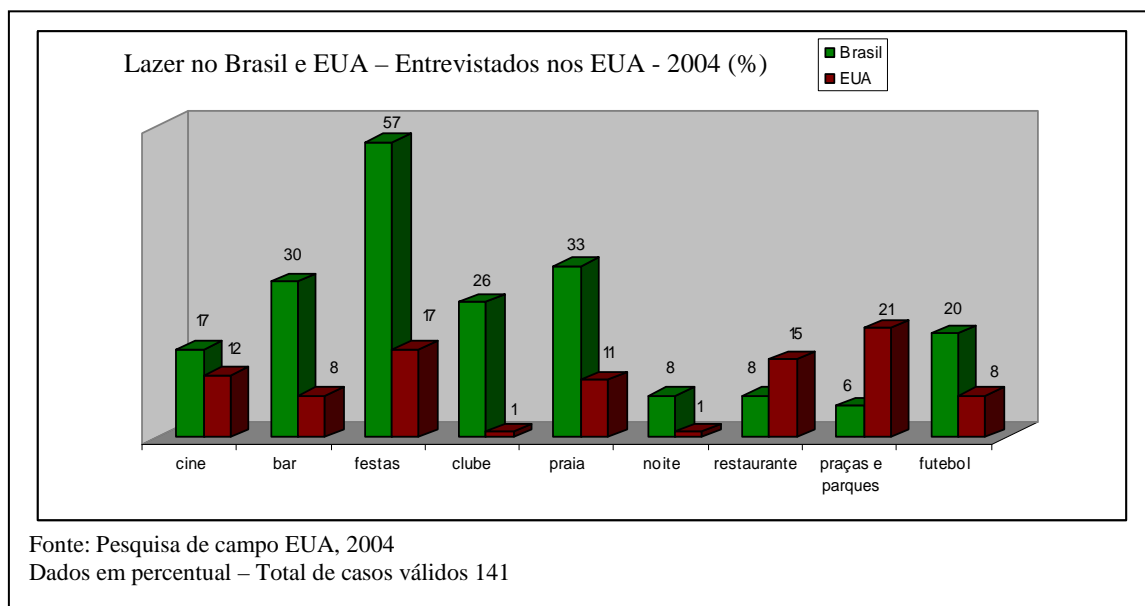
Portes (1995) considera que a capacidade dos indivíduos de acionar todos esses mecanismos só é possível pelo pertencimento a redes sociais. Através dessas redes é possível ter acesso não só a bens econômicos, mas também informações, dicas de emprego, etc. À capacidade e habilidade do indivíduo de mobilizar esses recursos, Portes denomina de “capital social”. Destaca que o recurso em si não se constitui no capital social. Para ele o conceito se refere a habilidade de acionar estes recursos quando necessário. Estes são

gratuitos; é uma dádiva, contudo, o recurso adquirido por meio do capital social, deverá ser retribuído num tempo futuro.

Fusco (2005), Margolis (1994) e Martes (2000) também descrevem como as redes e o mercado de capital social funciona entre os migrantes brasileiros nos EUA, demonstrando a importância de ter acesso a estes mecanismos tanto para concretizar o projeto de migrar como para transitar na sociedade de destino.

Quando solicitados a comparar as atividades de lazer que praticavam no Brasil antes de emigrar e atualmente nos EUA (gráfico 18) podemos observar que apenas as atividades de frequência a praças e parques e restaurantes é maior nos EUA do que no Brasil. Em relação à frequência a restaurantes, vale a pena ressaltar, que estes são espaços importantes de sociabilidade. Diferente do Brasil onde ir a um restaurante jantar é um programa especial, lá, é freqüente, após o trabalho, com as roupas de trabalho, passar nos restaurantes, lanchonetes e padarias⁵⁶ para fazer uma refeição e encontrar os amigos e conhecidos. É o local onde também podem trocar informações sobre trabalho. As praças e parques também são espaços utilizados mais nos EUA do que no Brasil.

Gráfico18

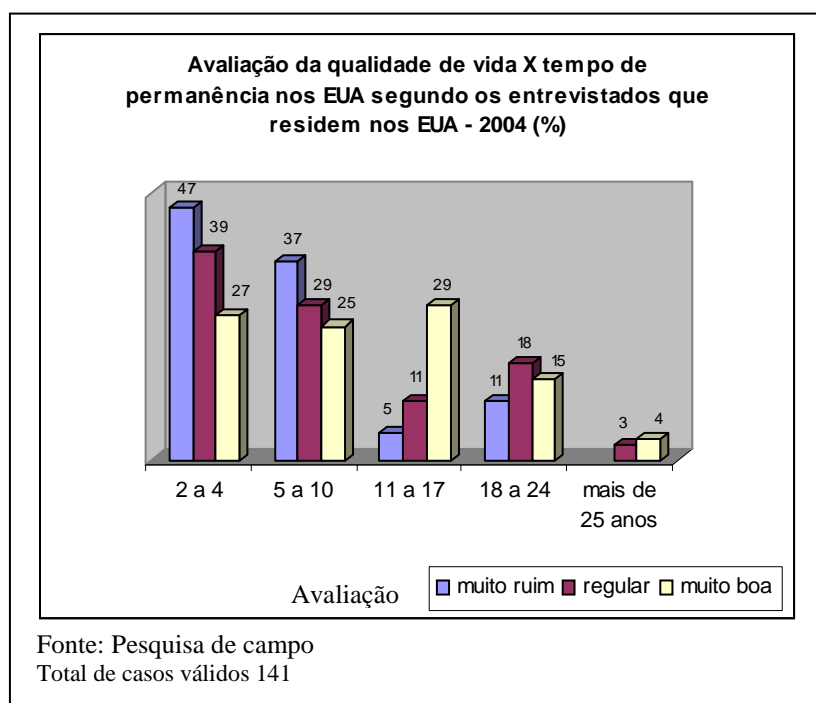


⁵⁶ São comércios de propriedade de brasileiros que vendem também produtos típicos de consumo dos brasileiros. Em algumas cidades estes empreendimentos estão agrupados em áreas próximas, o que Portes e Rumbaut denominam de *spatial clustering*. São empresas comerciais e de serviços de propriedade de migrantes que empregam migrantes da mesma nacionalidade que comercializam produtos direcionados a estes migrantes com alta representação simbólica. Este tipo de comércio existe também nos outros grupos de migrantes como os espanhóis, mexicanos, portugueses, etc. (PORTES and RUMBAUT, 1996). Foto 2 e 3 são exemplos desses espaços.

Apesar de descreverem suas vida com pouco lazer e muito trabalho, quando solicitados a classificar de um modo geral a vida nos EUA, podemos observar no gráfico 19 que à medida que o tempo de permanência aumenta a avaliação vai ficando mais positiva. Entre os que estão nos EUA, num período de até quatro anos, existe um número maior (47%) de pessoas que classificam como muito ruim enquanto que 27% como muito boa. Entre os que estão num período de 5 a 10 anos 37% consideram muito ruim e 25% muito boa.

A partir dos que estão mais de 10 anos começa a inverter-se a avaliação. O percentual dos que avaliam como muito boa é maior que a dos que avaliam como muito ruim.

Gráfico 19

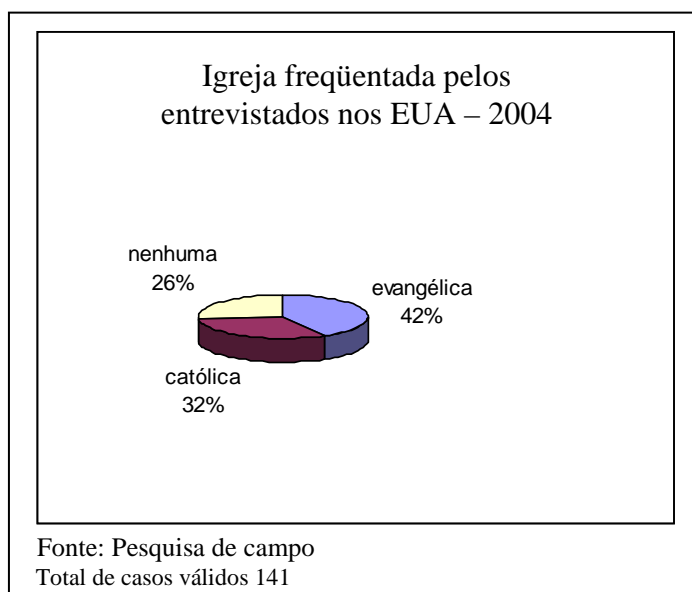


É interessante destacar que dentre os que pretendem voltar nos próximos dois anos para o Brasil, 74% consideram a vida muito ruim; já aqueles que definiram os EUA como seu lugar de moradia, apenas 5% consideram muito ruim, 48% muito boa e 47% regular.

Um outro espaço importante para sociabilidade e lazer são as igrejas. O gráfico 20 demonstra que a maioria dos entrevistados (73,8%) freqüentam semanalmente a igreja. Destes 41,8% são evangélicos e 32% católicos. Apenas 37% declararam não ir frequentemente à igreja. Os templos evangélicos, geralmente, funcionam em templos

alugados de antigas igrejas tradicionais americanas. Algumas igrejas conseguem adquirir o templo, por meio de campanhas de doações realizadas entre os membros. Quando estive em Framingham, em agosto de 2004, a Igreja Presbiteriana do centro da cidade estava em plena campanha para conseguir quinhentos mil dólares a fim de dar de entrada e financiar o restante na compra do templo que estava sendo vendida por um milhão e seiscentos mil dólares. Esta igreja possui mais de 600 membros, sendo todos brasileiros. O Pastor é brasileiro, do Estado de Minas Gerais, região de origem de 80% dos membros. Após os ofícios religiosos há um momento de confraternização. Nesse momento é servido um lanche e por cerca de uma hora as pessoas conversam informalmente. “É o melhor momento da minha semana, sei que estou entre amigos e não tenho o que temer.” Disse-me uma freqüentadora do culto na igreja Presbiteriana de Framingham.

Gráfico 20



As igrejas, além de serem um espaço importante de sociabilidade são também espaços onde se encontra ajuda para conseguir trabalho, assistência jurídica e social. Na entrada existe um painel com anúncio de empregos, casas para alugar, serviços de interprete e ensino da língua inglesa.

Martes (1999) já indicava que o principal motivo para os brasileiros participarem das igrejas, católicas ou evangélicas é a idéia de que nelas encontram um

espaço seguro de sociabilidade, confiança e ajuda mútua. Neste espaço a sensação incômoda de desraizamento, insegurança por ser indocumentado é esquecida por alguns momentos ⁵⁷.

5.6 Projeto de retorno para o Brasil

Vários estudos⁵⁸ realizados sobre a emigração brasileira para os EUA e de grupos de migrantes de outras nacionalidades, ressaltam que a idéia do retorno está implícita no projeto de migrar. Margolis (1994) descreve uma categoria que denominou de “migração iô-iô” para caracterizar aqueles migrantes que vão e retornam por várias vezes sempre numa perspectiva de um retorno definitivo para seu país de origem. DeBiaggi (2004) destaca que o retorno à terra natal (*homeland*) além de determinantes econômicos como montar um negócio, está presente outro componente como a necessidade de voltar às raízes para reencontrar com sua identidade, sua família e os amigos. “Para esses retornados, as vantagens sociais e culturais sobrepõem-se às vantagens econômicas encontradas fora e aos custos e o declínio do poder de consumo.” (DeBiaggi, 2004, p. 144).

O retorno para a terra natal apresenta-se para alguns mais difícil do que a decisão de emigrar⁵⁹. O estranhamento no reencontro com a família e em relação aos costumes, a sensação de não se reconhecer pertencente ao seu local de origem, torna-se angustiante para alguns emigrantes que retornam. O espaço geográfico e social, as pessoas idealizadas durante os anos de emigração já não são os mesmos. “[...] *mudou tudo, as pessoas são diferentes, é tudo muito desorganizado [...]*” diz Mário (52 anos) em seu relato sobre as dificuldades de retorno.

Sayad (1998) também compartilha a idéia de que na emigração sempre perpassa a idéia de transitoriedade e conseqüentemente do retorno ao país de origem. Da mesma forma, os que ficaram na terra natal pensam na ausência como temporária. Mesmo aqueles que já estão por um longo período no país estrangeiro, afirmam em seus relatos “*um dia eu volto ... quando não aquecer mais trabalhar ou quando meus filhos forem*

⁵⁷ Destacamos aqui que as igrejas, além de espaço de sociabilidade, se constituem também em espaços de realização da vida religiosa e consolidação dos valores morais. É um local de reprodução da vida social e do sentimento de pertencimento ao Brasil e da própria religiosidade, que tem um impacto significativo na vida dos imigrantes. Nesta tese não é nosso objetivo estar analisando este espaço num contexto de redes religiosas, mas é importante destacar a importância deste espaço de religiosidade na vida dos migrantes e destas redes na trajetória do migrante.

⁵⁸ MARGOLIS, 1994; SAYAD, 2000; FERREIRA, 2001; DeBIAGGI, 2004.

⁵⁹ “[...] *voltar [para o Brasil] é mais difícil que ir [para os EUA].* (Mário, 52 anos)

independentes.” Esse discurso permeia várias entrevistas, comprovando, assim que o retorno está indubitavelmente ligado à migração. Sayad (1998) considera que o emigrante vive em uma dupla contradição – o estado provisório da migração e o prolongamento desse estado por tempo indeterminado

Velho (1999) escreve a trajetória migratória de uma família açoriana que emigra para os EUA. Analisa a construção familiar do projeto de ida e retorno e as mudanças de perspectiva nessa trajetória. Enquanto os pais pouco assimilaram a cultura da nova sociedade, os filhos frequentaram a escola americana e participaram mais efetivamente do estilo de vida americana. Analisando a trajetória dessa família, Velho (1999) demonstra as ambigüidades e os conflitos que surgem. Apesar do projeto ser familiar, construído a partir de um contexto de rede de relações sociais que incluía o retorno, ao longo da trajetória o projeto foi reelaborado de modo diferente pelos membros da família. A idéia de fazer a América era compartilhada por todos, contudo, os pais preocupavam-se com os aspectos materiais e os filhos queriam usufruir a sociedade e os valores americanos.

Essa análise é propícia para compreender que o projeto de migrar é social, familiar e coletivo e nele está incluído o retorno, contudo a partir das diferentes trajetórias dos migrantes ele vai sendo reelaborado segundo as peculiaridades de *status*, capital social, gênero e geração. Implícito a isto estão também as condições de inserção no mercado de trabalho americano e a situação em relação à documentação.

Neste sentido, Velho (1999, p.47) considera que “As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir de delineamentos mais ou menos elaborados de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e da interação com outros grupos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades.” Os dados da pesquisa de campo desta tese confirmam esta perspectiva apresentada por Velho. Quando ouvimos nos relatos que a intenção era de retornar num período de dois ou três anos, mas já se passaram cinco, ou ainda quando afirmam que vão retornar quando os filhos forem independentes ou quando não puderem mais trabalhar, fica evidenciado que o projeto foi reelaborado, dadas às interações e a dinâmica do campo de possibilidades consideradas por Velho (1999).

Podemos, então, considerar que existem quatro categorias de migrantes que retornam: os emigrantes que não conseguem se readaptar e tornam a emigrar novamente, elegendo o país de destino como seu local de moradia, retornando apenas para passear e rever a família e amigos, nos períodos de férias; os emigrantes que retornam e conseguem

vencer todas as dificuldades econômicas, sociais e culturais e se fixar na sua terra natal; os emigrantes que vivem tentando retornar, mas não conseguem, seja por razões econômicas ou culturais e uma outra, que podemos dizer, está se configurando como os transmigrantes⁶⁰. São os que conseguem se estabelecer nos dois lugares. Fazem seus investimentos nesses dois espaços geográfico, social e cultural.

Do total dos entrevistados, durante o tempo de permanência nos EUA, 51% voltaram pelo menos uma vez ao Brasil e 49% nunca voltaram. O gráfico 21 mostra que dentre os entrevistados que nunca voltaram, 69,1% estão ainda na ilegalidade e 21,1% poderiam ter retornado, pois possuem o green card ou a cidadania⁶¹. Destaca-se que 24,7% dos indocumentados afirmam ter voltado entre 1 a 4 vezes, e outros 6,2%, entre 5 a 10 vezes. Esses usam a fronteira do México como caminho para entrada novamente nos EUA. Alguns já vêm com a intenção de voltar pela fronteira. A viagem para o Brasil é geralmente em companhia aérea brasileira, pois assim sentem-se mais seguros.

“[...] já fui 5 vezes ao Brasil, sempre volto pelo México [...] já sei o caminho e não preciso de coiole⁶² [...] não acho perigoso, já costumei e quando volto sempre trago alguém.” (Mário, 56 anos, 16 anos nos EUA, novembro 2004).

“[...] a primeira vez eu fui pra não voltar mais. Tive problemas [...] vim pelo México novamente. A segunda vez, também não tinha planos de voltar [...] acabei voltando e agora, quando dá muita saudade ou eu preciso resolver alguma coisa, já sei o caminho [...]”. (Eliseu, 52 anos, 11 anos nos EUA agosto 2004).

Os que são legais retornam com frequência ao Brasil; 26,7% declaram ter retornado de 5 a 10 vezes, e 18,3%, mais de 10 vezes (gráfico 21). Alguns desses retornos são para visitar a família, matar saudades ou resolver problemas. Esses dados demonstram que existe uma ligação muito forte com a cidade de origem, pois mesmo adquirindo o status legal, continuam mantendo uma estreita relação com sua cidade de origem.

Ressaltamos que estes dados dão o indicativo de que existe um grupo de emigrantes que estão se configurando como transmigrantes. Schiller (1999) define a

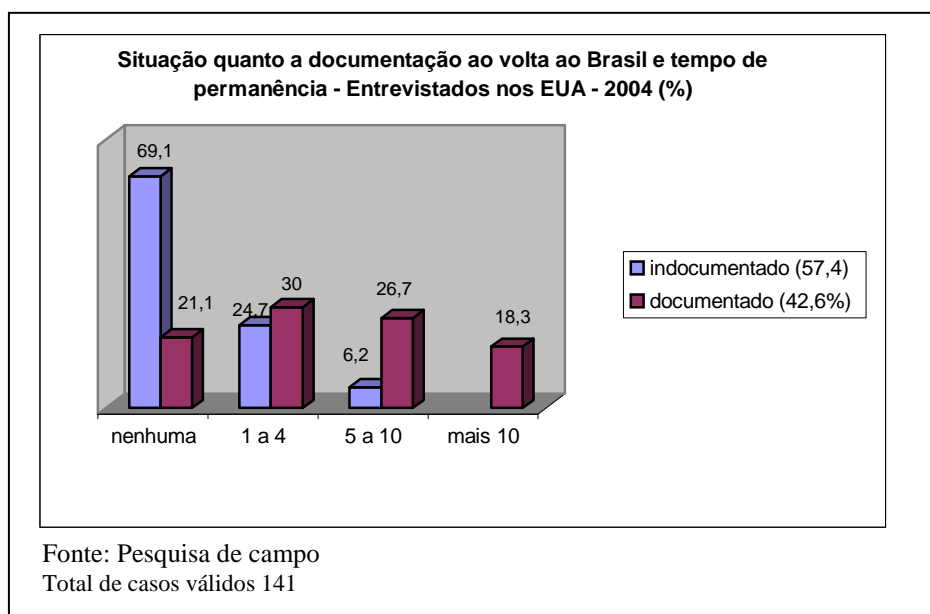
⁶⁰ Mesmo que os aspectos comunitários e políticos que compõem esta categoria ainda sejam incipientes.

⁶¹ Todos eles pretendem retornar nos próximos 8 meses.

⁶² Modo como é denominado o sujeito (geralmente um mexicano) que acompanha os emigrantes na travessia pela fronteira do México até o território americano.

migração transnacional como um padrão de migração na qual as pessoas se movem entre fronteiras internacionais, estabelecem relações sociais e mantêm conexões entre os dois lugares (origem e destino). Na migração transnacional as pessoas vivem literalmente entre fronteiras. “Persons who migrate and yet maintain or establish familial, economic, religious, political, or social relations in the states from which they moved even as they also forge such relationships in a new states or states in which they settle, can be defined as transmigrants.”⁶³ (SCHILLER, 1999, p. 96). Quando observamos no gráfico 21 que 26,7% dos documentados voltaram de 5 a 10 vezes e outros 18,3% mais de 10 vezes, podemos considerar que existe um grupo de emigrantes brasileiros vivendo entre fronteiras. Relatos como o de Edna (capítulo VII) e Eliseu, fazem-nos pensar na constituição, mesmo que ainda inicial, de um grupo de transmigrantes brasileiros. Existem também os que os que tornam-se permanentes como pode ser observado no gráfico 22.

Gráfico 21



Piore, em seus estudos sobre imigração internacional, apontava para o fato de que uma boa parte dos imigrantes de países em desenvolvimento que vão para países desenvolvidos ou industrializados não concretizam seu projeto inicial de migração temporária e tornam-se permanentes. “[...] the migrants initially see themselves as temporary workers and plan to return home; however, many of them fail to realize their plan

⁶³ “Pessoas que migram e ainda mantêm ou estabelecem relações familiares, econômicas, religiosas, políticas, ou sociais entre os países nos quais eles se moveram ou até mesmo forjam tais relações no país de origem e destino podendo ser definidos como transmigrantes.”

and either never return or came back repeatedly to the industrial country, becoming more or less permanent members of the labor force.”⁶⁴ (PIORE, 1979, p.3)

Este é um dado que se confirma na amostra da pesquisa realizada, pois 34% dos entrevistados já definiram os EUA como seu lugar de moradia. Lá fazem seus investimentos e organizam suas vidas. Desses 5,3% financiaram a compra da casa nos EUA e venderam ou pretendem vender seus investimentos no Brasil. Eles vêm ao Brasil para passar férias e visitar os familiares e amigos.

Essa é uma inversão do projeto inicial, ao invés de “Fazer a América” e retornar, o projeto é de ficar. Sales (1994), Margolis (1994) e Assis (1995), estudando o fenômeno brasileiro, também apontam para essa mudança na perspectiva de temporalidade da migração e no surgimento de uma comunidade étnica de brasileiros nas regiões de destino.

Ao longo dos anos de emigração dos valadarenses para a Região da Nova Inglaterra se configurou, no local de destino, uma comunidade onde é possível ser brasileiro. Em todas as cidades onde a pesquisa foi realizada existe mais de um espaço em que se concentra comércio e serviços étnicos de brasileiros. São lojas de roupas, restaurantes de comida típica, padarias, lanchonetes, salão de beleza os quais se transformam em espaço de sociabilidade. Nesses estabelecimentos é possível ter acesso a produtos específicos da região como os de laticínios fabricados na cidade de Governador Valadares, rapadura do mercado Municipal de Valadares, lingüiça de Jampruca, etc. A foto a seguir é de uma galeria comercial só de brasileiros na cidade de Newark. Nesta galeria é possível encontrar desde roupas de fábricas da região como restaurantes, lanchonetes, produtos de beleza e cosméticos. Este é um espaço onde as pessoas se encontram e conversam sobre a “terrinha”⁶⁵.

Com a recriação de um lugar brasileiro nos EUA “[...] os emigrantes (re) constroem suas identidades entre dois lugares – os EUA e o Brasil.” (ASSIS 1995, p.6). Com a possibilidade de ir e vir, quando se torna documentado, e a configuração de um espaço onde é possível viver os elementos da identidade nacional, o emigrante começa a avaliar a decisão de retorno. Alguns definem os EUA como seu local de residência após

⁶⁴ Os imigrantes inicialmente se vêem como trabalhadores temporários e planejam retornar para casa, entretanto, muitos falham na realização deste projeto ou nunca retornam ou retornam repetidas vezes para o país industrializado, tornando-se membros mais ou menos permanentes da força de trabalho.

⁶⁵ Nome como se referem às cidades de origem.

uma ou mais tentativa de retorno fracassado para o Brasil, como veremos na secção seguinte.

Foto 2 – Galeria de comércio de brasileiros em Newark



Foto: Sueli Siqueira, 2004.

Às vezes, mantém o projeto de retorno por certo tempo, fazem investimentos no Brasil, mas com o passar do tempo, a constituição da família ou a chegada de parte da família para viver nos EUA, a viagem que foi planejada como de ida e volta não se concretiza.

“[...] não, não tenho a intenção de voltar a morar no Brasil. Minha vida está toda aqui: meus filhos, meu neto e meu negócio [restaurante]. É aqui que ganho dinheiro. Se eu pudesse ganhar lá o que ganho aqui [...] já estava lá [...] Vendi a chácara, a casa e os 2 lotes para comprar esta aqui [...]. o Brasil, é só pra passear [...] vou ano sim ano não, vejo os amigos, os parentes, mato a saudade.” (Nilcéia , 62 anos, 35 anos nos EUA, agosto 2004).

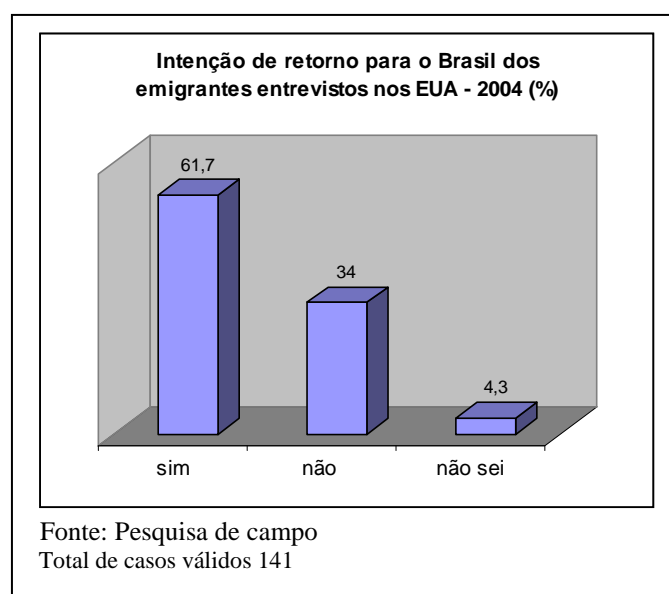
O restaurante da Nilcéia é todo decorado com fotos da cidade de Governador Valadares. Este é um espaço de sociabilidade, onde os brasileiros da região se encontram no final do dia de trabalho. As conversas giram em torno das últimas notícias sobre o Brasil e a cidade de origem, trabalho, investimentos no Brasil, projeto de retornar ou de permanecer, quem vai? Quem foi? Quem voltou? Por que voltou? São questões que permeiam as conversas diárias nesse espaço de sociabilidade eminentemente da Microrregião de Governador Valadares.

Foto 3 – Lanchonete de propriedade de brasileiro



Foto Sueli Siqueira, dezembro de 2004.

Se por um lado 34% se definiram como imigrantes permanentes 61,7% do total de entrevistados afirmam que pretendem voltar a viver no Brasil e 4,3% ainda não se definiram, estão indecisos entre permanecer e retornar (gráfico 22).

Gráfico 22

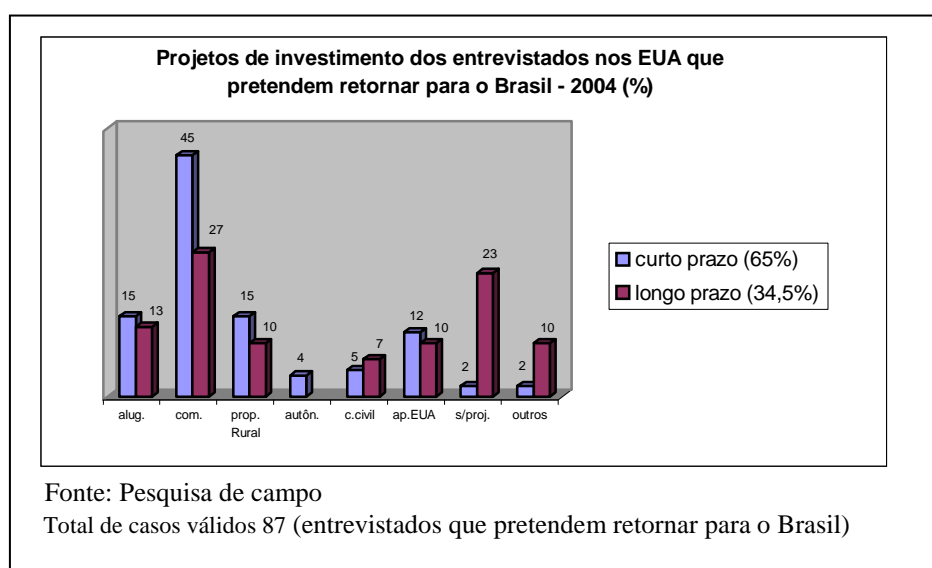
É interessante verificar que entre os que declaram que pretendem voltar (61,7%), quando inquiridos sobre quando será o retorno, 65% apresentam um projeto concreto de retorno nos próximos 2 anos. Esses possuem investimentos em andamento para

possibilita sua vida na região. No gráfico 23, pode-se observar que os investimentos para viabilizar o projeto de retorno são em imóveis (casa e apartamentos) para aluguéis (15%); comércio (45%) e propriedade rural (15%). Destacamos que 12% afirmam que ao retornar para o Brasil vão viver da aposentadoria que receberão dos EUA, não fazem, portanto, nenhum investimento em suas cidades de origem. Outros 34,5% têm um projeto de retorno em longo prazo, calculam ficar por mais de 4 anos nos EUA. Esses pretendem investir ou estão investindo em imóveis (13%), para viverem da renda do aluguel; montar um comércio (27%); comprar propriedade rural (10%); viver da aposentadoria que receberão dos EUA (10%), não fazendo, portanto, nenhum investimento no Brasil. Observa-se que 23% não têm um projeto de investimento ainda definido.

“[...] pensar em voltar um dia é o que me faz agüentar viver e trabalhar aqui [...] aqui dá pra ganhar muito dinheiro, mas, para viver, é no Brasil, onde está minha família, minha casa, meus amigos [...] não quero criar meus filhos aqui [...] muitos voltam e se dão mal [...]. Eu já tenho minha oficina funcionando lá [...] vou em dezembro e fico até fevereiro para melhorar mais, comprar mais equipamento e fazer um treinamento [...] tenho também uma renda de aluguel que vai ajudar no sustento da família...” (Robson, 32 anos, 08 anos nos EUA agosto 2004).

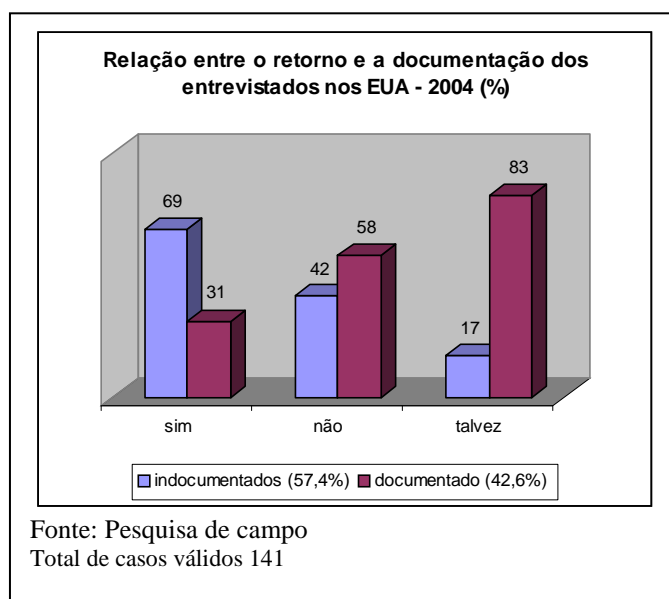
“[...] durante esses anos todos, eu investi naqueles apartamentos [construiu um prédio com 6 apartamentos] [...] falta terminar o acabamento do último andar [...] a renda vai dar pra viver bem no Brasil.”. (Geilton, 39 anos, 21 anos nos EUA , dezembro 2004).

Gráfico 23



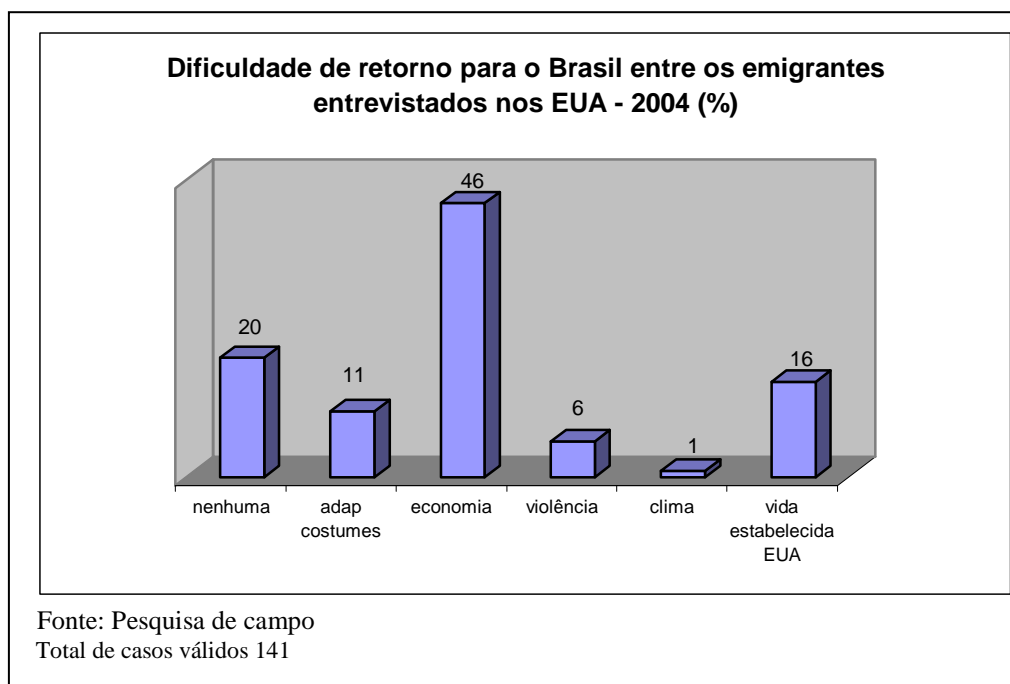
Margolis (1994) já chamava a atenção para o fato de que o desejo de voltar para casa manifesto pelos imigrantes é muito mais que um sonho. Ficam presos ao mito de retorno, mesmo depois de se estabelecer, formar família e até mesmo ter um negócio ou um trabalho que lhe proporcione boas condições de vida nos EUA. Nunca deixam de falar e sonhar com o retorno. O gráfico 24 mostra que mesmo os que são documentados manifestam o desejo de retornar (31%) e ainda 83% não se definem, ou seja, jamais deixam de pensar em voltar para casa um dia. Esses migrantes assimilam aspectos da vida da sociedade americana, contudo pensam no país de origem com a sensação de que algo ficou para trás. Neste ponto vale lembrar a perspectiva de Sayad (1998, p.45) que considera que o emigrante “condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-lo a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado mais provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.”

Gráfico 24



No gráfico 25, os entrevistados apontam como a maior dificuldade para retornar a viver no Brasil aspectos relacionados à economia (43%), como: instabilidade, juros altos, impostos altos, desemprego, baixo salário. Outros 16% afirmam que, por terem uma vida estabilizada nos EUA, o retorno é difícil. Ressalta-se que 20% afirmam que não existe nenhuma dificuldade para tornarem a viver permanentemente no Brasil.

Gráfico 25



“sempre pensei em voltar, durante estes anos todos eu nunca deixei de pensar que eu vou voltar[...] meus irmãos não acreditam [...]. Lá as pessoas falam assim: o que você vem fazer aqui? Elas não sabem como é viver num lugar que não é o seu [...], mas marquei o dia e a hora, desta vez eu vou passar o natal de 2005 no Brasil, na minha casa. Não quero criar meus filhos aqui, não agüento mais esse trabalho [...] é muito desgastante, quase não tenho tempo para a família. Volto no final de 2005[...]”. (Walter, 43 anos, 18 nos EUA)

Este depoimento mostra que, para alguns, o desejo de retornar a viver no Brasil é mais que um simples sonho. O grande problema é quando o retorno se concretiza e o migrante percebe que retornar não é tão simples como pensava.

Para melhor ilustrar a dificuldade de retornar a viver no Brasil, vale comentar a história de Walter, imigrante entrevistado nos EUA em 2004, que retornou em novembro de 2005 para a cidade de Governador Valadares, depois de 18 anos nos EUA.

Walter foi para os EUA em 1989. Dois amigos que foram em 1987 sempre telefonavam falando como se ganhava dinheiro lá e o convidaram para ir. Não tinha emprego fixo, estava namorando sério e queria se casar, então pensou que esta era a forma

de conseguir comprar uma casa e montar um negócio. Trabalhava como “faz tudo” (bombeiro, eletricista, pedreiro) e ganhava muito pouco. O pai pegou um empréstimo no banco. Pagou três mil dólares e foi pela fronteira do México, nem tentou o visto, “*eu sabia que não ia conseguir, ia jogar dinheiro fora.*”. Durante estes 15 anos não retornou ao Brasil. Casou-se por procuração no Brasil e a noiva foi também pela fronteira do México. Teve dois filhos que hoje estão com sete e onze anos, respectivamente. Sempre pensou em voltar. Comprou quatro apartamentos e um sítio no Brasil. Trabalhava cerca de 12 horas por dia, tinha um emprego fixo na construção civil, era carpinteiro e um emprego *part-time* em um restaurante. Ganhava em média três mil e quinhentos dólares por mês e a esposa como “*housecleaner*” ganhava mil e oitocentos dólares. Comprou também uma casa de dois pavimentos com um belo quintal em Danbury, nos EUA. Mas a vontade de retornar estava sempre presente. Nunca procurou legalizar-se, durante este período levou duas irmãs e dois irmãos. Uma irmã casou-se com um cidadão americano (casamento pago) e tornou-se cidadã, mas ele não quis investir em documentação, preferia investir em imóveis no Brasil. Por várias vezes marcou seu retorno, mas na última hora acabava desistindo, até que em novembro de 2005 retornou.

“Vendi minha casa por cem mil dólares, coloquei tudo que tinha em um contêiner e cheguei aqui com meus filhos e minha mulher. Estou feliz porque consegui realizar em 18 anos o que não conseguiria se tivesse ficado. (...) Todo mundo dizia que eu era louco de vim, que eu ia me arrepender, mas era meu sonho, voltar para minha cidade.”

Encontrei-me com Walter em dezembro de 2005. Ele estava eufórico, feliz com os investimentos que tinha feito no Brasil. Vendeu sua casa nos EUA por cem mil dólares e ia pensar em alguma coisa para investir seu dinheiro. “*Por enquanto quero descansar e matar a saudades*”. Encontrei-me novamente com ele em fevereiro de 2006. Seu animo era outro. Estava decepcionado, o dinheiro que trouxe era pouco para investir em algo que desse a mesma renda que tinha nos EUA, a renda dos aluguéis dos três apartamentos era insuficiente para manter a família no padrão que estavam acostumados. Da euforia e alegria pelo retorno ao desespero e decepção foram apenas três meses.

“Estou desesperado [...], aqui é tudo muito caro [...] não sei o que fazer, o meu dinheiro está indo embora e eu não sei o que fazer. Como vou voltar com minha família? Como ganhar dinheiro aqui? Tudo que penso não dá

certo. Tenho medo de perder tudo [...] quero ficar, criar meus filhos aqui. Aqui a vida é mais tranqüila, mas como ficar?”.

O desejo de ficar é grande, mas depois de trabalhar nos EUA, viver no ritmo de uma sociedade industrializada e com acesso ao consumo, mesmo que na periferia dessa sociedade, o emigrante acaba não se readaptando e perdendo seu lugar na sociedade de origem. Já não se sente mais em casa. Sentem falta do ritmo da vida e do trabalho que viviam nos EUA. Hall (2003) descreve este mesmo sentimento entre os barbadianos e os caribenhos que emigram para o Reino Unido. Segundo ele “[...] *como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas.*” (HALL, 2003, p. 27).

Para alguns, o retorno se constitui, na verdade, uma emigração ao inverso. Ao reencontrar seu local de origem, percebem que é tudo bem diferente do que guardavam na memória e sofre um choque cultural reverso. “Quando percebe a mudança nas pessoas, coisas, hábitos, estilos, relações e afetos, sente-se como um estranho.” DeBiaggi (2004, p.144).

Muitos emigrantes que tentaram o retorno como Walter, acabam reemigrando. Aqueles que possuem documentação (Green Card ou cidadania americana) vivem nos dois lugares. É o caso de outra entrevistada, Eliane. Eu a entrevistei em Bridgeport, em agosto de 2004. Foi para os EUA em 1980, já tinha 2 irmãs e 3 irmãos vivendo na região da Nova Inglaterra nos EUA. Tinha 23 anos quando emigrou pela primeira vez. Trabalha como *housecleaner* e ganha três mil e duzentos dólares por mês. Tem duas filhas nascidas nos EUA. Conseguiu o Green Card em 1990 e a cidadania em 2000. Comprou no Brasil uma casa e dois apartamentos. Durante estes 24 anos que vive nos EUA, tentou retornar por 3 vezes. Sempre acabou reemigrando. Hoje decidiu manter sua casa (possui um caseiro que cuida da casa) em Governador Valadares e vem todo ano no período de julho e agosto passar suas férias. Às vezes passa até quatro meses no Brasil. É o que pode ser denominado de transmigrante⁶⁶. Vive nos dois lugares, mas continua acalentando o sonho de um retorno definitivo.

“Trabalho por mais três anos, completo minha aposentadoria [paga o INSS sobre 10 salários] e volto a viver definitivamente no Brasil. Venho aqui [EUA] só para visitar minhas filhas e irmãos”. (Eliane, 48 anos)

⁶⁶ Novamente ressaltamos que esta é uma categoria que está se configurando na emigração de brasileiros, mesmo que ainda não apresente todas as características do conceito.

A trajetória de Lúcio, outro valadarense que entrevistei nos EUA, ilustra bem este desejo de retorno e todos os obstáculos para a concretização desse projeto. Lúcio foi meu contemporâneo na Universidade Vale do Rio Doce. Fez o curso de Odontologia. Depois de formado trabalhou em seu consultório por três anos, depois foi trabalhar como odontólogo em Carajás. Permaneceu por dois anos neste emprego, foi demitido, queria aperfeiçoar seu inglês, então resolveu antes de retornar a trabalhar no consultório passar uma temporada nos EUA. Em 1984 veio com um amigo e trabalhou no mercado secundário, mas como sabia inglês, em pouco tempo conseguiu um emprego como gerente de uma concessionária de carros. Depois de três anos neste emprego, saiu e montou seu próprio negócio. Uma loja de revenda de produtos brasileiros. Cinco anos depois, em 1989, resolveu voltar para o Brasil e trabalhar como odontólogo. *“Foi um desastre, tinha até uma boa clientela, mas o que ganhava era muito pouco, quando lembrava que se tivesse no meu antigo emprego nos EUA estaria ganhando muito mais, me dava um desespero danado [...]”* Neste período casou-se e retornou para os EUA em 1990, e em 1992 tornou-se cidadão americano. Montou no centro da cidade onde reside uma loja de remessa de dinheiro e venda de passagens. Fez vários investimentos no Brasil, comprou casa na praia e apartamentos na sua cidade de origem. Nos EUA, também comprou uma bela e confortável casa *“num lugar de americano, não tenho nenhum vizinho brasileiro”*. Comprou casa em Miami e passa as férias no Brasil todo ano com a família. Tem dois filhos de 13 e 10 anos. Os filhos não querem voltar para o Brasil, mas a esposa tem muita vontade de voltar. *“[...] nunca deixei de pensar em voltar. Mas é muito difícil. Sempre que vou passar minhas férias lá volto com o coração pesado. Estou fazendo um curso de especialização no Brasil, minha intenção é voltar a clinicar. Agora mesmo que eu ganhe pouco não tem importância, meus investimentos aqui e lá já dão para manter minhas despesas. O problema são as crianças que não querem ir. [...] não quero passar minha velhice aqui, tenho 50 anos e pareço ter 70, a vida aqui é muito trabalho e stress.”* Ele acredita que com a entrada dos bancos no negócio de remessa a sua empresa dificilmente sobreviverá nos próximos cinco anos. Sua trajetória se assemelha com a da família açoriana descrita por Velho (1999). O Projeto de retorno foi reelaborado por ele e pelos outros membros da família.

Como Nilcéia, Walter e Eliane, Lúcio continua, apesar de ser bem sucedido nos EUA, acalentando o desejo de voltar para casa. Nas palavras de Margolis (1990) são mais pessoas que “viajam eternamente” do que imigrantes. Vivem em dois lugares e nunca

estão satisfeitos com nenhum dos dois, pois, na verdade acabam pertencendo ao dois lugares.

Os que definiram os EUA como seu local de residência, continuam sentido saudades, visitando os familiares e participando da vida de suas comunidades de origem. Os que reemigram várias vezes, também continuam sentido saudades dos dois lugares e de alguma forma passam a se sentir como estrangeiros nos dois lugares ou desenvolvendo um sentimento de duplo pertencimento. Podemos considerar que esta é uma nova característica que se apresenta para os migrantes contemporâneos.

Giddens, Beck e Lash (1997) afirmam que, hoje, vivemos numa época de modernização reflexiva. Isso significa que vivemos numa era caracterizada por um alto grau de reflexividade social, isto é, os indivíduos visam cada vez mais enfrentar os riscos e oportunidades que se lhes apresentam. No mundo contemporâneo, o indivíduo é responsável pela sua própria identidade. Não mais está atrelado a pontos de referências externos. A identidade dos indivíduos é uma projeção “*a mover-se pelos intrincados meandros sociais e institucionais de um sistema social globalizado*” (GIDDENS e PIERSON, 2000, p.22). Esse paradoxo moderno leva o sujeito a elaborar um projeto reflexivo individual, ou seja, buscar seu caminho, entre as numerosas ameaças e promessas oferecidas pela sociedade moderna. Neste contexto está situado o migrante e o seu sentimento de duplo pertencimento.

Muitos retornam depois de fazerem investimentos em micro, pequenos e médios negócios. Trazem a poupança realizada com muitas horas de trabalho árduo. Como Walter, chegam cheios de esperanças e com a certeza de que conseguiram “*fazer a América*”. Depois de algum tempo percebem que seus investimentos no Brasil não estão dando o retorno que esperavam. No próximo capítulo estaremos analisando a parte da amostra dos que passaram por esta experiência e hoje vivem nos EUA.

CAPÍTULO VI – RETORNO FRUSTRADO – O INSUCESSO DOS INVESTIMENTOS.

Como já vimos o projeto de migração é inicialmente um projeto de ida e volta. Só é possível pensar no retorno para permanecer no Brasil depois de pagar as dívidas contraídas para emigrar, realizar algum investimento no Brasil ou fazer uma poupança que possibilite o investimento quando retornar. Do total dos entrevistados nos EUA⁶⁷ apenas 24,8% conseguiram inicialmente fazer o trajeto de volta, contudo, por motivos que veremos mais adiante, voltaram novamente à condição de imigrantes nos EUA. Os dados aqui apresentados dizem respeito ao Grupo II – o sonho frustrado: *Emigrantes que retornaram à Microrregião no período de 1970 a 2003 e tornaram-se empreendedores de micro, pequenas e médias empresas, fecharam suas portas e retornaram à condição de migrante nos EUA.*

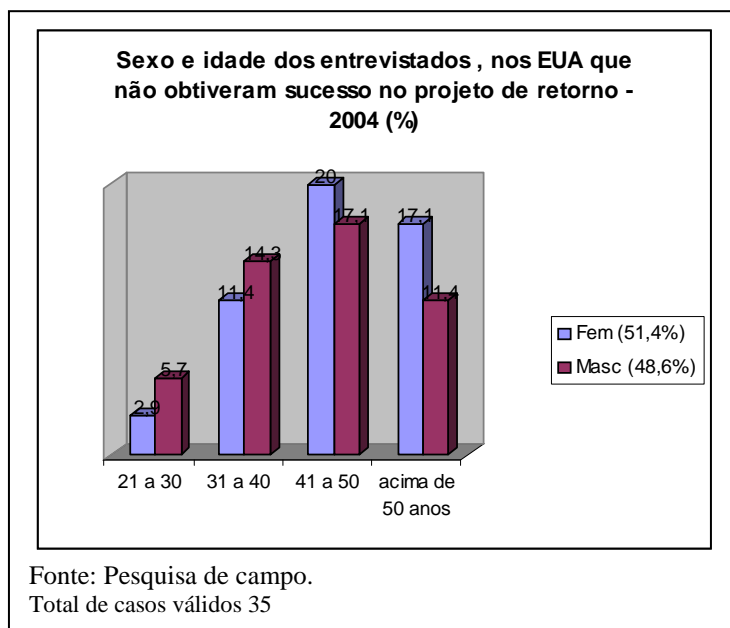
Dentre os 51% que voltaram ao Brasil pelo menos uma vez 48,6% tinham a intenção de ficar e durante sua permanência no Brasil montaram algum tipo de empreendimento. Os dados descritos neste item dizem respeito exatamente a este grupo II que perfaz um total de 35 emigrantes do total de 141 entrevistados nos EUA.

6.1 Perfil do imigrante que retornou com intenção de ficar no Brasil

No Grupo II, o do sonho de retorno frustrado, 51,4% era do sexo feminino e 48,6% masculino. Em relação à escolaridade, 31,4% tinham o segundo grau completo e 25,7% o terceiro grau completo ou incompleto. A maioria (37,1%) estava na faixa etária de 41 a 50 anos e acima de 50 anos (gráfico 26).

⁶⁷ Nos EUA foram realizadas 141 entrevistas formais e 25 entrevistas em profundidade. O grupo II é constituído de 24,8% do total destas entrevistas formais, ou seja, são 35 emigrantes que retornaram e reemigraram para os EUA depois do insucesso de seus investimentos ou dificuldades de adaptação nas cidades de origem.

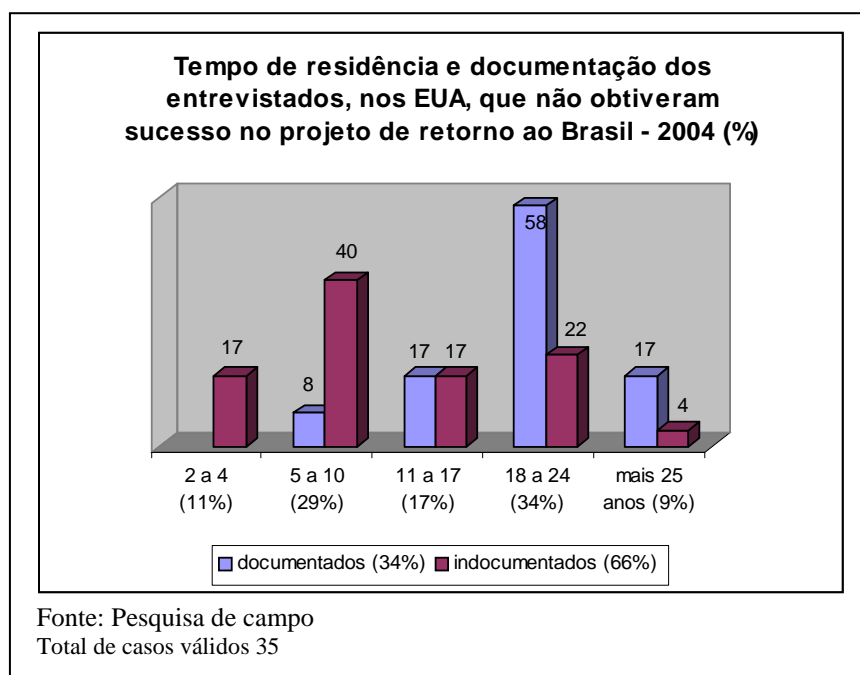
Gráfico 26



O gráfico 27 demonstra que 34% eram documentados, tinham *Green Card* ou eram cidadãos americanos. A maioria destes estava nos EUA num período 18 a 24 anos. Os indocumentados eram 60%. Destes, 40% estavam nos EUA num período de 5 a 10 anos. Mais uma vez os dados evidenciam que o desejo de retorno é acalentado, independentemente do tempo de permanência e da situação de documentação. Contudo, destacamos que o percentual em relação à documentação, deste grupo, aumentou. Hoje, 60% são documentados e 40% permanecem sem documentação. Isso indica que depois de ter o sonho de retorno frustrado, a idéia de permanecer nos EUA fica mais forte, mesmo que o sonho de retorno ainda seja acalentado.

“[...] depois de 4 anos não agüentei mais, juntei o que tinha e fui, disse – aqui não volto mais [...] depois de quatro meses já comecei a pensar em voltar [...] não teve jeito, voltei pelo México novamente[...].” (Eliseu, 52 anos).

Gráfico 27



Fica evidenciado nos relatos desse grupo que não foi bem sucedido no retorno em relação aos investimentos, que mesmo depois de uma experiência frustrada, o desejo de retornar ainda está presente.

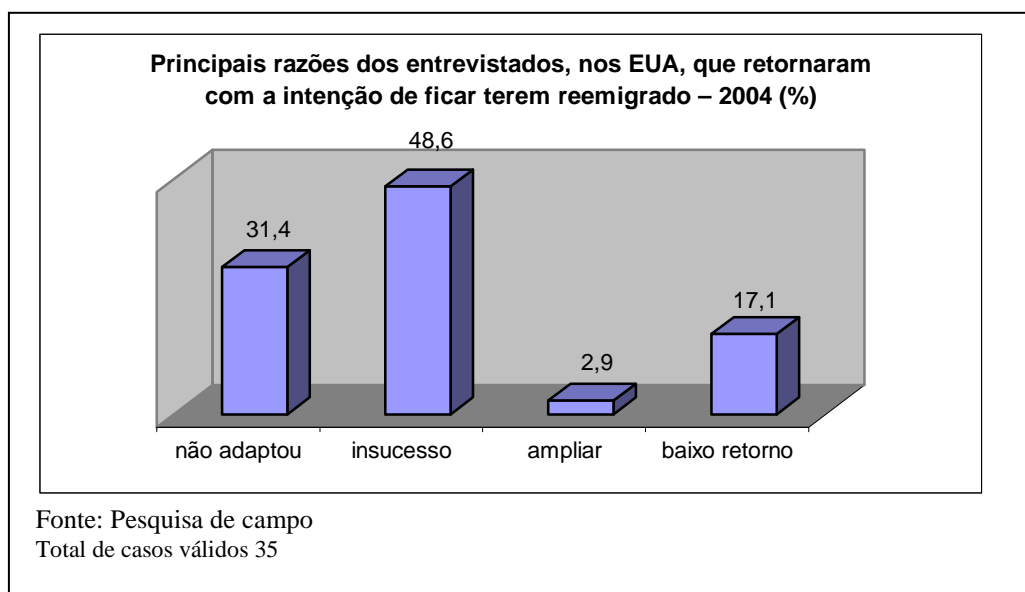
“[...] Já tentei voltar duas vezes [...]. Agora mandei meus filhos para lá, quero que eles façam faculdade [...] estão com minha sogra, vamos voltar em 2006, aí já vou estar recebendo minha aposentadoria e poderei ficar mais tranqüilo.” (Jaílson, 62 anos)

Jaílson tem o *Green Card*, pagou o INSS por 25 anos e agora está aposentando-se por invalidez. Trabalha na construção civil nos EUA há 16 anos. Tem sérios problemas de coluna.

6.2 O Investimento realizado no Brasil

A principal razão da não concretização de seus planos de permanência no Brasil é o fato de ter investido em algum tipo de empreendimento que não foi bem sucedido (48,6%); outros (31,4%) porque não se readaptaram à vida em suas cidades de origem; e 17,1%, porque consideravam que seu empreendimento tinha um baixo retorno, insuficiente para a manutenção de um bom padrão de vida no Brasil (gráfico 28).

Gráfico 28



É importante destacar que 31,4% fizeram seus investimentos e consideravam que obtinham um bom retorno, contudo não se readaptaram à vida na sua cidade de origem.

“Minha fazenda até que ia bem, mais os aluguéis, dava para manter a família legal [...] o pior era a paradeira, eu não me acostumava. A cidade não tinha nada. Depois de viver no corre, corre de Nova York, era difícil dá conta da vidinha na cidade, era uma paradeira só. Meus filhos não estavam gostando, queriam voltar, minha mulher também, então resolvemos deixar tudo com meu irmão tomando conta e voltar. Eu não tinha vendido nada aqui, minha casa tava alugada, minha mulher tinha vendido o schedule dela, mas ela fácil, fácil conseguiu outro. [...] hoje fazemos assim, no final do ano eu vou, pró meu trabalho é melhor, e a Rita vai em julho, nas férias das crianças e pro trabalho dela também é melhor. [...] então duas vezes por ano damos uma olhada na fazenda [...], mas tá tudo correndo bem, meu irmão é de confiança. (Dirceu, 41 anos, 24 nos EUA).

Como relata Hall (2003) Dirceu, ao retornar sente-se como estranho em seu próprio país de origem. Não se sente mais em casa, sente falta do ritmo de vida que tinha nos EUA. Os elos vistos como naturais e espontâneos com o país de origem são irremediavelmente alterados pela sua trajetória de migrante. Dirceu e sua família vivem entre os dois lugares. Possui casa, trabalho e investimentos no Brasil e vive nos EUA onde também possui casa e trabalho. Mais uma vez, temos o indicativo de que está se

configurando na migração da Microrregião de Governador Valadares a formação de um grupo de transmigrantes.

Dirceu tem três filhos, uma de 10, outra de 15 e outro de 18. Nasceram nos EUA, foram alfabetizados em português e inglês, já passaram temporadas de até 3 anos no Brasil. Ele e a esposa têm fluência no inglês e possuem a cidadania americana. Ele possui uma empresa de pintura e a esposa um *schedule* de 30 casas e trabalha com 3 ajudantes. Os dois trabalham, em média, 12 horas por dia e tiram um dia de folga por semana. Continuam fazendo poupança como nos primeiros anos, mas hoje têm hábitos de consumo que não podiam ter antes. Contudo, a lógica calvinista do trabalho perdura. Trabalham 12 horas por dia e tiram um dia de folga por semana. O lazer consiste nas viagens para o Brasil. Aqui vão para à praia, fazem excursões. Não conhecem a Disney, mas conhecem o parque do “Beto Carreiro”. Possuem investimentos no Brasil que possibilitam sua permanência, mas não conseguem mais se adaptar à rotina, e também não se integram à sociedade americana, não participam da vida da comunidade americana. Possuem vários parentes (irmãos, tios, primos) nos EUA, mas comemoraram o aniversário de 15 anos da filha na sua cidade de origem, e já programam a festa da próxima. Vivem hoje nos dois lugares.

Margolis (1995) afirma que são mais viajantes do que emigrantes. Eu considero que são mais do que viajantes, são moradores dos dois lugares. Dividem suas vidas, trabalho e investimentos nestes dois lugares. Quando perguntei a Dirceu e a Rita até quando planejavam viver assim, eles responderam *“até quando eu agüentar trabalhar [...], talvez a vida toda, porque quando não agüentar mais trabalhar virei para ver meus filhos e netos.”*

Diferente de Dirceu que voltou para os EUA porque não se readaptou no Brasil, outros 48,6% dos entrevistados deste grupo retornou aos EUA porque seus investimentos não obtiveram bons resultados. É o caso de Carlos (62 anos).

“Fui um dos primeiros valadarenses a vir pra cá [EUA]. Quando cheguei aqui não tinha brasileiro nenhum. Depois de 11 anos de trabalho resolvi voltar [1979] investi todo meu dinheiro na lavanderia [...], levei as máquinas daqui, gastei uns setenta e cinco mil dólares [...]. Foi um fracasso total, depois de 10 meses no Brasil fiquei zerado, tive que arranjar dinheiro emprestado pra voltar [...].”

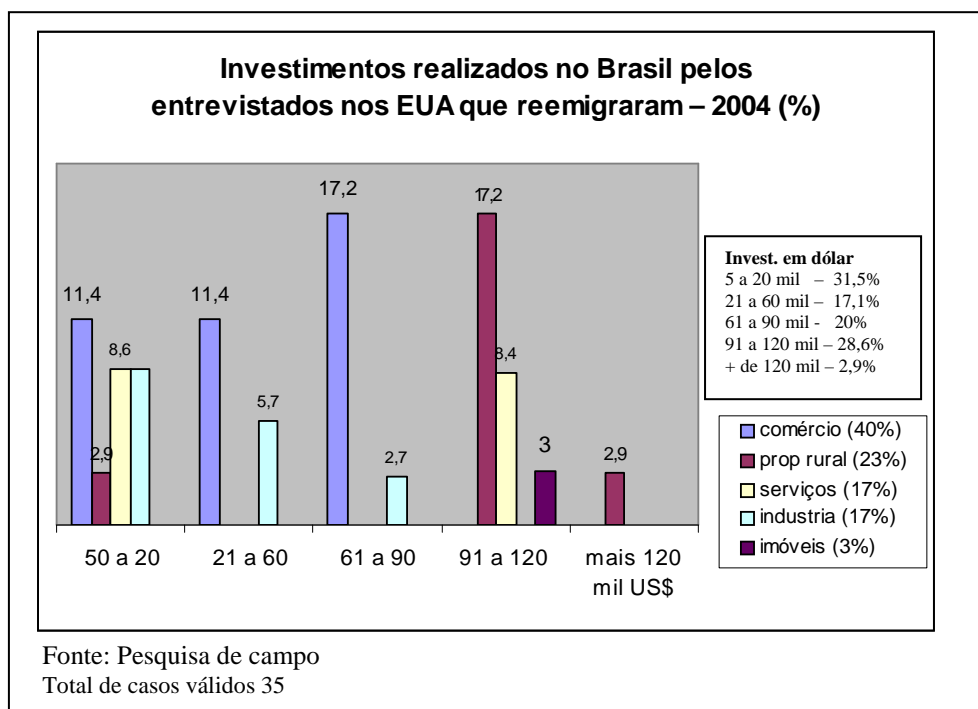
Carlos fez uma grande lavanderia nos moldes das lavanderias americanas. Era um auto serviço, com as máquinas de lavar e secar. Governador Valadares tem um clima quente com sol o ano inteiro, dificilmente alguém pagaria para secar sua roupa. Além disso, a população tem facilidade de acessar lavadeiras por um preço bem menor do que lavar na lavanderia. Carlos fez todo seu investimento sem fazer uma avaliação das potencialidades do mercado. “[...] lá não tinha uma lavanderia como as americanas, então conversei com uns amigos que acharam que era um bom negócio.”. Além disso, Carlos não tinha experiência como empresário.

Atualmente, Carlos se aposentou nos EUA e trabalha 20 horas por semana como garçom. Parte de seus irmãos e filhos residem no Brasil, parte nos EUA. Vem com frequência ao Brasil visitar os parentes e mantém uma casa na sua cidade de origem.

Os imigrantes que retornaram com a intenção de ficar investiram em negócios na área do comércio (40%), propriedade rural (23%), indústria (17%) e serviços (17%) e imóveis (3%), como mostra o gráfico 29. Não fizeram nenhuma pesquisa de mercado ou recorreram a órgãos públicos ou privados⁶⁸ que fornecem informações sobre a demanda do mercado para conhecer as possibilidades de seu empreendimento ser bem sucedido. Grande parte dos entrevistados (51,4%) informam que definiram em que investir por conselhos e informações de amigos e parentes; outros 31,4% aproveitaram a oportunidade que apareceu. Apenas 17,1% escolheu o negócio pela experiência que tinham anteriormente no ramo.

⁶⁸ SEBRAE, Associação Comercial, FIEMG, São entidades que possuem informações sobre as demandas do mercado.

Gráfico 29



“Comprei a mercearia porque achei que era um bom negócio [...] não, nunca tinha mexido com comércio [...]. Agora sei que nunca daria certo; tinha um supermercado grande no bairro e não tinha como concorrer com eles [...].” (Mateus, 38 anos, 9 anos nos EUA)

Além da falta de conhecimento das potencialidades do mercado, outros fatores que propiciaram o insucesso desses imigrantes foram a falta de conhecimento de como administrar um empreendimento e o desconhecimento de como funciona mercado. Nas entrevistas em profundidade com este grupo, ficou evidente o amadorismo com que administravam seus empreendimentos. Geralmente investiam todo o capital no negócio e já no primeiro mês de funcionamento faziam retiradas para suas despesas. Não se preocupavam com a manutenção do capital de giro.

[...] eu tirava as minhas despesas e quando fui ver eu estava era perdendo dinheiro. [...] o contador falou que durante um tempo eu não podia tirar nada, até começar a dar lucro [...] como eu ia sustentar minha família? (Eliseu, 52 anos)

Utilizando o conceito de Bourdieu (1989) de capital cultural, que são os bens simbólicos não redutíveis aos valores mercantis e a perspectiva de Portes (1995, p.12) que ao estudar os migrantes considera que o

Social capital refers to the capacity of individuals to command scarce resources by virtue of their membership in networks or broader social structures. Such resources may include economic tangibles like price discounts and interest-free loans, or intangibles like information about business conditions, employment tips, and generalized ‘goodwill’ in market transactions.⁶⁹

Neste sentido, faltou a esse grupo de emigrante exatamente este capital social para acessar informações e compreender a lógica dos investimentos no Brasil.

Pode-se considerar, a partir desses dados, que a maioria dos migrantes retornados montou seus negócios sem nenhuma assessoria e com pouco conhecimento do ramo e do contexto econômico. O resultado foi o fechamento ou baixo retorno do empreendimento.

6.3 Um sonho frustrado e o retorno à condição de imigrante

A constatação de que o sonho acalentado durante 4 ou 5 anos, a poupança feita com muito trabalho e privações não deu certo é um momento angustiante para o migrante. A primeira idéia é retornar aos EUA.

“O dia que fechei a fábrica foi o pior dia da minha vida, eu queria morrer. Trabalhei feito louca, morava mal, comia mal, só usava coisas que ganhava, tudo para juntar meu dinheiro, e em menos de um ano perdi tudo. Fiquei com ódio do Brasil, queria voltar, sair de lá o mais rápido [...] eu não sabia como ia voltar, tinha perdido tudo que tinha levado e não sabia o que fazer, e ainda por cima tinha uma dívida [...] uma costureira me levou na junta [...]. Hoje eu sei que não dá para voltar e ganhar a vida lá. [...] comprei uma chácara e duas casas em Valadares, quando não der pra trabalhar mais ou se for deportada [...] tenho pelo menos minha casa para morar e os aluguéis. [...] isso eu não faço mais, nunca mais invisto em

⁶⁹ “Capital social se refere à capacidade dos indivíduos em mobilizar recursos escassos pela virtude de pertencimento às redes ou estruturas sociais mais amplas. Tais recursos podem incluir bens econômicos tangíveis como empréstimos sem juros, ou intangíveis como informações sobre negócios, emprego, boa vontade generalizada nas transações de mercado.”

negócios, no Brasil não dá para ganhar dinheiro assim.” (Vanda, 59 anos, 18 anos nos EUA).

São críticos na avaliação que fazem da experiência frustrada, percebem sua pouca experiência, mas creditam o insucesso à economia nacional.

“Os impostos são muitos [...] não dá pra ganhar dinheiro no Brasil não. Hoje eu vejo que cometi muitos erros [...] não sabia nada de costura, de como lidar com empregados, das leis e até mesmo de como comprar o material que precisava e de como vender o que fazia. [...] acredita que colocava tudo [confeção de jeans] no carro e saía oferecendo nas lojas da região, [...] até que consegui vender, mas recebi muito cheque sem fundo [...] não sabia como lidar com isso.” (Vanda, 59 anos, 18 anos nos EUA).

Depois que decidem reemigrar, os que não têm o *Green Card* e não são cidadãos americanos, que representam 66% desse grupo (gráfico 27), retornam pela fronteira do México. Fazem empréstimos com parentes e amigos ou utilizam o que sobrou de seu investimento para custear a reemigração. Destaco que 22% entraram a primeira vez nos EUA pela fronteira do México ou com passaporte montado. Quando perguntei se não tinham receio de enfrentar novamente todos os riscos que eles já conheciam, diziam “*não é tão perigoso assim*”. Nesse ponto relembro as análises de Simmel (1998) sobre a aventura, quando considera que a aventura é exatamente o momento de cruzamento entre o estado de segurança e insegurança da vida.

O aventureiro trata o que é incalculável como calculável aposta tudo no destino impreciso e pondera que contará com a sorte. É neste estágio que se encontra o migrante que pretende passar pela fronteira. Andréia (38 anos) me relatou momentos terríveis de sua travessia na primeira vez que emigrou pela fronteira do México, em 1987. Ficou oito dias a mercê dos coiotes. Ela e mais duas mulheres que estavam no grupo foram violentadas. Foram abandonadas no deserto e presas pela polícia americana. Depois de dois dias foram libertadas e deveriam comparecer à corte numa data determinada. Não compareceram. Andréia ficou nos EUA por quatro anos e retornou ao Brasil. Investiu em uma loja de presentes. Dois anos depois fechou por total falência. Reemigrou pela fronteira novamente. “*(...) eu sabia que dessa vez ia dar tudo certo, tive medo, mas já estava mais esperta, conhecia as manhas.*” Não quer voltar a viver no Brasil, mesmo sendo

indocumentada e estando sempre com medo da deportação, afirma que a experiência de retorno foi muito frustrante e não pretende passar por ela novamente.⁷⁰

É interessante observar que mesmo depois de uma e às vezes até mais de uma experiência frustrada, 60% dos que reemigraram pretendem voltar a investir no Brasil. Apenas 28,6% não pretendem retornar e investir em suas cidades de origem, outros 11,4% afirmam que ainda não se decidiram quanto a esta questão. Disso podemos considerar que o retorno para o imigrante é um ideal sempre acalentado. No capítulo seguinte vamos analisar o outro lado dessa realidade, ou seja, os que retornaram, tornaram-se empresários e permanecem nas localidades de origem. Foram bem sucedidos no projeto de retorno e investimento.

⁷⁰ Momentos de violência e constrangimentos não acontecem apenas com mulheres. Em várias entrevistas homens também relataram situações de violência, constrangimentos e abandono no deserto pelos coiotes.

VII – O EMIGRANTE QUE RETORNOU E TORNOU-SE EMPRESÁRIO NA MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES

“Voltar é mais difícil que ir. Eu sabia que não queria viver minha vida toda lá, mas me deu um desespero [...], não sabia o que fazer como organizar minha vida aqui, fiquei muito perdido, levei uns meses para assentar a cabeça [...].” (Mário, 52 anos).

Os dados apresentados neste capítulo dizem respeito ao Grupo I – O sonho realizado: *Emigrantes que retornaram no período de 1970 a 2004, e tornaram-se empresários de micro, pequenas e médias empresas e continuam no mercado até os dias de hoje, na Microrregião de Governador Valadares.*

O retorno tão sonhado é um momento descrito pelos entrevistados como um misto da euforia pela concretização do projeto inicial e a incerteza, a angústia do futuro e o medo de perder tudo o que conseguiram com os anos de árduo trabalho e privações. É visível, nas cidades da Microrregião de Governador Valadares, a presença dos emigrantes retornados que conseguiram montar seus negócios. Em todas as cidades não foi difícil relacionar o número de empresários nessas condições. Bastava um contato com moradores ou lideranças locais para a relação ser dada com muita facilidade. Os investimentos desses emigrantes retornados dinamizam a economia das localidades para onde retornam. Quem são eles? Que investimentos fazem? Quais são os fatores que definem que uns obtenham sucesso em seus investimentos e outros não? Estas são as questões que estaremos analisando neste capítulo. Para responder a elas foram aplicadas 173 entrevistas formais e 21 entrevistas em profundidade, com emigrantes retornados que se tornaram proprietários de empreendimentos produtivos nas 25 cidades que compõem a Microrregião de Governador Valadares. A análise destes dados nos permitiu chegar aos seguintes resultados.

7.1 Perfil dos emigrantes empreendedor

Os emigrantes que retornaram e se tornaram empreendedores são em sua maioria (87,3%) do sexo masculino, sendo que 65,9% deles estão casados atualmente. Antes de emigrar apenas 32,4% eram casados (gráfico 30). São jovens, pois 44% estão na faixa

etária de 31 a 40 anos e 31% na faixa de 41 a 50 anos (gráfico 31). Quando emigraram, a maioria (76,9%) estava na faixa etária de até 31 anos.

Gráfico 30

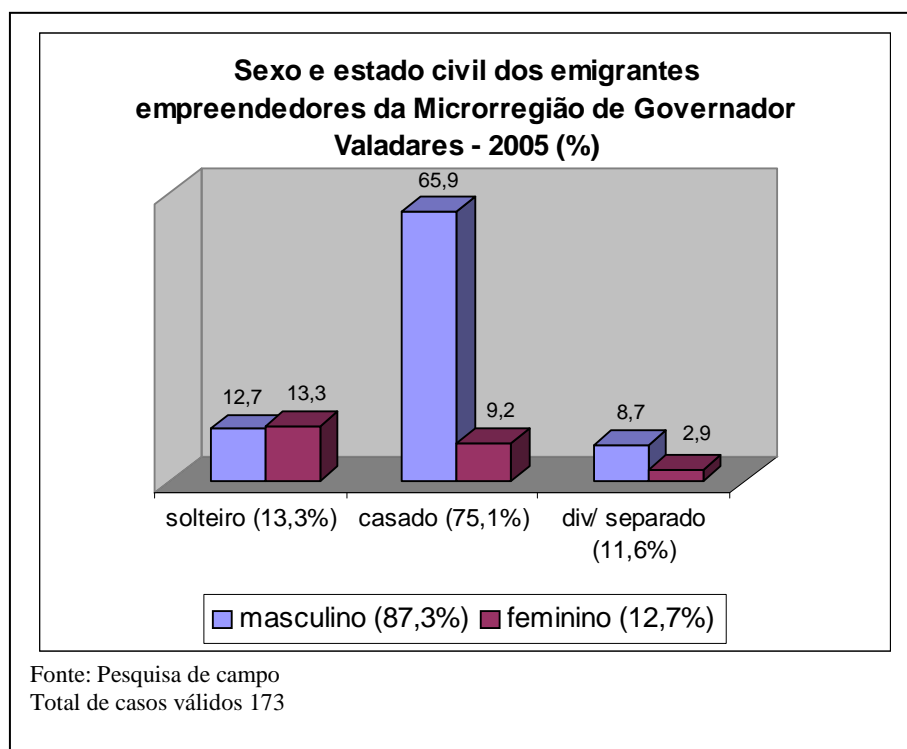
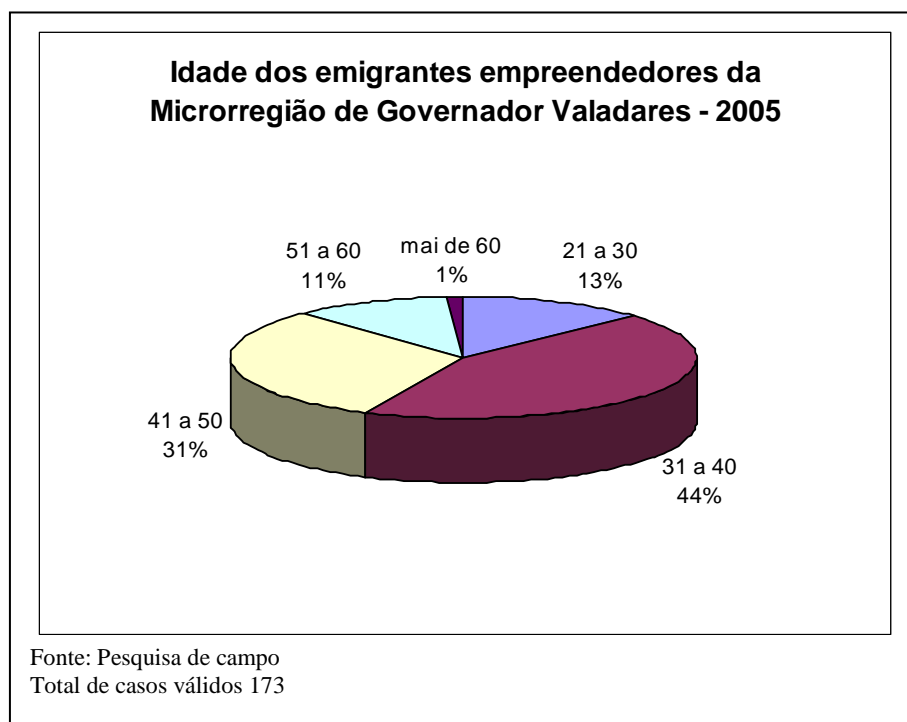


Gráfico 31



Comparando a escolaridade antes e depois de emigrar observamos que não houve alteração significativa em nenhum nível. Atualmente, a maioria, (47%) possui o segundo grau completo e apenas 7% o curso superior (gráfico 32). Grande parte deles, ou seja, 39,9% trabalhavam como autônomos ou já eram proprietários de algum negócio. Apenas 3,5% estavam desempregados quando emigraram (gráfico 33). No gráfico 34 podemos observar que a renda mensal da maioria deles (69,4%) era antes de emigrar de 1 a 3 salários mínimos. Comparando a renda antes de emigrar e a atual, podemos perceber que após o retorno e investimentos houve um acréscimo na renda mensal.

Estes dados nos permitem considerar, mais uma vez, que como os emigrantes que estão nos EUA, o grupo anteriormente analisado, são também pessoas escolarizadas e emigraram não por estarem desempregados, mas em busca de melhorias na sua renda, o que, no gráfico 34 pode-se perceber que conseguiram, pois a renda aumentou.

Gráfico 32

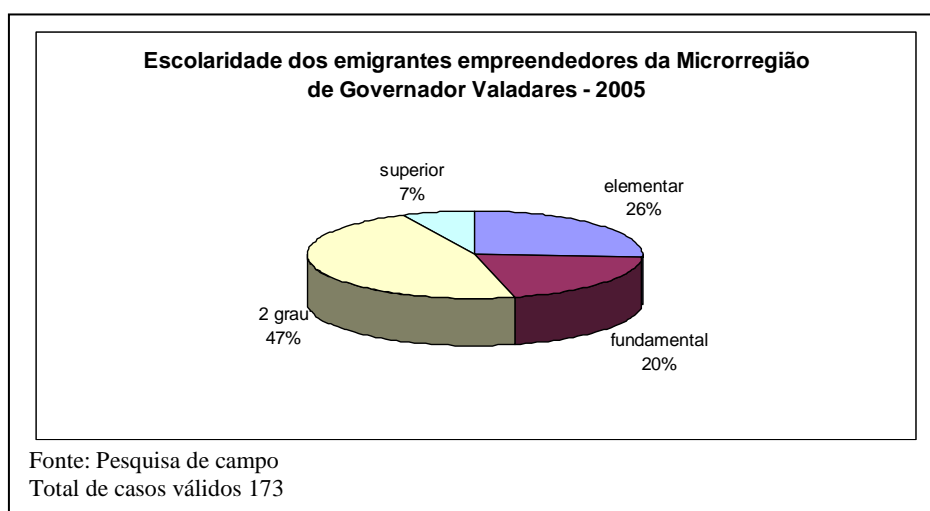


Gráfico 33

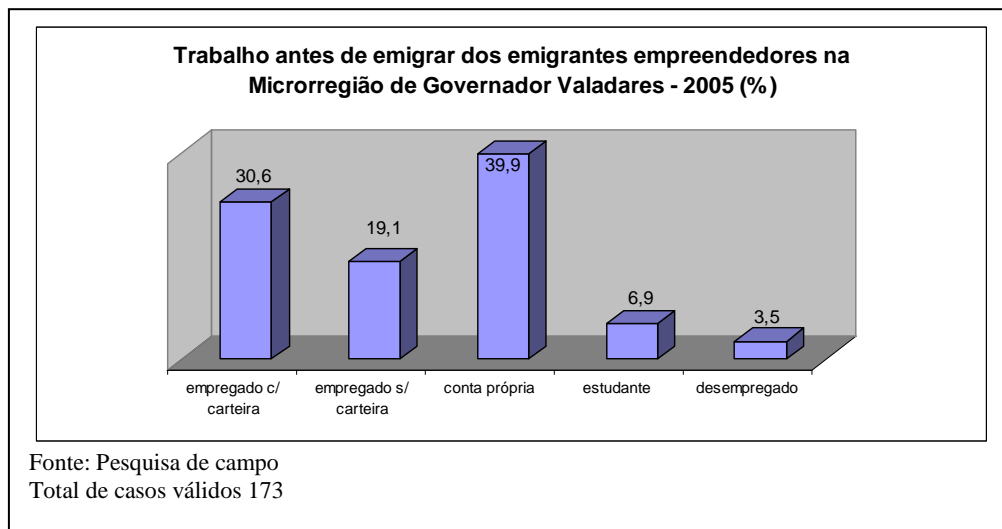


Gráfico 34

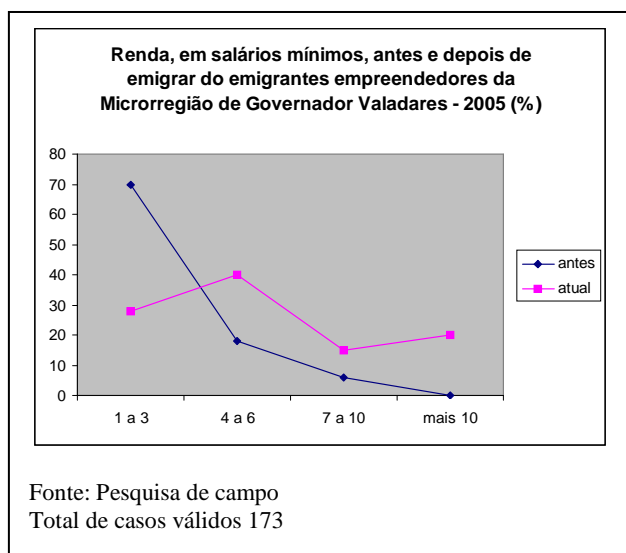


Tabela 4

**Salários mínimos dos responsáveis
pelos domicílios em GV**

Salário mínimo	%
0 a 2	20
2 a 5	53,75
5 a 8	17,50
8 a 11	2,5
11 a 15	5
Mais de 15	1,25

Fonte: IBGE, Censo 2000.

Na cidade de Governador Valadares, de acordo com os dados do Censo 2000, a maioria da população 53,75% recebe entre 2 a 5 salários e apenas 2,5% recebe de 8 a 11 salários mínimos. Nos outros municípios da Microrregião o quadro de salários tende a ser mais baixo, pois a economia tem menos dinamismo. Ao observar a renda mensal após o retorno, constatamos que 40,5% recebem em torno de 4 a 6 salários, valores um pouco acima da média de salários da cidade pólo. Outros 16% passaram a ter uma renda de 7 a 10 e 22% mais de 10 salários mínimos, um percentual bem acima dos percentuais do IBGE. Estes dados nos permitem considerar que os emigrantes que retornaram e investiram na região, aqui permanecendo, elevaram suas rendas.

7.2 Experiência de emigrar

“Lá é terra onde filho chora e mãe não ouve. Esse povo acha que é fácil? É só ir e ganhar dinheiro? Não é não, o que a gente passa lá é coisa de louco, é uma vida de cão, isso se quiser juntar dinheiro. Se levar vida de americano não guarda nada.” (Jonas, 61 anos).

A experiência de migrar está muito presente na memória dos entrevistados. Relatam o cotidiano nos Estados Unidos como momentos de privações e muito sacrifício recompensado pelo investimento feito no Brasil.

7.2.1 Condição e motivo da emigração

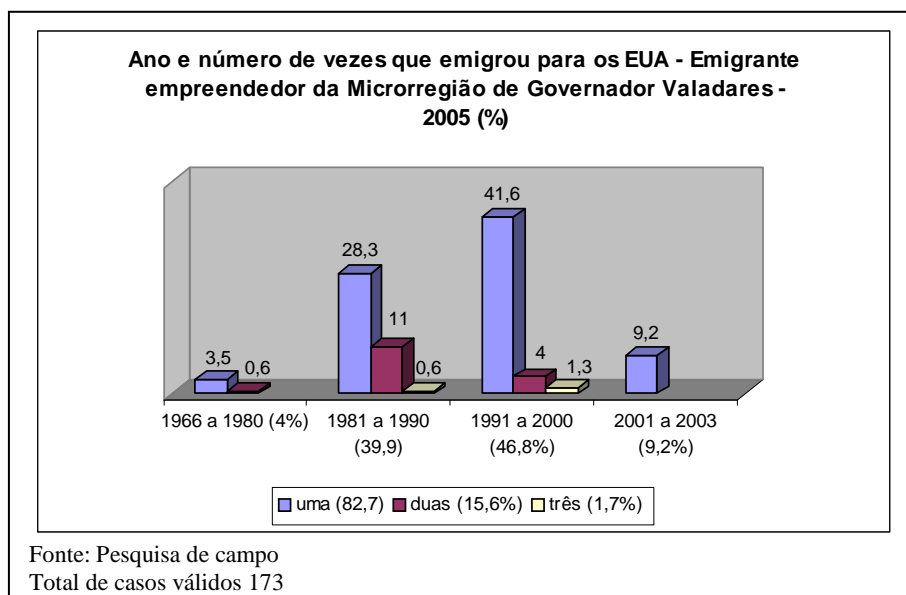
Os dados dos gráficos 33 e 34 demonstram que a emigração não teve como causa principal o atendimento de necessidades prementes, ou seja, o fato de não terem alternativas para conseguir o sustento para si e seus familiares. Mais uma vez fica marcada a diferença dos imigrantes que chegaram ao Brasil no início do século XX. Esses faziam a viagem em busca de condições de sobrevivência que não encontravam na terra natal. No gráfico 35, a principal razão apontada pelos entrevistados para emigrar foi ganhar dinheiro (53,7%) para retornar e investir no Brasil. Os outros 46,3% apresentam como motivos fatos que demonstram que emigrar para os EUA é mais uma alternativa que é acessada devido às facilidades que encontram. Emigram pelo desejo de conhecer (16,2%), para pagar dívidas (11%), porque avaliam que o Brasil não apresentava boas perspectivas em termos econômicos e viam na migração uma forma de conseguir atingir seus objetivos mais rapidamente (5,8%), por estarem enfrentando problemas pessoais e perceberem que sair do país era uma forma de solucionar seus problemas (4%) ou ainda para se encontrarem com seus parentes nos EUA (1,2%).

“Estava com 20 anos e tudo que eu tinha era um empreguinho na prefeitura que nunca ia passar daquilo, não dava camisa a ninguém. [...] dois amigos meus tinham ido e sempre falavam que dava pra ganhar muito bem, mas eu sempre fiquei cabreiro com isso de ir pra lá [...]. Quando o Beto veio e

contou tudo como era lá eu me animei, [...] ficar aqui não ia me fazer melhorar, progredir [...]”. (Augusto, 31 anos).

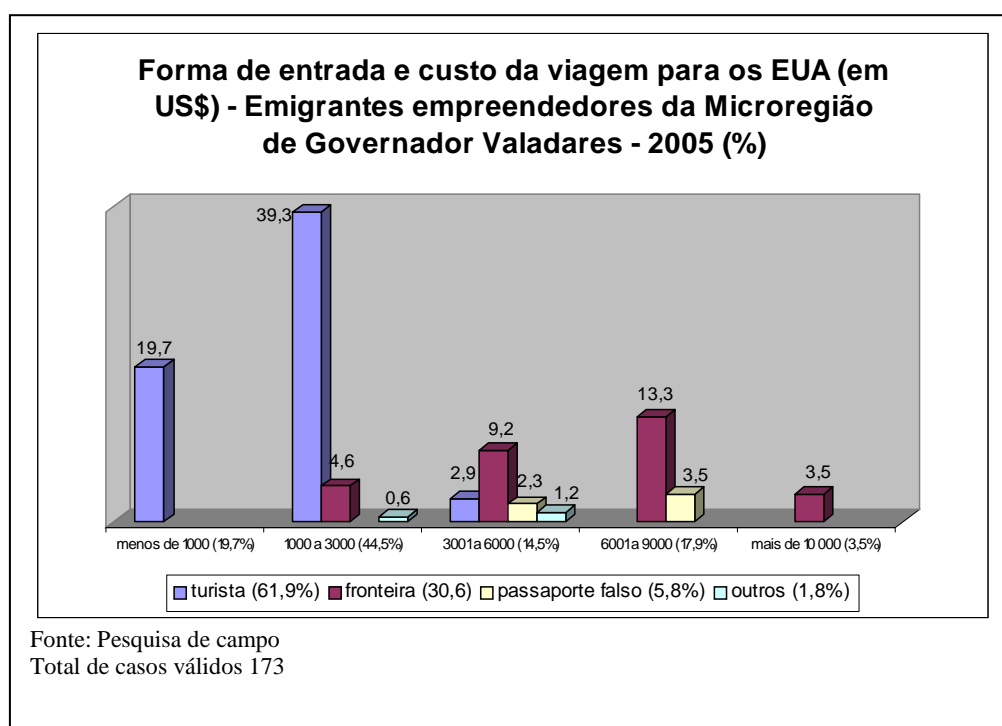
Augusto é filho de fazendeiro da região, tem o segundo grau completo, fez o concurso da prefeitura de sua cidade e ocupava um cargo técnico, recebendo dois salários mínimos por mês. A decisão de emigrar se deu pelo fato de perceber que havia pouca perspectiva de ascensão social e melhoria salarial. As possibilidades e facilidades existentes na região para emigrar e a constatação das oportunidades nos EUA através de amigos que retornavam foram os fatores decisivos para tomar a decisão. Depois de ficar quatro anos trabalhando na construção civil nos EUA, retornou e montou uma loja de revenda de equipamentos agrícolas. Isso só foi possível, segundo ele, devido à poupança que fez no período que emigrou. “[...] se não tivesse ido, até hoje tava naquele empreguinho[...].

Gráfico 35



O gráfico 36 destaca que a grande maioria dos emigrantes entrevistados entrou nos EUA com visto de turista (61,9%). A maioria destes (39,3%) gastou em torno de mil a três mil dólares com a viagem. A via ilegal também é utilizada (fronteira do México 30,6% e passaporte falso 5,8%). O custo da viagem para os que utilizaram os meios ilegais é de mais de seis mil dólares. Destacamos que ao retornar definitivamente para o Brasil 86,7% eram indocumentados e apenas 13,3% tinham a documentação que permitia trabalhar nos EUA (*Green Card*, cidadania ou permissão de trabalho).

Gráfico 36



Segundo o proprietário⁷¹ de uma das maiores e mais antigas agência de turismo de Governador Valadares, que organiza viagens para o Consulado dos Estados Unidos em São Paulo, em cada viagem, em torno de 80% têm o visto negado. Este fato não faz com que o projeto de emigrar seja suspenso. A existência de agenciadores que facilitam o acesso a esses mecanismos torna possível a continuação do projeto, por um preço mais elevado. Contudo, desde outubro de 2005, com a exigência de visto para entrar no México, a venda de passagens para esse país teve uma queda de 90%⁷². Outras formas de entrada estão sendo utilizadas como, por exemplo, através da Guatemala e em seguida atravessando o México por vias terrestres, até chegar à fronteira dos EUA.

Podemos constatar no gráfico 37 que a maioria dos entrevistados que emigraram apenas uma vez (82,7%) emigraram nos anos de 1981 a 2000. Destacamos que os anos de 1980 foram caracterizados como o período de maior crescimento do fluxo de migração da Microrregião de Governador Valadares para os EUA (SALES, 1999). O gráfico 38 demonstra que o tempo de permanência da maioria deles é de 3 a 4 anos (32,9%) e 5 a 10 (42,8%). Este é o período necessário para conseguir fazer uma poupança, retornar e investir em um empreendimento produtivo.

⁷¹ Entrevista realizada em fevereiro de 2006.

⁷² idem

Gráfico 37

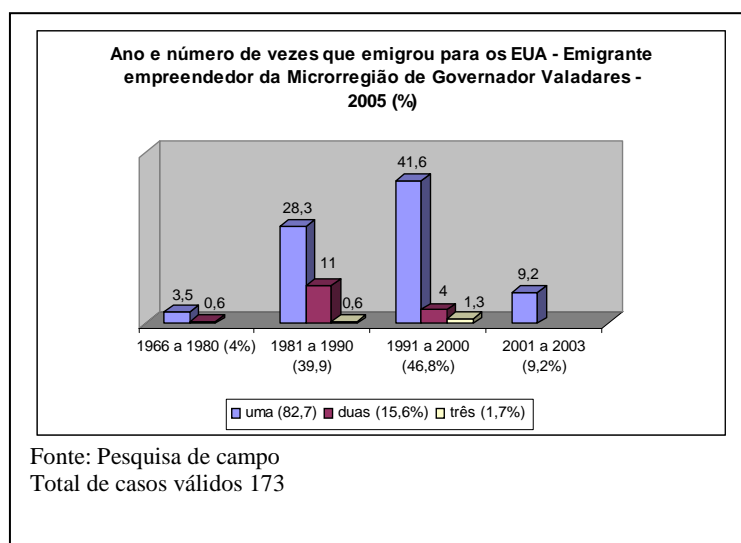
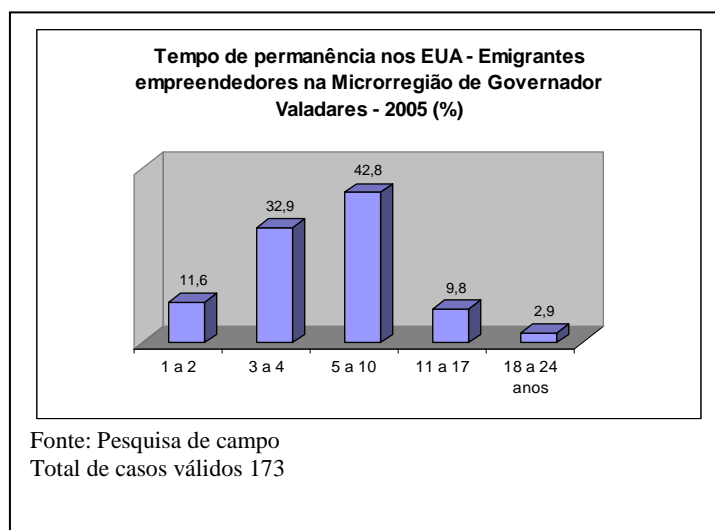


Gráfico 38



7.2.2 Trabalho nos EUA

Segundo Piore (1979) a expansão econômica dos países desenvolvidos absorve toda a mão de obra nativa, levando à escassez da força de trabalho nas atividades de baixo salário e status – o mercado de trabalho secundário. É para esses empregos que se dirigem os emigrantes nos EUA. Além do baixo prestígio e salário para os padrões dos trabalhadores nativos, para os emigrantes, acrescenta-se a falta de seguridade. Contudo, para

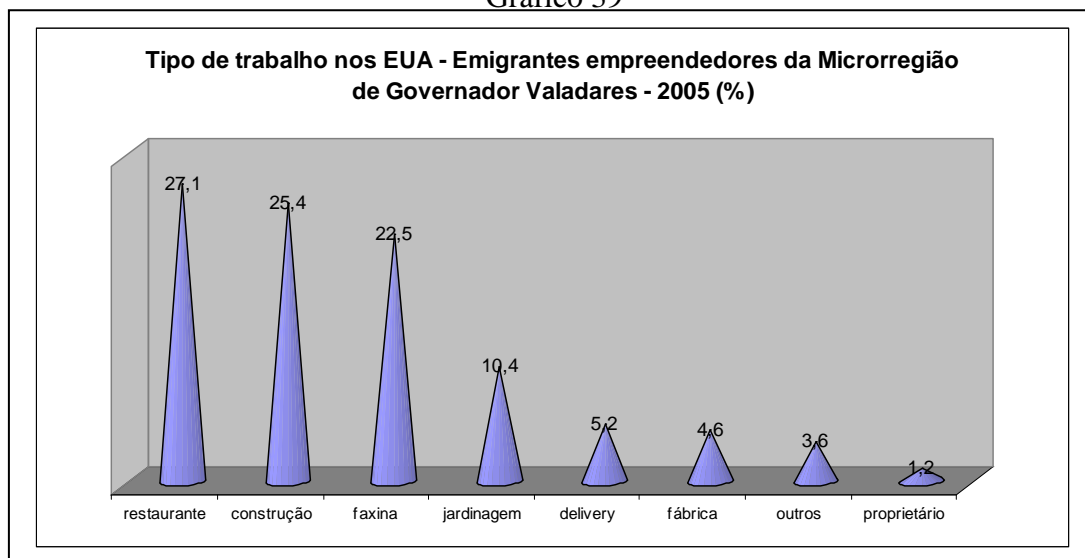
eles esses empregos possibilitam ganhar mais do que em seu país de origem. Por esta razão a perspectiva histórico-estrutural considera que o fluxo de migração é definido mais pelas condições econômicas estruturais do país de destino do que pelas condições de expulsão dos países de origem.

Nos gráficos 33 e 35 podemos observar que esta afirmativa de Piore é confirmada, pois apenas 3,5% dos entrevistados estavam desempregados e 53,7% declaram que a principal razão de emigrar é a possibilidade de ganhar dinheiro nos EUA. Estes sujeitos emigraram pelas possibilidades que o mercado de trabalho nos Estados Unidos oferecia e não por fatores de expulsão no Brasil. Comparando a renda mensal desses emigrantes antes e depois da migração para os EUA (gráfico 34) fica claro que esta possibilidade é algo concreto, pois a renda aumentou significativamente.

Além dessa razão a ser considerada, não podemos deixar de destacar que esses migrantes se direcionam sim para o mercado secundário, conforme afirma Piore, mas não para qualquer mercado secundário. Conforme afirmam Massey (1997), Boyd (1989) e outros autores que estudam a migração internacional e as redes sociais na configuração dos fluxos migratórios; esses migrantes vão para lugares específicos e para setores específicos do mercado de trabalho do país de destino, para isso acessam os recursos das redes sociais. São as redes que, quando configuradas, direcionam esses fluxos para determinados espaços geográficos e para certos setores específicos do mercado secundário. Assim os homens, geralmente, se direcionam para a construção civil e as mulheres para as faxinas.

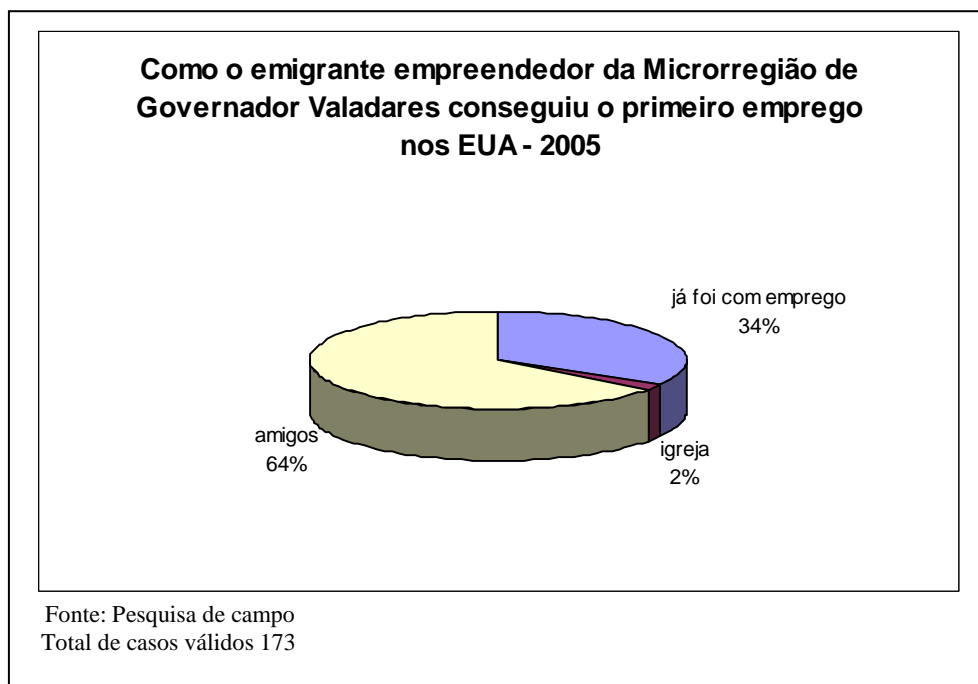
O gráfico 39 mostra que as atividades dos entrevistados estão justamente no mercado de trabalho secundário, pois 27,1% trabalham em restaurantes e lanchonetes, 25,4% na construção civil e 22,5% na faxina. Destacamos que construção civil e jardinagem são atividades ocupadas exclusivamente pelos homens e o trabalho em restaurante tem um maior número de homens (87%), enquanto que na atividade de faxina predominam as mulheres (87%).

Gráfico 39



Conforme assinala Fusco (2005), as redes sociais ajudam os seus componentes a conseguir acesso aos recursos financeiros e sociais que possibilitam seu ingresso numa sociedade sobre a qual não têm ou têm poucas informações. No gráfico 40 fica claro que o acesso aos empregos só é possível através dessas redes, pois 64% dos entrevistados conseguiram seu primeiro emprego através de amigos e parentes. Estas redes fazem a conexão entre a origem e o destino, através delas tramitam as informações, desenvolvem-se os mecanismos que facilitam a saída do lugar de origem e a chegada no destino. Esta conexão fica evidenciada no percentual dos entrevistados que informaram terem saído do Brasil com emprego garantido nos EUA (34%). Esses empregos foram arranjados por parentes e amigos.

Gráfico 40



As condições de trabalho são precárias. Em sua maioria não dispõem de seguridade social, e por serem indocumentados utilizam o cartão falso (*social security*). Em caso de qualquer acidente ou doença, não procuram os hospitais, pois sentem receio de serem presos e deportados.

“Trabalhei quatro anos, tudo era falso, até meu nome [...] entrei com um passaporte montado, meu nome, a carteira de motorista, o social security, tudo falso [...].” (Jonas, 61 anos)

“trabalhava pra um português [...] caí de uma altura de uns três metros [...] machuquei muito, mas continuei trabalhando até o fim do dia [...] fique uns três dias em casa até melhorar [...] tinha medo de ir no hospital e ser preso meu social security era falso”. (Marcone, 45 anos)

A jornada de trabalho diária é longa (gráfico 41), pois geralmente os entrevistados trabalhavam em dois ou três empregos. A maioria (49%) trabalhava de 9 a 12 horas por dia, mas existe um número significativo (37%) que trabalhava de 13 a 17 horas diariamente.

No gráfico 42 podemos observar que 42,8% tinham patrões americanos, 35,3% brasileiros e 22% os patrões eram imigrantes de outras nacionalidades⁷³. Este dado, ou seja, 35,3% de patrões brasileiros demonstra que existe um número significativo de emigrantes que se tornaram empreendedores nos EUA. Almeida (2003) em pesquisa realizada em Framingham descreve a ascensão de um grupo de brasileiros que iniciaram seus empreendimentos no final da década de 1980 e num período de 12 anos dinamizaram o centro comercial da cidade. São empreendimentos étnicos⁷⁴ que empregam trabalhadores da mesma origem geográfica.

Além desses empreendimentos comerciais existem também os empreendimentos na área da construção civil, cujas empresas realizam reformas e pintura assim como as empresas de jardinagem (*landscape*) que, também, empregam trabalhadores da mesma origem ou nacionalidade. A faxina também é um empreendimento⁷⁵, que como já vimos é ocupada principalmente pelas mulheres. As proprietárias do *schedule*⁷⁶ brasileiras sempre empregam outras brasileiras.

Gráfica 41

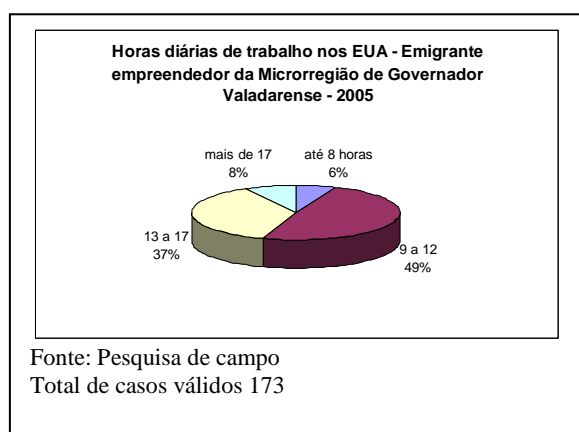
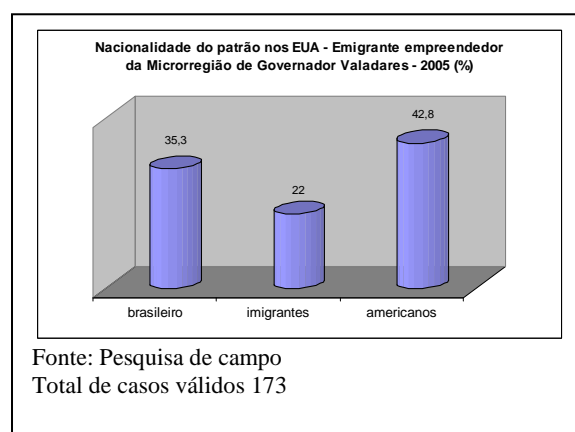


Gráfico 42



⁷³ Tem como patrões gregos, portugueses, espanhóis, etc.

⁷⁴ São empreendimentos destinados a atender pessoas de uma mesma nacionalidade, com a venda de produtos específicos para este grupo.

⁷⁵ Esses empreendimentos geralmente consistem num carro, e ajudantes com quem dividem o trabalho. As donas dos *schedules* (relação de casas que fazem faxina) subcontratam outras mulheres recém chegadas, que não possuem carro ou que não falam nem entendem a língua. As empresas de jardinagem e construção civil (reformas e pintura) seguem o mesmo esquema. Estes negócios diferem dos empreendimentos formais dos enclaves étnicos descritos por Almeida (2003), Martes (1999) e Margolis (1994) que são de propriedade de brasileiros documentados, o que geralmente não acontece com os outros.

⁷⁶ Forma como denominam o conjunto de casas onde fazem faxina.

7.2.3 Renda, poupança e investimento no Brasil.

O principal motivo indicado pelos entrevistados para emigrar é a possibilidade de ganhar dinheiro (53,7% gráfico 35) e retornar. Por isso, fazer poupança é um objetivo perseguido por eles. Consideram que o mês em que não guardam nada é um mês perdido.

“Tinha época que não dava para guardar, tinha que mandar para a família e pagar as contas lá, aí dava um desespero, era um mês perdido [...]”.
(Jonas, 61 anos).

A renda semanal da maioria (42,2%) era de 401 a 600 dólares, sendo que 32,4% declararam que tinham uma renda de 601 a 1000 dólares (gráfico 43). Destacamos que, à medida que o tempo ia passando, iam tomando contato e aprendendo os diferentes trabalhos e também se familiarizando com os mecanismos de acesso aos empregos mais bem remunerados. Quanto mais tempo nos EUA, melhores são os rendimentos semanais, pois ganham experiência e aprendem a lidar com os mecanismos desse novo espaço social que passam a ocupar.

A poupança era o principal objetivo dos emigrantes entrevistados. Nos primeiros anos não é possível poupar muito, sendo ainda mais difícil para aqueles que entraram por vias ilegais (passaporte montado ou pela fronteira do México) que fizeram empréstimos ou financiaram a viagem. Estes levam em média 8 a 12 meses para pagarem a dívida e só então começam a fazer a poupança. Os valores apresentados no gráfico 44 dizem respeito ao período em que fizeram poupança. Como os entrevistado do primeiro grupo (que estão nos EUA) estes também tinham a meta de conseguir poupar mil dólares por mês. O mês em que atingiam o objetivo era considerado um mês bom. A maioria (50,9%) conseguia poupar entre um a dois mil dólares por mês. Outros 17,7% conseguiam poupar mais de dois mil dólares.

“[...] no começo não dá pra guardar quase nada, tem que pagar a viagem e ainda a gente não tinha muita noção da vida lá, não sabia dos canais [...], não sabe fazer o serviço direito [...] o trabalho lá é muito diferente daqui. Até conseguir ganhar 15 US\$ por hora a gente come o pão que o diabo amassou [...]. Meu projeto era guardar mil por mês, mas só consegui isso

nos dois últimos anos [...]. Quando chegava o fim do mês que eu via que dava, aí eu até comemorava [...]". (Renato, 39 anos)

Gráfico 43

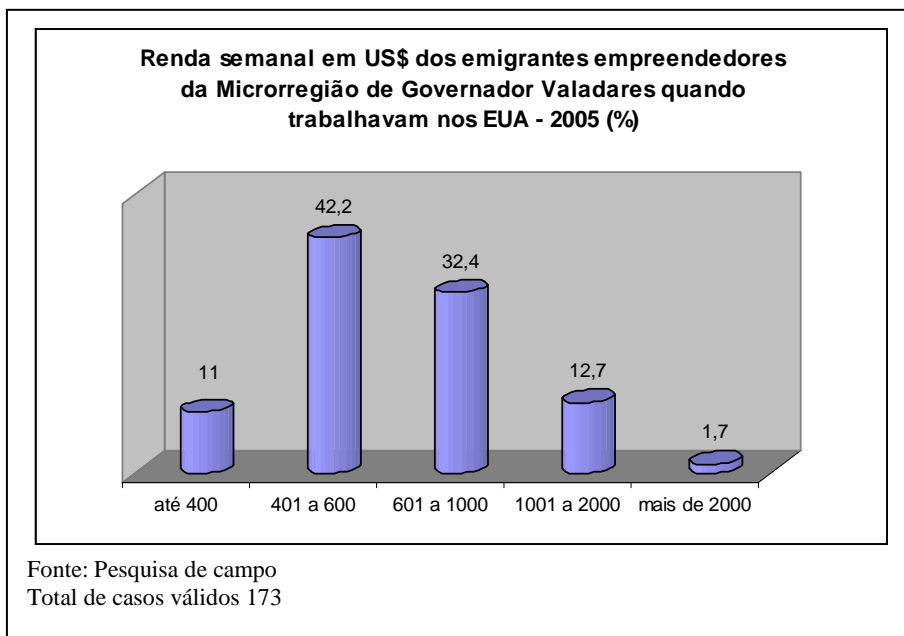
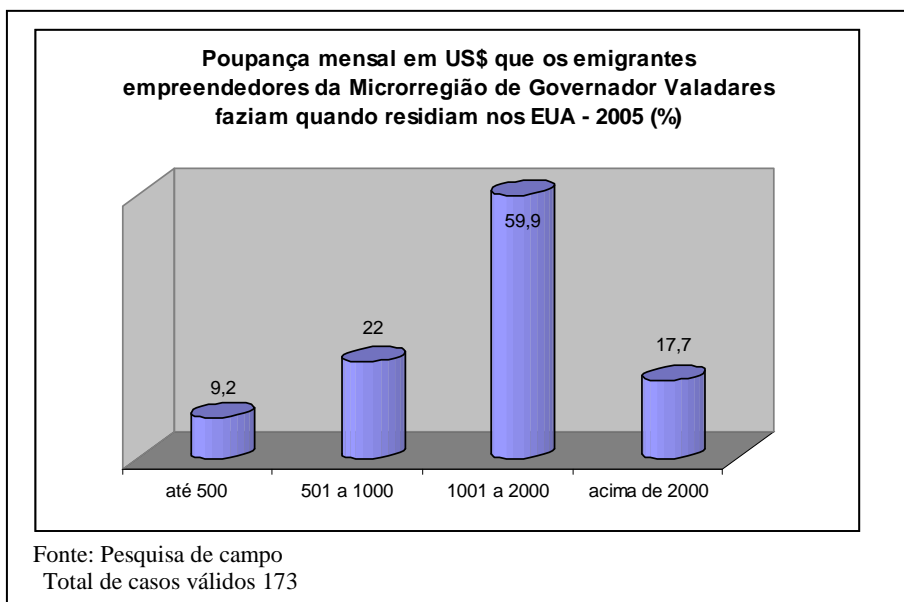


Gráfico 44

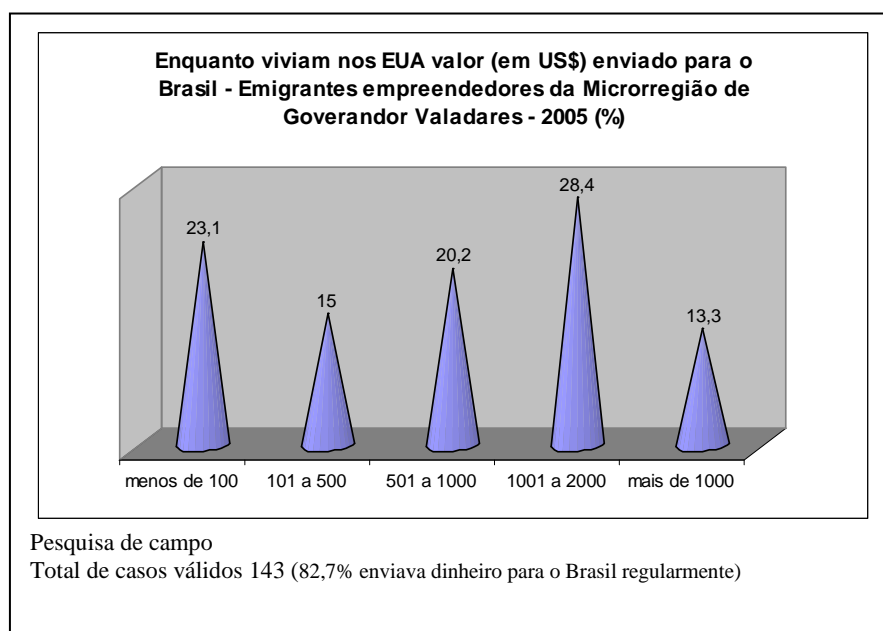


Como e onde guardavam suas poupanças merece destaque. Nas entrevistas não estruturadas ouvimos histórias de pessoas que guardavam o dinheiro no colchão, em sapatos velhos, embaixo de peças soltas do piso, no forno do fogão, etc. Ouvimos também histórias trágicas de perda da poupança guardada nestes lugares inusitados.

“Guardava meu dinheiro no forno, eu nunca usava, só usava as bocas, deixava bem no fundo, um dia veio uma sobrinha foi morar comigo, eu nem lembrei de falar pra não usar o forno [...]. Um dia cheguei e ela tinha tentado fazer um bolo [...] foi o bolo mais caro do mundo [...] ela disse bem que eu senti um cheiro esquisito, aí começou a sair uma fumaça e depois o forno pegou fogo [...] tinha oito mil dólares que viraram cinza”.
(Cláudio, 42 anos)

Apesar de muitos guardarem suas poupanças em casa ⁷⁷ (26%) e outros (45%) em bancos nos EUA, 29% enviavam suas poupanças para o Brasil. Destacamos (gráfico 45) que, independente da poupança 82,7% dos entrevistados enviavam dinheiro mensalmente para o Brasil. Destes, 28,3% enviavam valores entre mil e um a dois mil dólares e 13,3% mais de dois mil dólares. No gráfico 46 observamos que a principal finalidade do envio é para as despesas da família (52%). Outros 32,9% para investimento e 28,9% para poupança com a finalidade de investir quando retornassem.

Gráfico 45



⁷⁷ O fato de serem migrantes indocumentados faz com que não guardem suas poupanças nos bancos por receio de se tornarem mais visíveis. Vale lembrar que é possível abrir conta nos bancos americanos, mesmo sendo imigrante indocumentado nos EUA.

Gráfico 46



O Brasil é o segundo maior receptor de remessas da América Latina, perdendo somente para o México. Segundo dados do *Inter-American Development Bank* (2006) as remessas enviadas para o Brasil, vindas principalmente dos EUA, Europa e Japão, superam US\$ 6,4 bilhões. Deste valor US\$ 2,7 bilhões são provenientes dos EUA. Este valor representa 1,1% do PIB brasileiro. Ressaltamos que parte desse valor não é contabilizada pelo Banco Central porque entra no país por vias ilegais (as agências de turismo⁷⁸).

Só para a cidade de Governador Valadares a remessa representa 60% da arrecadação do município prevista R\$ 274 milhões em 2006⁷⁹. O principal meio de envio desse dinheiro declarado pelos entrevistados é através das agências de turismo (59,9%). O volume dessas remessas atraiu o sistema bancário nacional. Em 2000 o Banco do Brasil, em parceria com a *Western Union* e posteriormente, em 2003 e 2004 o Banco Itaú em parceria com a *Money Grant* e o Bradesco em parceria com o *Bank of America* e mais recentemente em 2005 a Caixa Econômica Federal em parceria com o Banco Português BCP inauguraram serviços de remessas de dólares para o Brasil.

As instituições da região também começaram a operar com recebimento de remessas. A SICOOB (Cooperativa de Crédito do Vale do Rio Doce Ltda.) fez convênio em

⁷⁸ Lojas de brasileiros, cuja principal atividade é o envio de remessas para o Brasil, mas também vendem outras coisas como jornais, revistas brasileiras.

⁷⁹ Folha de São Paulo, 25 de dezembro de 2005, Caderno B p.7.

julho de 2005 com o Banco Rendimento⁸⁰ com aval do Banco Central e passou a receber remessas de dinheiro do estrangeiro. Segundo o diretor administrativo e financeiro⁸¹, no período de julho a dezembro de 2005 a cooperativa recebeu, só para as 16 cidades da Região que possuem agências, o total de R\$4.684.548,00 de remessas do exterior. Deste montante, 90% provêm do EUA. Destaca que em torno de 60% das remessas são para a cidade de Governador Valadares.

Outra instituição local que trabalha com o recebimento de remessas é a cooperativa de crédito AC Credi, ligada à Associação Comercial de Governador Valadares. Segundo seu presidente⁸², a instituição recebe depósitos do Banco Rendimento, desde 2004 e trabalha somente com ordens de pagamento para seus cooperados. Só começou a fazer propaganda deste produto em novembro de 2005. Recebe em média duzentos mil reais por mês, de ordens de pagamento para as 10 agências que possui na região. Afirma que depois da queda do dólar os valores diminuíram, contudo o número de ordens continua o mesmo.

“As remessas são fundamentais para a região, elas dinamizam o comércio. A queda do dólar afeta diretamente o comércio da cidade. Diferente do Vale do Aço, onde o dinheiro que circula é todo formalizado porque as grandes empresas como Cenibra, Usiminas, exigem a formailização dos contratos, em Valadares o dinheiro que circula é informal, vindo principalmente do envio de remessas, grande parte vem informalmente. Só em fevereiro de 2006 o dinheiro em depósito à vista, prazo e poupança nos 18 bancos da cidade somava um total de duzentos e oitenta milhões de reais, segundo o Banco Central. São poucas as cidades que atingem este montante, a não ser as que têm grandes indústrias como Ipatinga. Todo este dinheiro foi gerado informalmente, mas está nos bancos. Por isso é que eu considero que os dados oficiais não representam a realidade da cidade e região. Nosso IDH é baixo, mas a qualidade de vida é bem melhor do que a indicada pelos índices oficiais, isto porque a circulação de dinheiro é informal. Veja só a frota de veículos da cidade, é uma das melhores de Minas para cidades do porte da nossa. Nossa cooperativa é a maior do interior de Minas. Tudo isso mostra que as

⁸⁰ É o segundo Banco em volume de remessas de moeda estrangeira para o Brasil.

⁸¹ Entrevista realizada em 28/04/2006.

⁸² Entrevista realizada em 02/05/2006.

remessas oficiais e as não oficiais dão sustentação à nossa economia”.

(Diretor Financeiro da AC Credi)

De fato, se levarmos em consideração apenas os dados oficiais, o panorama econômico da microrregião não era muito promissor na década de 1980. Depois do esgotamento do ciclo extrativista da mica e da madeira, a pecuária assumiu a posição de carro chefe da economia. Contudo, na década de 1980 entrou em crise devido ao esgotamento do solo e à falta de modernização da atividade.

A região nunca teve uma base sólida de desenvolvimento do setor industrial. Em 1985 a indústria representava 13,3% e a agropecuária 18,7% do PIB da Microrregião. Em 1995 ocorre uma inversão e a indústria passa a representar 18,1% do PIB total. Isso ocorreu, não devido ao desenvolvimento da indústria, mas a retração do setor agropecuário. Isso refletiu também na posição da agropecuária da região, no espaço da economia estadual (Fundação João Pinheiro, 1996).

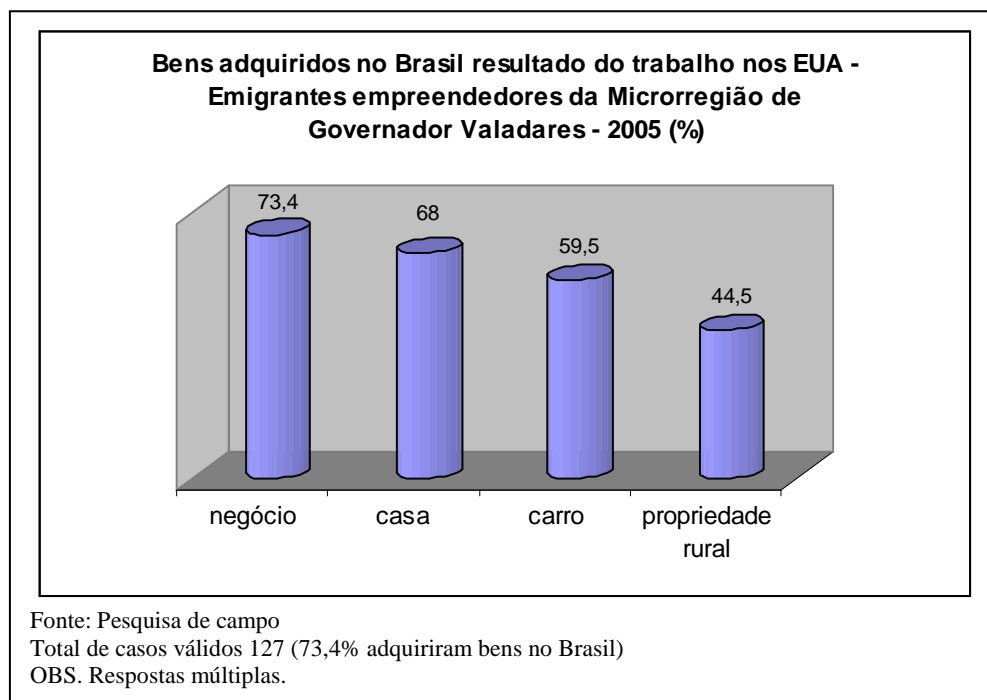
O setor secundário também apresentou pouca expressividade no panorama econômico no período de 1985 a 1995. Absorvia reduzida quantidade de mão de obra e apresentava pouco dinamismo. Quanto ao setor terciário, já se havia expandido ao máximo das necessidades da região, não tendo como alimentar novos ciclos expansivos. Segundo Espindola e Soares (2005) “[...] os serviços constituíram a atividade predominante entre 1985 e 1995, em trajetória levemente ascendente eles participaram com 67,6%, em 1985, e com 68,7% em 1995, na geração do PIB total da microrregião de Governador Valadares”.

Num quadro mundial de reestruturação econômica que exige competitividade e modernização, a Região do Rio Doce enfrenta graves problemas decorrentes de seu desenvolvimento histórico e do contexto econômico nacional e mundial. Hoje, segundo Espindola e Soares (2005), vive-se “uma involução do mercado regional, com falta de alternativas econômicas e predomínio da tendência de diminuição do nível de emprego e renda; perda da expressão regional, com participação decrescente no orçamento estadual em relação ao investimento; baixo nível tecnológico e baixa capacidade de empreendimento [...]”. É nesse panorama que a emigração e as remessas de moeda estrangeira ganham uma importância vital para a dinâmica da sua economia.

Mais clara fica a importância dessas remessas para o dinamismo da região quando observamos no gráfico 47 que 73,4% dos entrevistados investiram o dinheiro ganho nos EUA, adquirindo um negócio na Microrregião de Governador Valadares. Esses

negócios são empreendimentos na área do comércio, indústria e serviços. Destacamos que dentre os 68% que declararam investir em casa 20,5 % já possuíam uma casa, ou seja, a compra da segunda casa era com o objetivo de investir em imóveis para alugar. Outros 44,5% investiram em propriedade rural.

Gráfico 47



Um efeito negativo dessa remessa é a elevação do preço de imóveis urbanos e propriedades rurais. Segundo Carlos Juarez Amaral, proprietário de imobiliária em Governador Valadares⁸³ o preço dos imóveis nesta cidade subiu acima do preço de mercado cerca de 30% nos últimos anos. Por outro lado, devido ao aumento da oferta de imóveis para aluguel resultado do investimento dos imigrantes nesta área e a queda do preço do dólar, o preço dos aluguéis tem caído em torno de 40% e o tempo do imóvel desocupado tem aumentado nos últimos 12 meses.

“Depois da queda do dólar diminuiu a venda de imóveis para os brazucas. Antes eu vendia em média de 5 a 6 imóveis por mês, hoje não chega a dois. Mas ainda estão super valorizado os imóveis aqui [...] creio que com o tempo a tendência é cair o preço. [...] dos imóveis que administro,

⁸³ Entrevista realizada em 02/05/2006

cerca de 20% são deles [emigrantes]”. (Carlos Juarez, proprietário de imobiliária em Governador Valadares)

Um diretor do Sindicato Rural de Governador Valadares⁸⁴ também informa que a propriedade rural teve um aumento da ordem de 300%. O alqueire de terra, que em 1995 custava cinco mil reais, hoje é vendido por vinte mil. Uma propriedade avaliada em trezentos mil reais em 1995, na cidade de Capitão Andrade, dois anos depois foi vendida por um milhão de reais. Lembrando que as terras dessa região são degradadas pelo uso extensivo, este valor é de fato super inflacionado. Contudo, para o migrante, além do valor econômico, existe também o valor simbólico. A possibilidade de comprar uma chácara, sítio ou fazenda é a recompensa não só material de seu projeto migratório, mas também simbólico, pois nessa terra está agregado o valor do sonho realizado.

A aquisição de bens tem também um lugar simbólico no retorno, por isso vemos em Governador Valadares e em outras cidades da região, a construção de casas de padrão muito elevado em bairros de periferia altamente desvalorizados. O emigrante poderia comprar um lote e construir uma casa em um bairro mais valorizado, mas construir naquele bairro, naquela rua, tem todo um significado de mobilidade social. O mesmo acontece com as propriedades rurais. Comprar a fazenda ou o sítio onde foi peão, ou o pai foi meeiro tem um valor simbólico que explica por que os emigrantes pagam mais por essas propriedades.

7.2.4 O cotidiano nos EUA

A vida nos EUA é percebida pelos entrevistados como um tempo fora da vida real como descreve Simmel (1998) no seu texto *A Aventura*. Para eles, este período é um ponto afastado da vida real, é como se outra pessoa tivesse vivido aquela história. Seus relatos apresentam as nuances de um sonho. O período nos EUA, como imigrante, é uma etapa em suspensão, uma aventura vivida e relatada como se fosse algo fora do decurso natural da vida.

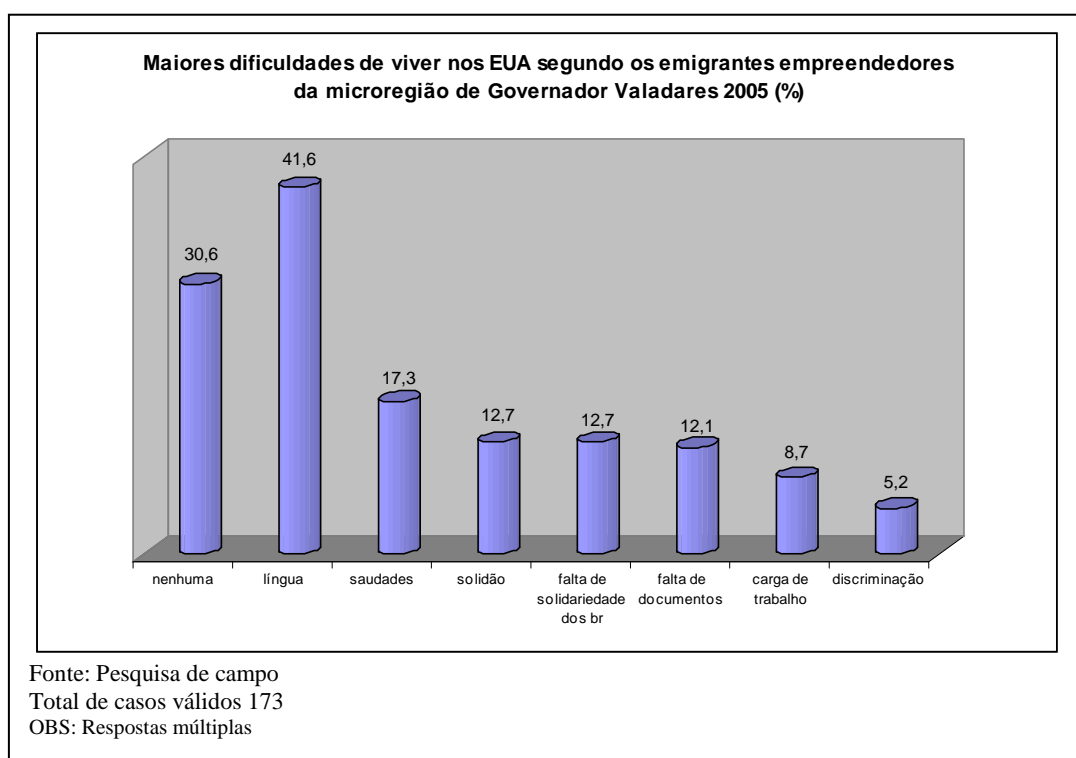
“Quando lembro o que fiz e de como vivia lá parece que foi um sonho [...]. A viagem pelo México [...], o tempo todo com medo de ser preso [...] a vida

⁸⁴ Entrevista realizada em 09/05/2006

solitária e a saudades de casa [...]. trabalhava feito maluco, fazia conta de tudo [...] era tudo muito louco[...]”. (Ezequiel, 39 anos)

No gráfico 48, o fato de não falar inglês é apontado por grande parte dos entrevistados (41,6%) como a maior dificuldade enfrentada nos EUA. A saudade de casa, a solidão, a falta de solidariedade dos conterrâneos, a falta de documentação, as longas horas de trabalho e a discriminação, também são indicadas como dificuldades enfrentadas por eles nesse período. Destacamos que 30,6% declaram que não encontraram nenhuma dificuldade. Estes em sua maioria eram solteiros (45%) e tinham um grande número de familiares vivendo nos EUA (35%).

Gráfico 48

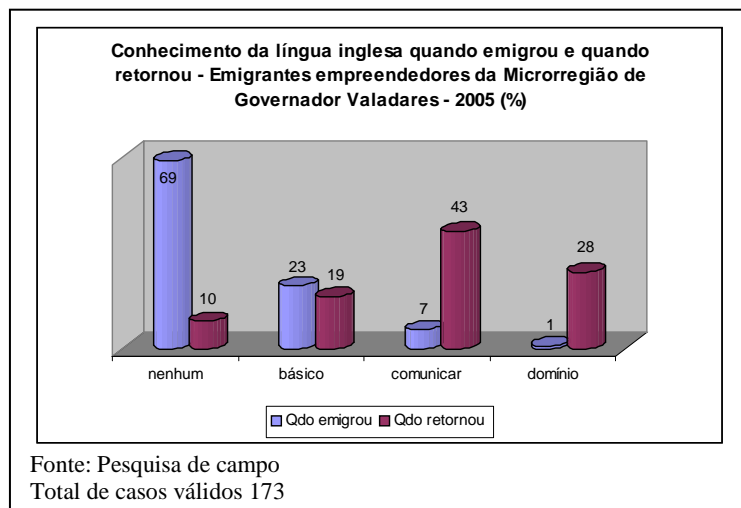


No gráfico 49 podemos observar por que a língua é apontada como a maior dificuldade entre os entrevistados, pois 69% deles não tinham absolutamente nenhum conhecimento da língua quando emigraram. Com o tempo eles aprenderam o idioma e ao retornar apenas 10% declaram que continuavam sem nenhum conhecimento da língua, enquanto 43% aprenderam o suficiente para se comunicar. O percentual desta categoria antes de emigrar era de apenas 7%.

“Depois que a gente consegue entender e falar um pouquinho a vida fica menos difícil, a gente fica com menos medo e sai da dependência dos outros.

[...] *levei mais ou menos um ano e meio para conseguir me virar sozinho, antes até para ir no Dunckin'Donuts eu ficava meio ressabiado, ficava de olho para ver se tinha brasileiro atendendo [...]*". (Cláudio, 42 anos)

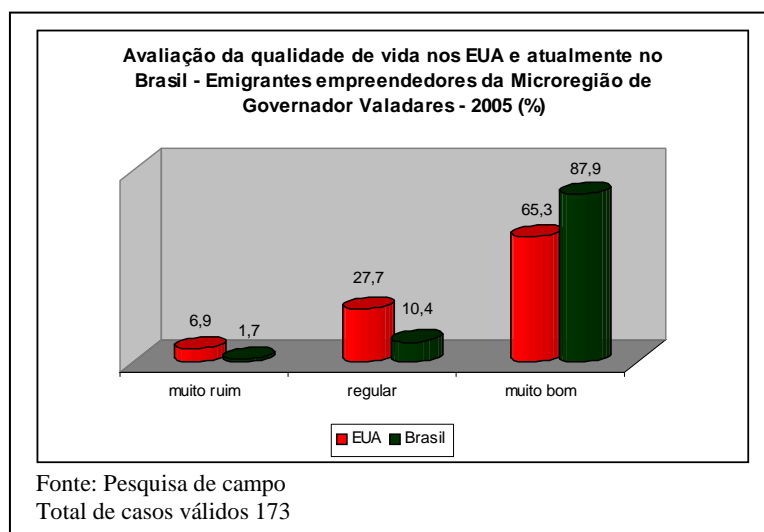
Gráfico 49



A avaliação da vida nos EUA e no Brasil, pesa mais positivamente para a vida atualmente no Brasil. Contudo, no gráfico 50 podemos observar que 65,3% consideravam a vida nos EUA muito boa. Destacamos que esta questão no formulário⁸⁵ da entrevista é precedida por questões que trazem à memória do entrevistado as condições de trabalho, as horas de sono e as atividades de lazer que tinha no Brasil e nos EUA. O objetivo destas questões era evitar que sua resposta fosse dada tendo como referência apenas os aspectos financeiros, ou seja, a poupança e os investimentos realizados a partir dos dólares que ganhou nos EUA. Mesmo assim podemos considerar que esta avaliação positiva da vida nos EUA está diretamente relacionada às suas conquistas no Brasil ao retornar.

⁸⁵ Ver questão número 17 a 20 no formulário da entrevista no Apêndice A.

Gráfico 50



“[...] trabalhava muito, mas não posso dizer que a vida lá era ruim, tudo que tenho hoje, o conforto que dou pra minha família devo àquele país [...] eu nunca falo mal da América, pois lá eu tive chance de melhorar de vida [...]”.
(Mário, 52 anos)

As horas prolongadas de trabalho duro, as poucas horas de sono e a falta de tempo para o descanso e lazer, o medo de ser preso por ser indocumentado, o estranhamento de viver em uma cultura diferente, enfim todas as privações vividas no período de migração são esquecidas e apenas 6,9% avaliam a vida neste período como ruim. Neste depoimento fica claro que a avaliação da vida nos EUA passa pela perspectiva do presente, das conquistas que foram possíveis graças à emigração.

7.3 O retorno e o investimento – Um sonho realizado

Mário quando emigrou tinha 29 anos. Era casado e tinha uma filha de quatro anos. Formado no curso técnico de informática era empregado com carteira assinada e recebia dois salários por mês. Foi a convite do irmão e do cunhado que tinham uma empresa de pintura na cidade de Somerville. Dois anos depois levou sua esposa, mas sua filha ficou com a sogra. Só retornou depois de cinco anos e permaneceu nos EUA no período de 1989 a 1995. Entrou nos EUA pelo México e sua esposa com passaporte montado. Trabalhou na

construção civil como pintor e sua esposa como housecleaner. Hoje é proprietário de uma mercearia e de uma loja de material de construção numa cidade da Microrregião de Governador Valadares.

“Por cinco anos não fiz outra coisa a não ser trabalhar, minha vida era uma droga, o que me segurava era saber que todo mês eu guardava mil, mil e quinhentos dólares [...] eu tinha uma meta [...] só voltava depois de ter juntado pelo menos trezentos mil reais. Depois que a Vera chegou melhorou um pouquinho, deu para guardar mais e também já não ficava tão sozinho [...] nós dois ficávamos chorando com saudades da nossa filha [...], mas era melhor, se ela não tivesse ido eu não tinha agüentado não. [...] no final a gente ficava contando os dias e sonhando em voltar. [...] meu dinheiro eu guardava no banco português, tem brasileiro que tem medo, mas meu cunhado é cidadão então, se acontecesse alguma coisa, assim de ser deportado, ele podia tirar o dinheiro pra mim [...] era só ele levar o cheque assinado. [...] eu construí a minha casa [...] eu já tinha o lote [...] meu pai é que tomou conta, eu mandava o dinheiro e ele fazia do jeito que eu queria. A Vera conhecia a casa, mas eu só de foto [...] tava doido para conhecer [...]. Meus planos? [...] eu sempre conversava com meus amigos, meu pai e meus irmãos sobre o que eu podia fazer quando voltasse. Meu pai sempre trabalhou com comércio, ele tinha uma venda, era pequena. Então eu mandei o dinheiro e ele construiu minha casa com as duas lojas em baixo [...] eu pensava em montar um supermercado, na cidade não tinha nenhum [...] era essa a minha idéia. [...] aí quando cheguei foi chovendo de gente dizendo faz isso, faz aquilo [...]. A gente chega meio tonto, sem rumo parece que desceu de uma nave espacial e que todo mundo é estranho, até a família da gente. [...] era assim, achava que as pessoas falavam demais, falavam alto, não sei, era tudo muito diferente [...] a gente esquece como era e de ficar muito tempo fora, num mundo fechado [...] lá é só trabalho, aí quando volta estranha tudo. [...] eu só ficava escutando, não soltava dinheiro pra nada [...]. Eu primeiro quis descansar, dormir e curtir minha filha [...] e meus amigos. Comecei a ver as coisas para o supermercado só 6 meses depois. [...] fui observando que aqui só tinha vendas, botecos e tudo era muito caro, as pessoas que tinham condições iam fazer compras em

Valadares, então eu vi que um supermercado ia dar certo mesmo, a cidade estava precisando de um. [...] abri o supermercado. [...] a loja de material de construção foi um ano depois. [...] foi do mesmo jeito. Eu já tinha a loja [o imóvel], vi que todos iam comprar em Valadares, então abri a loja [...]. Minha maior dificuldade quando voltei foi essa de ficar meio tonto, sem saber das coisas, era tudo muito diferente. [...] com relação ao supermercado foi a parte da contabilidade. Meu pai sempre foi comerciante, eu trabalhei com ele muitos anos, mas era um negócio pequeno, de cardeneta, não tinha essa de cartão de crédito, vale card e outros. Por isso tive que aprender tudo. (Mário, 52 anos)

Neste relato podemos perceber que o retorno foi planejado, os dias foram contados, mas como o tempo nos EUA foi um período em suspensão da vida normal o emigrante como o aventureiro de Simmel (1998) congelou o tempo e o retorno é marcado pelo estranhamento de seu ambiente de origem, pois o ritmo da vida no Brasil é diferente. Ainda na perspectiva de Simmel, o que importa nas relações sociais não é apenas o espaço geográfico, mas também as forças psicológicas, os fatores espirituais, que aproximam e unem as pessoas e os grupos. A distância física, mesmo que mediada por telefones freqüentes, participação na comunidade brasileira nos EUA, não elimina o estranhamento. Ao retornar o emigrante é outra pessoa e seu lugar de origem também mudou. Por isso, o retorno é marcado por um misto de alegria por ter voltado e conseguido atingir o objetivo, mas também pela insegurança, pelo sentimento de não pertencimento, pelo estranhamento e pelo medo de perder todo o dinheiro que conseguiu.

Esse mesmo sentimento de não pertencimento no retorno é relatado por Hall (2003) no seu estudo sobre a dispersão caribenha no EUA, Canadá e Reino Unido. Estes emigrantes, como os brasileiros da Microrregião de Governador Valadares, não se sentiam em casa quando retornavam para suas cidades de origem, pois segundo Hall já eram habitantes de dois lugares. Este não é o caso de Mário. Este sentimento ocorreu no impacto da chegada, mas ele conseguiu readaptar-se e permanecer; contudo, outros emigrantes não conseguem e acabam reemigrando ou tornando-se transmigrantes.

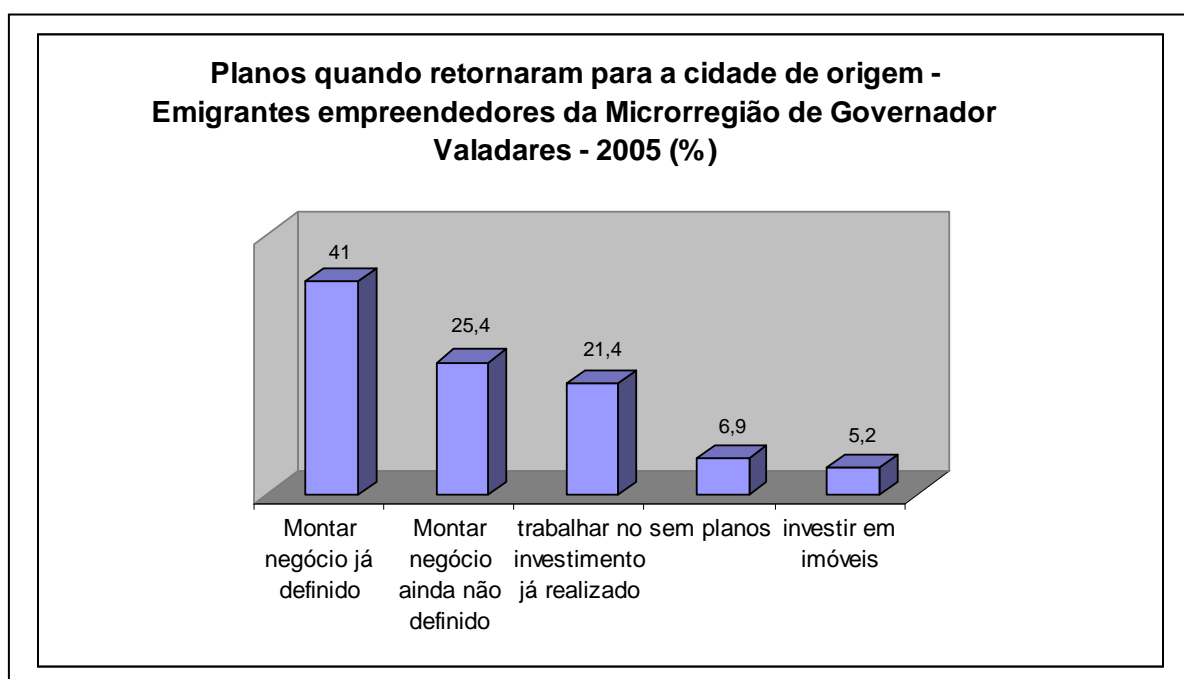
“[...] voltar é mais difícil do que ir. Quando a gente vai tá cheia de sonhos, acha que vai ser tudo fácil. [...] chega aqui tá tudo diferente, os filhos, os amigos, a cidade. [...] até acostumar de novo é muito sofrimento, dá vontade de voltar”. (Ana, 35 anos)

7.3.1 Os projetos e dificuldades

O gráfico 51 demonstra que 41% dos entrevistados tinham uma idéia definida sobre o investimento que fariam ao retornar. Este era o caso de Mário. Enquanto estava nos EUA investiu na construção de sua casa com duas lojas embaixo, pois já tinha a idéia de montar um supermercado, área de negócio de sua família e sobre a qual já tinha alguma experiência. Outros 25,4% pretendiam montar um negócio, mas ainda não sabiam em que área e qual tipo, ao passo que 21,4% já tinham realizado o investimento enquanto estavam nos EUA.

“Durante os últimos três anos em que estava na América mandava dinheiro para minha esposa e ela e meu filho reformaram a casa, fizeram a loja e montaram todo o estoque (loja de equipamentos para som de carro) [...] quando cheguei foi só pegar a manha e começar a trabalhar [...]. (Cláudio, 50 anos).

Gráfico 51



O gráfico 52 mostra que 48,6% dos entrevistados afirmam que não tiveram nenhuma dificuldade ao retornar. Contudo, 31,2% afirmaram que sua maior dificuldade foi em relação à economia do país. Esta dificuldade relaciona-se à insegurança dos investimentos devido a falta de confiança dos emigrantes quanto a estabilidade da economia

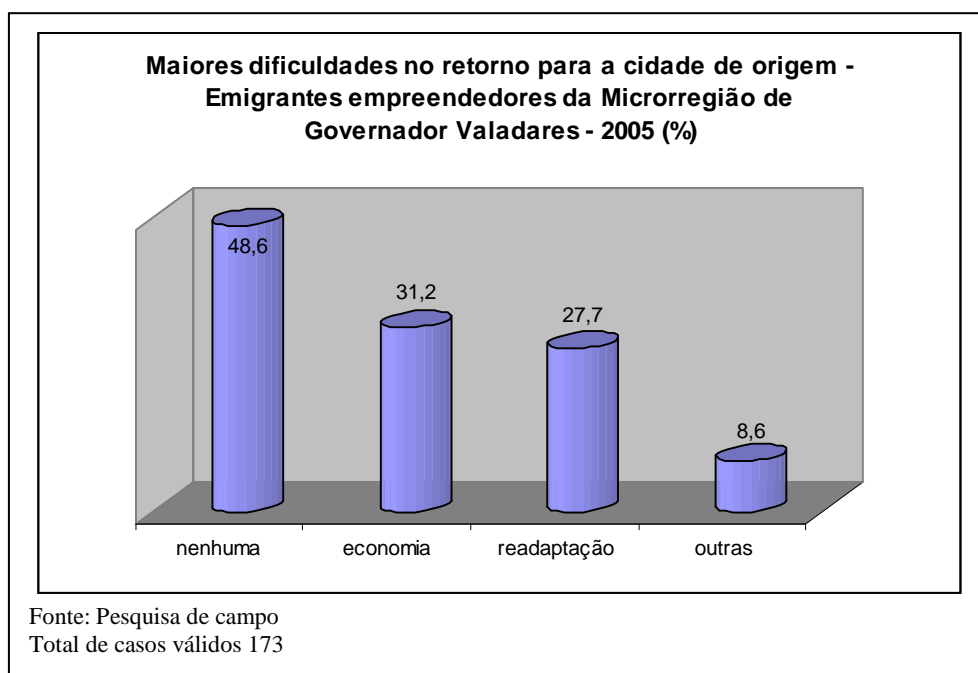
brasileira. Giddens (1991) afirma que na sociedade moderna risco e confiança se entrelaçam. O risco são as falhas e infortúnios previamente avaliados em relação às possibilidades. A confiança é uma crença resultante de um dado conjunto de informações e resultados. “A confiança serve para minimizar os perigos aos quais estão sujeitos tipos específicos de atividades.” (Giddens, 1991, p. 42). Nesta perspectiva, o emigrante quando retorna, reunindo suas informações e os resultados de sua experiência enquanto cidadão brasileiro e sua experiência de vida numa sociedade de primeiro mundo, mesmo que na franja dessa sociedade, declara o medo de investir, mas acaba por fazer investimentos depois de avaliar os riscos e a confiança na economia da sociedade de origem.

Ainda no gráfico 52 observamos que 27,7% declararam ser a sua maior dificuldade a readaptação. O retorno é um momento crucial, marcado pela euforia de rever tudo aquilo de que ficou privado por um longo tempo, pela sensação de sucesso e pelo reconhecimento dos outros que foram e venceram, conseguindo “*fazer a América*”. Ao mesmo tempo, por ter ficado afastado deste ambiente por um longo tempo, reconstruiu e idealizou esse espaço e as relações afetivas. Ao retornar, encontra uma realidade que não é a idealizada. Então precisa readaptar-se.

“[...] era estranho, as pessoas ficavam perguntando o tempo todo da minha vida, o que eu ia fazer, entravam em casa sem perguntar se podiam entrar, chegavam sem avisar. [...] sempre foi assim, mas eu tinha esquecido disso e achava estranho. [...] a cidade estava suja, as pessoas sem educação”.
(Augusto, 31 anos).

O retorno é parte integrante do projeto de emigrar; contudo, ao retornar o emigrante percebe que o espaço geográfico é o mesmo, voltou para seu ponto de partida, mas não voltou para o tempo de partida. O lugar e as pessoas mudaram na dimensão temporal. “Se de um lado, pode-se voltar ao ponto de partida, o espaço presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida, tornar-se novamente aquele que era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou tal qual os deixou.” (SAYAD, 2000, p.12)

Gráfico 52



Passado este momento de euforia e estranhamento, as marcas da experiência vivida nos EUA, as relações afetivas e sociais que ficaram para trás, também deixa saudades e o migrante começa a avaliar sua vida nos dois lugares. O ritmo intenso do trabalho nos EUA e toda a insegurança que o fato de ser indocumentado gera, é aliviado ao chegar à sua terra, mas para retomar ao ritmo da vida normal, precisa de um tempo. Muitos não conseguem. No gráfico 28, podemos observar que 31,4% dos emigrantes que retornaram investiram, voltaram à condição de emigrantes, exatamente porque não conseguiram superar essa fase e não se readaptaram à vida no Brasil.

Para 92,5% dos entrevistados, a experiência de emigrar foi positiva. Destes 56,1% creditam à migração a possibilidade de ter tornado-se empresário (gráfico 53). Quando perguntados se pretendem migrar novamente, 76,3 afirmam que não pretendem migrar novamente (gráfico 54). Isto se deve ao fato de que seus empreendimentos são bem sucedidos e lhes provêm o que consideram necessário para ter uma boa qualidade de vida. Pode-se observar que apenas 11,6% afirmam que pretendem migrar novamente.

Gráfico 53

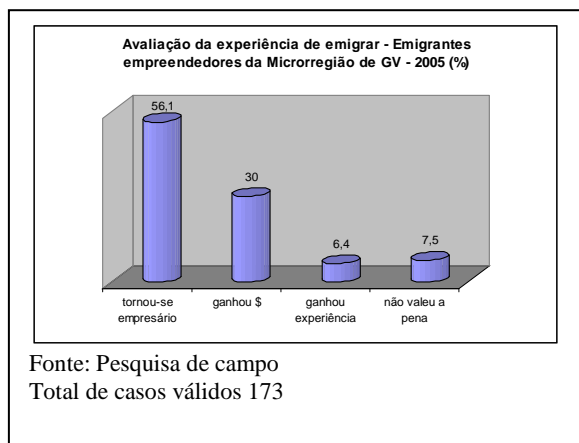
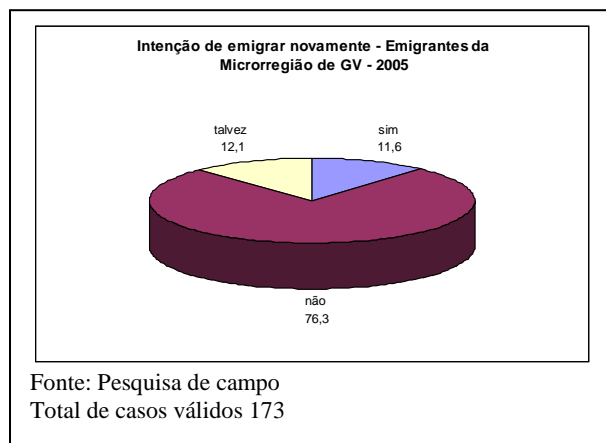


Gráfico 54



Destacamos que dentre os 11,6% que pretendem migrar novamente, 75% justificam esta opção porque vêm nela a possibilidade de ganhar mais dinheiro do que ganham em seus empreendimentos. Outros 14,3% porque pretendem reencontrar-se com parte da família que ficou nos EUA e 10,7% porque querem conseguir a documentação *Green Card* ou cidadania americana.

7.3.2 O começo – a montagem do empreendimento

Além das dificuldades de readaptação na chegada, tornar-se empresário depois de algum tempo afastado do Brasil não é uma tarefa fácil. Mesmo para aqueles que já tinham experiência.

“[...] eu tinha a impressão de que todo mundo ia me roubar, [...] custei a me acostumar com o dinheiro novamente. Quando cheguei era aquela época de muita inflação, enquanto eu pensava o preço subia, eu não conseguia entender [...] custei a me acostumar e tive muito prejuízo no início”.
(Renato, 39 anos)

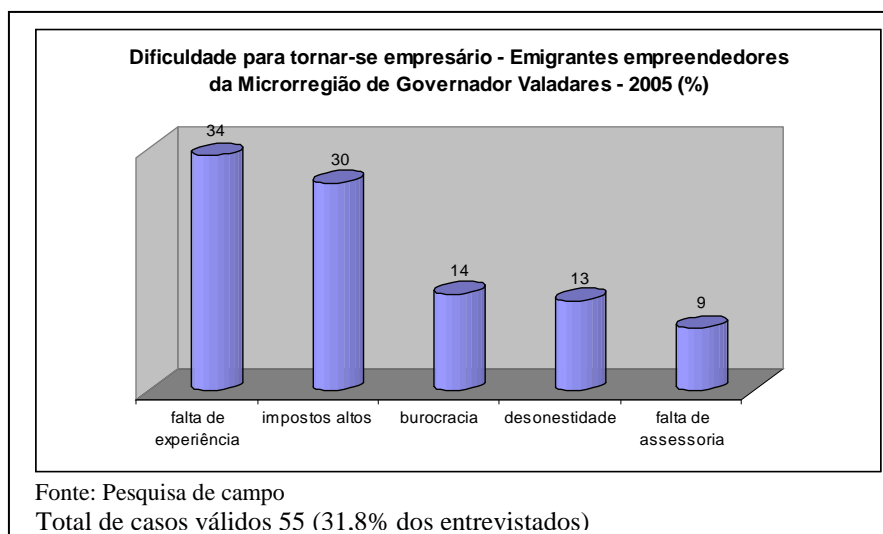
Destacamos que 68% dos entrevistados declaram que não tiveram dificuldades para iniciar seu empreendimento. Esses são em sua maioria os que, quando retornaram, seus empreendimentos estavam funcionando ou praticamente prontos para iniciar, ou tinham experiência no ramo em que investiram, ou ainda entraram como sócios de alguém que tinha experiência.

“Não tive problema nenhum, quando cheguei já tava tudo prontinho, a loja estava linda e já tinha uma boa freguesia, foi só descansar e pôr a mão na massa”. (Ezequiel, 39 anos)

Um contingente de 31,8% dos entrevistados afirmaram que tiveram dificuldades para iniciar seu empreendimentos. Nesse grupo, 34% consideraram que a maior dificuldade para tornar-se empresário foi a falta de experiência. Para 30% os impostos elevados e 14% apontaram a excessiva burocracia como a maior dificuldade para se instalar como empreendedor no Brasil.

“Fiz sociedade como meu cunhado, ele já tinha essa representação, mas era pequeno, trabalhava em casa [...] foi difícil no começo aprender a mexer com o negócio, não sabia nada, tive que aprender tudo. [...] o pior mesmo era o medo de estar sendo enganado [...] ficava lembrando dos casos que contavam lá na América de gente que perdia tudo quando voltava [...]. (Marcone, 45 anos)

Gráfico 55



Conforme relatado no capítulo VI, apenas 17,1% dos emigrantes que retornaram às suas cidades de origem, investiram e não obtiveram sucesso e voltaram à condição de emigrantes (grupo II), tinham experiência no ramo em que fizeram o investimento. A maioria deles (82,9%) investiram em empreendimentos de que não tinham conhecimento e experiência. Diferentemente desses, a maioria (52,6%) dos emigrantes que se tornaram empreendedores bem sucedidos na Microrregião de Governador Valadares, investiram em atividades em que tinham experiência e conhecimento, como pode ser

observado no gráfico 56. Contudo, no gráfico 57 verificamos que grande parcela dos empreendedores não fez pesquisa de mercado nem buscou assessoria dos órgãos competentes, como Sebrae, sindicatos e associações de classe.

Gráfico 56

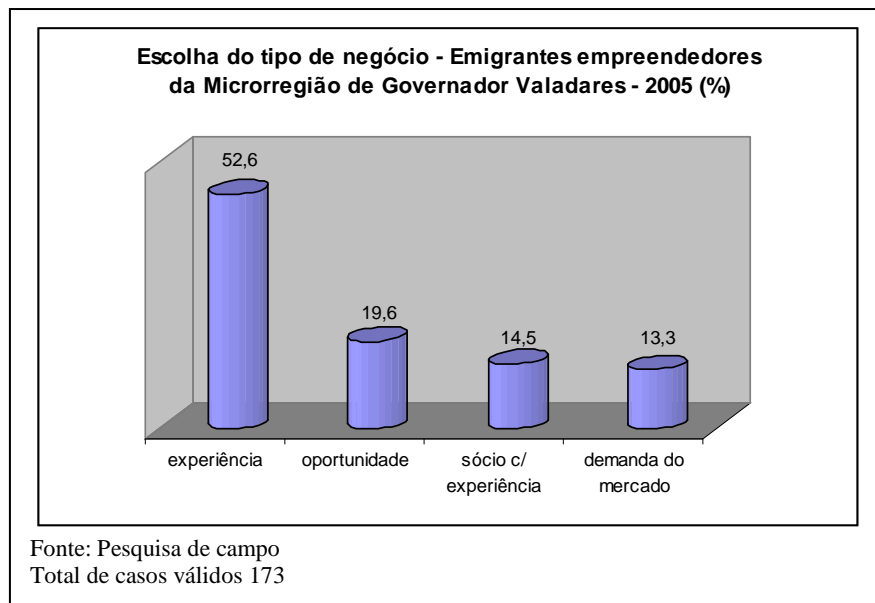
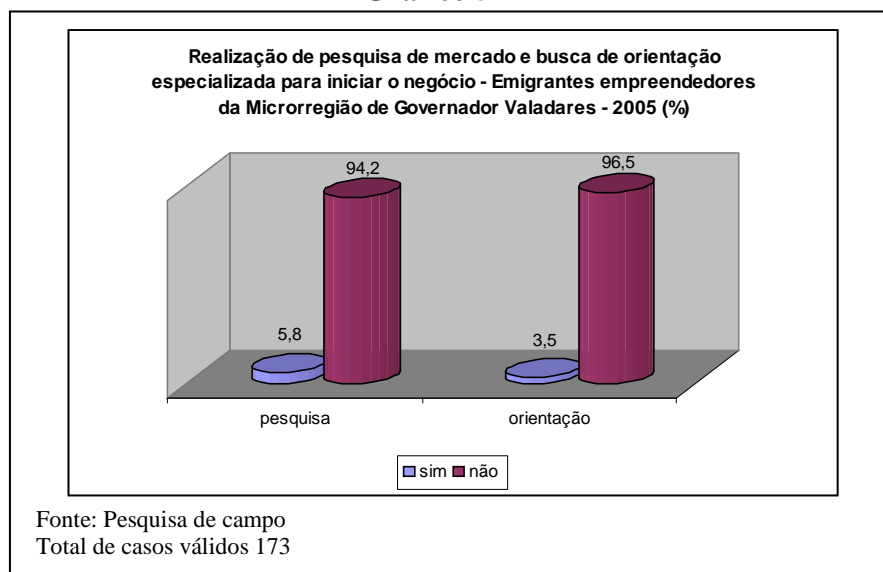


Gráfico 57

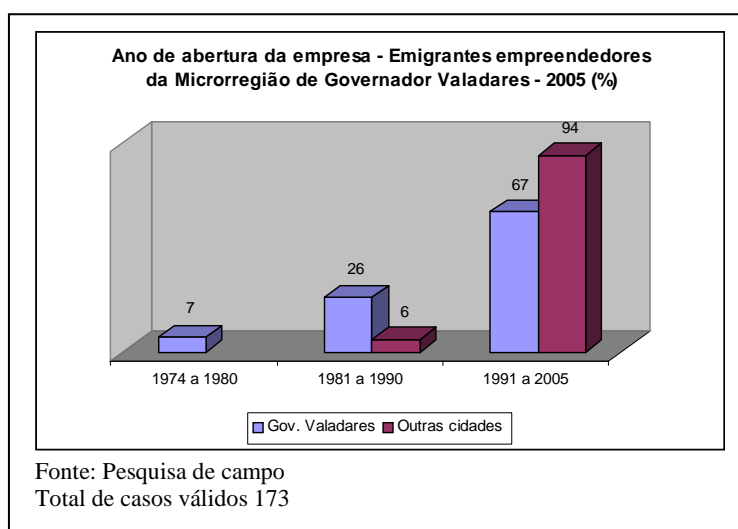


7.3.3 Características do empreendimento

Segundo os dados do Diagnóstico Municipal de Governador Valadares elaborados pelo Sebrae em 1999, o setor terciário é o maior da localidade, pois 83% das

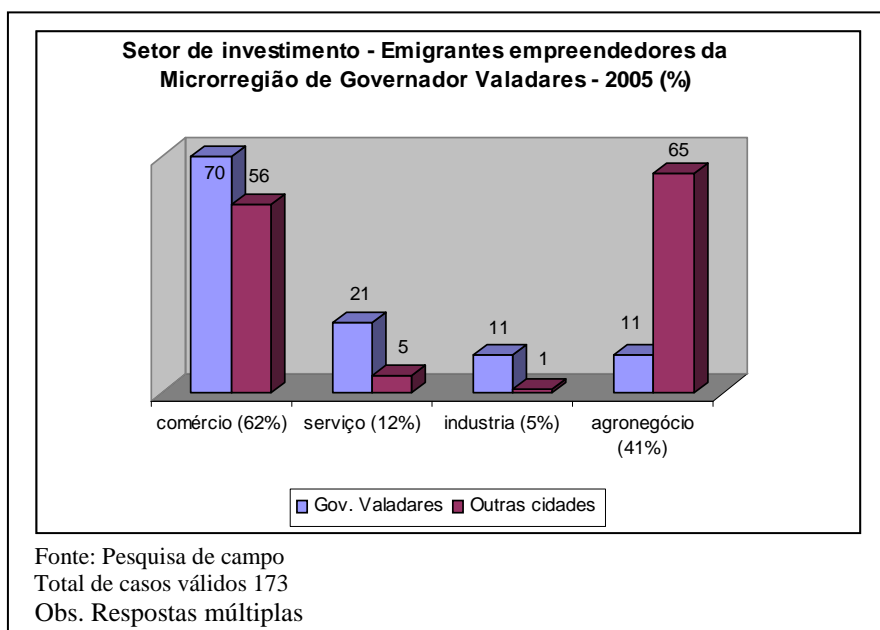
6.564 empresas cadastradas estão ligadas aos ramos de comércio e serviços. Este diagnóstico destaca que 64% das empresas foram fundadas na década de 1990. São dados apenas do município de Governador Valadares. Contudo, quando observamos no gráfico 58, verificamos que a maioria dos investimentos, tanto em Governador Valadares (67%) como nas outras cidades da microrregião (94%) foram iniciados justamente a partir de 1991. É interessante observar que até 1980, apenas 7% em Governador Valadares e nenhuma empresa nas outras cidades foram criadas pelos emigrantes. Isto pode estar relacionado ao *boom* da emigração que se deu nos anos de 1980, na cidade de Valadares e o retorno para investimentos só vai iniciar no final desta década. As outras cidades da microrregião entraram, de modo mais significativo, no fluxo migratório para os EUA já no final dos anos de 1980.

Gráfico 58



No gráfico 59 observamos que grande número dos investimentos foram realizados no setor do comércio, tanto em Governador Valadares, cidade pólo da Região, como nas outras cidades. Porém é interessante observar que o investimento em agronegócio predomina nas outras cidades (65%), enquanto o comércio foi a principal opção em Governador Valadares (70%).

Gráfico 59



O maior investimento em comércio e baixo em indústria se deve ao fato de que a atividade econômica da Microrregião de Governador Valadares é centrada no comércio e no agronegócio. Mesmo apresentando um quadro de estagnação econômica, com queda na participação no orçamento estadual em relação ao investimento e indicadores que retratam uma involução do mercado regional, a cidade de Governador Valadares é um pólo comercial que atende a toda a região, sendo, pois, este o motivo da maioria dos investimentos estarem centrados no comércio em Governador Valadares. Segundo dados da Fundação João Pinheiro (2005), no ano de 2000 a atividade agropecuária, em Governador Valadares, representava apenas 1,82% do PIB municipal. Diferentemente, as outras cidades da Microrregião têm no agronegócio sua maior concentração.

Há ainda o investimento imobiliário que, como foi mostrado no gráfico 47, é opção de investimento de grande parte dos emigrantes, fato que inflacionou o mercado a partir dos anos de 1980. O aumento do investimento em propriedade rural, a partir do final dos anos 1990, seguiu o mesmo caminho. O preço do alqueire de terra na região subiu 300%, conforme já informamos anteriormente. Essa é uma das conseqüências da emigração na Microrregião.

“O valor da terra triplicou. A fazenda [...] foi vendida em março de 2000 por trezentos mil reais, agora foi vendida por um milhão e meio, é um aumento de 400%, isso sem contar que a terra por aqui está cada vez menos

produtiva [...] quem comprou? Gente que tá na América [...] se você leva em conta a rentabilidade da terra e o preço dela, você vê que é pura inflação provocada pelo dólar [...]” (Representante do Sindicato Rural de Governador Valadares, março 2006).

As terras da região, mesmo tendo caído sua produtividade, têm um preço no mercado supervalorizado, quando se leva em consideração a sua rentabilidade. A propriedade rural passa a ter um valor especulativo e não produtivo, tornando-se uma reserva de valor para o imigrante. Aqueles que regressam ao Brasil e trabalham na terra sentem que o retorno do investimento não será possível, contudo, o que moveu a compra não foi unicamente a rentabilidade, mas a possibilidade de retornar à sua terra natal e melhorar o seu padrão de vida aqui. Também, está agregado ao valor monetário um valor simbólico. A aquisição de um determinado bem na sua cidade de origem é o atestado de que seu projeto de emigração foi bem sucedido, podendo demonstrar isso para seus vizinhos, parentes e amigos. Construir uma casa com um projeto arquitetônico diferente dos seus vizinhos, que demonstre seu novo status, ou comprar a terra onde foi vaqueiro ou seu pai meeiro, é uma forma de demonstrar para si e para os outros que seu projeto de emigração foi bem sucedido e que os anos de ausência, de intenso trabalho no exterior foram recompensados.

“[...] sei que poderia ter comprado terras bem melhores em Goiás, ou no Pará, mas eu queria aqui, assim fico onde nasci perto da minha família e tá dando pra ter uma vida boa aqui, [...]”. (Roberto, 43 anos)

Roberto comprou a fazenda em 2000, depois de ficar 12 anos nos EUA. Segundo seus vizinhos a terra valia um terço do valor que pagou. Comprou gado, reformou a sede e fez alguns investimentos em tecnologia. Adquiriu equipamentos de inseminação artificial e investe na melhoria do rebanho. Não pretende retornar aos EUA e, segundo ele, já recebeu oferta de compra de emigrantes que estão nos EUA, que daria para ter um bom lucro.

Sayad (2000) em seu estudo sobre os emigrantes argelinos, descreve a nostalgia do retorno. O ponto de saída torna-se lugar privilegiado da nostalgia. Esses pontos geográficos particulares, a fazenda, a cidade, o bairro, a rua, aquela casa específica onde morava [...] são objeto de um intenso investimento da memória nostálgica, tornam-se lugares sacralizados, lugares benditos, terra santa; vai-se aí em peregrinação, conformando-se desta maneira à intenção de toda peregrinação que é o retorno às fontes, o retorno a este

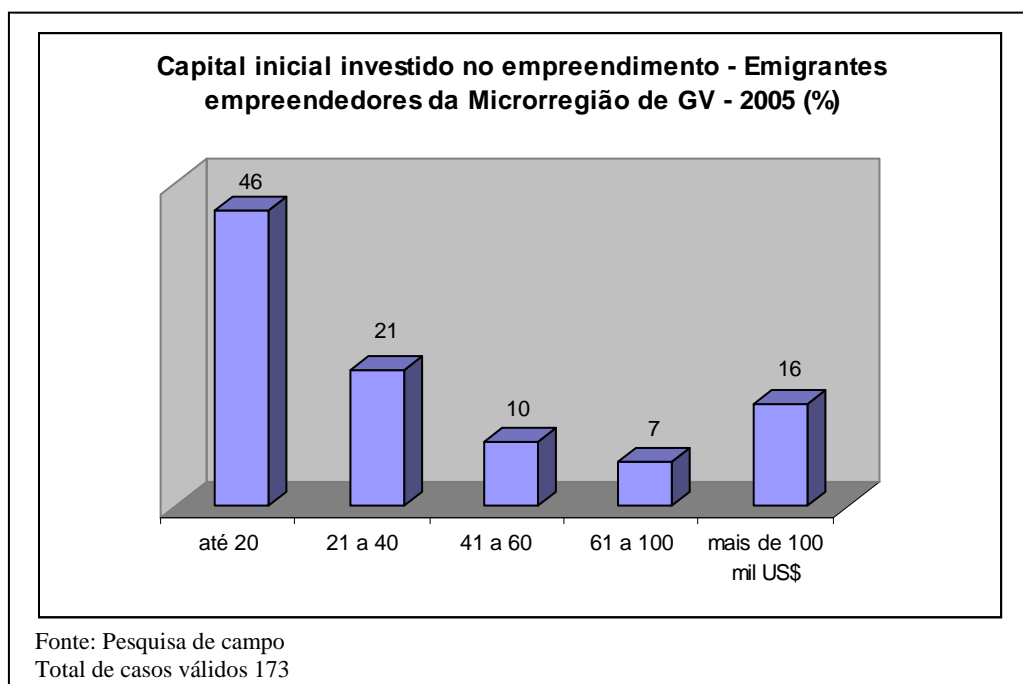
lugar da natureza e da história tornados santos pela graça da nostalgia. (SAYAD, 2000, p.12). Este sentimento está presente na fala de um dos entrevistados que reside há 21 anos nos EUA “*não existe nenhum lugar no mundo melhor do que a rua [...] no Jardim Pérola. É pra lá que eu vou voltar.*” (Geilton, 29 anos). O conjunto de apartamento por ele construído é um diferencial na rua. O projeto arquitetônico destoa das casas simples. Para ele, esse lugar que foi seu ponto de saída é o seu ponto de retorno, assim conseguirá fechar o seu projeto que se iniciou 21 anos atrás e só encerrará, na sua concepção, quando retornar para esse espaço por ele idealizado e sacralizado. Contudo, quando retornar, se retornar, sentirá que o lugar idealizado não corresponde à realidade, pois tanto ele quanto o local mudaram no decurso do tempo.

No gráfico 60 verificamos que o capital inicial investido no empreendimento da maioria (46%) dos entrevistados, é de 20 mil dólares. Destacamos que 16% investiram mais de 100 mil dólares.

“Primeiro comprei a fazenda, eu ainda tava na América, quando cheguei, resolvi investi também na mercearia, assim a mulher e os meninos podiam trabalhar também. Fazenda é assim, a gente só vê dinheiro quando vende gado, então pensei que a mercearia ia ser bom para ajudar as despesas [...] depois abrir a sorveteria e a loja de bicicletas. (Amâncio 42 anos)

Amâncio viveu 15 anos nos EUA, estava com 19 quando foi pela primeira vez. Foi pela fronteira do México. Voltou para comprar a fazenda em 1999 e retornou para os EUA. Segundo ele, queria ganhar mais dinheiro para melhorar a fazenda. Pagou duzentos mil dólares. Quando retornou novamente, investiu também no comércio. Hoje possui a melhor mercearia da cidade, a sorveteria, um açougue e uma loja de venda de bicicletas. Afirma que seu investimento total foi de 300 mil dólares. Em sua cidade é o maior empregador, perde apenas para a prefeitura.

Gráfico 60



Apenas 12% dos empreendedores não contratam mão de obra (gráfico 61). A maioria deles (48%), com seus investimentos criaram de 1 a 4 postos de trabalho e 23% de 5 a 10 empregados. No gráfico 61 é indicado que 48% contratam seus empregados com base na CLT. O gráfico 62 mostra que 46% pagam de 1 a 2 salários mínimos e 44% pagam um salário mínimo.

Gráfico 61

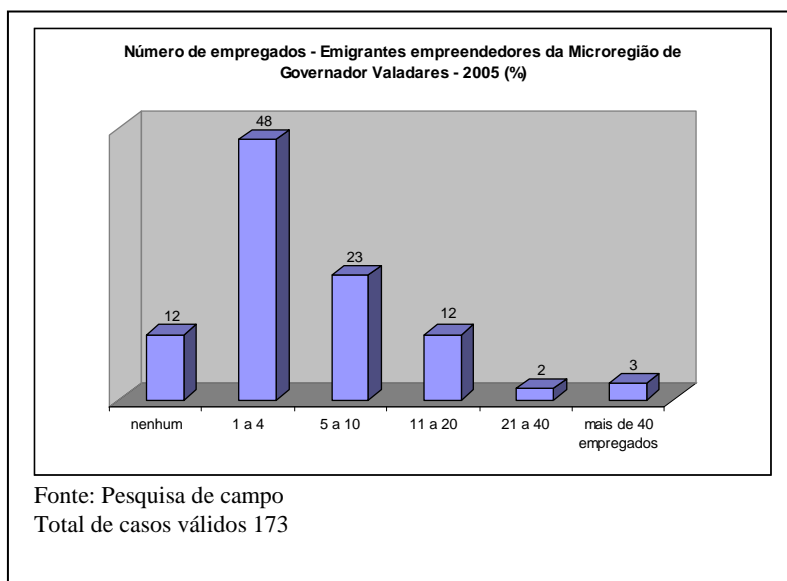


Gráfico 62

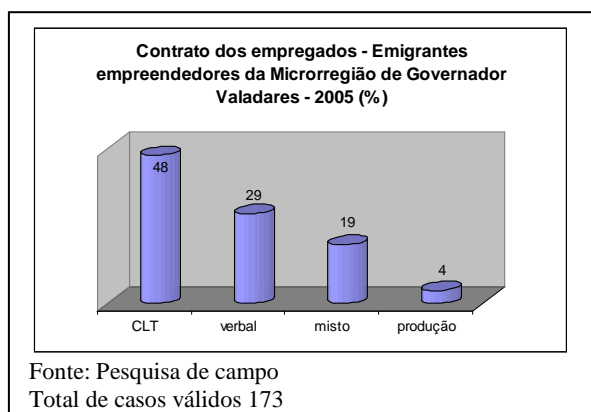
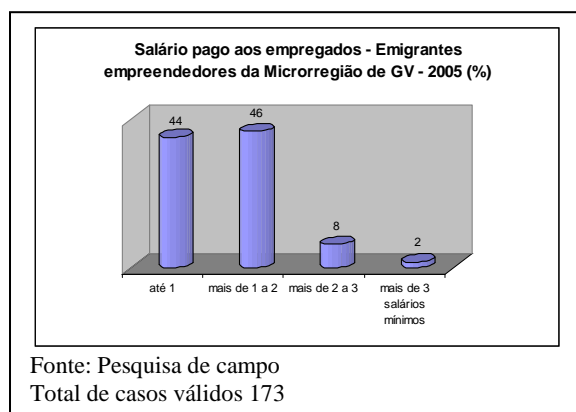


Gráfico 63



Estes dados demonstram que os investimentos da maioria dos emigrantes são em empresas de pequeno porte que oferecem poucos postos de trabalho. Contudo, se observarmos que a sede do município de Governador Valadares, desde os anos de 1980, tem sua dinâmica econômica centrada no setor terciário e os outros municípios da Microrregião na pecuária de corte e leite e que ambos os setores se mostraram incapazes de absorver a mão-de-obra disponível, podemos considerar que o surgimento desses empreendimentos causa um impacto positivo na dinâmica da economia local. São esses investimentos, juntamente com o envio de remessas pelos emigrantes que dinamizam a economia local.

Essas empresas, como podem ser observadas nos gráficos 64 e 65, são em quase sua totalidade formalizadas (88%) e pagam regularmente seus impostos. Parte dos entrevistados (30%) declararam que pagam até 400 reais de imposto por mês e 22% até 800 reais. Estes dados não nos permitem fazer uma generalização, pois não trabalhamos com uma amostra proporcional e aleatória do universo, mas nos permitem considerar que esses investimentos, de certa forma, auxiliaram a dinamização da economia da região.

Gráfico 64

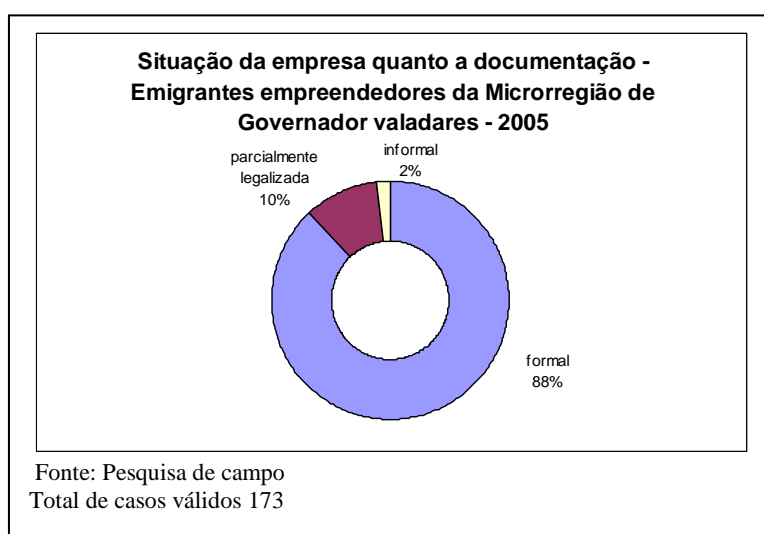
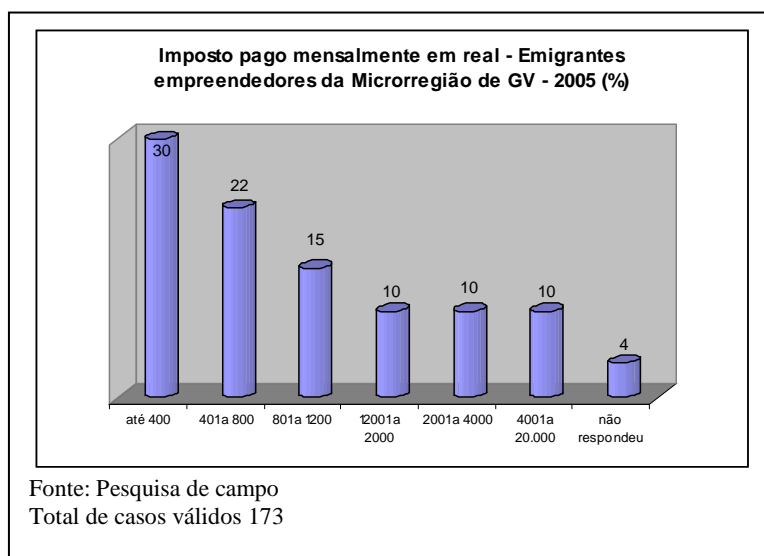


Gráfico 65



Quanto ao tempo de permanência das empresas no mercado, no gráfico 66 podemos observar que 17,3% são empresas novas, têm um período de vida de seis meses a um ano. Outras 36,4% estão no mercado num período de um a cinco anos. Destacamos que 46,2% das empresas que fazem parte da amostra são empreendimentos sólidos, pois estão no mercado há mais de seis anos (20,8% de 6 a 10 anos, 21,4% de 10 a 20 anos e 4% mais de 20 anos).

Como já observamos no gráfico 60, a maioria das empresas são de baixo investimento (46% até 20 mil dólares) e, conseqüentemente, possibilitam um lucro líquido proporcional a este investimento. No gráfico 67 verificamos que 46% dos entrevistados

informaram que o lucro líquido mensal de seus empreendimentos está na faixa de um mil e um a três mil reais.

Dados do SEBRAE (2005) sobre a mortalidade das empresas na Região do Rio Doce apresentam que 49,9% das empresas encerram suas atividades com até dois anos de existência; 56,4% com até 3 anos e 59,9% com até 4 anos de existência no mercado. O gráfico 66 sobre o tempo de existência da empresa dos entrevistados no mercado mostra que 20,8% existe entre 6 a 10 anos; 21,4% entre 10 a 20 anos e 4% mais de 20 anos, perfazendo um total de 46,2% que já ultrapassou o período de mortalidade da maioria das empresas, segundo o SEBRAE.

Fazendo a ressalva de que os dados do SEBRAE se referem apenas à micro e pequenas empresas no setor do comércio, serviços e indústria, e não inclui o agronegócio que os dados do gráfico 66 inclui, podemos considerar que a maioria dos empreendimentos dos emigrantes são sólidos e tendem a permanecer no mercado. Contudo, 17,3% estão no mercado há apenas um ano e 36,4% entre mais de um e cinco anos. Essas empresas permanecem na zona de tempo de maior percentual de mortalidade, segundo o SEBRAE.

Gráfico 66

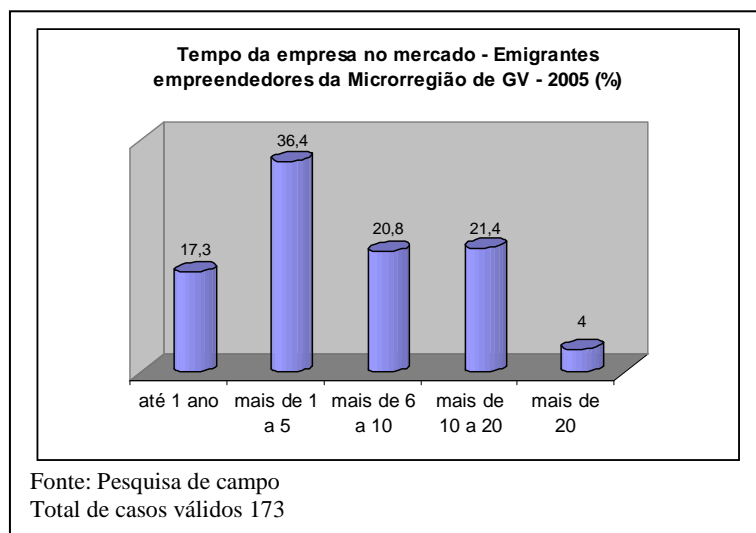
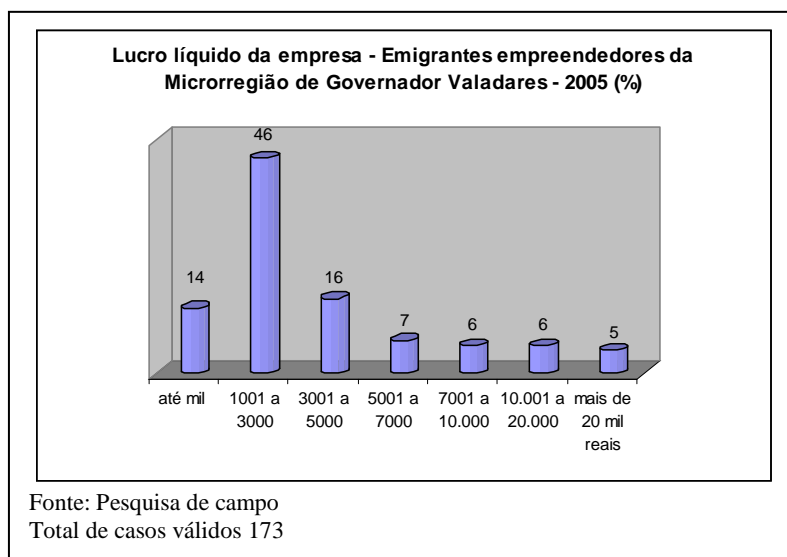


Gráfico 67



7.3.4 Avaliação do empreendimento

Os emigrantes que voltaram e tornaram-se empreendedores, em quase sua totalidade (86%), consideram que a emigração foi determinante para hoje serem empreendedores (gráfico 68).

“Se não tivesse ido, até hoje ia ser empregado, agora dou emprego para 15 trabalhadores [...] nunca ia conseguir aqui juntar o dinheiro que juntei para começar isso aqui [...]”. (Augusto, 31 anos)

“[...] claro que valeu a pena [...] antes eu ganhava um salário mínimo, agora eu pago um salário mínimo a oito pessoas”. (Ana, 35)

Quando solicitados a avaliar o desempenho de seus empreendimentos, 60% dos entrevistados (gráfico 69) os consideraram em fase de crescimento e 32% os classificaram como empresas sólidas com boas perspectivas no mercado. Apenas 8% consideraram que seus empreendimentos estão em fase de retraimento. No gráfico 70 verifica-se que 70% pretendem ampliar, 12% pretendem manter o empreendimento como está e 10% têm planos de modernizar.

Gráfico 68

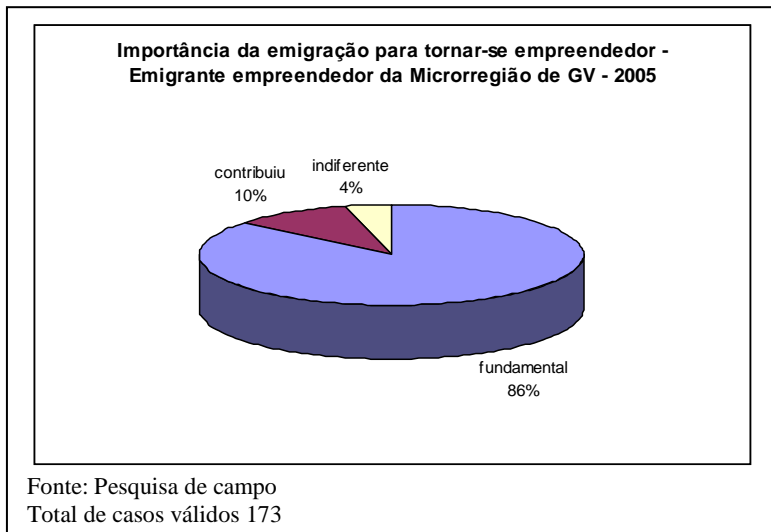


Gráfico 69

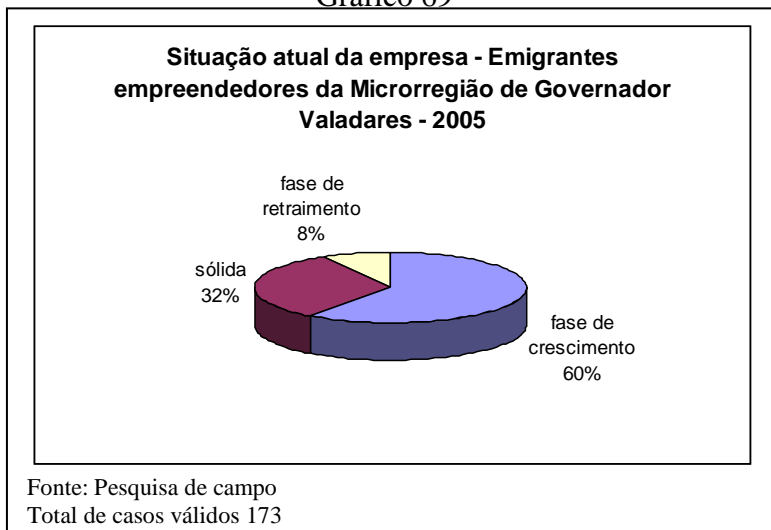
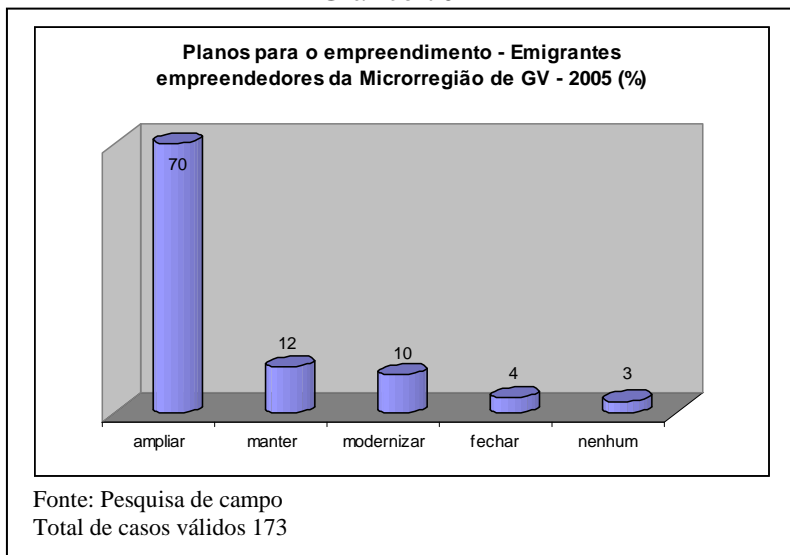


Gráfico 70



7.3.5 Uma vida em dois lugares

Edna nasceu em Governador Valadares em 1960. Seus pais chegaram à cidade ainda jovem, em 1945, período de grande prosperidade da região e motivo da chegada de muitos migrantes. Na década em que ela nasceu a cidade já sentia os efeitos da crise econômica com a queda vertiginosa da exploração e produção da mica, atividade que sustentava a economia local, e da exploração da madeira, outro alicerce da economia local que também chegava ao esgotamento. Nos anos de 1960 a região assiste à migração de capitais e o início da migração de pessoas para outros centros⁸⁶. Edna e sua família aqui permaneceram. Seu pai continuava trabalhando como vigia de uma das últimas serrarias da cidade. Ela fez o magistério em escola pública. Depois de formada trabalhou como professora do Estado, por seis anos. Casou-se em 1979, pediu licença do trabalho e, juntamente com o marido, abriu uma boutique no centro da cidade.

Já na segunda metade dos anos de 1970 o país experimenta uma desaceleração do crescimento industrial que foi seguida de profunda recessão econômica no início dos anos de 1980. Foi neste cenário de uma crise de caráter estrutural com taxas elevadas de inflação e estagnação que Edna e seu companheiro abriram uma boutique no centro da cidade de Governador Valadares. Para isso fizeram empréstimo em banco.

“Só vendia roupas de qualidade e de marca famosa. No começo foi bem, mas o aluguel era caro e os juros altos [...] as vendas eram sempre a prazo, era só gente da soçaita [...] levei muito prejuízo, não consegui receber [...]”.

As dívidas se acumularam. Sem ter como quitá-las, a loja foi fechada em 1982. O marido foi para os EUA, para a região da Nova Inglaterra e Edna voltou a trabalhar como professora.

“[...] tinha um vizinho nosso que tinha ido, sempre telefonava e dizia que estava ganhando muito bem, a gente via que a família estava bem [...], enquanto a gente passava aperto, eles viviam folgados com os dólares que ele mandava. [...] então ele resolveu ir, era o único jeito de pagar as dívidas da loja.”

⁸⁶ Segundo Soares (2002, p.55) “A dinâmica demográfica da Macrorregião do Rio Doce aponta para um esvaziamento populacional persistente, ao longo das décadas de 60 e 70.”

O marido viajou com visto de turista e começou a trabalhar na construção civil. Enviava dinheiro regularmente para pagar as dívidas e para a manutenção da família. Nesta época Edna já tinha um filho e quando o marido viajou estava grávida do segundo. No período de dois anos conseguiu pagar as dívidas, dar entrada numa casa e comprar novamente um carro para a família.

“Ele queria voltar, mas para fazer o que aqui? A situação no Brasil estava cada vez mais difícil e tinha mais gente indo do que voltando [...] ele não conhecia ainda a Ana e ela já tinha quase dois anos”.

Em 1984 o marido voltou, ficou quatro meses e como não tinha nenhuma perspectiva de trabalho resolveu voltar para os EUA e organizar a vida lá para levar a família. Voltou com o visto de turista, conseguiu entrar de novo nos EUA porque quando chegou ao Brasil pagou duzentos dólares ao funcionário da alfândega para ele carimbar seu passaporte com data de retorno ao Brasil de dois anos antes. Assim teria condições de retornar novamente para os EUA, usando o mesmo passaporte, pois o retorno para o Brasil estava registrado, em seu passaporte, dentro do período de permanência nos EUA, concedido pela imigração americana.

No final de 1984, Edna viajou com seus dois filhos em uma excursão para a Disney. Em Miami, encontrou o marido e foi para a cidade de Somerville, no Estado de Massachusetts, onde viveu até 1990.

“[...] se eu ficasse aqui ia ser professora ganhando aquele salário que não dava para nada, então concordei de ir. Já tinha uma irmã e muitas primas e amigas lá [...]. No começo foi muito difícil, tinha duas crianças que estavam acostumadas a muita liberdade no Brasil, vivia numa casa grande com muitos primos por perto, elas foram que mais estranharam. [...] eu comecei na faxina, como ajudante, como todo mundo, mas logo consegui um bom schedule. [...] nosso plano era terminar de pagar a casa, juntar um bom dinheiro para abrir uma mercearia em Valadares”.

Além da faxina Edna começou a vender produtos típicos do Brasil para os brasileiros. Esses produtos eram enviados pelo correio pelos seus parentes. Em 1986 teve outro filho.

“Vendia tudo, roupas, produtos da Natura, Avon, calcinha e sutiã, sabonete, [...] comecei a ganhar mais com as vendas do que com a faxina,

então abri uma loja. [...] quando meu Green Card chegou aí eu abandonei de todo a faxina e comecei a viajar duas a quatro vezes por ano para o Brasil para comprar os produtos de que precisava. [...] vendia de calcinha a Leite Moça”.

Edna conseguiu, juntamente com seu marido e dois filhos nascidos no Brasil, tornar-se documentada nos EUA em 1988. Ela e o marido falavam razoavelmente bem o inglês, os filhos dominam os dois idiomas porque foram alfabetizados em inglês e português “[...] sempre tive este cuidado, hoje eles têm as duas línguas, por isso podem trabalhar na empresa [...]”.

Em 1990, o casamento não estava bem, o marido continuava a trabalhar na construção civil, agora como dono de uma empresa de reforma, mas dizia que estava cansado e queria voltar para o Brasil. Edna retornou a contragosto, pois sua loja estava indo muito bem. Vendeu a loja e retornou para o Brasil. Montaram a mercearia que existe até hoje e é do marido, do qual se separou em 1992.

“[...] meu casamento não dava mais, a vida nos EUA estraga qualquer relação, a gente fica muito individualista, eu queria crescer mais, tinha a cidadania [...] podia aproveitar para melhorar, ele não queria. [...] eu amo o Brasil, mas aqui não dá pra ganhar dinheiro, eu ficava o tempo todo lembrando de como eu ganhava dinheiro lá e do tempo que tava perdendo aqui”.

Edna retornou aos EUA em agosto de 1992. O filho mais velho ficou com o pai. Quando estava nos EUA percebeu a dificuldade das lojas de produtos brasileiros para conseguir adquirir no mercado os produtos. “[...] ia tudo na base do contrabando [...], então pensei que podia bolar uma empresa para fornecer estes produtos ao comércio de brasileiros lá”. Fez alguns contatos no Brasil, com os produtores e nos EUA, com os proprietários de lojas que atendiam a população de emigrantes. Em 1994, fundou a empresa que hoje é a responsável pela importação de 80% dos produtos brasileiros na região da Nova Inglaterra, nos EUA.

A empresa tem escritórios nas cidades de Governador Valadares e Boston. Exporta roupas, produtos alimentícios, cosméticos, entre outros produtos. A exportação não se limita a produtos da região de Governador Valadares, mas graças à sua empresa é

possível adquirir nesta região dos EUA, produtos típicos da região como rapadura, laticínios das indústrias locais e cachaça da terra.

A empresa é administrada por ela e pelos filhos. O filho mais velho fez administração de empresas no Brasil, reside em Governador Valadares e é responsável pela compra e exportação dos produtos. Os outros dois residem em Boston e trabalham na empresa lá. A empresa despacha dois contêineres por mês. Edna viaja todo mês para os EUA, fica 15 dias lá e 15 dias em Governador Valadares. Sua empresa emprega 15 pessoas fixas em Governador Valadares, paga em média 3 salários mínimos por mês aos seus funcionários (com exceção dos chapas) e paga em torno de quinze mil reais mensais de imposto por mês. Tem planos de exportar para as grandes lojas americanas e para isso está abrindo um escritório em São Paulo.

Sua casa em Governador Valadares está situada em um bairro de classe alta e nos Estados Unidos, também possui uma casa de ótimo padrão. *“todos os móveis eu levei daqui [...] queria uma coisa bem brasileira, da minha terra[...]”*.

Edna e seus filhos vivem em dois lugares. Os filhos vêm ao Brasil para as festas da cidade. *“[...] este ano quem vem para o GV Folia é o Pedro, o Paulo veio o ano passado, eles ficam loucos com esta festa, mas não dá para vir os dois, a empresa não pode parar [...]”*.

Edna conseguiu, através da migração para os EUA, mudar seu status de professora primária para proprietária de uma empresa de exportação. Ela e seus filhos vivem entre dois lugares: *“hoje eu não conseguiria viver só no Brasil ou só nos EUA, eu amo os dois lugares e é neles que eu consigo ganhar dinheiro e viver bem”*.

Na emigração sempre está presente a idéia de ruptura e ausência. Ruptura não só dos laços afetivos, mas também do seu espaço geográfico e do seu lugar social no país de origem. Ela é marcada também, pelo projeto de retorno, não só pelo reencontro das “coisas e pessoas tal como era (ou acreditava ser) quando partiu, mas também para reencontrar a si mesmo.” (SAYAD, 2000, p.14). Contudo, o projeto migratório ao longo do tempo é reconfigurado.

O relato de Edna nos permite, mais uma vez, pensar em como o projeto migratório é reelaborado e as diversas possibilidades de retorno. Edna tinha um projeto de retorno diferente do que se concretizou. Tornou-se uma moradora de dois lugares, não só ela, mas toda a sua família; e porque não dizer, tornou-se uma transmigrante.

CAPÍTULO VIII – O SONHO FRUSTRADO E O SONHO REALIZADO: AS DUAS FACES DA MIGRAÇÃO PARA OS EUA.

Migrar, ganhar dinheiro no país de destino, retornar e investir para melhorar sua condição social ou até mesmo manter uma posição socioeconômica que estava perdendo, é a trajetória inicial da grande maioria dos emigrantes. Contudo, o projeto inicial é quase sempre reelaborado. Conforme afirma Assis (2004) cada migrante vivencia de maneira diferenciada a situação de emigração, mesmo que o projeto tenha sido elaborado pela família ou comunidade a experiência não é vivida de modo homogêneo por todos. As mudanças ocorrem em função das diferentes trajetórias dos sujeitos.

Dependendo do contexto e da interação do sujeito com as várias possibilidades que se lhes apresentam durante o período de emigração e o capital social de cada emigrante, podemos considerar que o sucesso e o insucesso do projeto migratório são relativos, pois o retorno se dá de modo diferenciado para cada um. No percurso da vida o emigrante retorna para algum ponto, mesmo que seja fora de sua cidade de origem, ele reconstrói seu projeto e passa a viver em outro espaço e tempo. Contudo alguns não conseguem retornar para a origem nem ficar no país de destino, tornam-se sem lugar, desterritorializados.

Comparando os dados dos emigrantes que retornaram ao Brasil, investiram e acabaram regressando novamente à condição de emigrantes nos EUA e, portanto, não obtiveram sucesso em seu projeto de retorno e dos que permaneceram e tornaram-se empreendedores na microrregião de Governador Valadares, tendo sido, portanto, bem sucedidos no seu projeto migratório, podemos considerar que quanto ao perfil, os dois grupos são bem semelhantes. A maioria possui o segundo grau completo, estavam na faixa etária de 41 a 60 anos e ao retornar apenas 13,3% dos que permaneceram no Brasil e 15,1% dos que regressaram para os EUA eram documentados (Green Card, cidadania ou permissão de trabalho).

A variável sexo (gráfico 71) apresenta um diferencial nos dois grupos. Enquanto no grupo que não obteve sucesso no retorno os percentuais de homens (51,4%) e mulheres (48,6%) se equivalem, no grupo que obteve sucesso o percentual dos homens é muito mais elevado (87,3%). Para onde foram as mulheres? Na pesquisa de campo ao identificar o proprietário do empreendimento que deveria dar a entrevista, mesmo que a

emigração tivesse sido de ambos (marido e mulher) e, portanto a poupança para o investimento dos dois, sempre o homem se apresentava como proprietário.

Em estudo sobre o retorno, abordando aspectos relativos ao gênero, DeBiaggi (2004) relata que durante a estada nos EUA, os maridos dividiam as tarefas domésticas, contudo, ao retornar ao Brasil, ocorre uma mudança de comportamento. “[...] ao retornarem ao Brasil, ele pára de participar nos afazeres domésticos [...]”. Esta pode ser a razão de no grupo dos empreendedores bem sucedidos apenas 12,7% serem do sexo feminino. Ao retornar, as mulheres voltam para as tarefas domésticas e os homens vão administrar seus investimentos.

Outro dado interessante ao comparar os dois grupos diz respeito à variável tempo de permanência nos EUA. No gráfico 72, pode-se verificar que 44,5% dos entrevistados que obtiveram sucesso e 11,5% dos que não obtiveram sucesso no projeto de retorno permaneceram de dois a quatro anos nos EUA. Outros 42,8% dos bem sucedidos e 28,6% dos mal sucedidos permaneceram por um período de 5 a 10 anos. Portanto, os emigrantes mal sucedidos no projeto de retorno permaneceram por mais tempo como emigrantes nos EUA.

Estes dados nos levam a refletir que uma maior permanência nos Estados Unidos pode ser um indicativo de maior distanciamento da realidade da economia brasileira e da dinâmica de gerir e organizar um empreendimento, tendo em vista que os emigrantes trabalhavam, nos EUA, em atividades do mercado de trabalho secundário e, portanto, suas experiências como empresários eram nulas quando retornaram. Além disso, quanto mais tempo fora de seu lugar de origem, maior é a dificuldade de readaptação, perda de referências e a idealização deste lugar.

Gráfico 71

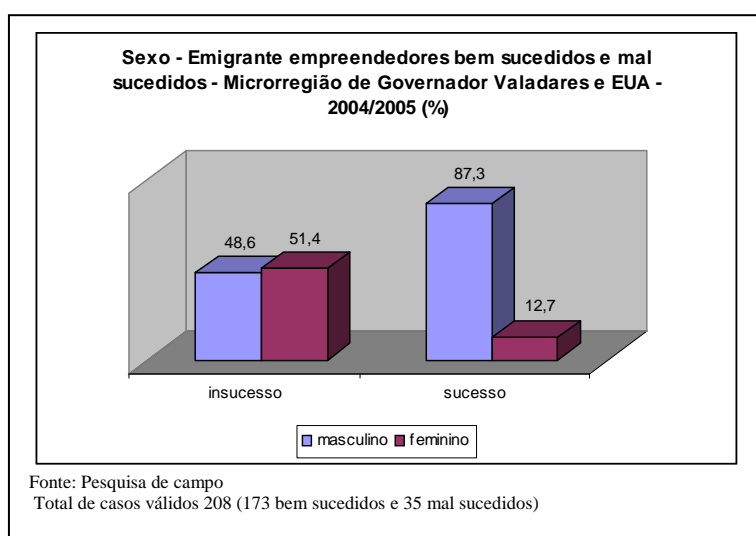
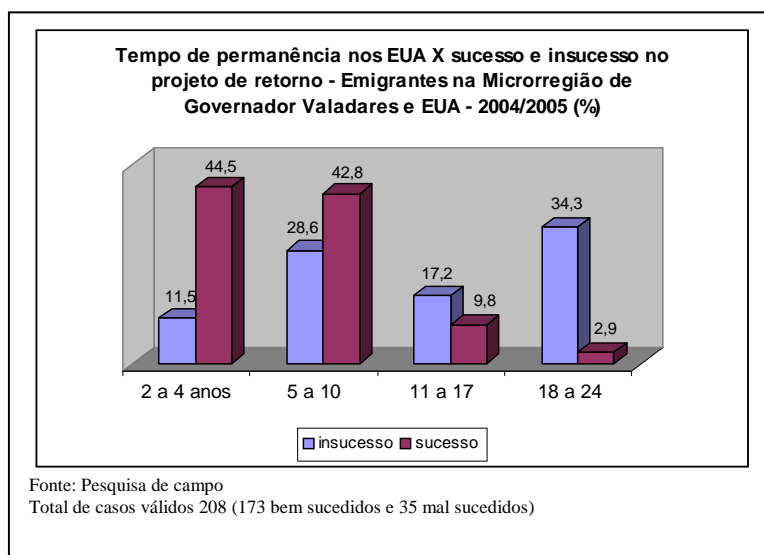


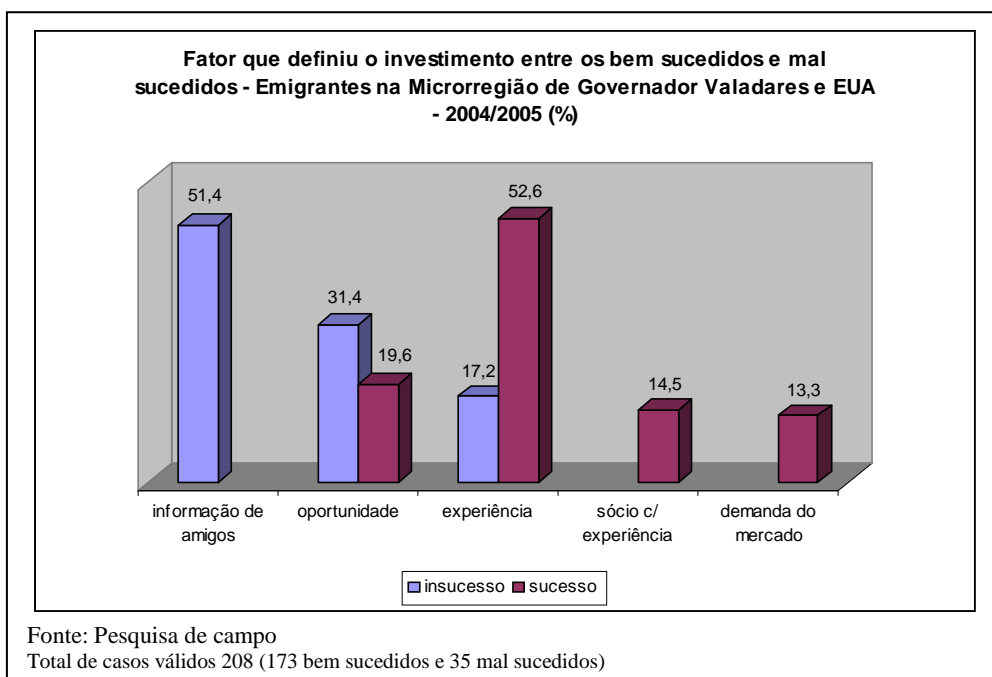
Gráfico 72



No gráfico 73 temos outro diferencial que pode ser também um indicativo da razão do insucesso. O fator preponderante, entre os que obtiveram sucesso, para definir o seu investimento ao retornar, foi a experiência que possuíam no ramo em que investiram (52,6%), terem se associado a alguém que possuía experiência (14,4%) e terem investido em algo que perceberam a demanda do mercado (13,3%). Apenas 19,6% investiram em algo porque consideraram que era uma boa oportunidade (19,6%). Diferentemente, os emigrantes que não obtiveram sucesso em seus investimentos tomaram a decisão a partir de informações de amigos e parentes sobre a viabilidade do empreendimento (51,4%) ou

porque acharam que o negócio que lhes foi oferecido era uma boa oportunidade (31,4%). Apenas 17,2% desses escolheram em que investir, a partir de suas experiências no ramo.

Gráfico 73



A história de Carlos, relatada no item 5.2, confirma estes dados. Ele permaneceu por 11 anos nos EUA, fez um investimento de 75 mil dólares numa lavanderia, nos moldes americanos e dez meses depois tinha perdido praticamente tudo. Decidiu investir por influência de amigos, sem conhecimento do mercado, idealizou um país e um mercado que não existia e por completa falta de referências sobre a economia local e a demanda pelos serviços que iria oferecer montou um empreendimento que não tinha nenhuma possibilidade de obter sucesso.

Hernani, emigrante que entrevistei em Governador Valadares, em julho de 2004, repetiu a mesma trajetória de Carlos. Quando o entrevistei, era um empresário em vias de falência. De uma família de classe média, emigrou em 1987, quando tinha 23 anos. Diz que resolveu ir depois que seus dois melhores amigos emigraram e enviaram cartas com fotos das praias da Flórida e diziam da facilidade de ganhar dinheiro. Abandonou o segundo ano do curso de engenharia e foi para o sul da Flórida. No começo trabalhou em restaurantes, depois, por 10 anos, trabalhou em uma empresa de lava a jato. Conhecia todo o sistema de funcionamento e manutenção das máquinas. Morou 12 anos nos EUA, estava bem, mas a esposa queria voltar a viver no Brasil. Conheceu sua esposa nos EUA e casou-se lá. Tem uma filha de 6 anos. Viajou ao Brasil para passeio, por várias vezes. Tem cidadania

européia porque os avós são europeus. Durante o tempo em que estava nos EUA comprou dois apartamentos. Retornou no final de 2001 e em 2003 investiu 40 mil dólares num equipamento de lavar e polir carros que importou dos EUA e montou um lava a jato no Shopping da cidade. “[...] até agora só tive prejuízos, não consigo mão-de-obra boa e os impostos e aluguel é de deixar qualquer um na miséria. [...] estou querendo vender tudo e voltar a viver na Flórida. [...] gosto do Brasil, mas aqui não dá pra dar uma vida boa pra minha família”.

Lavar o carro no shopping, onde abriu seu negócio, não é um costume dos moradores da cidade. Os lava a jatos são nos postos de gasolina: quando vão abastecer, os proprietários de veículos aproveitam para lavar o carro. Este é o costume dos habitantes da cidade. O shopping é local de compras, mas sobretudo de diversão e lazer, as pessoas já chegam, no shopping, com o carro lavado. Hernani não percebeu isto, pois, como a maioria dos entrevistados, não fez nenhuma pesquisa de mercado, não buscou assessoria em nenhum órgão especializado e não tinha nenhuma experiência em administrar uma empresa, pois sempre trabalhou como empregado nos EUA e a experiência que adquiriu no manuseio e manutenção do equipamento não lhe deu a capacitação necessária para administrar o empreendimento. O resultado foi sua total falência, em menos de 18 meses de funcionamento.

“[...] o problema é que desde o começo a coisa era difícil, no fim do mês o que eu tenho de lucro é quase nada e ainda tenho que bancar os gastos da família. [...] tudo que tinha investi no negócio, não dá pra esperar um ano para começar a fazer a retirada [...] do jeito que o contador quer [...]”.

Este é um outro problema. Por não ter conhecimento do funcionamento do mercado e de como administrar um empreendimento, tratava o lucro da empresa como o salário que recebia nos EUA. Não percebeu que era necessário certo tempo para que o empreendimento começasse a dar o retorno do investimento realizado. Pensa como empregado que recebe no final do mês o seu salário, e fazia a retirada sem deixar o capital de giro necessário para o negócio progredir.

Juscimar fez uma trajetória bem semelhante à de Carlos e Hernani, no que diz respeito ao projeto de emigrar e trabalho nos EUA. Contudo, o regresso e o investimento seguiram por vias diferentes.

Emigrou em janeiro de 1986, quando estava com 21 anos. Fazia o segundo ano da faculdade de administração de empresas. “[...] eu não via nenhuma perspectiva de me dar bem por aqui. Meu pai tinha a loja, mas era dele, eu ia ficar trabalhando pra ele a vida toda? [...] ele podia pagar a faculdade, e depois?”.

Permaneceu por três anos na cidade de Marlboro. Trabalhou em restaurantes, primeiramente no setor de limpeza e um ano depois, quando já sabia falar inglês, passou a trabalhar como garçom “[...] aí melhorou bem meu ganho, dava pra guardar até dois mil dólares por mês.” Regressou ao Brasil em dezembro de 1988 e entrou de sociedade com um cunhado que já trabalhava com farmácia há 10 anos. A farmácia era pequena, investiu 30 mil dólares e em três anos transformou o pequeno empreendimento em uma rede de farmácias, hoje tem nove lojas que atende a toda à região.

“[...] no começo foi difícil [...] a readaptação é sofrida [...] a gente desacostuma com o jeito das pessoas, com o trânsito, [...] fiquei só três anos lá, mas quando cheguei achei tudo estranho. [...] lá a vida era só trabalho. Mas o mais difícil foi a parte da economia, sempre trabalhei com meu pai na loja de móveis, mas não mexia com a contabilidade [...] acho que só consegui porque tinha um sócio que entendia bem do negócio, se fosse pra fazer sozinho eu teria ido à falência, com certeza. [...] no começo a retirada era muito pequena, se eu tivesse família para sustentar acho que daria problema [...] eu vivia com a reserva que eu tinha trazido e o aluguel da casa que tinha comprado”.

Juscimar afirma que, antes de fazer seu investimento, tornando-se sócio do cunhado, fez um estudo da viabilidade de ampliação do negócio. Contactou o sindicato, conversou com proprietários de farmácia da região e só depois que percebeu que era um bom investimento é que efetivou a sociedade. Mesmo assim fica claro o amadorismo em que se assenta a decisão de fazer o investimento. Mesmo existindo o Sebrae e a Associação Comercial na cidade, ele não fez uso das informações desses órgãos, por falta de conhecimento ou dificuldade de acesso à informação disponível.

Contudo, diante dos dados e dos relatos, podemos considerar que entre o sonho frustrado e o realizado está a capacidade individual de se tornar um empreendedor, vencendo os obstáculos próprios de todos aqueles que pretendem tornar-se empreendedores e aqueles específicos do emigrante. Para o emigrante retornado os grandes obstáculos são: o estranhamento em relação ao seu lugar de origem, a idealização desse lugar e das pessoas

durante o período que passou fora, a falta de conhecimento e experiência no gerenciamento de uma empresa e do funcionamento do mercado. Sua experiência no mercado de trabalho secundário nos EUA lhe possibilita angariar o capital inicial para o investimento, mas não lhe fornece os requisitos necessários para seu projeto de investir. Ao contrário, o distancia da realidade da economia brasileira.

O mercado é extremamente exigente, quanto à racionalidade do investimento, não existe espaço para amadorismo e é exatamente este aspecto que separa o empreendedor bem sucedido do mal sucedido. Conhecer o mercado antes de fazer seus investimentos, informar-se sobre a área onde pretende investir e habilitar-se como empreendedor é o caminho mais seguro que possibilitará o sucesso do investimento.

A migração internacional é uma realidade da Microrregião de Governador Valadares que teve início nos anos de 1960, com um aumento do fluxo nos anos de 1980 e o retorno de parte desses emigrantes ainda nos anos de 1980. Os investimentos desses emigrantes, como já assinalamos, além da remessa de moeda estrangeira são instrumentos importante para a dinamização da economia local. Contudo, grande parte desses investimentos são perdidos em empreendimentos inadequados, pela falta de experiência dos investidores e total falta de apoio da sociedade civil e do poder público.

Não existe, até o momento, nenhuma ação efetiva, tanto do poder público como da sociedade civil, que busque aperfeiçoar esses investimentos por meio de informações e treinamentos para os emigrantes retornados que desejam investir. Contudo, alguns sinais de um trabalho mais efetivo têm sido dados pela sociedade civil como, por exemplo, a criação da Associação de Parentes e Amigos do Emigrante no Exterior. Outra ação da sociedade civil foi a inauguração, no dia 18 de setembro, do Centro de Informação Apoio e Amparo às Famílias e ao Trabalhador no Exterior – CIAAT. A Prefeitura de Governador Valadares, além de um programa apoio ao emigrante, denominado Programa Emigrante Cidadão – PEC, criado em 21 de dezembro de 2001, inaugurou no dia do emigrante 4 de julho⁸⁷, um monumento ao emigrante no exterior (Foto abaixo). Consideramos que estas são iniciativas ainda incipientes para as necessidades efetivas desta demanda social, contudo indica a preocupação da sociedade e do poder público em relação ao emigrante.

⁸⁷ 04 de julho foi instituído o dia do emigrante pela prefeitura de Governador Valadares, durante a visita da comitiva de Framingham (EUA) a Governador Valadares, em agosto de 2004.

Foto 4 – Placa de lançamento do monumento ao Migrante



Inscrição na placa localizada na praça dos Ferrovários:
“Homenagem aos emigrantes faz justiça ao trabalho digno desses heróis pela contribuição no desenvolvimento de Governador Valadares.”

Foto: Sueli Siqueira, 2006.

A Região de Governador Valadares representa hoje, no Estado de Minas Gerais, uma das áreas mais problemáticas em relação ao desenvolvimento e crescimento econômico. Vários foram os ciclos econômicos: da mica, da madeira, das pedras preciosas e da pecuária, que se esgotaram. Acreditamos que os investimentos dos emigrantes, bem como o fluxo de remessas de dólares não será nunca um elemento fundante do desenvolvimento econômica da região. Contudo, este estudo mostra todo o potencial e empecilhos para que este fluxo tenha como resultado investimentos produtivos e evite a reemigração de parte de sua população.

CAPÍTULO IX – CONCLUSÕES

As migrações são movimentos populacionais fundamentais para a compreensão da formação das sociedades, do desenvolvimento do capitalismo e das identidades culturais. A partir do acirramento dos problemas sociais decorrentes do crescimento dos fluxos migratórios, o fenômeno passou a ser uma preocupação presente na sociologia contemporânea. Na construção das teorias explicativas sobre o fenômeno podemos considerar quatro grandes vertentes explicativas: a teoria neoclássica ou convencional, a teoria histórico-estrutural, a teoria das redes sociais e a análise baseada na transnacionalização.

Na primeira teoria a migração é percebida como o somatório de indivíduos economicamente racionais que se movimentam em função da renda. O que define a direção dos fluxos são as condições econômicas dos países de origem e recepção. Fatores de repulsão nos países de origem e atração nos de destino são determinantes na decisão de migrar.

As principais críticas à teoria neoclássica dizem respeito ao fato de que, empiricamente não se sustenta, pois os fluxos não ocorrem na direção dos países subdesenvolvidos, onde os fatores de expulsão estão presentes, para os países desenvolvidos, onde existem os fatores de atração. Os migrantes não são os mais pobres ou excluídos do mercado de trabalho nos países de origem. Além disso, ao centrar as explicações numa perspectiva individualizante, tratando o imigrante como um sujeito racional, que busca maximizar seus ganhos, não enfatiza um aspecto importante, o fato de a ação econômica ser racional, mas socialmente orientada. O ato de migrar não é uma decisão individual, é compartilhada pela família, vizinhos e amigos. É, portanto, uma construção coletiva.

A teoria histórico-estrutural faz uma análise do fenômeno indicando as transações macroeconômicas e os fluxos de investimentos entre os países como os principais definidores da direção dos fluxos migratórios. Esta perspectiva apresenta duas vertentes explicativas: a segmentação do mercado de trabalho e a teoria do capital humano. A primeira vertente considera que num período de expansão econômica, as atividades de baixo salário e pouco prestígio social são pouco atrativas para os trabalhadores nativos. Estes trabalhos, contudo, são atrativos para o imigrante. Nesta perspectiva há uma

complementação do mercado de trabalho. O nativo ocupa os postos do mercado de trabalho primário que exigem maior qualificação e paga os melhores salários, e os imigrantes atuam no mercado secundário de baixo salário e nenhuma qualificação. O imigrante não compete com o trabalhador nativo.

A vertente do capital humano considera que os movimentos populacionais são conseqüências da internacionalização da produção propiciada pela reestruturação da economia. Disso resultou a configuração de um espaço transnacional que possibilitou uma maior mobilidade de capital e trabalho. A qualificação do imigrante vai definir seu posto e status nas sociedades de destino. Para o país receptor o custo do imigrante ilegal e desqualificado é elevado, pois ele terá acesso ao conjunto de serviços sociais oferecidos aos trabalhadores sem, contudo, contribuir para isso. Além disso, diferentemente do ponto de vista da teoria do mercado dual, esses imigrantes tiram os empregos dos nativos e rebaixam os salários nas atividades em que se concentram. Os defensores dessa vertente defendem as políticas migratórias que dificultem a entrada de imigrantes ilegais e desqualificados e promovam a entrada de imigrantes qualificados.

A teoria das redes sociais compreende o fenômeno da migração internacional a partir de um conjunto de conexões estabelecidas por relações sociais. Estas conexões são estabelecidas, tanto nos países de origem como de destino do migrante, tornam acessível o projeto de migrar.

Outra análise teórica explicativa é a noção da transnacionalidade que considera que o migrante de longas distâncias, no mundo globalizado, não rompe com os valores e costumes de seu país de origem, mas assimila e transforma o espaço social onde vive no país de destino. Estabelece uma infinidade de relações e conexões entre as duas sociedades, entre o local e o global, tornando-se um cidadão dos dois lugares.

Consideramos que nenhuma dessas perspectivas explicativas, isoladamente, se constitui num arcabouço teórico que dá conta de explicar o fenômeno da migração internacional privilegiando todos os seus aspectos micro e macro. Por outro lado, a teoria das redes sociais e da transnacionalidade lançam mais luzes para a compreensão de tão intrincado fenômeno. Por essa razão, em nossas análises, utilizamo-las como instrumentos para compreender o fenômeno estudado.

O Brasil, que no início do Século XX, era um país que recebia imigrantes que se destinavam a compor a força de trabalho economicamente ativa, a partir dos anos de

1960, tem esse quadro modificado. De um país de destino torna-se um país de origem. Isso se deve à nova dinâmica do capitalismo, fundada, principalmente, na reestruturação econômica marcada pela internacionalização do capital. Nesse sentido, o fenômeno da migração internacional ganha contornos diferentes na atualidade. Os novos migrantes não buscam exclusivamente a sobrevivência; são atraídos pela possibilidade de, nas cidades globais, manter ou elevar seu padrão de vida.

Na Microrregião de Governador Valadares, a rota para os EUA definiu-se a partir de um contexto histórico que criou, no imaginário popular, a idéia da existência de um lugar onde era fácil ganhar dinheiro e “fazer a vida” em pouco tempo. As redes sociais permitem aos novos migrantes estabelecerem uma teia de relações sociais entre os dois países.

O projeto de emigrar é incentivado pela perspectiva de abreviar o tempo para realizar os planos de comprar a casa própria, o carro ou montar um negócio, pois se permanecessem no Brasil, o tempo para realizar este projeto seria bem maior e para alguns seria impossível. Ao longo dos últimos 30 anos, muitos conseguiram ir, formar uma poupança e retornar para tornarem-se pequenos e médios empreendedores locais, estimulando, assim, a continuidade do fluxo. Entretanto, outros não foram bem sucedidos ao retornarem. Por insucesso nos negócios ou não readaptação à vida anterior, acabaram retornando à condição de imigrantes nos EUA.

Dentre os imigrantes entrevistados nos EUA, a maioria está na faixa etária de 20 a 40 anos. No Brasil, tinham uma atividade profissional com renda mensal de até 3 salários mínimos e possuíam o segundo grau completo. Declaram que a principal razão de emigrar foi o desejo de ganhar dinheiro para adquirir bens no Brasil e melhorar de vida. A partir dos anos de 1990, um outro motivo passa a ter destaque: encontrar familiares. Esse é um dado que permite considerar que, para alguns, o projeto de retorno é abandonado e as famílias se reencontram nos EUA.

A forma de entrada nos EUA pode ser legal, com visto de turista, de trabalho ou de estudante (52%) ou ilegal (48%) com passaporte falso ou passagem pela fronteira do México. Destaca-se que mesmo entrando legalmente, tornam-se indocumentados quando começam a trabalhar, pois, o visto não dá direito de exercer qualquer atividade produtiva. A via ilegal tem aumentado, principalmente a partir do final dos anos 90. Dentre os entrevistados que chegaram aos EUA, a partir do ano dois mil, 76% entraram de forma ilegal, pela fronteira do México ou com passaporte falso. Isso se deve principalmente à

dificuldade de se conseguir o visto de turista. O financiamento da viagem é feito, na maioria dos casos, pelos familiares que residem nos EUA; contudo, chama a atenção o fato de 38% utilizar-se de recursos próprios. O que, mais uma vez demonstra que são pessoas que possuíam certa condição financeira no país de origem, e o projeto de migrar tem como objetivo manter ou melhorar o padrão de vida.

Os emigrantes entrevistados, nos EUA, trabalham no mercado de trabalho secundário, ganham por semana em torno de quinhentos a mil dólares, têm uma jornada de trabalho acima de 10 horas por dia e possuem dois empregos. Quanto maior o tempo de permanência nos EUA, maior é a poupança realizada; em média, poupam mais de mil dólares por mês. Aqueles que conseguiram montar um negócio (comércio ou prestação de serviços) nas cidades americanas onde residem, conseguem realizar uma poupança maior. O principal objetivo da poupança é adquirir bens na cidade de origem. É interessante destacar que 63,8% não possuem nenhum bem no Brasil. Esses, em sua maioria, estão há pouco tempo nos EUA e, por isso ainda não fizeram poupança suficiente para aquisição de bens, ou estão há mais tempo, tendo definido os EUA como seu local de moradia para os próximos anos.

O projeto de retorno está sempre presente. Aqueles que pretendem voltar nos próximos 2 ou 3 anos investem em negócios que lhes garantirão sua estabilidade financeira e um bom padrão de vida no Brasil. Investem ou pretendem investir, principalmente, no comércio (padaria, lojas, farmácia, supermercado, etc.), imóveis para aluguel e propriedade rural. Aqueles que já efetivaram os investimentos têm pessoas da família que administram e cuidam dos seus negócios. A maioria deles não fez nenhum tipo de pesquisa de mercado para verificar a rentabilidade desses investimentos.

Destaca-se que, mesmo aqueles que possuem uma vida estabilizada nos EUA (são documentados, possuem casa própria e um negócio ou emprego com bom salário) afirmam que pretendem retornar um dia ao Brasil. No entanto, para esses, o projeto é sempre adiado; para quando se aposentarem, não conseguirem mais trabalhar ou os filhos ficarem independentes.

Dentre os que já voltaram ao Brasil, pelo menos uma vez (51,4%), grande parte (48,6%) tinha a intenção de ficar, esses são os que compõem o grupo II da pesquisa. Vieram com o projeto de tornarem-se empreendedores nas suas cidades de origem. Investiram, predominantemente, em negócios na área do comércio e serviços. Não fizeram nenhuma pesquisa de mercado, não buscaram informações em órgãos competentes e não fizeram nenhum tipo de treinamento na área administrativa. Definiram em que investir, a

partir de informações dadas por parentes e amigos, ou porque consideraram que era um bom negócio, ou uma ótima oportunidade. Não possuíam experiência no ramo que investiram e nunca tinham sido proprietários de algum negócio, não tendo, portanto, nenhuma experiência em como administrar uma empresa. A consequência disso foi o insucesso da maioria dos empreendimentos. Muitos foram à falência ou fecharam, devido a baixa lucratividade, que impossibilitava a manutenção de um bom padrão de vida. O retorno à condição de emigrante foi a solução encontrada. Hoje, vivem nos EUA e reconhecem os erros cometidos. A maioria continua com o projeto de retornar novamente para a cidade de origem.

Um dado que chama a atenção desse grupo que investiu e retornou à condição de emigrante nos EUA é que 31,4% consideravam que seus investimentos estavam indo bem e com renda suficiente para viverem no Brasil, mas não conseguiram permanecer no Brasil por não se readaptarem. Aqueles que se tornam documentados nos EUA passam a viver nos dois lugares, trabalham nos EUA e passam um ou dois meses no Brasil. Mantêm casa e carro no Brasil para aqui desfrutarem o descanso. Tornam-se moradores de dois lugares. Dividem suas vidas, investimentos e trabalho nesses dois espaços. Como a perspectiva teórica baseada na transnacionalização preconiza, passam a viver em dois mundos diferentes estabelecendo conexões entre as duas sociedades, entre o local e o global. Tornam-se transmigrantes num mundo globalizado.

De modo geral, a maioria dos entrevistados que hoje se encontram nos EUA, considera que a maior dificuldade de retorno está relacionada à situação econômica do país (instabilidade econômica, juros altos, desemprego, etc.), readaptação aos costumes e a violência. Destaca-se que 16%, apesar de desejarem retornar ao Brasil, percebem que a maior dificuldade é abandonar a vida estabilizada nos EUA.

Em relação aos emigrantes da microrregião de Governador Valadares que vivem nos EUA e seu projeto de retorno e investimento, podemos concluir que o sonho de retorno está permanentemente presente, apesar de todas as dificuldades existentes. Os que, concretamente, planejam o retorno nos próximos 2 ou 3 anos, investem em imóveis para aluguel e na montagem de negócios nas áreas do comércio e serviço. Como os que retornaram e acabaram tendo insucesso no investimento, esses também não têm nenhuma experiência empresarial, ou seja, fazem ou pretendem fazer seus investimentos sem um plano estratégico, sem conhecimento prévio do mercado e sem nenhuma assessoria técnica. Provavelmente, incorrerão nos mesmos erros, ou seja, farão investimentos inadequados e

acabaram perdendo toda a poupança que conseguiram formar com seu árduo trabalho como imigrante nos EUA.

Uma outra face desse fenômeno é o migrante que retornou e tornou-se empresário bem sucedido nas suas cidades de origem. Este compõe o grupo I da pesquisa. São predominantemente do sexo masculino (87,3%), antes de emigrar a maioria não era casada, contudo, atualmente 65,9% são casados. Estão na faixa etária de 31 a 40 anos. Migraram muito jovens, 76,9% estavam na faixa de 15 a 31 anos. A escolaridade da maioria não se alterou ao retornar ao Brasil, possuem o segundo grau completo. Apenas 3,5% deles estavam desempregados quando emigraram. Grande parte (49,9%) trabalhava por conta própria antes de emigrar, fato que já indica um espírito empreendedor e experiência na administração de negócios, isto fica evidente, pois 52% investiram em negócios com os quais já tinham experiência anteriormente.

A emigração possibilitou um aumento da renda mensal, posto que antes de emigrar a maioria (69,4%) tinha uma renda mensal de até três salários mínimos e atualmente 38,2% têm uma renda de 4 a 6 salários mínimos e outros 20,8% de mais de 10 salários mínimos. Estes dados demonstram que tais emigrantes não pertenciam a uma categoria que estava fora do mercado de trabalho e possuíam características incluídas e não excluídas para o mercado de trabalho no Brasil, contudo, optaram pela alternativa da emigração para melhorar o padrão de vida.

Este é um dos aspectos em que a migração do início do século XX e a atual diferem. Os migrantes contemporâneos emigram, não em busca de sobrevivência, como os migrantes do passado, pois não estavam desempregados ou em situação de penúria, mas em busca de manter ou melhorar sua posição social e econômica. Um conjunto de fatores que vão desde a existência de um mercado de trabalho secundário nos países de destino, a crise do emprego provocada pela reestruturação econômica nos países de origem que achatam as classes médias, as redes sociais que facilitam o processo de emigração e o próprio espírito de aventura do emigrante, o retorno e investimentos bem sucedidos nos locais de origem, definem os fluxos migratórios contemporâneos.

Mais evidente fica esta constatação, quando observamos que o principal motivo declarado pelos entrevistados, do grupo I, para emigrar (53,7%) foi a possibilidade de ganhar dinheiro, retornar e investir no Brasil. É interessante ressaltar que 46,3% afirmaram que emigraram porque foi uma possibilidade que surgiu para conseguir atingir seus objetivos mais facilmente e em menor tempo.

Através das redes sociais a emigração para os EUA na Microrregião de Governador Valadares tornou-se uma alternativa viável e de fácil acesso. Para o jovem é uma das opções que lhe é apresentada numa fase da vida em que os projetos são construídos. Entre cursar uma faculdade e ir trabalhar nos EUA muitos optam pela segunda.

A maioria dos entrevistados do grupo I (82,7%) emigrou exatamente no período de aumento do fluxo, ou seja, na década de 1980. Permaneceram de 3 a 10 anos (75,7%). Trabalharam principalmente nos restaurantes e lanchonetes, construção civil e faxina. Conseguiram o primeiro emprego por meio dos contatos com parentes e amigos, sendo que muitos (33,5%) já chegaram lá com o emprego arranjado. As condições de trabalho nos EUA são precárias; por serem indocumentados, utilizam *security* falso, trabalham em mais de um emprego com uma carga diária média de 9 a 12 horas com apenas um dia de folga.

A renda semanal da maioria era de quatrocentos a seiscentos dólares, sendo que 50,9% poupavam entre mil a dois mil dólares mensais. Destacamos que 82,7% faziam remessas mensais para o Brasil; a principal finalidade das remessas eram as despesas da família e investimentos. Desde a década de 1980 as remessas representam um importante componente da economia da Microrregião. A construção civil e o comércio experimentaram uma revitalização, graças a essas remessas, como foi demonstrado no estudo de Soares (1995).

O principal objetivo do projeto de migrar, desses que retornaram ao Brasil, era tornar-se empreendedores nas suas cidades de origem. É interessante ressaltar que 41% deles tinham um projeto concreto de investimento, ou seja, já tinham definido em que investir quando retornaram outros; 21,4% já tinham realizado o investimento enquanto ainda estavam nos EUA. Esses investimentos, geralmente, foram realizados por parentes próximos ou sócios, e 25,4% tinham a intenção de montar um negócio, mas ainda não sabiam qual.

A maioria dos entrevistados do grupo I afirma que não teve grandes dificuldades ao retornar, contudo 31,2% relatam que a grande dificuldade encontrada foi compreender novamente a economia do país, sentiam-se inseguros quanto aos investimentos realizados. Outros 27,7% apontaram a readaptação como a grande dificuldade do retorno. Relembrando que 31,4% dos emigrantes que reemigraram (grupo II), investiram e acabaram retornando novamente aos EUA, voltaram não devido ao insucesso do investimento, mas porque não conseguiram se adaptar à vida no Brasil e muitos deles acabaram tornando-se

moradores de dois lugares, vivendo parte de suas vidas no Brasil e parte nos EUA. Portanto, esta dificuldade, a readaptação, é um aspecto importante da reemigração a ser considerado.

Por tudo isso, muitos afirmam que retornar é mais difícil do que emigrar, pois quando emigram estão cheios de esperança e quando retornam são acometidos pelo estranhamento de seus lugares de origem e das pessoas que habitavam seu universo social. Isto ocorre porque durante o tempo de afastamento, idealizaram as relações sociais e o espaço onde viviam e quando retornam não o reconhecem. Numa perspectiva simmilianiana, é um tempo fora do curso natural da vida. Além disso, são assombrados com a incerteza quanto ao sucesso do investimento e o medo de perder tudo os deixa apreensivos.

Os anos de trabalho duro, de solidão e saudades e de privações resultaram na possibilidade de investir e tornarem-se donos de seus próprios negócios no Brasil faz com que 92,5% dos entrevistados do grupo I afirmem que a experiência de emigrar foi positiva, pois possibilitou melhorar sua situação econômica no Brasil.

A escolha do tipo de investimento foi definida pela experiência anterior no ramo, a maioria dos investimentos foram realizados na área do comércio, tanto em Governador Valadares como nas outras cidades da Microrregião. Contudo, o investimento em agronegócio é maior nas outras cidades. Isto se deve ao fato de que Governador Valadares é uma cidade pólo da região e onde o comércio é mais dinâmico.

O investimento inicial da maioria (46%) dos empreendimentos é da ordem de 20 mil dólares e 16% investiram mais de 100 mil dólares. Apenas 11,4% não contratam mão-de-obra. A maioria emprega entre quatro a cinco pessoas e pagam entre um a dois salários mínimos. São empreendimentos legalizados que pagam em torno de quatrocentos a mil e duzentos reais por mês de impostos. Estes dados nos permitem concluir que a maior parte dos empreendimentos é de pequeno porte e oferecem poucos postos de trabalho. Entretanto, se considerarmos que na microrregião devido ao seu baixo dinamismo econômico a oferta de empregos está abaixo da demanda da população economicamente ativa, pode-se afirmar que estes empreendimentos contribuem para o dinamismo da econômica da região.

Os proprietários (60%) avaliam que seus investimentos são bem sucedidos e que suas empresas estão em fase de crescimento. Para 32% suas empresas são sólidas com boas perspectivas no mercado. Consideram que sem a emigração jamais conseguiriam investir em empreendimentos produtivos do porte que possuem hoje.

Porque alguns retornam, investem e não obtêm sucesso e outros fazem a mesma trajetória e tornam-se empreendedores bem sucedidos na Microrregião de Governador Valadares? Quando comparamos esses dois grupos percebemos que as variáveis sócio-demográficas são semelhantes, com exceção do gênero, pois a maioria do grupo bem sucedido é do sexo masculino (87,3%).

Comparando os dois grupos, percebemos que o tempo de emigração é maior entre os que retornaram aos EUA. A maioria (44,5%) dos empreendedores que obtiveram sucesso permaneceu em torno de dois a quatro anos enquanto que os não obtiveram sucesso ficaram em torno de 5 a 10 anos (62,9%) nos EUA. Um tempo maior fora do local de origem distancia da realidade, tanto do ponto de vista econômico como das relações sociais. Quanto mais tempo distante maior é a idealização desse espaço geográfico e social e a dificuldade de readaptação será bem maior. Além disso, durante os anos de trabalho nos EUA, atuavam como empregados no mercado de trabalho secundário não tendo adquirido nenhuma experiência gerencial ou administrativa.

Outro aspecto que difere os dois grupos refere-se à forma como foi decidido em que investir. Entre os empreendedores bem sucedidos, a maioria (52,6%) investiu em atividades com as quais tinha experiência e outros 14,5% se associaram a pessoas com experiência no ramo. Diferentemente, 51,4% dos entrevistados que não foram bem sucedidos definiram seus investimentos a partir de informações de amigos e parentes e apenas 17,1% tinham experiência na área que realizaram o investimento.

Podemos concluir que o capital social do emigrante é um fator importante no sucesso do investimento, mas existem alguns fatores que contribuem para o sucesso ou insucesso do projeto de retornar e investir na cidade de origem. A emigração possibilita a poupança para iniciar seu empreendimento, contudo não o habilita a tornar-se empresário. O mercado exige racionalidade e conhecimento para que o investimento seja bem sucedido. A experiência no ramo de negócio a ser iniciado e o conhecimento sobre a economia, o funcionamento do mercado e de como administrar uma empresa não se adquire com anos de afastamento dos locais de origem, ao contrário, este afastamento resulta em uma idealização desse espaço geográfica e das relações sociais nele desencadeadas. Sem referências econômicas reais, a falta de racionalidade e o amadorismo nos investimentos, o resultado é o insucesso.

Em relação ao objeto central desta tese que é compreender o fenômeno da migração internacional no que se refere ao movimento de ida e retorno e seus efeitos na

abertura de novos empreendimentos na Microrregião de Governador Valadares, os dados nos permitem considerar que esses empreendimentos dão dinamismo à economia da região, pois mesmo sendo, em sua maioria empresas de baixo investimento e com pequeno número de empregos, criam postos de trabalho e por serem documentadas pagam seus impostos.

Se tomarmos como referência o fato da Microrregião de Governador Valadares apresentar a mesma tendência estrutural de estagnação econômica da Macrorregião do Rio Doce, da qual faz parte, podemos considerar que o investimento produtivo dos emigrantes retornados é um elemento que contribui para o aumento dos postos de trabalho e a dinâmica da economia local. Contudo, existe outro aspecto que não pode deixar de ser considerado, que diz respeito às conseqüências desse fenômeno da migração internacional para a região.

Uma dessas conseqüências é a supervalorização do preço do imóvel em toda a região. Uma casa é vendida por três vezes o seu valor real porque o emigrante que está nos EUA paga este valor. O mesmo acontece com as propriedades rurais. Para o emigrante, além do valor de mercado existe um valor simbólico que é comprar a casa na rua onde morava de aluguel, a fazenda onde era vaqueiro. É a possibilidade de mostrar para si e para os outros que seu projeto de emigrar foi bem sucedido. Contudo, o valor monetário, por ser irreal, na perspectiva do mercado, não se manterá por muito tempo.

Os investimentos em imóveis para alugar é outro efeito da emigração, porém, este setor já sente os efeitos da oferta maior que a procura. Na cidade de Governador Valadares já é sentido pelos proprietários de imóveis para aluguel, a queda no preço dos aluguéis.

É importante que tanto o poder público, quanto a sociedade civil tenham ações que propiciem a fixação dos que retornam e buscam meios de permanecer na sua região de origem, fazendo investimentos produtivos e viáveis. Há uma grande carência de políticas e projetos que orientem os emigrantes quanto à escolha do tipo de negócio e os qualifique para administrar adequadamente os empreendimentos, tornando-os competitivos e rentáveis. São necessários também projetos que auxiliem o migrante no seu retorno e na sua readaptação ao local de origem, evitando, assim, que ele se torne um migrante novamente, ou um transmigrante.

A remessa de dólares para o Brasil é de tal volume que chamou a atenção das instituições financeiras nacionais e internacionais como a West Union, Banco do Brasil,

Caixa Econômica que abriram programas de remessas, antes operada informalmente apenas pelas agências de turismo. As instituições da Microrregião como SICCOB e AC CREDI também percebendo a importância e o volume desses envios, abriram programas de remessas. Contudo, nenhum desses programas apresenta projetos consolidados de assessoria e orientação ao imigrante que deseja investir. É importante, para a região, que esses investimentos sejam produtivos, rentáveis e orientados para as demandas e vocação da região, tendo assim possibilidades de tornarem-se bem sucedidos e contribuírem para o desenvolvimento econômico da mesma.

A tendência é da redução do retorno e do envio de dólar à medida que a comunidade brasileira vai se organizando nos EUA. Como os dados demonstraram, a partir dos anos de 1990, o principal motivo para emigrar apresentado por 28% dos brasileiros entrevistados nos EUA é o reencontro com a família que já residia lá. Esses emigrantes dificilmente retornaram ou farão investimentos produtivos nas localidades de origem. Além disso, a segunda geração e os que foram ainda crianças⁸⁸ mesmo mantendo laços afetivos com os familiares no Brasil, também dificilmente farão investimentos produtivos nos locais de origem de seus pais.

A Região do Rio Doce e sua Microrregião de Governador Valadares, historicamente, passaram por ciclos econômicos que deixaram rastros nefastos na economia regional. Para que o fenômeno migração internacional não se torne mais um ciclo predatório como o da mica, madeira e mais recentemente da agropecuária, é necessário que programas sejam criados para orientar os investimentos dos emigrantes. Destacamos que os dados demonstram que 61,7% dos emigrantes entrevistados nos EUA afirmam que pretendem retornar à suas cidades de origem. É urgente que a sociedade civil, entidades de classe e o poder público, elaborem programas que canalizem e oriente os investimentos desses que pretendem retornar para que não aconteça com eles o que aconteceu com os 48,6% dos entrevistados que emigraram para os EUA, retornaram, investiram na microrregião e foram mal sucedidos, tornando-se emigrantes novamente.

Considerando que a emigração se assenta em quatro pontos: ir – ganhar dinheiro – retornar – investir, concluímos que durante o percurso, dada às condições sociais, esse projeto migratório é reelaborado e o retorno aspecto central deste estudo, apresenta diferentes nuances. Assim podemos considerar que existem quatro tipos de retorno:

⁸⁸ Denominada na literatura de geração 1.5.

1 – *Retorno temporário* - O emigrante define os EUA como seu local de moradia. Lá tem sua família, seu trabalho, e seus investimentos. Vem ao Brasil de férias (mesmo o indocumentado que volta para os EUA pela fronteira do México e atualmente pela Guatemala). Traz seus filhos, que geralmente são documentados, para passar férias, festejar o aniversário, assistir casamentos e outros festejos da família no Brasil. Recebe os jornais locais nos EUA ou acessa através da internet. Manda dinheiro para ajudar a família e ajuda entidades de caridade local. Nos EUA muda seu padrão de vida e consumo, pois já não têm a preocupação de fazer poupança para voltar e investir no Brasil.

2 – *Retorno continuado*. O emigrante que retorna à cidade de origem investe e acaba perdendo tudo; reemigra, mas continua mantendo o projeto de voltar. Alguns fazem esse caminho por várias vezes. Restringe seu padrão de vida e de consumo nos EUA objetivando fazer uma poupança para tornar a investir em sua cidade de origem⁸⁹. Neste grupo, depois de algumas tentativas frustradas, alguns desistem e passam a pertencer ao primeiro grupo.

3- *Retorno do Transmigrante*. O emigrante que vive nos dois lugares, está sempre retornando ao país de origem e ao de destino. É documentado, tem vida estabilizada nos EUA. Possui casa, faz investimento e trabalha nos dois lugares. Passa parte do ano no Brasil e parte nos EUA. Participa ativamente da vida social das duas sociedades. Alguns são membros de associações nos EUA (câmara do comércio, grupo de escoteiros, brigada de incêndio) e no Brasil (associações de classe, cargos públicos como de vereador ou prefeito). Hoje, já podemos dizer que são transmigrantes⁹⁰, transitam, têm visibilidade e são atores sociais nos dois lugares⁹¹.

4 – *Retorno permanente*. O emigrante que retornou, readaptou-se e estabeleceu-se na sua cidade ou país de origem, não pretende emigrar novamente. No caso deste estudo é o que se tornou empreendedor na Microrregião de Governador Valadares. Credita a sua condição de empreendedor bem sucedido ao seu projeto migratório.

Retomando a epígrafe do início desta tese, “*É o sonho de água doce que o metal engole moendo, moendo... Tudo ali segue o verde, o verde que não volta mais.*” O sonho do retorno para o Vale do Rio Doce foi perdido ou reescrito no percurso da busca das verdinhas, do dólar. O verde que representa o seu local de partida (o seu país de origem) na dimensão temporal e social de quando partiu, não volta mais.

⁸⁹ Margolis (1994) denomina de migração iô-iô.

⁹⁰ Indicativos de como algumas cidades dos EUA desenvolvem laços institucionais com a Microrregião é o convênio Sister City (anexo 2)

⁹¹ Porte, Mansey e outros estudiosos os denominam de transmigrantes.

Estas diferentes formas de retorno denunciam a angústia de uma realidade vivida, a ausência e a presença em um determinado espaço social, um ponto de partida para o qual não se volta mais, mas também a engenhosidade desses aventureiros, desbravadores e ousados atores sociais que reescrevem suas trajetórias e por que não dizer, reconquistam e redimensionam os espaços físicos e sociais que passam a ocupar.

Depois de ouvir as lamentações, as angústias, os sucessos e insucessos dos emigrantes e presenciar seu trabalho e luta diária nas terras do “*tio Sam*”, não poderia deixar de finalizar levantando uma questão. Esse movimento da população, com as características que assume nos dias atuais, não é uma denúncia dos caminhos que a nossa civilização toma? Termino com as palavras de Abdelmalek Sayad (1998, p. 27):

A migração internacional – mesmo quando resultado harmônico de convenções bilaterais (e sobretudo nestes casos, diríamos) – é o produto de uma relação de forças. Negá-lo, ou somente ocultá-lo, é sempre vantajoso para o mais forte, para o parceiro em posição dominante, que é aqui sempre o parceiro que oferece em seu território possibilidades de empregos, e jamais o parceiro que só tem a oferecer os seus trabalhadores desprovidos de trabalho em suas terras.

Nesta ótica, submetidas ao modo de pensar da nação, as noções de retorno do imigrante à sua sociedade ou, ao contrário, de fixação definitiva na sociedade do país de imigração, exprimem-se em um outro vocabulário que traz a marca de um voluntarismo político nacional e nacionalista e de um intervencionismo estatal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui, Estar lá.** Uma cartografia da vida em dois lugares. 1995. 230 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

____. Emigrantes brasileiros para os EUA e a (re)construção da identidade étnica. In: TORRES, Sonia (org.) **Raízes e Rumos: Perspectivas Interdisciplinares em Estudos Americanos.** Rio de Janeiro: 7letras, 2001. p. 199-211.

____. Estar Aqui..., Estar Lá... Uma cartografia da emigração valadarense. IN: REIS, Rosana Rocha, SALES, Teresa. **Cenas do Brasil migrante.** São Paulo: Boitempo, 1999. p. 125-166.

____. **De Criciúma para o mundo.** Reajarranjos familiares de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiro. 2004. 325 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ALMEIDA, Zenólia Maria. **Fazer a américa:** inserção e mobilidade do imigrante brasileiro em uma economia de base étnica. Coronel Fabriciano (MG): UnilesteMG, 2003.

APPADURAI, A. **Disjuncture and difference in the global cultural economy.** O Phantom Public Sphere. Minneapolis: University of Minnesota Press, Bruce Robbins, 1992.

BECKER, Howards S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Hucitec, 1993.

BRITO, Fausto. **Emigração e imigração internacional no Brasil contemporâneo.** Campinas: FNUAP, 1995.

BOYD, Monica. Family and personal networks in internacional migration: recent developments and new agenda. **International Migration Review.** S.l. 23(3), p. 638-670, 1989.

BORJAS, George J. **Friends or strangers:** The impact of immigrants on the US economy. New York: Basic Books, 1990.

____. The economics of Immigration. In: **Journal of Economic Literature.** Vol. XXXII, December, 1994.

____. The new economics of immigration. In: **The Atlantic Monthly.** November, 1996.

CAMARGO, J. F. Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos. **Ensaio Econômico** IPE-USP, São Paulo, 14, 1981.

CANCLINI, Néstor García. **A Globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CARNOY, Martin et al. **The new global economy in the informacional age**. University Park. PA: Pennsylvania State University. 1993.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em redes**. A Era da informação: economia, sociedade e cultura. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

DeBIAGGI, Sylvia Dantas. Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: DeBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José (org.). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 135-164.

ESPINDOLA, Haruf Salmen e SOARES, Weber. **Identificação da Região do Rio Doce**. Governador Valadares: Univale, 2005.

FERREIRA, Ricardo Hirata. **Confronto dos lugares no migrante de kassegui**. 2001. 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de pós-graduação do Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade Estadual de São Paulo.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares**, Campinas: IFCH –UNICAMP, 1998.

____. **Capital Cordial: a reciprocidade entre os migrantes brasileiros nos Estados Unidos**. 2005. 138 f. Tese (Doutorado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Programa Estadual de Centros Intermediários**. Perfil da cidade de Governador Valadares. Belo horizonte, 1992.

____. **Potencialidades para o microcrédito no município de Governador Valadares**. Belo Horizonte, 2005.

____. **Índice Mineiro de Responsabilidade Social**. Belo Horizonte, 2005.

GOVERNADOR VALADARES. Prefeitura Municipal. **Plano de desenvolvimento local integrado do município de Governador Valadares**. Governador Valadares, 1972. (*Mimeog.*)

GOVERNADOR Valadares. Prefeitura Municipal. **Perfil de Governador Valadares**. Governador Valadares, 1988. (mimeog.)

GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernidade reflexiva**. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

GIDDENS Anthony e PIERSON, Christopher. **Conversar com Anthony Giddens**. O Sentido da modernidade. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**: Belo Horizonte, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK. Multilateral Investment Fund. **Remittances 2005**. Promoting Financial Democracy. Washington, DC. March, 2006. <www.MigrantRemittances.org>

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil**. Imigrantes brasileiros em Nova York. Campinas: Papirus, 1994.

MARX, Karl e ENGELS, Frederich. **A Ideologia alemã: Teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Moraes, 1984.

MASSEY, Douglas, et al. The social organization of migration. In: _____. **Return to Aztlan. The social process of international migration from Western Mexico**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

_____. Migration, ethnic mobilization and globalization: causes of migration. In: GUIBERNAU, Montserrat e REX, John (eds). **The ethnicity reader: nationalism, multiculturalism and migration**. U K: Polity Press, 1997. p. 257-269.

_____. Theories of international Migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, 19 (3), 1993, p.411-466.

MORAES FILHO, Evaristo de (org). **Georg Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos**. Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

- _____. Compromisso de Retorno. Remessas de Emigrantes Brasileiros. In: **Encontro Anual da ANPOCS**, XXIX, 2005, Caxambu/MG. (texto impresso avulso).
- PATARRA, Neide L. e BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, Neide (org.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 79-87
- PORTES, Alejandro. The economic sociology of immigration: a conceptual overview. In: PORTES, Alejandro (org.). **The economic sociology of immigration – essays on networks, ethnicity and entrepreneurship**. NY: Russel Sage Foundation, 1995.
- PORTES, Alejandro and RUMBAUT, Rubén G. **Immigrant America: a portrait**. 2. ed. Los Angeles: University of California Press, 1996.
- _____. From south of the border: Hispanic minorities in the United States. In: YANS, M. V. (org). **Immigration reconsidered: history, sociology and politics**. New York: Oxford University Press, 1990.
- PIORE, M. **Birds of passage: migrant labor and industrial societies**. New York: Cabridge University Press, 1979.
- REITZ, Jeffrey. **The survival of ethnic group**. Toronto: McGraw-Hill, 1980.
- RICHMOND, Anthony H. **Immigration and ethnic conflict**. London: Macmillan Press, 1988.
- SALES, Tereza. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. O trabalho do Brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. In: OIT. Organização Internacional do Trabalho e ABET – Associação Brasileira de Estudos do Trabalho. **O Trabalho no Brasil no Limiar do SéculoXXI**. São Paul: LTr., 1995.
- _____. Brasil X EUA. Identidade étnica entre migrantes brasileiros na região de Boston. IN: REIS, Rosana Rocha, SALES, Teresa (orgs). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 193-233.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SASAKI, Elisa Massae e ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Teoria das migrações internacionais**. ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais), Outubro de 2000, Caxambu. 21 p.

SASSEN, Saskia. **The mobility of labor and capital.** A study in international investment and labor flow. New York: Cambridge University Press, 1988.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elementos constitutivos da condição do imigrante. **Travessia**, número especial. 2000.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998.

SCUDELER, Cristina. Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA. IN: REIS, Rosana Rocha, SALES, Teresa (orgs). **Cenas do Brasil migrante.** São Paulo: Boitempo, 1999. p. 193-233.

SCHILLER, Nina Glick. Transmigrants and National-States: something old something new in the U.S. immigrant experience. In: HIRCHMAN, Charles; KASINITZ, PHILIP; DEWIND, Josh. **The handbook of international migration: the American experience.** New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 94-119.

SEBRAE-MG - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais. **Diagnóstico Municipal de Governador Valadares.** Belo Horizonte: SEBRAE-MG, 1999.

SEBRAE-MG - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais. **Boletim estatístico de micro e pequenas empresas.** São Paulo: SEBRAE, Junho de 2006.

SIMMEL, Georg. O problema da Sociologia. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org). **Georg Simmel.** São Paulo: Ática, 1983 a.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org). **Georg Simmel.** São Paulo: Ática, 1983 b.

SIMME, Georg. A aventura. In: SOUZA, Jessé e OËLZE, Berthold. (orgs). **Simmel e a modernidade.** Brasília: UnB, 1998.

SINGER, Paul. Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: **Economia política da urbanização.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

SIQUEIRA, Sueli. **Os novos contornos da informalidade:** o caso valadarenses. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1997. 125p. (Dissertação, Mestrado em Sociologia).

_____. A Migração internacional em Governador Valadares. **Caderno do Neder.** Governador Valadares: Universidade Vale do Rio Doce. 2003 <www.univale.br>

- SOUZA, Jessé e OËLZE, Berthold. (orgs). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998.
- SOARES, Weber. **Emigrantes e investidores**: Redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense. 1995. 174 f. Dissertação (Mestrado em demografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. **Da metáfora à substância**: Redes Sociais, Redes migratórias e migração nacional e internacional em Governador Valadares e Ipatinga. 2002. 344 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR), Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- TILLY, Charles. Transplanted Networks. In: YIANS-Mc, Laughlin (ed). **Immigration reconsidered**. NY: Oxford University Press, 1990. p.79-95.
- THOMAS, B. **Migration and Economic Growth**: a study Britain and the atlantic economy. Boston: Cambridge University Press, 1973
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: editora 34, 2000.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 10.ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

APÊNDICE

Apêndice A – Formulário da entrevista na Microrregião de Governador Valadares



Formulário (1) Nº ____

Aplicador

Data: ____/____/____

I – DADOS INICIAIS

1. Nome: _____
 Cidade que reside: _____
 Rua. _____ Nº: _____
 Bairro: _____ Telefone: _____

II - DADOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE MIGRAR

2. Quantas vezes você emigrou para os EUA? Qual foi o ano de chegada nos EUA? Qual o ano de retorno para o Brasil? Qual tipo de trabalho que você executava? E para qual cidade você foi?

Quantas vezes emigrou?	Ano de chegada	Ano de retorno	Tempo (em meses)	Tipo de trabalho nos EUA	Cidade
1ª vez					
2ª vezes					
3ª vezes					
4ª vezes					

3. Qual o motivo de ter emigrado?

	Motivo da ida para os EUA	Motivo do retorno para o Brasil
1ª vez		
2ª vez		
3ª vez		
4ª vez		

4. Qual foi a forma de entrada nos EUA, custo da viagem e quem financiou?

Forma de entrada	1 ^a vez	2 ^a vez	3 ^a vez	4 ^a vez	Ao retornar	Custo da viagem (em dólar)	Quem financiou a viagem?
1. Visto de turista							
2. Visto de trabalho							
3. Visto de estudante							
4. Passaporte montado							
5. Pela fronteira do México							
6. Green Card							
7. Cidadão americana							
8. Outros: citar:							

5. Quando retornou para o Brasil quais eram seus planos?

1 ^a vez	
2 ^a vez	
3 ^a vez	
4 ^a vez	

6. Quando você emigrou pela primeira vez, sua situação no Brasil era:

6.1. Em relação ao trabalho		6.2. Em relação a moradia:		6.3. carro?	
1. empregado com carteira assinada		1. casa própria (paga)		1. Sim	
2. empregado sem carteira assinada		2. casa própria (financiada)			
3. trabalhava por conta própria		3. aluguel			
4. desempregado		4. cedida			
5. estudante		5. residia com os pais ou parentes		2. Não	
6. proprietário		6. outros: citar			
7. outros: citar					

7. Na atividade que você tinha no Brasil antes de emigrar qual era sua renda mensal? (TER COMO REFERÊNCIA O SALÁRIO MÍNIMO ATUAL – CR\$260,00)

8. Em relação ao seu primeiro emprego nos EUA como o conseguiu?

1. () Já foi com emprego arranjado por amigos ou parentes
2. () Fez contato com conhecidos para conseguir trabalho
3. () procurou em jornais
4. () outros. Citar _____

9. Em seu primeiro emprego trabalhou para:

1. () Brasileiros
2. () Emigrantes de outras nacionalidades
3. () Americanos

10. Em relação ao seu trabalho nos EUA:

10.1) Em média quantas horas por dia você trabalhava?	10.2) Qual sua renda semanal? (em dólar)	10.3) Quantas horas por dia você dormia?

11. Em média quanto era possível poupar por mês (em dólar)

12. Quais os bens que você adquiriu no Brasil resultado do dinheiro que ganhou como emigrante nos EUA?

1. () casa ou apartamento – Quantos? _____

2. () Sítio – Quantos? _____

3. () Chácara – Quantos? _____

4. () Fazenda - - Quantos? _____

5. () Carro ou moto – Quantos? _____

6. () empresa ou negócio – Quantos? _____

7. () outros. Citar: _____ Quantos? _____

8. () nenhum

13. Enquanto estava nos EUA você enviava dinheiro para o Brasil?

1. () sim

2. () não (PASSAR PARA QUESTÃO 17)

14. Qual a finalidade deste envio de dinheiro para o Brasil?

1. () despesas da família

2. () despesas e poupança

3. () pagamento de dívidas

4. () outros. Citar: _____

15. Quanto você enviava por mês em dólar _____

16. Como você enviava dinheiro para seus familiares?

1. () através de parentes ou amigos que estavam retornando para o Brasil

2. () cheque de viagem

3. () agência de turismo

4. () correio

5. () transferência direta de conta do banco nos EUA para o Brasil

6. () lojinhas

7. () Outros – citar: _____

17. Com que frequência você realizava no Brasil e nos EUA as seguintes atividades:

Atividades	17.1) No Brasil antes de emigrar	17.2) Nos EUA	17.3) No Brasil atualmente
1. Cinema			
2. Teatro			
3. Museus e exposições			
4. Jantar fora			
5. Ir a pizzaria			
6. Visitar amigos			
7. Fazer caminhada			
8. Ir à praia, piscina			
9. Ir à igreja			
10. Outros. Citar:			

Frequência: 1. nunca, 2. frequentemente, 3. raramente, 4. não lembra

18. Você fazia algum tipo de leitura nos EUA e no Brasil?

Leitura	18.1) No Brasil antes de emigrar	18.2) Nos EUA	18.3) No Brasil atualmente
Jornal			
Revista			
Livros			
Outros: citar			

Frequência: 1. nunca, 2. frequentemente, 3. raramente, 4. não lembra

19. Em relação à língua inglesa, quando emigrou pela primeira vez você:

situação	19.1) Quando emigrou pela primeira vez	19.2) atualmente
1. não sabia nada de inglês		
2. tinha noções rudimentares		
3. tinha noções básicas da escola		
4. sabia o suficiente para comunicar-se		
5. dominava a língua inglesa		
6. outros – citar:		

20. Qual a maior dificuldade que você encontrou em sua estadia como emigrante nos EUA?

21. Em uma escala de 1 a 10 onde 1 significa muito ruim e 10 muito bom, como você classifica, de um modo geral, **sua vida nos EUA**? Marque na escala abaixo.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Muito Ruim									Muito bom

22. E hoje no Brasil, como você classifica sua vida na escala abaixo?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Muito Ruim									Muito bom

23. Quais foram as maiores dificuldades encontradas no retorno para o Brasil? _____

24. Como você classifica sua experiência de emigrar ?

1. () uma experiência que não valeu a pena. Por que? _____

2. () um experiência que valeu a pena. Por que? _____

3. () indiferente. Por que? _____

25. Você pretende emigrar novamente?

1. () não

2. () não sei

3. () sim – para qual país? _____
Qual motivo? _____

III – CARACTERÍSTICAS DA EMPRESA

26. Qual o tipo de atividade da sua empresa?

1.() comércio. Citar _____

2.() indústria. Citar _____

3.() serviço. Citar _____

4.() agronegócio. Citar _____

27. Quais as razões que o levaram a escolher este tipo de negócio?

28. Você encontrou alguma dificuldade para tornar-se empreendedor no Brasil?

1. não
2. sim – qual? _____

29. Você fez algum tipo de pesquisa de mercado antes de iniciar esse negócio?

1. não
2. sim – qual? _____

30. Procurou alguma orientação especializada para iniciar seu negócio?

1. não
2. sim – qual? _____

31. Quanto tempo **sua** empresa exerce esta atividade? _____

32. Qual foi o capital inicial do seu empreendimento (em reais)? _____

33. Quanto tempo foi necessário permanecer no estrangeiro para montar o seu negócio? ____

34. Qual a situação do seu empreendimento com relação a legalização?

1. Totalmente legalizado (Tem toda a documentação exigida por lei)
2. Parcialmente legalizada (Faltam alguns documentos)
3. Não regularizada (Ainda não providenciou a documentação)
4. Outros. Citar: _____

35. Contrata mão-de-obra?

1. sim (COMPLETAR O QUADRO A SEGUIR)
2. não (PASSAR PARA QUESTÃO 36)

29.1) Quantos empregados possui?	29.2) Qual a forma de contrato	29.3) Salário pago (em média)
	<ol style="list-style-type: none"> 1. <input type="checkbox"/> CLT 2. <input type="checkbox"/> contrato verbal 3. <input type="checkbox"/> outra forma. Qual? 4. <input type="checkbox"/> misto (CLT e outros) 5. <input type="checkbox"/> produção/comissão 	

36. Em média qual o lucro líquido da empresa? _____ reais

37. Quanto sua empresa paga de impostos diretos por mês? _____ reais

38. Como você considera a situação de sua empresa hoje?

- 1 () em fase de crescimento com boas perspectivas
 2 () um empreendimento sólido com boas perspectivas
 3 () em fase de retraimento com poucas perspectivas
 4 () outros. Citar: _____

39. Em relação ao seu empreendimento você considera que:

- 1 () sem emigrar não seria possível se estabelecer como empreendedor
 2 () a emigração apenas possibilitou estabelecer-se como empreendedor em um tempo menor
 3 () o fato de ter emigrado foi indiferente para estabelecer-se como empreendedor
 4 () outros. Citar: _____

40. Quais são seus planos em relação a sua empresa para os próximos dois anos?

IV – Dados pessoais

41. Sexo: 1.() Masculino
 2.()Feminino

42. Naturalidade: _____

43. Nos EUA você fez algum curso?

1. () não
 2. () sim? Qual? _____

44. Qual sua situação antes de emigrar e atualmente em relação a:

	Antes de ir para os EUA	Atualmente
Série, grau e curso		
Estado civil		
Idade (quando emigrou pela primeira vez)		

45. Caso tenha mudado seu estado civil isso ocorreu:

1. () antes de emigrar para os EUA
 2. () durante sua permanência nos EUA
 3. () após seu retorno para o Brasil
 4. () outros. Citar: _____
 5. () não se aplica

OBSERVAÇÕES: (anotar todas as informações que julgar importante para a pesquisa)

Apêndice B – Formulário da entrevista aplicada nos EUA



PESQUISA – EMIGRA / EUA

Formulário (2) N° _____

Aplicador _____

Data: ____/____/2004

I – DADOS INICIAIS

1. Nome: _____

Cidade em que reside: _____

Cidade de origem: _____

II – DADOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE MIGRAR

2. Em que ano você emigrou para os EUA pela primeira vez?

3. Qual foi o motivo **principal** que definiu sua vinda para os EUA? _____

4. Quando você emigrou qual foi a forma de entrada no país? Qual foi o custo? E como foi financiada a viagem?

Forma de entrada	1ª vez	Situação atual	Custo da viagem (em dólar)	Como foi financiada a viagem?
1. Visto de turista				
2. Visto de trabalho				
3. Visto de estudante				
4. Passaporte montado				
5. Pela fronteira do México				
6. Green Card				
7. Cidadão americana				
8. Outros: citar:				

5. Há quantos anos você vive nos EUA? _____

6. Durante este período quantas vezes você retornou para o Brasil?

1. () nenhuma vez

2. () uma vez

3. _____ vezes

7. Nesses retornos você tinha a intenção de permanecer no Brasil?

1. sim

2. não (passar para a questão 9)

8. Por qual motivo você não permaneceu no Brasil? _____

9. Quando você emigrou pela primeira vez, sua situação no Brasil era:

9.1. Em relação ao trabalho	9.2. Em relação a moradia:	9.3 Possuía carro?
1. <input type="checkbox"/> empregado com carteira assinada 2. <input type="checkbox"/> empregado s/ carteira assinada 3. <input type="checkbox"/> trabalhava por conta própria 4. <input type="checkbox"/> desempregado 5. <input type="checkbox"/> estudante 6. <input type="checkbox"/> proprietário 7. <input type="checkbox"/> outros: citar	1. casa própria (paga) 2. casa própria (financiada) 3. aluguel 4. cedida 5. residia c/ os pais ou parentes 6. outros: citar	1. <input type="checkbox"/> Sim 2. <input type="checkbox"/> Não

10. Na atividade que você tinha no Brasil antes de emigrar qual era sua renda mensal ?
(TER COMO REFERÊNCIA O SALÁRIO MÍNIMO ATUAL – CR\$260,00)_____

11. Em relação ao seu primeiro emprego nos EUA como o conseguiu?

5. Já foi com emprego arranjado por amigos ou parentes

6. Fez contato com conhecidos para conseguir trabalho

7. procurou em jornais

8. outros. Citar _____

12. Em seu primeiro emprego trabalhou para:

4. Brasileiros

5. Emigrantes de outras nacionalidades

6. Americanos

13. Qual é seu principal trabalho? _____

14. Quantos empregos você tem? _____

15. Em relação ao seu trabalho nos EUA:

15.1) Em média quantas horas por dia você trabalha?	15.2) Qual sua renda semanal? (em dólar)	15.3) Quantas horas por dia você dorme?

16. Em média quanto você ganha por mês (em dólar) _____

17. Em média quanto é possível poupar por mês (em dólar) _____

18. Você adquiriu algum bem no Brasil?

1. () não (passara para a questão 20)

2. () sim

19. Quais os bens que você adquiriu no Brasil resultado do dinheiro que ganhou como emigrante nos EUA?

1. () Casa ou apartamento – Quantos? _____

2. () Sítio – Quantos? _____

3. () Chácara – Quantos? _____

4. () Fazenda - – Quantos? _____

5. () Carro ou moto – Quantos? _____

6. () Empresa ou negócio – Quantos? _____

7. () Outros. Citar _____

Quantos? _____

20. Você envia dinheiro para despesas de seus familiares?

3. () não (PASSAR PARA QUESTÃO 23)

4. () sim

5. () às vezes

21. Quanto você envia em dólar por ano? _____

22. Como você envia dinheiro para seus familiares

8. () através de parentes ou amigos que estavam retornando para o Brasil

9. () cheque de viagem

10. () agência de turismo

11. () correio

12. () transferência direta de conta do banco nos EUA para o Brasil

13. () outros. Citar _____

23. Pretende voltar a residir em Governador Valadares ou região?

1. () sim

2. () não (passar para a questão 25)

24. Qual seu projeto ao retornar? _____

25. Qual você considera ser a maior dificuldade para retornar para o Brasil? _____

26. Em uma escala de 1 a 10, onde 1 significa muito ruim e 10 muito bom, como você classificaria, de um modo geral, **sua vida nos EUA**? Marque na escala abaixo.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Muito Ruim									Muito bom

27. E quando você vivia no Brasil, como você classificaria sua vida na escala abaixo?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Muito Ruim									Muito bom

28. Qual atividade de lazer você praticava no Brasil e hoje pratica nos EUA?

Brasil	EUA

29. Frequenta alguma igreja? Qual? _____

30. acompanha as notícias sobre o Brasil e a sua cidade de origem?

1. () não

3. () sim – como? Através de que meios de comunicação? _____

31. Em relação a língua inglesa, quando emigrou pela primeira vez você:

situação	18.1) Quando emigrou pela primeira vez	18.2) atualmente
1. não sabia nada de inglês		
2. tinha noções rudimentares		
3. tinha noções básicas da escola		
4. sabia o suficiente para comunicar-se		
5. dominava a língua inglesa		
6. outros – citar:		

32. Qual a maior dificuldade que você encontrou em sua estadia como emigrante nos EUA?

33. Com que frequência você faz contato com parentes ou amigos no Brasil?

1. () mais de uma vez por semana
2. () semanalmente
3. () quinzenalmente
4. () mensalmente
5. () outros – citar _____

34. Nos EUA você fez ou faz algum curso?

3. () não
4. () sim? Qual? _____

III – DADOS PESSOAIS

35. Qual sua situação antes de emigrar e atualmente em relação a:

	Antes de ir para os EUA	Atualmente
Série, grau e curso.		
Estado civil		
Idade (quando emigrou pela primeira vez)		

36. Caso tenha mudado seu estado civil isso ocorreu:

1. () antes de emigrar para os EUA
2. () durante sua permanência nos EUA
3. () após seu retorno para o Brasil
4. () outros. Citar: _____
5. () não se aplica

37. Sexo: 1. () Masculino
2. () Feminino

38. Naturalidade: _____

OBSERVAÇÕES: (anotar todas as informações que julgar importante para a pesquisa)

APÊNDICE C – Relação das entrevistas em profundidade

Nomes Fictícios	Idade	Local da entrevista	Data da entrevista
1. César	45	Brasil	9/11/2000
2. Alessandra	32	EUA	Julho/2005
3. Eliseu	52	Brasil/EUA	2002/2004
4. Eliane	48	Brasil/EUA	2004/2005
5. Marcos	37	Brasil	2005
6. Fernando	21	Brasil	2002*
7. Evaldo	35	EUA	2004
8. Elvira	27	Brasil	2002*
9. Graça	42	Brasil/EUA	2000*/2004
10. Alex	62	EUA	2004
11. Pedro	65	Brasil	2000*
12. Eloíza	28	Brasil	2004
13. Edna	48	EUA	2004
14. Ana	21	EUA	2004
15. Jorge	42	EUA	2004
16. Alzira	62	EUA/Brasil	2004
17. Jerônimo	32	EUA	2004
18. Meire	23	EUA	2004
19. Jorgiana	38	EUA	2004
20. Nilcéia	62	EUA	2004
21. Mário	56	EUA	2004
22. Robson	32	EUA	2004
23. Geilton	39	EUA	2004
24. Walter	43	EUA	2004
25. Lúcio	50	EUA	2004
26. Jailson	62	EUA	2004
27. Dirceu	41	EUA	2004
28. Carlos	62	EUA	2004
29. Mateus	38	EUA	2004
30. Vanda	59	EUA	2004
31. Andréia	38	EUA	2004
32. Mario	52	Brasil	2005
33. Jonas	61	Brasil	2005
34. Augusto	31	Brasil	2005
35. Marcone	45	Brasil	2005
36. Renato	39	Brasil	2005
37. Cláudio	42	Brasil	2005
38. Ezequiel	39	Brasil	2005
39. Ana	35	Brasil	2005
40. Roberto	43	Brasil	2005
41. Aâncio	42	Brasil	2005
42. Edna	50	Brasil	2005
43. Hernani	41	Brasil	2005
44. Juscimar	40	Brasil	2005

- Todos os nomes são fictícios.
- Entrevistas realizadas em 2000 e 2002 parte do estudo exploratório (Fernando, Elvira, Graça e Pedro)
- Total de 23 entrevistas em profundidades realizadas em 2004 nos EUA. Destaco que Graça, Eliane, Alzira e Eliseu deram suas entrevistas nos EUA e no Brasil.
- Além das entrevistas em profundidade com imigrantes nos EUA e emigrantes no Brasil realizamos também entrevista com lideranças locais ligada ao setor financeiro e proprietários de agência de turismo e agenciadores, chamados de cônsul que cuidam de enviar pessoas pela fronteira do México.

APÊNDICE D – Fotos das cidades nos EUA – Locais das entrevistas

Foto 5 – Lojas Brasileiras em Newark



Foto: Sueli Siqueira, agosto de 2004

Foto 6 – Lojas Brasileiras em Bridgeport



Foto: Sueli Siqueira, agosto de 2004

Foto 7: Casa de brasileiros em regiões de classe média



Foto: Sueli Siqueira, agosto de 2004

APÊNDICE E – Fotos de algumas cidades da Microrregião**Foto 8 – Apartamentos e loja de comércio em Alpercata**

Foto: Sueli Siqueira 2005

Foto 9 – Pousada, Açougue e mercearia em Campanário**Foto 10 – Sede de Fazenda em Marilac**

Foto: Sueli Siqueira, 2005

Foto 11 – Residência e Comércio Eng. Caldas

Foto: Sueli Siqueira, 2005

Foto 12: Merceria em Governador Valadares



Foto: Sueli Siqueira, 2006

Foto 13: Restaurante em Governador Valadares



Foto: Sueli Siqueira, 2006

ANEXOS

ANEXO 1 – Notícia da pesquisa nos EUA

BRAZILIAN TIMES **GENERAL NEWS**

Pesquisadora estuda o sucesso e o fracasso dos Valadarenses que voltaram de Massachusetts

O dinheiro investido no Brasil nem sempre gera divisas, diz Sueli Siqueira

Continuação da capa

O objetivo é também o de explicar um dado que está confundindo os pesquisadores e economistas: apesar do imenso influxo de dinheiro e capital humano resultante do fluxo migratório na região, Governador Valadares, que era a terceira cidade do estado em desenvolvimento e qualidade de vida, hoje ocupa o décimo sexto lugar. De acordo com Sueli, esta contradição poderia ser explicada pelo desperdício e má-aplicação dos recursos conseguidos no exterior pelo imigrante.

A pesquisa pretende fornecer dados para a criação de política públicas que orientem o imigrante a investir na região, evitando assim o que tem acontecido com frequência, o fracasso nos investimentos realizados e o retorno aos Estados Unidos.

Um certo número de organizações, a maioria situadas em São Paulo, já oferece auxílio e suporte para os imigrantes, como por exemplo a SEBRAE, a Associação Comercial de São Paulo e a própria prefeitura da cidade.

Sueli estará em Boston até o dia 29 de agosto, retornando ao Brasil em seguida para apresentar os resultados da pesquisa.



PESQUISADORA estuda imigrantes

Fonte: Brazilian Times, 11 de agosto de 2004 (Boston)

Researcher studies Framingham Brazilians

By Liz Mineo
NEWS STAFF WRITER

FRAMINGHAM — While studying Brazilian immigration to the United States, sociologist Sueli Siqueira had heard about the large concentration of Brazilians in Framingham. But when she came here two weeks ago as part of her research, she was taken aback.

"There were so many Brazilians," said Siqueira. "It was almost scary; I had read about it, but I couldn't be-

leave it. It was by far what struck me the most from my visit here."

Siqueira spent one week in Framingham interviewing her fellow countrymen and women in restaurants, grocery stores, hair salons, travel agencies, bakeries and other businesses that have sprung up over the past decade serving the growing Brazilian community.

Siqueira's monthlong research in the United States is part of her doctoral dissertation, "International

migration and its effects on the economic development of Governador Valadares," Valadares is the Brazilian city where most immigrants in Framingham hail.

Her goal was to find out what the lives of Brazilians were like, what kinds of support networks they build here, and how they cope with living away from home. Through Siqueira's work focuses on the economic effects of immigration, she

BRAZILIANS, Page 56

"They live in permanent conflict because they want to go back but they can't."

Sueli Siqueira, researcher

Researcher studies Brazilian impact

BRAZILIANS, From B1

also studies its social effects.

She found that Brazilians work two or three times more than what they used to work in Brazil, hold jobs they would never have back home, and long to go back to their homeland.

"I was amazed," she said. "The desire to go back is so huge. They live in permanent conflict because they want to go back but they can't. Many have visa problems, but mainly because down there they can't make the same money they make here."

For Brazilians living illegally in Framingham, many simply overstay six-month tourist visas, though the recent trend of illegals jumping the Mexican border and being driven to MetroWest may be on the rise.

It's a difficult life, said Siqueira. Many Brazilians have one foot here and the other in their home country and have difficulties navigating between both worlds. Many feel they are neither from here nor there.

"They feel they belong nowhere," she said.

Her goal is to help the local government create public policies that help people return to Valadares after working in the United States, and stay rather than leaving again.

For returning immigrants, remaining in Brazil depends in part on financial wisdom.

"A huge percentage of returnees come back here again," said Siqueira. "Many go back to Brazil to invest what they earn here and they lose everything and they have to come back here again."

Siqueira's research also includes cities in Connecticut,

New York and New Jersey, where Brazilians have also set up roots. But it was in Framingham where she spent the longest time of her visit to this country.

More than 4,500 Brazilians call Framingham home, according to Census 2000, but civic organizations say there could be more than 10,000. Many of them hail from Governador Valadares — a city of 300,000 in Brazil's southern state of Minas Gerais — where Siqueira works as a professor at Univale, University Vale do Rio Doce.

At Univale, Siqueira is also part of a group of researchers who study Brazilian immigration, a subject dear to Valadares, a city that has sent thousands of its brethren to live in the United States. About 30,000, or 10 percent of its population, live here.

Immigration has changed Valadares, said Siqueira. Its impact is felt not only in the city's economy, which receives a huge influx of money wired from Brazilians living here, but also in Brazilian society.

For example, many families are torn apart by having one or more members working in the United States. Likewise, returnees must adapt to changing lifestyles and cope with identity loss.

"The effects of immigration are very positive for the development of Valadares," said Siqueira. "But the social cost and the personal cost are very high. Many people say 'I make more money, but I don't see my children growing up.'"

(Liz Mineo can be reached at 508-626-3825 or lmineo@cnc.com.)

ANEXO 2 – Convênio Sister City

A - Comitativa de Framingham em Governador Valadares. Notícia no Jornal americano

Sister city bid takes next step

Group will meet with selectmen

By **Liz Mineo**
NEWS STAFF WRITER

FRAMINGHAM – When a group of residents traveled to Governador Valadares, the city from where most local Brazilians hail, last month, they were hoping to build a bridge between two cultures.

And they did just that.

By visiting factories, orphanages, hospitals, schools and talking to business leaders, state and local officials and common people, the travelers learned more about their Brazilian neighbors.

That's what they plan to share with selectmen tomorrow night in a presentation that includes a slide show.

The local delegation to Brazil – which included no elected officials – was part of an initiative seeking to make Framingham and Valadares sister cities, similar to the arrangement the town has with Lomonosov, Russia.

The group hopes to get selectmen's approval to move forward and start a partnership that will benefit both Framing-

ham and Valadares, said organizers.

"We want the selectmen to make it official," said Vera Dias Freitas, chairwoman of the Framingham-Valadares Sister City Program, who hails from Valadares and has lived in Framingham for more than a decade. "We want to make it a reality."

The program aims to formalize the relationship between both places since many of Framingham's Brazilians hail from Valadares – a city of 300,000 in southeastern Brazil. The initiative has the support of Valadares Mayor Joao Domingos Fassarella.

The goal is to foster understanding and friendship between both communities and promote exchanges between art groups, educational organizations and business associations.

The traveling party was led by Dias Freitas and included her husband, John, MetroWest Chamber of Commerce President Ted Welte, his wife, Kath-



CONTRIBUTED PHOTO

A Sister City delegation from Framingham is greeted at Valadares, Brazil, last month.

leen Welte, and three members of the Yagudin family: Dr. Emil, a family practitioner; Vera, a nurse; and Talia, a student at the University of Massachusetts.

The trip was an educational experience for the participants who knew very little about Brazil and its culture. The travelers plan to show their support for the sister-city program at the selectmen's meeting.

"It's a people-to-people program," said Ted Welte. "It helps people to have a better understanding of the two countries

and the two cultures."

John Dias agrees.

"It'll help us understand each other better and break the barriers that separate us," he said.

For Dr. Yagudin, the sister-city program makes sense, he said.

"There are many Brazilians here who come from Valadares," he said. "It'll strengthen the connection between both places, and it will be beneficial for both."

Everybody was impressed at the warmth and hospitality of

Valadares and the beauty of the Brazilian city.

"I was amazed at the number of high rises," said Ted Welte. "They even have an underpass. It's a modern city. People from Framingham would feel very comfortable visiting there and likewise."

That's how Talia Yagudin felt. "I felt right at home," she said. "They were so warm. I felt I had known them for years."

(Liz Mineo can be reached at 508-626-3825 or lmineo@cnc.com)

Fonte: Metrowest Daily News, 04 de agosto de 2004.

B – Assinatura do convênio em Framingham

Foto 14: Comitativa valadarense em Framingham



Foto: Sueli Siqueira, Framingham, 2004

Foto 15: Assinatura do convênio Sister City



Foto: Sueli Siqueira, Framingham, 2004

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)